

CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,  
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES

VOL. 3 ANO 2011 (CRÓNICAS 91 A 113 - 2011)

Versão inédita não totalmente editada



CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO  
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES  
VOLUME 3



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER  
ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE

O TEMPO É UM ÓTIMO PROFESSOR. PENA É QUE MATE OS SEUS ALUNOS. (HECTOR BERLIOZ)

Ficha técnica – Outras obras do autor:

<b>LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS</b>
2018 FOTOEMAS foto book, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro <a href="http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas">http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas</a> ISBN: 9781388351083
2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas
2018. ChrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed. <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf</a>
2018, ChrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed. <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores.-uma-circum-navegacao-vol,1--3%C2%AA-ed-2018.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores.-uma-circum-navegacao-vol,1--3%C2%AA-ed-2018.pdf</a>
2017. Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas, Ed. Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada
2'17, revisão, compilação e Tradução de "O mundo perdido de Timor-Leste" de José Ramos-Horta ed. LIDEL
2017. Poema "Maria Nobody" IN VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED.
2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Universidade da Beira Interior, org. Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório
2017. "Três poemas açorianos" in Antologia ed. Artelogy dezº 2016
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", in "Povos e Culturas - A ilha em nós", Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", capítulo do livro "A condição de ilhéu", Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2016, compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor "Um missionário açoriano em Timor" vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café
2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf</a> <a href="https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/">https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/</a> ,
2015, Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. 2015
2014. Prefácio de "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL <a href="http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0807-89672015000300016">http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0807-89672015000300016</a>
2013, Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed. <a href="https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais">https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais</a>
2012, Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0
2012, Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras 2012 - ISBN 9789728985646 <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf</a>
2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf</a> <a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf</a>
2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. <a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf</a>
2012, Tradução "Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine" de Caetano Valadão Serpa
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.
2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD – 1ª ed. 2005-2012 <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1008/TRILOGIA-vol.-2-Historia-de-Timor.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1008/TRILOGIA-vol.-2-Historia-de-Timor.pdf</a> <a href="https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992">https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992</a> <a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf</a>
2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras
2011, ChrónicaAçores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras <a href="http://www.calendario.pt/index.php?id=246&amp;cat=203&amp;pid=55">http://www.calendario.pt/index.php?id=246&amp;cat=203&amp;pid=55</a>
2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor
2009, ChrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, online <a href="https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA">https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA</a> <a href="https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-cores/oclc/357576846&amp;referer=brief_results">https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-cores/oclc/357576846&amp;referer=brief_results</a> ,
2009, ChrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009
2008, Tradução para inglês de "S. Miguel uma ilha esculpida" Daniel de Sá. Ed. VerAçor.
2008, Tradução de "Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel" Victor Rui Dóres, prelo, ed. VerAçor.
2008, Prefácio e Revisão "A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse" de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada
2007, Tradução para inglês "E das pedras se fez vinho"de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal
2007, Tradução para inglês, "Santa Maria Ilha Mãe" Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal
2005, coautor tradução para português "The Lost painting" Jonathan Harr, ed. Presença
2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf</a> - <a href="http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005).pdf">http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005).pdf</a>
2004, tradução para português "A People's War" de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal
2004, tradução para português, "Dien Bien Phu" de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal
2002, tradução de "La familia: el desafío de la diversidad" Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal
2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) (1ª ed. <a href="http://www.ebooksbrasil.org/micrereader/cronicasCA.lit">http://www.ebooksbrasil.org/micrereader/cronicasCA.lit</a> <a href="http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb">http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb</a> ,
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf</a> <a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor0.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor0.pdf</a> ,
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf</a> <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf</a> <a href="https://www.worldcat.org/title/east-timor-the-secret-file-1973-1975/oclc/66016286&amp;referer=brief_results">https://www.worldcat.org/title/east-timor-the-secret-file-1973-1975/oclc/66016286&amp;referer=brief_results</a> , <a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf</a> , <a href="https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng-">https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng-</a> ,
1999, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758 <a href="https://www.worldcat.org/search?q=chrystello&amp;fq=&amp;dblist=638&amp;fc=ap:25&amp;at=show_more_ap%3A&amp;cookie">https://www.worldcat.org/search?q=chrystello&amp;fq=&amp;dblist=638&amp;fc=ap:25&amp;at=show_more_ap%3A&amp;cookie</a>
1991-2011 Yawuij Bara e Yawuij Baia Os avós de barra e Avós de Baia, ed. 1991-2011 <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuij-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuij-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf</a>
1985 crónica X Aborígenes na Austrália <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf</a>
1981, Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf</a> <a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf</a> , <a href="http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cai-Volume-3-4#scribd">http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cai-Volume-3-4#scribd</a> –
1974, Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português (esgotada) <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf</a>
1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQL.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQL.pdf</a> <a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf</a> ,

Contacto do autor: (+351) 919287816 drchryschrystello@yahoo.com.au / chryschrystello@journalist.com

Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) que foi poeta, escritor, conferencista, professor, tradutor, criador de jornais e revistas, disse certa vez de Platão e Aristóteles que colocaram "dois sistemas opostos diante da mente do mundo". E disse mais: "Todo homem nasce aristotélico ou platónico. São duas classes de homens, ao lado das quais é praticamente impossível conceber uma terceira". Platão ambicionava a sabedoria do além, do mundo das ideias, do qual o nosso mundo é apenas uma sombra pálida. Idealista. Aristóteles procura a sabedoria aqui, com os dois pés no chão. Foi Aristóteles um dos primeiros a procurar uma verdade objetiva sem a necessidade de "mágica". Aristóteles aconselhava a não discutir com qualquer um, uma recomendação que confirma a famosa Lei de Murphy, segundo a qual quando a gente discute com um idiota poderia ocorrer que outros não percebessem a diferença. A conduta, os artigos, a forma cética e irreverente de JC falar, sempre obcecado por ser "politicamente incorreto" já há muito denotavam aquilo que o velho Aristóteles categorizava como um "idiota".

Nesta fase adiantada da minha vida, era mais um *homo domesticus* que ficava em casa, incapaz ou sem querer interferir de forma ativa nos assuntos da "civitas". Não aceitava como minha a responsabilidade de lutar sozinho contra déspotas, tiranos, corruptos, medíocres, ao contrário do que fizera já, sem grandes resultados, durante várias décadas. Um autor açoriano, de seu nome Daniel de Sá, já o havia intuído:

Existe um "castelo" na Lomba da Maia. Não tem torres nem ameias nem tampouco o fosso protetor contra invasores e atacantes. Também não tem nome nem dono. Foi assim batizado por aquele escritor, por lá se avistar (dia e noite) um castelão, agarrado ininterruptamente ao seu computador, organizando os Colóquios da Lusofonia.

De facto, dali do topo da sua "falsa" (o nome micalense para o sótão) a minha janela abria-se sobre todo o mundo: podia observar os mares e os montes, as vacas, as eternas brumas que se aproximavam e, por vezes, desapareciam sem deixar rasto. Outras vezes era a chuva inclemente e impiedosa que vinha ora do norte, ora do oeste ou do sul, e aí sim, ela abatia-se sobre o seu "castelo" e as grossas gotas corriam pela sua janela e toldavam-lhe o juízo, arrefecendo a sua paciência oriental. Mas não foram essas chuvas quem apagara o fogo da minha paixão pela verdade, equidade, justiça e liberdade, extinto há muito pela sublimação do hábito que torna os quotidianos em tarefas cada vez mais pesadas, quando o desespero se apossa subitamente, sem premeditação. Martelava ferozmente o teclado em frente ao qual gastei a última grossa de anos (não eram doze dúzias, mas assim lhe pareciam) da sua vida, deixava que a vida lá fora corresse sem pressas. Devagarosamente debitava palavras que a gaveta iria consumir com a humidade que, aliás, era muita naquela ilha sempre verde. Sempre a gaveta para onde desde miúdo atirava tudo o que produzia na esperança de um dia lhe vir a ser útil.

Felizmente sempre tive a mania de escrever e guardar o que escrevia. Assim cheguei a ler tudo o que escrevi ao longo de mais de meio século. Eram notas, pequenos apontamentos, escritos e manuscritos de caligrafia variável como os estados de alma, de vários tamanhos, formatos e estilos, que se haviam acumulado em pastas não catalogadas nem sequer ordenadas de qualquer forma específica. Outros ocupavam o lado outro de folhas A4, recicladas de traduções, notícias e outras. Foi um trabalho longo. Ler e rever tudo o que me aparecia escrito e descortinar o que era real, inventado ou meramente sonhado. Alguns faziam parte de escritos e reescritos já publicados, outros nem por isso, e havia os mais recentes publicados já sob o pomposo e deshumble título de *CrónicaAçores: uma circum-navegação*. Uma vez na posse daqueles arquivos preciosos (e muito ficara por ler e desvendar, para memória futura) a minha tarefa fora interpretar e colocar geograficamente os eventos nos locais por onde passara, que nem um caixeiro-viajante do mundo, sempre impaciente e insatisfeito em busca de uma pátria, uma matéria, um lar.

E é sobre essa fluente e vasta escrita que este livro versa. Já aprendera isso com o meu pai e repetia-o até à exaustão pois a experiência ditava-me de que poderiam ser úteis tais anotações. Já o tinham sido por várias vezes. Era difícil aos que me rodeavam compreenderem aquele frenesim, aquela angústia de escrever e por muito que lhes explicasse (o que já deixara de fazer havia tempo) recusavam-se a ver a minha irrepreensível lógica. Sabia que tinha uma missão diferente de todas as outras e teria de a levar a cabo, embora sem ter cartas de marear nem rotas nem itinerários. Era quase um eremita rodeado de gente pouca, por todos os lados, como convém a quem é uma ilha, incapaz de se deixar contagiar pelos clamores externos. Não havia ambiguidades na minha postura, optara por ser aquilo que atualmente era. Já não tinha nem ressentimentos nem ilusões. Já passara o tempo da dor, limitava-me a sorrir pouco e rir qb. A vida passada só fazia sentido para o ego que fora meu, mas já não era. Não poderia repeti-la agora. Tê-la-ia vivido da mesma forma se confrontado com idênticas circunstâncias. O presente devia ser aproveitado sem os hedonismos do passado, com a frugalidade que o meu padrão de vida me permitia, sempre otimista quanto aos melhores dias que podem sempre vir, quando menos se espera, sem nunca desesperar.

Considerava-me um privilegiado, vivi três vidas numa só. Criei três carreiras distintas que prossegui em paralelo e nada de material tinha para mostrar, mas trazia comigo uma pesada bagagem de conhecimentos e cultura que teimava em acarretar sempre que mudava de residência. Tal como George Steiner em "*Os livros que não escrevi*" não se definia politicamente, eu nunca declarava abertamente as minhas ideias políticas, nem a minha verdadeira posição. Afirmei sempre nunca pertencer a nenhum partido ou clube, e dessa forma reneguei qualquer afiliação que pudesse ter existido nos meus anos formativos. Mesmo quando visualizava os espetáculos desportivos não me deixava levar pelas emoções ou por simpatias, via friamente o que o pequeno ecrã me proporcionava e chamava àquilo o meu entretenimento gratuito. Evitava a todo o custo pronunciar banalidades e raramente subscrevia manifestos. Pelo contrário ridicularizava a impreparação dos jornalistas que debitavam decibéis em telejornais vazios de conteúdo, incitava-os a fazerem as perguntas corretas sem medo de perderem os seus empregos. Raramente via uma coluna vertical e proba naqueles escribas atuais, meus colegas de profissão, sempre de costas vergadas à censura económica dos seus patrões. Raros os editoriais ou artigos de opinião que subscrevi, pois poucos podiam escrever livremente e menos ainda os que os queriam ler. Muitas vezes no meu blogue e nas minhas crónicas, fazia análises da conjuntura mundial ou nacional usando meramente o senso comum e interrogava-me porque é que o povo à minha volta não podia ver as coisas com a mesma clareza e transparência com que eu as via.

Escolhi esta forma de isolamento, quiçá aprendido da obra de Nietzsche que fora bandeira da minha juventude revolucionária, de aprendizagens várias. Afirmei sempre prezar imensamente a incomensurável liberdade de expressão e de discussão que a revolução de abril (1974) nos trouxera. Tinha esse desprendimento próprio de quem nunca perdoava ter tido o meu primeiro livro de poesia, quase juvenil e inóspita, cortado pelo lápis azul da censura e reduzido a um terço da sua dimensão. O meu retiro no "castelo" aparentava uma passividade que não me era inerente, mas era assim que eu reagia ao desapontamento da democracia conjugado com uma utópica visão do mundo que herdei dos muitos livros que li, sobretudo na infância e juventude. Temia todos os totalitarismos e fundamentalismos, e já não receava ser acusado



de elitista. Nauseavam-me os espetáculos de voyeurismo que as televisões colocavam no ar, sem intimidades, nem privacidades, como se fosse a transposição de tudo aquilo que os malfadados formulários burocráticos haviam conservado de cada um e os resolvesse expor na praça pública para deleite geral. Uma espécie de Maria Antonieta no cadafalso para todos verem e vilipendiarem. Era similar às ações encenadas dos políticos para todos verem o que pretendiam que vissem, como se as decisões sobre o presente e o futuro do país se definissem através desse jogo de sombras chinesas ou de marionetas indonésias.

Teologicamente definia-me como ateu e não como agnóstico, mas lamentava-me de ter perdido a fé com que cresci, embora ainda hoje me limitasse a aplicar na prática todos esses bons ensinamentos. Ironizava ser mais católico do que muitos praticantes do rito romano, e de ter feito mais bem sem olhar a quem, do que muitos daqueles que se continuavam a benzer, e a ir comungar num espetáculo de voyeurismo público que me repugnava. Ao decidir ficar em casa, no meu “castelo” era uma espécie de observador neutral do mundo que se desenrolava a meus pés, ainda, e sempre, convicto de que os seres humanos podem ser iguais, independentemente do seu género ou sexo, da sua nacionalidade ou cor de pele. Estava, porém, lucidamente consciente, desta utopia, pois haveria sempre os favorecidos pela “sorte”, os ricos (e quem enriquece à custa de trabalho honesto?) e todos aqueles cuja única missão no mundo era contrariar os meus arreigados princípios de probidade e dedicação a causas perdidas. Estava consciente de que a lei, qualquer que ela seja, qualquer que seja o país, está cheia de iniquidades e favorece obviamente os ricos e os corruptos e quem se “lixa é sempre o mexilhão”, pois são sempre os pequenos e os incómodos que servem para dar exemplo da luta contra o nepotismo e corrupção.

Bastava nascer-se no Congo ex-belga, em Kiribati (no Pacífico Sul) ou na Terra do Fogo para as hipóteses de futuro serem radicalmente distintas daquele que nasceu no palácio de Buckingham, só para dar um exemplo dum “rapaz da sua idade”. Embora não tivesse nascido com deformações ou deficiências genéticas viria a adquirir uma perigosíssima estirpe viral: a do conhecimento e da insaciável sede pelo mesmo. Aí, congratulava-me por não ter nascido cego, pobre de espírito, ou delinquente. Outra deficiência que adquirira em novo, por influência paterna, tinha a ver com a sôfrega sede do direito inalienável à liberdade de expressão e de pensamento, uma malformação congénita que me valera muitos dissabores pessoais e profissionais ao longo da vida.

Viera um dia, descendo das nuvens que pairavam sempre sobre estas ilhas, como quem não quer poisos certos e acabei por ceder ao peso das dúvidas e das dívidas. O meu andar não era tão ereto nem certo como fora em tempos, a cabeça baixa, os olhos baços e encovados do cansaço e desespero. Arrastava-me penosamente pelo calendário dos dias, sem deixar grandes marcas além das baforadas dos cigarros sorvidos sofregamente. Tinha ainda uma missão a cumprir na vida, das duas ou três que guardara para estes anos finais quando as chamas se apagavam e os sonhos esmorecidos não passavam já de memórias. Atribuía o facto à idade, embora me gabasse de envelhecer suavemente, sem pressas nem negações, mas finalmente deixei de lutar e de sonhar com as áreas vastas e os horizontes sem fim, mais típicas do meu australiano continente-ilha. Aliás, sabia que estava a ficar caduco desde aquele dia em que ao espirrar me saltara a dentadura postiça com estrondo para cima da secretária. Aqui e agora, estava tolhido pelas colinas verdes, as tais vacas alpinistas, as brutais variações climatéricas diurnas, a nesga de mar que vislumbra pela sua janela. O verde afetava-me quase tanto como a frequente falta de sol de que carecia para a função clorofilina. Obrigara-me a nunca me queixar, a estar sempre contentado sem nunca me contentar. Resignado deveria ser o termo, mas fingia que nada me afetava nem inquietava. Isto passava-se enquanto as dúvidas e os temores me assolavam, cada vez mais frequentemente, se bem que numa escala metafísica pouco consentânea com as preocupações mais mezinhas daqueles que me rodeavam.

Tomara-me taciturno, quase monossilábico, não tinha com quem dialogar, eram todos surdos em volta e falavam uma língua diferente com sotaques estranhos e quiçá incompreensíveis. Sentia-me estrangeiro. Duas vezes ao ano partilhava palavras com os meus pares ideológicos nos Colóquios da Lusofonia, mas para isso precisava de organizar esse tipo de reuniões intelectuais à custa de muita labuta e sem proveito qualquer. Perguntava a mim mesmo se era este o preço a pagar para poder falar. Sempre falara, e muito, e agora via-me calado e ensimesmado. Deixara de viajar frequentemente, como fizera toda a vida, e os locais estranhos eram visitados apenas no pequeno ecrã com que entretinha as horas que não passava a teclar.

Politicamente incorreto até à medula, sem ser libertário, raramente deixava perceber quais os meus ideários, mas nunca me cansava de falar em liberdade, em especial, a de expressão e de opinião. Falava da liberdade individual como se ela fosse mais vital do que o pão para a boca ou o dinheiro para pagar as contas. Era de opinião de que todos deviam ter a liberdade que eu (e nós próprios) temos e por isso não me coibia de dizer **não** quando o entendia, em vez de cortesmente dizer sim quando a mente me dizia não. Não pactuava com falsas noções. Era por isso socialmente incorreto quando dizia que não tinha aparecido porque não lhe tinha apetecido ir, ou quando afirmava que preferia ficar em casa, no meu “castelo” a juntar-se às proles.

Aliás, sem cerimónia dizia que me custava estar no meio de multidões, e havia já escrito em 1972 no meu primeiro poema que abria o volume de poesia [Crónica do Quotidiano Inútil] “

– 11 h.  
A correr do café com leite para o elétrico torrado.  
Palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.  
– Quinze tostões.  
Direito a empurrões, pisadelas.  
O pó é grátis  
por vezes, o cheiro da democracia custa a engolir...”.

Devia ser uma ideia premonitória, dado que quando o escrevera ainda não vivera a democracia, pois decorria então a dita primavera marcelista estiolada que foi o estertor do Estado Novo salazarista. Mas é sempre difícil os outros aceitarem estas declarações verdadeiras e honestas, ninguém gosta de saber que alguém não quer estar connosco e prefere ficar sozinho. Não aceitam que seja preferível uma pessoa ficar em paz e sossego consigo mesmo, essa coisa banal que se resume a estar consigo mesmo e não com os outros.

Há momentos para tudo, para estarmos connosco e momentos para estarmos com os outros. Era dessa liberdade que falava e que procurava, quando não estava bem com algo, não deixava que isso me atormentasse e punha termo ao

mal-estar. Mesmo que isso implicasse os outros sentirem-se aparentemente ofendidos e tristes por se preferir a companhia deles ao silêncio dum teclado a ser martelado suavemente com ideias. Era dessa liberdade que falava e era essa liberdade individual que prezava mais do que tudo. Era avesso a todas as formas de dirigismo ou de manipulação, queria decidir por mim mesmo, ainda que inconscientemente estivesse a ser manipulado ou influenciado pelo que lia e ouvia.

Já tinha sido assim quando me proibiram de fumar em locais públicos australianos no fim da década de 80 e depois quando em Portugal a mesma cegueira protecionista da saúde se abateu sobre cafés e outros locais em janeiro de 2008. Para mim tratava-se de mais um fundamentalismo que não estava disposto a aceitar. Se as minhas idas ao café já eram pautadas por períodos limitados a mero conjunto de segundos, frações minúsculas de minutos, estes passaram a ser mais curtos ainda, pois embora habitualmente não acendesse um cigarro após o café, passei a acendê-lo apenas para provar que o podia fazer quando queria e não quando os outros deixassem. A minha relação com os outros era sempre problemática e resumia-se à minha aversão pelos ditames alheios. Fora assim com a autoridade paternal, com as autoridades militares no decurso da minha vida como oficial do exército e no decurso da minha vida profissional. Era avesso aos “carneiros” e talvez por isso mesmo acabaria por casar com uma pessoa desse signo.

Despeitava a inveja alheia, noção que me era alienígena, pois invejava nada ou ninguém. Criticava os outros pela fachada que mantinham, pelos estereótipos com que se regiam: conversas balofas e mesquinhas, sem profundidade. Ansiava por conversas profundas, preferia argumentos “intelectuais” ou até mesmo “pseudointelectuais” em que se esgrimissem argumentos, ideias e propostas concretas de melhorar o mundo, pois isso nem a sociedade, em si, nem os políticos, em especial, se encarregariam jamais de fazer. Acreditava que podia marcar a diferença e começava as revoluções em casa.

Deixei sempre aos filhos a liberdade de escolherem a sua vocação religiosa quando tivessem idade, nunca ia à missa só porque sim, como o meu pai fizera sempre, acompanhando religiosamente a minha mãe, essa sim praticante dessas coisas do culto da missa. Os tempos eram outros e não havia já aquele estigma forte de se ser um não-praticante ou um não frequentador de missas. De qualquer modo acreditava ser coerente. Ao contrário dos meus pais, que raramente me deixavam usar o telefone, cedo coloquei telefones nos compartimentos todos da casa para que o filho mais novo pudesse falar ao telefone ou usar a internet, com moderação. Lembrava-me ainda do tempo em que o telefone tinha apenas trinta centímetros de fio e uma pessoa tinha de ficar ali agarrada aquele pedaço de baquelite preto a falar por monossílabos, com o resto da família perscrutando as ondas e o éter a conjecturarem toda uma conversa que se queria privada. Mais tarde, inventei um sistema com um fio de extensão do telefone que se ligava na tomada e dava para esticar o aparelho pelo resto da casa. Fosse onde fosse que me fechasse: no quarto, na casa de banho, na varanda, já podia falar com privacidade, mas só o fazia de noite quando os pais já dormiam para poder falar longamente... infelizmente o filho tinha um desprezo para com o telefone igual ao que ele agora sentia por esse meio de comunicação retrógrado e que raramente utilizava por prazer. Mais voltado para as novas tecnologias e um típico autoensinado, o filho desfazia-se em digressões e divagações tecnológicas cibernéticas sempre em busca de descoberta do Santo Graal mesmo que não o soubesse nem sabendo bem o que procurava.

Nasci em 1949, fruto dum pós-guerra que abalou profundamente os alicerces da minha família. De abastada em 1906 e possuidora de três carros durante a 1ª Grande Guerra, pouco se via da velha família com laivos de nobreza. A família sobreviveu mal à Grande Depressão de 1929 com grandes perdas financeiras e a sua redução a uma mera burguesia “cheia de pergaminhos nobres, mas sem cheta” como soía dizer-se então. Embora crescessem a falar francês, inglês, italiano ou castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza. Tinha, também, muito orgulho no apelido Meira, cuja origem descobri ser muito antiga.

*Família que tomou o apelido de Meira no bispado de Tui (Galiza) o mais antigo que se conhece é Rodrigo Afonso de Meira, senhor do solar de Meira. Mais tarde Gonçalo Pais de Meira, alcaide de Guimarães que, com seus filhos, organizou a defesa da praça, ao serviço da Corte de Espanha, livrou do cerco a cidade de Guimarães no ano de 1369.*

*Dizia a lenda que saíra da nossa posse um Palácio na Galiza, por um tio-bisavô do lado Meira, que se recusava a tornar espanhol e por isso perdeu todas as propriedades em Espanha dado que os não-Espanhóis estavam então proibidos de possuir terras e bens. Mas a sua verdadeira identidade nunca descobri nem encontrei ligação nossa do lado Meira (radicado em Afife, mas originário de Lugo, Santa Maria de Meira) nem desse antepassado que alegadamente havia sido o dono do Pazo de Meirás em El Ferrol, que é um Palácio de Verão pertença da Coroa espanhola, mas só muito mais tarde vim a descobrir que parecia nunca ter havido ligação nenhuma a esse Palácio de Verão que o ditador Francisco Franco “anexara” na década de 1930 e do qual usufruía por 36 verões consecutivos e que hoje recusam devolver ao estado.*

*Embora crescêssemos com a capacidade de falar castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza.*

As origens de outro ramo da família datam de 960 d.C., anteriores a Afonso Henriques, a cujo aio judeu estavam ligadas pelo casamento da filha de Egas Moniz, ou seja, anterior à formação do próprio Condado Portucalense e de Portugal.

*No que diz respeito ao apelido este originou-se com D. Sancho Nunes Barboza, senhor da Quinta de Barboza, na terra do mesmo nome. Era seu solar a Quinta de Barbosa, no termo do Porto, donde tomaram o nome, no lugar de Barbosa, na freguesia de S. Miguel de Rãs (Penafiel, Norte de Portugal). Segundo Miguel de Sousa (in “As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas”, SporPresss, 2001), os Barbosas foram uma importante família nobre portuguesa no século XII, mas que entrou em decadência nos séculos XIII e XIV. D. Sancho Nunes Barboza era descendente de D. Nuno Guterres, aliás Conde D. Nuno de Ceta Nova, filho do Conde D. Teobaldo Nunes, um dos mais ilustres e valorosos cavaleiros do tempo do rei D. Bermudo II de Leão. D. Nuno era irmão de S. Rosendo, famoso bispo de Dume no ano de 925. Este nome pode ter sido documentado muito antes da data mencionada acima. Apelido português toponímico, indica um lugar onde há muitas barbas de bode ou barbas de velho (espécie de planta). Como topónimo, José Pedro Machado (in Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa) considera que Barbosa é originalmente um adjetivo na expressão «(terra) barbosaa», isto é, «(terra) onde haja abundância de plantas chamadas barba» (ver barba no Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, de António de Moraes Silva, 2.ª edição).*

A ligação ao título de Conde de Celanova permaneceu na família durante gerações, mas por razões que não vêm ao caso já não estão atuais. Havia também uns primos direitos, mais velhos do que eu, nascidos no Brasil e lá residentes, que queriam o título, a que legitimamente tinham direito por consanguinidade e hierarquia. Passados os dias difíceis da Grande Depressão quando o meu avô morreu (1930) em que terrenos, casas, propriedades e fábricas foram sucessivamente roubados por outros membros da família ou perdidos na voragem da bancarrota, a família sobreviveu à Segunda Grande Guerra.

A Quinta do Cabeço em Afife foi uma das perdas mais sentidas pelo meu pai. Cheguei a conhecer as suas casas de infância, uma na Rua Visconde de Setúbal e Rua da Regeneração (atual Rua João das Regras, onde está um tribunal agora), mas as casas de verão na Foz e Matosinhos onde passavam o Verão já não as conheci. Consta que alguns



membros da família (em especial um cunhado que era contabilista do meu avô) a quem dera apoio com trabalho e benesses foram os que mais se aproveitaram dele estar em maus lençóis.

*Ainda viríamos a herdar algo que eles deixaram por não terem descendentes). Com a derrocada financeira e subsequente morte do patriarca viria a impossibilidade de o meu pai acabar o liceu e ter de se resignar a acabar os estudos numa Escola Comercial, tendo cedo começado a trabalhar nos escalões inferiores duma multinacional norte-americana<sup>1</sup>. Entretanto, de tenra idade o meu tio, irmão mais velho do pai, emigrou para o Brasil (teria uns 7 ou 8 anos, por volta de 1918) com um tio-avô que ali fez fortuna e deixou descendentes que ainda hoje continuo a descobrir.*

Segundo consta, e era tradição oral, o meu pai escandalizou o resto da família e teve de arcar com um certo e duradouro ostracismo. Casara em 1948, segundo o culto católico romano, com uma mulher trabalhadora, noção de todo herege aos olhos do conservadorismo familiar, cheio de pergaminhos, de manias de aristocracia (falida) e sangue azul. Dir-se-ia que nascera, assim, no seio duma atmosfera hostil. A minha mãe era professora primária numa altura em que mais nenhuma mulher (na família do meu pai) trabalhava ou sequer pensava nessa hipótese. Eram, então, todas as restantes mulheres da família de seu pai respeitáveis donas de casa, com tradições a venerar e manter, enquanto tocavam piano e falavam francês, segundo o provérbio popular. Era às criadas que competiam as tarefas de cuidar das crianças, educá-las, ensiná-las, enquanto outras colegas mais qualificadas se encarregavam dos trabalhos domésticos divididos por tarefas como limpezas e cozinha. Aos pais do sexo masculino (nessa altura, os pais eram ainda apenas um de cada sexo) competia trabalhar, manter o bom nome da família, e prover a todas as necessidades (expressas ou não) desta

Do meu lado materno viriam os apelidos Menezes, Madureira, Rodrigues, Magalhães, Moraes e Alves todos consignados ao distrito de Bragança.

*Ali teriam toda a sua ancestralidade, ligada entre outros a Dom Nuno Álvares Pereira (1360-1431) descendente de Desidério, último rei dos lombardos, que tentou invadir Portugal e tomar a Galiza em 740 (D. Afonso I). Os Pereira estabeleceram-se em Trastâmara antes da chegada dos mouros. Eram senhores do Castelo de Lanhoso. Aos 16 anos casou com D. Leonor de Alvim, um casamento de conveniência. Deixou descendência a quem D. Duarte deu o título de Duques de Bragança.*

Nunca vi a clarificação dessa ligação genealógica à família da minha mãe e mantinha-me cético em relação à mesma. Já não havia dúvidas quanto ao resto da família embora me intrigassem alguns relatos de que um meu bisavô materno teria sido cónego, casado e pai de filhos, mas também aí nunca descobri a confirmação do sacerdócio desse antepassado, embora houvesse muitas dúvidas matrimoniais não-consubstanciadas em documentos.

*Como poucos na família se interessavam pelo assunto e como havia uma política de silêncio profunda, os poucos dados de que dispunha fui-os arranjando na fase monárquica da juventude quando passava as férias nas aldeias transmontanas em busca de histórias e lendas de família. Parecia não restar dúvida, quer pelas imagens quer pelo resto, de que se tratava de uma família (pelo lado materno) com inúmeras ligações a judeus novos ou marranos. Renegados por todas as gerações até aos meus dias, havia os nomes típicos de cristãos-novos como Ester (hebraico: estrela) e Jesuína (latim: aquela que crê em Jesus) que não deixavam grandes dúvidas, a menos que se ignorasse a etimologia dos mesmos. Seriam um peso grande a acarretar durante a vida estas heranças genealógicas das quais só viria a libertar-se muito mais tarde.*

*Rompendo com a tradição iria ajustar a minha identidade à persona que aceitei como meu alter-ego e com a qual teria de coabitar para o resto dos dias. A minha mulher jocosamente comentara um dia que o meu grande problema existencial era saber qual dos dois venceria o duelo, eu ou o meu alter-ego. Fora importante esta dicotomia para definir a minha personalidade, independentemente das heranças genéticas e outras. Sempre quisera construir o meu rumo sem transportar o peso morto das expetativas, e uma albarda cheia de nomes como alguns membros da família chamados – por exemplo -Alberto Eduardo Miguel Carlos Manuel Filipe José Pedro Arcanjo Francisco e seus respetivos apelidos. Cingir-me-ia, por exemplo, às iniciais JC ou JCC tomadas no seu sentido mais lato como as do filho do deus dos cristãos. Não seria isto mais uma demonstração da minha não-aceitação de destino marrano, e a necessidade de reafirmação da minha cristandade?*

Em minha casa no Amial, viviam os meus pais, a minha avó paterna, duas irmãs de meu pai ainda solteiras e a tia-avó Orbela (então separada ou já viúva) que faleceria dois anos depois. Os meus pais levantavam-se muito cedo para irem trabalhar e eu ficava a cargo da empregada e da minha avó, que eu sempre considerei uma pessoa adorável e terna, mas que nunca trabalhara um dia em toda a sua vida e jamais se capacitara de que a família não era rica como dantes.

Vivia num mundo seu, encapsulada num vórtice temporal que nunca transcendeu. Os primeiros quatro anos da minha vida eram preenchidos por longos passeios pela Estrada da Circunvalação Interna no Porto, pois vivíamos no Bairro Garantia, Vivenda Estremadura, na Rua do Amial, mesmo junto a essa saída de portas, antiga barreira fiscal que impedia a entrada e saída de pessoas desse burgo que era o Porto. A casa ainda existe e aparte uma pintura exterior não parece ter mudado nada desde que de lá saímos. No entanto absteve-me de ir bater à porta e pedir para visitar o sítio onde passei os primeiros anos de vida, como quem parte em busca de soluções para problemas que desconhece, ou em busca de pistas para a minha maneira de ser conturbada.

As lembranças dessa época são mais decorrentes das fotos que vi e das quais retive ou recriei uma memória dos eventos por via fotográfica. O que mais persiste na lembrança, e disso não vi fotos, é o enorme fogão a lenha que havia na cozinha e o hábito de a minha avó tomar ao lanche um chá com leite, o chá inglês como ela lhe chamava e que por vezes me convidava a acompanhá-la. A casa tinha dois quartos para a frente, dois laterais, além da sala de jantar e cozinha. Se bem que tenha uma vaga recordação da maior parte dos quartos e da sala e cozinha, há dias interrogava-me onde estava localizada a mobília de escritório do meu avô, que o meu pai herdou.

*A minha avó tinha no quarto de dormir uma pianola onde se entretinha a tocar e que mais tarde deixou de fazer parte da nossa mobília quando mudámos. Foi para casa da minha tia (irmã mais velha do meu pai) porque a minha mãe achava que era um "mono" demasiado grande para um apartamento e como não era dada às músicas viu-se livre da pianola e mandou a minha avó tocar em casa dos outros. Ainda está em casa deles.*

Na casa do Amial havia uma criada ou "sopeira" como era vulgo conhecida em calão da época (nome usual na época, antes de se passarem a denominar empregadas domésticas, ou auxiliares de serviços domiciliários) que nos acompanhou na mudança e, mais tarde, casou de nossa casa para emigrar para França. Quando regressou de férias, tinha eu sete anos servi de padrinho ao filho dela, meu único afilhado o José Alberto Cortez que nunca mais vi e deve ter cinquenta anos... e a única coisa que o padrinho lhe deu foram os dois nomes...pequena herança.

1 (Mobil Oil, então chamada Socony Vacuum pela junção em 1931 da Standard Oil Co. de Nova Iorque (Socony) e a Vacuum Oil Co. Em 1955 tornou-se Socony Mobil Oil Co., e em 1963 Mobilgas, ou Mobil Oil, que finalmente em 1999, foi adquirida pela Exxon)

Já vos aconteceu andar na cabeça a amadurecer um tema, estruturá-lo, trabalhando-o, vestindo das roupagens diáfanas que só as palavras conseguem e de repente abrir o jornal, neste caso, o correio eletrónico, e deparar com o texto que amadurecia dentro de nós? Foi o que me aconteceu esta manhã:

As mortes de Vítor Alves, Capitão de abril, e do cronista cor-de-rosa Carlos Castro mostram algumas evidências sobre o país. Separadas por escassas horas, as mortes do coronel Vítor Alves, "Capitão de abril", e do cronista "cor-de-rosa" Carlos Castro tiveram o condão de fazer notar uma vez mais algumas evidências sobre Portugal e os portugueses que nunca será de mais destacar.

Na verdade, mesmo admitindo as macabras circunstâncias em que Castro foi assassinado e os requintes de malvadez de que foi aparentemente vítima, não parece normal que tal facto tenha merecido tão esmagadoramente maior espaço mediático do que o desaparecimento de um dos principais símbolos da Revolução do 25 de abril de 1974 e destacado operacional da construção do processo democrático.

Vítor Alves faleceu domingo, cerca de 36 horas depois da morte, em Nova Iorque, de um colunista social conhecido por se dedicar há décadas a analisar os factos da atualidade "cor-de-rosa" nacional.

Considerado em muitas das biografias espontâneas que dele nos últimos dias chegaram ao nosso conhecimento como "um cidadão de primeira", Vítor Alves foi um homem probo, sério, rigoroso, sensível que contribuiu de forma decisiva - antes e depois do dia 25 de abril de 74 - para o atual regime democrático em Portugal. Vítor Alves, que integrou, com Vasco Lourenço e Otelo Saraiva de Carvalho, a comissão coordenadora e executiva do MFA (Movimento das Forças Armadas), foi o autor do primeiro comunicado dirigido à população no dia 25 de abril e o militar que foi o porta-voz do Movimento.

Mas as exéquias mediáticas de Vítor Alves foram curtas, muito curtas, se levamos em conta a importância do seu legado e o impacto informativo que outros factos da atualidade suscitaram e de que é exemplo, sublinho, a vaga noticiosa relativa à morte de Carlos Castro.

O país trocou "um cidadão de primeira" por uma "história de segunda", mas o desiderato é positivo: chancela-se a morte do militar, político, ministro e conselheiro da Revolução em rodapés a correr e baixos de página e atribuem-se honras de Estado, mediático ao assassinato do cronista (não cronista social como alguns lhe chamam, como se Carlos Castro e Fernão Lopes fossem páginas do mesmo livro...) e às incidências macrotrágicas em que foi encontrado o seu corpo após alegada tortura, castração e assassinato.

Mas a responsabilidade de todo este "estado a que" - de novo e citando Salgueiro Maia - "chegámos" não é do povo. Porque não é o povo que edita jornais, blocos noticiosos, telejornais ou sites. Nem é o povo o responsável por Marcelo Rebelo de Sousa ter dedicado ontem, no Jornal da TVI, mais tempo de antena à morte de Carlos Castro do que ao desaparecimento de Vítor Alves.

## 91.2. CONHECI VÍTOR ALVES

Foi isto que li e pouco teria a acrescentar, a não ser que conheci Vítor Alves e com ele me cruzei em Jacarta, Macau e Lisboa.

Com o dito cronista, felizmente, nunca tive o desprazer de conhecer. Sabia-lhe a verrugosa veia chantagista de que servia nas suas colunas de revistas e jornais para enaltecer ou rebaixar as chamadas "socialites" em inglês, ou mais prosaicamente as "tias" em português. Embora não possa admitir a violência deste ou de qualquer outro crime quejando, mais parecendo um mau "script" (guião) de uma série CSI, usaria o refrão popular, de mau gosto, mas adequado de que "cada um se deita na cama que faz". Como velho céptico custa-me a aceitar estes amores entre idades desproporcionadas (mais de 40 anos de diferença) lembrando-me sempre de como não me sentiria bem apaixonado por uma coeva da minha avó, ou como seria ridículo apaixonar-me por uma jovem de 18 anos e acreditar que o sentimento fosse mútuo. Mesmo com um menor gradiente de idades não me imagino apaixonado por amigas da minha octogenária mãe ou vice-versa.

Ainda no caso heterossexual (aqui, vão cair-me em cima e chamar-me politicamente incorreto e homofóbico) consigo explicar logicamente as motivações com base naquilo que chamamos de legado da História da Humanidade e da estupidez do homem face à mulher, mas no caso de dois homossexuais a diferença etária parece ainda mais aberrante, mas cada qual come do que gosta (usando mais um cliché) e cada qual dorme com quem entende. Foi assim que muitas caras bonitas da TV se fizeram e assim se chega a ministro como dizia o outro. Mas deixemos para trás estes criminosos e cronistas cor-de-rosa pois que deles nunca deveria rezar a História embora faça as delícias deste povo obcecado pelo voyeurismo, capaz de se rir da sua própria nudez intelectual sem pruridos morais.

Cruzei-me com o então Major Vítor Alves em 1974 em Jacarta como escrevi na CrónicaAçores, uma CIRCUM-NAVEGAÇÃO, vol. 1. A este e outros propósitos escrevi:

"... Os Indonésios irão mais tarde, utilizar o argumento de que receberam garantias do Primeiro-ministro Vasco Gonçalves ao general Ali Murtopo, que "era irrelevante para Portugal se Timor continuasse [ou não] sob soberania portuguesa."

Daqui se pode inferir que as manobras subtis dos portugueses fizeram ricochete. Desde o primeiro momento em que se envolveram em conversações secretas com os Indonésios, os portugueses estavam encurralados. Não podem evitar a opinião pública internacional (ou mesmo a portuguesa) sobre as intenções da Indonésia.

Comprometeram-se irremediavelmente com os Indonésios. A única alternativa possível, naquela altura, foi então discutida pelo Major Vítor Alves, Dr. Mário Soares e Dr. Jorge Campinos (os principais negociadores) mas unanimemente rejeitada.

Tal alternativa consistia em abandonar todas as negociações bilaterais [com a Indonésia] e apelar para que as Nações Unidas impedissem a invasão. Alguns líderes portugueses defendiam tal opção: Major Melo Antunes, Ten-Cor. Lemos Pires (o último Governador de Timor Português), e os representantes locais do Comité de Descolonização, Majores Jónatas e Mota, mas os seus esforços foram desfeiteados por Almeida Santos e Vítor Alves.

Existe uma insidiosa coincidência entre o que acontece mais tarde [a anexação da Indonésia em julho 1976] e a situação em 1941 os japoneses invadiram a ilha. Embora esta tivesse ocorrido durante a segunda grande guerra, a primeira tem lugar num período de enorme agitação política e deterioração do poder em Lisboa. O ponto comum é o de em ambos os casos, o Governo Central de Portugal ser totalmente incapaz (se não totalmente sem vontade de o fazer) de organizar recursos suficientes para manter a sua autoridade na mesma Colónia....

Em 1977 voltaria a encontrar-me com Vítor Alves em Macau e em Hong Kong e posteriormente, em Lisboa 1980. Em Macau, tinha inclusive havido uma tentativa de o desacreditar e de o ligar a cenas da noite macaense com umas jovens filipinas no Hotel Lisboa, na única discoteca que então ali havia. A verdade é que o Major Vítor Alves lá estivera, como muitas outras pessoas, mas isso não o comprometia como utilizador e beneficiário de favores sexuais extraordinários, fora de horas, das ditas dançarinas filipinas.

Elas eram "meter-maids", mas não da mesma forma como foram celebradas na música imortal dos Beatles "Lovely Rita". Esta canção do álbum Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, escrita e cantada por Paul McCartney, fala do afeto do narrador por uma funcionária de um parque de estacionamento, e no Casino Lisboa não se estacionava.... O termo "meter-maid" era praticamente desconhecido no Reino Unido antes desta música, representando um americanismo para uma polícia de trânsito feminina e surgira quando uma jovem polícia chamada Meta Davies multou Paul McCartney à entrada dos estúdios da Abbey Road. Sem protestar expressou os seus sentimentos em música, dizendo que ela tinha cara de Rita.

Posteriormente, passou a significar na gíria um parâmetro humano onde se metiam moedas para estacionar e daí o seu uso para as jovens filipinas do Hotel Lisboa que ganhavam consoante convencessem os clientes a estarem com elas e a beberem falso champanhe francês...

Macau tinha ainda então muita gente empenhada em denegrir o MFA e a Revolução de abril. Havia numa certa imprensa e em certos "cronistas" locais uma aversão a todos os Portugueses.

Foi isso que se passou como o pude comprovar e a tal propósito, ainda fizemos umas chalaças quando nos cruzamos, de novo, em Lisboa (1980), num centro comercial em Cascais.

Confesso que depois do meu bem-amado mentor major Melo Antunes, Vítor Alves era outro militar da Revolução por quem nutria respeito e consideração. Era uma pessoa culta, educada e diplomática como agora o caracterizam.

Obviamente o povo português não partilha desta opinião e muito menos os que se ocupam de trazer tragédias pessoais, e outras aos ecrãs da minha insatisfação televisiva diária. Agora não é o Rei que vai nu, mas sim o povo lampeiro sempre pronto a degustar mais uma cena imprópria, daquelas que envergonharia qualquer escritora de cordel, como Corin Tellado nos anos da minha juventude.

2 \* Ex-jornalista, consultor de comunicação, doutorando em Ciência Política



Vivi em locais inseguros no Porto, Timor, Macau, algumas áreas de Bali, Perth, Sidney e Melbourne sem nunca receber a visita dos amigos do alheio. Foi preciso chegar aos 62 anos, na açoriana costa norte da Ilha de São Miguel, mais precisamente na Lomba da Maia, para sentir essa devassa que é a de alguém penetrar no nosso santuário mais íntimo, a nossa casa, o lar tal como definido desde tempos romanos.

Passe o exagero óbvio da comparação, mas sempre entendi que um assalto à casa de cada um é – de certo modo – semelhante a uma violação, uma defenestração violenta, não consentida. Sempre defendi que cada um devia ser livre de decidir quem entra ou não nesse santuário que todos os dias tocamos com as nossas mãos, pés e sentimentos. Não é tanto a perda de bens materiais, pois muitos deles são facilmente substituíveis, como a perda da inviolabilidade do dito santuário que é a casa de cada um.

Sei que esta noção pode parecer estranha neste meio rural onde há seis anos, quando aqui cheguei, as pessoas ainda deixavam as portas abertas e a chave na porta ou na ignição do carro. Sei que a maior parte dos vizinhos é assaltada e nem se digna fazer queixa às autoridades policiais por medo. Sei que estas se sentem impotentes face à atual legislação que vê os assaltantes saírem em liberdade com uma pequena admoestação.

Sei também que os assaltos repetidos (quatro que se saiba) à casa do padre – que confina com o meu quintal – provavelmente não foram notificados a nenhuma autoridade policial e apenas o assalto à Igreja na semana de 15 a 22 de janeiro deste ano da desgraça de 2011 mereceu honras de notícia de jornal.

Sei que os assaltos a idosos – nas suas casas – dias após receberam as suas pensões passaram despercebidos à maioria dos habitantes e das autoridades. Sabemos todos que desde há anos, existe um pequeno grupo (nem chega a gangue, essa meia dezena de drogados) que se reúne no Largo da Igreja, junto ao Coreto, para aí mercadejar a droga e combinar fontes de rendimento alternativas para sustentar essa dependência. Sabemos todos que existem outros mais jovens – meros juvenis pré-adolescentes – que dão agora os primeiros passos em pequenos roubos nas mercearias e minimercados, nos cafés, antes de se aventurarem na casa alheia.

Ouvimos as conversas sobre insegurança no café da esquina, onde se sabe que o próprio dono e presidente da Junta já viu esse mesmo café assaltado – pelo menos três vezes, que se saiba –, e viu igualmente a sua Junta de Freguesia ser assaltada e despojada de computadores.

As pessoas indiciam nomes de eventuais suspeitos, de alegados culpados, da alegada conivência das mães e pais desses meliantes, da conivência de recetadores dos furtos, da inoperância das autoridades judiciais, mas nada mais se faz. Toda a gente sabe que há recetadores para o fruto dos roubos, sejam sacas de ração ou botijas de gás... Não passamos de conversas de café. Lembro-me, antes desta crise, há uns 4 ou 5 anos, os carros da polícia passavam regularmente, mas a horas incertas do dia e da noite pelas ruas da freguesia. Agora só os vemos quando acorrem a algum incidente, isto, quando têm pessoal e gasolina para se deslocarem... O que mudou além das lenientes leis e juizes? Será isto o progresso e já chegou às mais recatadas freguesias desta ilha?

Há três semanas que mal durmo e acordo várias vezes ao longo da noite para verificar os pontos fracos de defesa deste meu castelo sem muralhas, enquanto não chegam os mestres para instalar grades e portões de segurança, bem como os eletricitistas dos sistemas de alarme.

É este o preço a pagar por viver num local privilegiado com qualidade de vida nesta bela costa norte? Terei de ficar indiferente a esta vaga de assaltos que passou de ocasional, uma vez ao mês, para um sobressalto quase diário? Terei de ser fatalista como os nativos que me rodeiam?

Ou devo fazer como em tempos se fazia e organizar uma milícia popular e um grupo de vigilantes pronto a exercer a justiça pelas suas próprias mãos?

Que me respondam as autoridades impotentes e os politicamente corretos políticos, mas ninguém me restituiu a paz que antecedia o sentimento de violação do meu santuário.

Por mais bens que eu possa substituir jamais regressarei ao estado de espírito tranquilo da vida calma nesta costa norte da Ilha de São Miguel. Terei de me resignar e ficar queto e mudo perante o assalto a bens – que levei uma vida a acumular fruto do meu trabalho – para que os alegados “amigos do alheio” possam vir cá e levá-los para comprarem mais uma dose?

Terei de me satisfazer perante a incapacidade do sistema policial, judicial e outros que sabendo quem são os presumíveis assaltantes os deixa incólumes no sossego do Largo [do Coreto] da Igreja a transacionar a droga e usá-la enquanto preparam nova investida contra a propriedade privada?

A democracia e a liberdade não podem ter este preço. Temos todo o direito a dormir descansados com as nossas preocupações sobre o assalto que fazem aos vencimentos dos trabalhadores sem nos termos de preocupar com os assaltos dos toxicodependentes e outros larápios. Se eu vivesse em Nova Iorque teria de aceitar esta realidade, mas não creio que deva ficar parado à espera de Godot.

Se as autoridades não nos defendem teremos nós de nos defender com meios proporcionais à ameaça, como diz a lei. Só que a entrada de uma pessoa no meu lar é uma ameaça proporcional – para mim – a um ataque atômico e usarei todos os meios e armas para me defender dela, mesmo sabendo, à partida que o ladrão me pode processar e exigir uma indemnização quando o atingir.

Ou então defender-me-ei para que ele não possa sequer processar-me? Sei que se for confrontado (embora a maior parte seja covarde e só assalte velhas indefesas) me irei defender com tudo o tenha à mão para me proteger de qualquer intrusão na inviolabilidade do lar. Nesse momento, se infelizmente vier a ocorrer, não me preocuparei com minudências jurídicas do direito dos ladrões.

Esta foi uma experiência de impotência à distância, pois encontrava-me em Portugal a passar o natal, e não quero que se repita. Além de alarmes, grades e portões de ferro irei estar mais atento e vigilante para que a casa esteja defendida. Afinal estão aqui as coisas mais valiosas que tenho: os meus livros e escritos, e não há valor maior do que a biblioteca pessoal. Fiz já saber a todos nas redondezas que irei adotar as medidas que entender necessárias para a defesa intransigente do direito à inviolabilidade da fronteira que separa o meu lar, aqui no mais estrito senso da palavra romana, do resto do mundo exterior.

Espero que nesta terra pequena de fofuques, essa mensagem chegue também aos perpetradores e sirva de elemento dissuasor.

Caso contrário terei de lhes oferecer o livro em que esta crónica seja publicada, para que eles saibam.



O que adiante se transcreve (de Luiz Fernando Veríssimo) promete chegar em breve a Portugal num canal favorito de TV, é a fórmula mágica de ganhar dinheiro e manter o povo anestesiado com a desgraça dos outros sempre prontos a desfrutar das tendências de "voyeur" que caracterizam o povo português do séc. XXI. Se tivessem cérebros funcionais podiam pensar e votar diferentemente, assim como já – desde há muito – estão pré-condicionados num estado de torpor intelectual basta ouvirem palavras mágicas e acreditam no que ouvem. Até são capazes de acreditar que depois desta crise e de lhes roubarem inconstitucionalmente os salários até vão ficar melhor preparados para enfrentarem a crise.



O AVÔ KIM IL-SUNG O PAI KIM JONG-IL E O NETO KIM JONG-UN

O mais chato disto tudo é que não podem dizer que a culpa é dos chineses pois foram estes que compraram parte da nossa dívida para poderem enviar para cá os artigos rejeitados pelas fábricas de escravos e de trabalho infantil que por lá têm, mas o que interessa é ver as poucas-vergonhas - como a minha avó lhes chamava - de uns tantos metidos numa casa a fazerem o que lhes mandam para ficarem famosos e quiçá acabarem por morrer numa prisão dos EUA. São uns heróis metidos dias, semanas, meses a fio, numa casa sem terem de trabalhar pelo sustento em troca de se deixarem filmar 24 horas ao dia. Para ser mais realista só faltam a estes programas os cheiros da flatulência de quem os concebeu. Há sempre milhões a acreditarem no que veem, a sofrerem com as desventuras dos que ali estão, pois é sempre melhor ver as desventuras dos outros do que a própria e ao fim de um dia de trabalho inglório nada melhor do que ver os outros em vez de se olharem ao baço espelho das tristes vidas que lhes calharam em sorte. E depois admiram-se que eles elejam Cavaco, Sócrates, Salazar...até elegiam o Pato Mickey ou o Pateta da minha infância. Até um treinador de futebol, português e famoso eles já sonhavam para treinador dos desígnios da nação.... Imaginem só José Mourinho como primeiro-ministro, Cristiano Ronaldo como ministro do desporto, Carlos Queirós como ministro da Educação, Sá Pinto ministro da defesa, Eusébio nos negócios Estrangeiros e por aí diante. No Brasil (que nem é bom exemplo nisto) já tiveram o Pelé ministro dos esportes e Gilberto Gil na cultura... Em França já temos o palhaço do Sarkozy que é como um primo direito desse tarado sexual do Berlusconi Viagra. Na Venezuela temos esse carismático Hugo Chávez que fez com que Hitler parecesse uma personagem de banda desenhada. Por esse mundo fora, - e prometo que não falo de África - abundam exemplos similares embora os meus favoritos sejam o iraniano Mahmoud Ahmadinejad e o norte-coreano filho do grande líder Kim Il-Sung. A este respeito não resisto a contar que a maioria das pessoas usa a cirurgia plástica para parecer mais nova, mas na Coreia do Norte o herdeiro do poder, Kim Jong-Un, de 27 anos fez cirurgia para se parecer ao avô.

Leiamos agora o texto que me motivou...

Big Brother Brasil (Luiz Fernando Veríssimo)

Que me perdoem os ávidos telespetadores do Big Brother Brasil (BBB), produzido e organizado pela nossa distinta Rede Globo, mas conseguimos chegar ao fundo do poço...A décima primeira (está indo longe!) edição do BBB é uma síntese do que há de pior na TV brasileira. Chega a ser difícil...encontrar as palavras adequadas para qualificar tamanho atentado à nossa modesta inteligência. Dizem que em Roma, um dos maiores impérios que o mundo conheceu, teve seu fim marcado pela depravação dos valores morais do seu povo, principalmente pela banalização do sexo. O BBB é a pura e suprema banalização do sexo. Impossível assistir, ver este programa ao lado dos filhos. Gays, lésbicas, heteros, todos, na mesma casa, a casa dos "heróis", como são chamados por Pedro Bial. Não tenho nada contra gays, acho que cada um faz da vida o que quer, mas sou contra safadeza ao vivo na TV, seja entre homossexuais ou heterossexuais. O BBB é a realidade em busca do IBOPE...

Veja como Pedro Bial tratou os participantes do BBB. Ele prometeu um "zoológico humano divertido". Não sei se será divertido, mas parece bem variado na sua mistura de clichês e figuras típicas.

Pergunto-me, por exemplo, como um jornalista, documentarista e escritor como Pedro Bial que, faça-se justiça, cobriu a Queda do Muro de Berlim, se submete a ser apresentador de um programa desse nível. Em um e-mail que recebi há pouco tempo, Bial escreve maravilhosamente bem sobre a perda do humorista Bussunda referindo-se à pena de se morrer tão cedo. Eu gostaria de perguntar, se ele não pensa que esse programa é a morte da cultura, de valores e princípios, da moral, da ética e da dignidade.

Outro dia, durante o intervalo de uma programação da Globo, um outro repórter acéfalo do BBB disse que, para ganhar o prêmio de um milhão e meio de reais, um Big Brother tem um caminho árduo pela frente, chamando-os de heróis. Caminho árduo? Heróis?

São esses nossos exemplos de heróis? Caminho árduo para mim é aquele percorrido por milhões de brasileiros: profissionais da saúde, professores da rede pública (aliás, todos os professores), carteiros, lixeiros e tantos outros trabalhadores incansáveis que, diariamente, passam horas exercendo suas funções com dedicação, competência e amor, quase sempre mal remunerados... Heróis são milhares de brasileiros que sequer têm um prato de comida por dia e um colchão decente para dormir e conseguem sobreviver a isso, todo santo dia.

Heróis são crianças e adultos que lutam contra doenças complicadíssimas porque não tiveram chance de ter uma vida mais saudável e digna.

Heróis são aqueles que, apesar de ganharem um salário mínimo, pagam suas contas, restando apenas dezasseis reais para alimentação, como mostrado em outra reportagem apresentada, meses atrás pela própria Rede Globo.

O BBB não é um programa cultural, nem educativo, não acrescenta informações e conhecimentos intelectuais aos telespetadores, nem aos participantes, e não há qualquer outro estímulo como, por exemplo, o incentivo ao esporte, à música, à criatividade ou ao ensino de conceitos como valor, ética, trabalho e moral.

E aí vem algum psicólogo de vanguarda e me diz que o BBB ajuda a "entender o comportamento humano". Ah, tenha dó! Veja o que está por de trás dos milhões de reais do BBB: José Neumani da Rádio Jovem Pan fez um cálculo de que se vinte e nove milhões de pessoas ligarem a cada paredão, com o custo da ligação a trinta centavos, a Rede Globo e a Telefônica arrecadam oito milhões e setecentos mil reais. Eu vou repetir: oito milhões e setecentos mil reais a cada paredão. Já imaginaram quanto poderia ser feito com essa quantia se fosse dedicada a programas de inclusão social: moradia, alimentação, ensino e saúde de muitos brasileiros? (Poderiam ser feitas mais de 520 casas populares; ou comprar mais de 5.000 computadores!)

Essas palavras não são de revolta ou protesto, mas de vergonha e indignação, por ver tamanha aberração ter milhões de telespetadores. Em vez de assistir ao BBB, que tal ler um livro, um poema de Mário Quintana ou de Neruda ou qualquer outra coisa...ir ao cinema...estudar... ouvir boa música...cuidar das flores e jardins...telefonar para um amigo...visitar os avós...pescar...brincar com as crianças..., namorar...ou simplesmente dormir. Assistir ao BBB é ajudar a Globo a ganhar rios de dinheiro e destruir o que ainda resta dos valores sobre os quais foi construída nossa sociedade."

Dito isto e como acabo de ceder graciosamente grande parte do meu espólio (arquivos relacionados com a minha saga de Timor) à Torre Nacional do Tombo, estou a pensar seriamente oferecer também os meus livros - e para os quais não arranji tempo para os reler - e passar a dedicar-me a seguir todas as telenovelas que a TV transmite de manhã à noite a ver se fico menos deprimido com mais um corte salarial que a minha mulher recebeu ontem como prêmio de quase 30 anos a ensinar os filhos dos outros. São eles e elas que telefonam diariamente para mil e um programas de televisão, seja para ganharem dinheiro fácil, seja para darem resposta a uma qualquer pergunta idiota ou fútil, sem entenderem que estão a dar a ganhar milhões às telecomunicações e a todos os que engendraram este esquema piramidal de fazer dinheiro fácil. Depois, esses eles e elas ocupam as poucas horas de lazer a falar do que viram e ouviram, até acreditarem que a vida virtual que observam no ecrã, é a vida real a que eles não têm, mas que almejam.

Assim, se vir a triste figura e a desgraça dos que nos aparecem no pequeno ecrã penso menos como vou pagar as contas no findo dinheiro, pois sobra, cada vez mais mês no fim dinheiro.

Já o disse e repito-o, este país mudou mais em 16 anos - desde que cá voltei - do que nos cem anos anteriores. Há dias foi notícia:

*Uma idosa esteve morta durante nove anos dentro de casa, na Rinchoa, sem que as autoridades ou familiares a tivessem procurado, segundo avançou o Correio da Manhã.*

*Foi uma penhora por parte das Finanças que fez com que a nova proprietária descobrisse o terrível cenário.*

*Porém, na altura do desaparecimento, em agosto de 2002, uma vizinha garante que estranhou a ausência e que alertou a polícia.*

*A mulher explicou que os agentes se recusaram a arrombar o apartamento, mesmo depois de terem sido alertados para o facto de o correio não ser recolhido e de o vale de reforma não ser levantado.*

*Passados nove anos, veio a encontrar-se o cadáver da idosa na cozinha, que completaria 96 anos no sábado, e o do seu cão na varanda, o que afastou a hipótese de morte foi a ausência de mau cheiro.*

*SOL 9/2/2011*

Ora o que aqui está em causa não é se as autoridades procederam bem ou mal, se seguiram ou não o que se encontra estupidamente estabelecido na lei de que só um familiar pode reportar o desaparecimento de alguém, se podiam ter feito menos ainda ou mais. O que se deve realçar é que um primo da vítima, também ele de idade avançada se deslocou 13 vezes ao tribunal a pedir autorização para arrombar a porta e não lha concederam sob o pretexto de que a alegada morta não exalava cheiro... Isto, porque se ele tivesse arrombado a porta seria preso e condenado por invasão de propriedade e sabe-se lá que mais...embora esse tratamento justo não seja normalmente aplicado aos ladrões que violam o sagrado lar de cada um.

O que aqui me preocupa é que um cidadão respeitador da lei não teve coragem de arrombar a porta com medo da lei e esta não estranhou uma idosa de 87 anos desaparecer sem deixar rasto.

Agora vão todos fazer uns inquéritos que vão provar que a GNR, a PSP e todos os demais agiram em plena concordância com as leis vigentes no país e nada mais poderia ter sido feito. Falta que alguém com bom senso me explique como é que as Finanças penhoram uma casa que seria vendida em leilão nove anos depois por pouco mais de trinta mil euros para cobrarem uma dívida inicial de 1500 euros de impostos imobiliários sem cuidarem de hipotecarem a televisão, ou o frigorífico da idosa. Não, foram logo arrematar a casa que sempre valeria mais, sem tentarem ver se ela estaria morta ou fazerem outras diligências como a lei estipula. Ou então só se vai investigar se a pessoa está morta no caso de ela cheirar mal? Agora surge um problema aos advogados litigiosos, que sempre surgem como abutres em casos destes que vão provar que a idosa não pagou o que devia às Finanças por estar morta e as Finanças não podiam vender a casa em hasta pública sem alguém jamais lá ter entrado em nove anos. Assim sendo, a casa não podia ir a hasta pública, as Finanças não a poderiam ter leiloado e a nova dona, uma imigrante ucraniana, não teria direito a comprá-la. Haverá ainda a considerar os sobrinhos e o primo da falecida que obviamente teriam, por lei, direito a uma quota-parte dos bens da falecida incluindo a sua habitação.

Em notícia de última hora a televisão anuncia que as Finanças podem cancelar a venda, a fim de evitar ações legais pelos herdeiros. Se alguém me conseguir explicar como isto acontece na Rinchoa, ao pé de Lisboa, uma pessoa morta nove anos dentro de casa, com o cão e os periquitos, sem ninguém se dar conta então eu acredito que Lisboa ainda não é a selva que todos conhecemos de Nova Iorque e megacidades similares. Dado que a maioria da população em Portugal tem mais de sessenta anos, não vai tardar que se multipliquem casos destes e venham os sociólogos falar do problema da solidão na terceira idade, os geógrafos políticos venham lamentar a desertificação humana do interior profundo de Portugal, os políticos se expliquem com a introdução de alterações inócuas às leis, as instituições de solidariedade social se queixem da crise e da falta de apoios para prestarem ajuda solidária aos idosos, a PSP se lastime da falta de meios humanos para uma política de proximidade, e os filhos e os netos continuem a colocar em asilos os idosos para não terem o trabalho de cuidar deles ou a ignorá-los só por que são velhos. Vou já começar a tomar medidas para quando estiver só, velho e desamparado, para não me deixarem morrer sozinho com o cão, o gato e os periquitos que não tenho nem quero ter. Mais sorte tem a minha mãe, quase com 88 anos, pois a filha liga-lhe todos os dias, o filho - ausente nos Açores - se não todos os dias, quase; os netos uma vez por mês, e as amigas logo se interrogam se ela altera a sua rotina de ir ao café diariamente. Pensem bem, pois se ainda não são sexagenários, como eu, podem chegar a essa idade e então será demasiado tarde caso não tenham tomado as necessárias medidas, pois o que mais chateia um morto é saber que a sua casa foi parar ao Estado Português que tudo rouba em vida e nada dá em troca. Claro está que pode sempre haver quem não se importe, que - depois de morto - lhe roubem a casa para vender em hasta pública. Façam como eu, não adquiram propriedade imobiliária, arrendem e se morrerem podem ter a certeza que mal deixem de pagar, o senhorio vai bater à vossa porta.

## CRÓNICA 95. BANHA DE COBRA. 18 FEVEREIRO 2011

### 95.1. BANHA DA COBRA NO MARQUÊS DE POMBAL, PORTO

Há dias estava em "zapping" pelos canais televisivos quando vi um músico, tipo baladeiros dos anos 60 com uma pasta a dar-lhe um ar respeitável à moda do século passado e guitarra a tiracolo, a cantar "sei que não apareço nos jornais": <https://youtu.be/OLoRTpIphys> - <https://www.discogs.com/Gon%C3%A7alo-Gon%C3%A7alves-Honey-Sei-Que-N%C3%A3o-Apare%C3%A7o-Nos-Jornais/release/5149863>

Era tão patético este "cantor romântico abandonado" licenciado em tecnologias de comunicação, que só me fez recordar uma cena de infância, há muito desaparecida do nosso quotidiano.

Quem cresceu no Porto recorda-se de ter um divertimento gratuito nos anos 50 e 60 do século passado, aos domingos, na Praça do Marquês de Pombal, em frente à Igreja. Por entre os idosos que ali jogavam às cartas (e passavam o vazio dos dias por entre uma "bisca" ou uma "sueca<sup>3</sup>") surgiam, camionetas vagamente remisscentes das velhas caravanas do oeste bravio dos EUA. Em vez de colonos temerosos dos índios (nativos americanos, como é politicamente correto chamar-lhes agora) havia uns homenzinhos de aspeto duvidoso, cabelo cheio de brilhantina, com um megafone (na época não havia ainda microfones sem fios) a falar muito alto e a atraírem os passantes e basbaques com o verdadeiro elixir da longa vida, o elixir contra a calvície, e outras proezas que a medicina tradicional europeia nunca viria a adotar.

Juntava-se sempre uma dúzia de pessoas, para ouvir umas piadas e a arenga bem elaborada. Havia sempre, mais cedo ou mais tarde, um comprador talvez coagido, ou um comparsa ou parceiro do vendedor da verdadeira banha da cobra. O vendedor da banha da cobra não é personagem de ficção. Existe, progrediu e anda, por entre as turbas, dissimulado



de pessoa de bem. Sabemos que a banha da cobra<sup>4</sup> não serve para nada, mas a firmeza do homem empoleirado na carripa, com a sua bem estudada eloquência, persuadia muitos sobre as mil e uma aplicações desse remédio miraculoso contra impigens, mau-olhado, torcicolos, urticária, febre dos fenos, dores de dentes, nervos, escleroses, artroses, entorses, diarreias, sarampo, escarlatina, espinhela caída, dores das cruces, doenças do miolo, treçolho, verrugas, cravos e desmanchos.

Todos eles eram curados pelas propriedades da banha desse animal repugnante, a cobra, e tal como ela assim a verborreia oratória do vendedor ia enleando as pessoas que paravam para o ouvirem. Ainda estão bem vívidos os pregões

"Não custa nem 20, nem 15, nem dez! Custa apenas cinco, e quem levar dois leva um totalmente de graça. Um para aquele senhor, outro para aquela menina..."

Por vezes era em elixir, outras em pomada, outras ainda em forma líquida...o povo comprava os frasquinhos milagreiros e o vendedor da banha da cobra ia-se governando. Apregoava a honestidade afirmando ter licença camarária e não estar ali para enganar ninguém. Porventura, o vendedor da banha da cobra existe há séculos. Sabe-se que a sua origem é chinesa lá onde se vende óleo de cobra de água (*Enhydis chinensis*), o qual é usado para tratar dores nas articulações, embora o seu sentido seja mais associado jocosamente por especialistas em criptografia para designar produtos que dão ao usuário uma falsa sensação de segurança. O óleo de cobra refere-se a falsos remédios vendidos nos EUA no século XIX com a promessa de curar qualquer doença. Em tecnologia, o termo é usado para produtos que oferecem segurança absoluta e criptografia indecifrável, mas de qualidade questionável ou inverificável. Se é seguramente certo que a banha da cobra não cura, também não consta que daí tenha saído algum mal para a saúde pública e para o Mundo. E não havia mal ou maleita onde o seu resultado não fosse prodigioso!.... Tudo e o seu contrário a famosa pomada resolvia. E para que não houvesse dúvidas os argumentos eram um primor de explicação:

"É que bocencia tem uma dor de dentes, mas o dente não dói. O dente é corno, o corno é osso e o osso não dói, o que dói é o nervo".

Gostava de estar convicto – mas não estou – de que a maioria das pessoas não acreditava minimamente naquilo, mas inexplicavelmente compravam, compravam! E a vida de vendedor de ilusões prosperava! Embora há muitos, muitos anos não ouça o seu pregão genuíno, não tenho dúvidas de que ainda andam por aí. Agora, nesta era de globalização, talvez de colarinho branco e quem sabe de barba bem aparada para aparentar respeitabilidade. Talvez os dos bancos que foram à falência BES, BPN; Banif, etc.....

Pode até ser verdade o que muitos dizem, de que foram tirar cursos à Universidade Independente e entraram todos para o Governo...

Mas do que me lembro mesmo, e que me mesmerizava em tão tenra idade, é de ficar a ouvir os vendedores de banha de cobra antes de ir à missa dominical e depois ir almoçar na cantina da Igreja que ficava do lado esquerdo sob a cripta.

Até hoje tenho esta frustração enorme de ainda não me ter aparecido o vendedor de banha da cobra que me convencesse, como devem ser felizes aqueles que acreditam e compram...

## 95.2. JORNALISMO, UM APRENDIZ DE FEITICEIRO

No fim de 1992 fui suspenso pela Lusa, agência noticiosa portuguesa, depois de inúmeras desavenças ao longo dos anos. O motivo foi ter publicado em inglês uma notícia sobre Ramos Horta, que transmiti e a Lusa publicou mais tarde. Meti a Associação de Jornalistas Australianos ao barulho e foi-me reconhecido que se tratava duma suspensão de serviço por motivos políticos. Jamais voltaria a trabalhar para eles. Conto este episódio em detalhe no meu segundo livro sobre Timor, lançado em 2005 em CD-livro, "Historiografia de um repórter (Timor Leste vol. 2, 1983-1992)". Já anteriormente me haviam censurado notícias sobre Timor. Inicialmente não compreendia a razão desta censura. A notícia era inócua e decidira confrontar o Gonçalo César de Sá, diretor da agência LUSA (no sudeste asiático e Pacífico). No poder, como primeiro-ministro, Cavaco e Silva, para quem queira encontrar relevância no facto. O senhor diretor da Lusa no Pacífico explicou que o teor da notícia era demasiado sensível motivo pelo qual fora truncada e reduzida. Chamei-lhe uma data de nomes e desliguei. Ligou o senhor diretor, de novo, a pedir calma. Eu perderei-a para sempre. Assim iria terminar lentamente a minha carreira de jornalismo ativo como Correspondente Estrangeiro que ainda mantive até 1994 e que iria deixar e para trás ao sair definitivamente da Austrália em abril 1996.

Como atrás se disse, entrei em 1977 para a Rádio (ERM - Emissora de Radiodifusão de Macau) e isso ocupava-me mais algum do meu pouco tempo livre como adiante se verá. Durante os primeiros meses escrevia, lia os noticiários e traduzia telexes (alguém se lembra do que eram?), muitas vezes em direto para poder transmitir as notícias mais recentes. Também apresentava programas musicais após as horas de labuta na CEM. Depois, mais tarde, quando a RTP tomou conta da ERM e se passou a chamar Rádio 7 ou Rádio Macau ao que hoje é apenas a TDM, os diretores acharam ser um perigo ter um francoatirador nas notícias e meteram-me programas musicais na área de produção e em projetos especiais. Mal sonhavam que iria revolucionar a forma como se faziam programas de rádio. Os programas começaram a ser feitos para uma faixa etária até então esquecida, dos 15 aos 25 anos, importando discos de Lisboa e da Austrália. Depois, organizei concertos ao vivo e tardes de dança no hall de entrada da rádio, tendo conseguido que Rão Kyao estivesse lá a atuar durante uns meses. O sucesso era tanto que havia gritos histéricos ao passar pelo Liceu, como me recordaria (aquando do nosso reencontro no 15º colóquio em 2011) o meu jovem ajudante Ricardo Pinto que em 2011 era diretor do jornal Ponto Final e dono da Livraria Portuguesa de Macau. Os programas envolviam, pela primeira vez, a participação dos jovens ouvintes e satisfaziam os seus desejos musicais até então totalmente arredados da estação local que transmitia música pirosa (a música pimba ainda não fora inventada) própria de anciãos de uma qualquer aldeia do Portugal profundo.

Antes do programa Pão com Manteiga que Carlos Cruz celebrizaria no continente português, inventei o meu programa, altamente controverso, "O Whisky e a Cola" com um a introdução de Bette Midler no filme "The Rose" e o separador musical do louco Alice Cooper "We are all crazy". Era um programa de rock, reggae e de sátira. Pela primeira vez o reggae chegava ao Oriente. Um dia descobrimos que uma estação de Hong Kong nos gravava a música que passava pela idêntica ordem, pelo que nunca mais deixaríamos terminar nenhuma composição sem que a adulterássemos com falas a fim de evitar o plágio de reprodução. A sátira dirigia-se a assuntos de governação e de corrupção, sendo dados cognomes a personagens do governo e fazendo - sobre eles e elas - histórias interessantes. Os mais velhos e mais críticos da governação ouviam o programa às escondidas e enviavam mensagens escritas (ainda não havia SMS nem telemóveis) sobre o mesmo para que ninguém soubesse que eles ouviam.

4 A sua origem data do primeiro século antes de Cristo e inspira-se numa receita secreta de teriaga, que, segundo crenças populares antigas, seria um medicamento complexo, com sessenta e quatro componentes. Acreditava-se que tinha as propriedades de um antídoto para venenos. Na confeção da teriaga, a carne de cobra era fervida durante muitas horas ou mesmo calcinada, até se transformar em pó. Estes pós de cobra eram conservados em frascos para utilização futura. Foram usados em outras preparações, para aplicação local. Eram misturados com gordura, sob a forma de unguento. O nome popular desta espécie de pomada era a banha da cobra. O grande número de componentes, a raridade de alguns, e o elevado preço, tornavam difícil o acesso a este medicamento, no qual se depositavam as maiores esperanças. Passou a produzir-se um outro, com menos componentes: bagas de louro, mirra, genciana, aristolóquia e mel. Era a teriaga dos pobres. Menos contempladas ainda eram as pessoas que viviam em locais mais afastados dos centros urbanos. À falta de um composto, usavam apenas o alho para combater a peste e outras doenças. E o alho ficou conhecido, em muitas regiões, como a teriaga dos camponeses.

*Um certo dia, fui a Hong Kong. Ao regressar nessa noite ao programa, improvisei sobre o nacionalismo das gentes de Macau que encontrei a fazer compras na vizinha colônia, falei dos passeios largos e de outras coisas, quando o então Secretário do Governador (Gonçalo César de Sá que mais tarde, seria meu chefe e diretor da Lusa no Pacífico com sede no Japão) me telefona aflito por suspeitar que eu descobrira uma das maroscas das Obras Públicas. Ele entendera assim, na minha sátira que eu tinha descoberto que os projetos aprovados pelas Obras Públicas aceitavam os prédios com uma determinada cêrcea, mas depois os donos das obras e os fiscais ganhavam milhões quando prolongavam essa cêrcea, a partir do primeiro andar até ao limite exterior do passeio...ora bem, isto em prédios de 15 andares ou mais, ao preço do metro cúbico em Macau, era uma verdadeira mina de ouro que iriam cobrar a mais aos potenciais compradores. Esta a história inventada que - afinal - era real...*

Muitas foram as “charges” e piadas feitas à custa da governação contornando a difícil área da sobrevivência. Para notícias mais importantes tive de me servir de outro subterfúgio. Com efeito, desde que chegara, fizera amizade com os jornalistas Nick Griffin da HK TVB e do Ian Whiteley da ATV e usava-os sempre que precisava de mandar notícias sensíveis para fora de Macau. Ainda hoje guardo religiosamente uma declaração de trabalho como correspondente da televisão de Hong Kong no período em que vivi em Macau. Todos suspeitavam e insinuavam que eu estava por detrás das notícias, mas ninguém podia provar nada, era óbvio que depois de aqueles dois estarem em Macau surgiam logo reportagens escaldantes, e como eles ficavam em minha casa, dois e dois facilmente somados eram quatro. Claro que sempre sustentei que ambos eram meus amigos e jornalistas e, claro que ficavam em minha casa, mas tinham as suas fontes locais até porque o Nick era fluente em cantonense pois vivia em Hong Kong desde bastante jovem. Assim se transmitiram muitas notícias que a censura local e o poder discricionário do governador de Macau tentavam silenciar.

Tempos loucos de pouco dormir e muito trabalhar e folgar (Nota do Autor: folgar não significa fazer folgas, mas sim comprazer-se, divertir-se, tomar parte em folguedos). Levantar pelas sete e pouco, vir almoçar ao Clube Militar ou Clube de Macau, ir dormir uma sesta de meia hora ou pouco mais, trabalhar até às cinco e meia da tarde, vir a casa tomar um duche, seguir para a rádio quando os programas eram às 19.00 ou depois do jantar quando iam das 22 às 24 ou até às duas da manhã. Depois, ia-se cear a um dos restaurantes ainda abertos no Hotel Lisboa ou qualquer outra loja ainda aberta que nessa época havia alternativas além das sopas de fitas, ao ar livre numa qualquer rua com fendinhas e bancos no meio da rua. Numa dessas vezes, num pequeno restaurante, quase em frente ao Hotel Estoril, assisti a uma cena de pancadaria entre seitas...ainda mal começara, bem antes de as cadeiras voarem já eu estava sentado ao volante do meu Celica com o motor a funcionar antes que o perigo se tivesse sequer aproximado. O meu instinto de sobrevivência era proporcional ao sentido do dever de informar sem medo nem censuras.

Tudo começou em 1967. Iniciei a minha longa carreira de jornalista da forma mais casual possível ao fazer uma reportagem (a brincar, para treinar-me) do Circuito Internacional de Vila Real e da Fórmula 3. Vendi um exclusivo à Rádio Renascença e graças a isso, haveria de trabalhar para eles até sair de Portugal em 1973. A história começa numa forma bem mais prosaica. Estava convidado em Vila Real pelo meu tio Nóbrega Pizarro, que era à data Diretor Clínico do Hospital e responsável médico pela prova. Calmamente assistíamos na bancada principal às provas quando se deu um grande acidente com um corredor chamado Tim Cash, segundo a reminiscência que guardo do incidente. Como falava bem inglês, fui chamado por ele para lhe servir de intérprete. Acabei a entrevistar o acidentado, gravando tudo no meu gravador portátil que já me acompanhava sempre nesses dias para toda a parte. Quando saí do hospital era lógico que todos queriam saber o que se passava (o homem salvou-se sem grandes mazelas) e limitei-me a ver quem me oferecia mais pela fita (naqueles tempos ainda não havia cassetes). Ganhei a alta soma de 500\$00 pelo feito.

Mais tarde, escrevi para a Rádio Renascença numa clara demonstração de saber aproveitar as oportunidades. Ofereci-me para colaborar com eles em futuras provas. A RR achou que aquele jovem empreendedor tinha pinta e dignaram-se aceitar-me como colaborador de automobilismo para a Zona Norte. Fui trabalhar com o célebre e popular programa Página 1 de José Manuel Nunes, com colaboradores como Joaquim Amaral Marques, Adelino Gomes, Pedro Castelo. Era o programa de rádio mais ouvido e logo à primeira tentativa, eu tinha entrado. Viriam a ser notáveis as coberturas que faríamos dos eventos desportivos a norte do país.

Curiosamente, uma das notícias mais importantes que transmiti foi, por mero acaso, a da morte de Otis Redding, num desastre de aviação em 10 de dezembro de 1967. Isto porque não se usavam frequentemente telexes (quem se lembra deles hoje?) e eu passava a vida a ouvir estações piratas como a Rádio Caroline, Rádio Luxemburg, onde tinham acabado de dar a notícia. Nessa altura as notícias do mundo demoravam dias a chegar às redações dos jornais e das rádios. Não só nessa época. Mais tarde, em plena década de 1990, ainda enviava os meus despachos para a agência Lusa, para a Rádio Macau (TDM, RTP) e, mais tarde, para o jornal Público através de telex. Tinha de os enviar da baixa de Sidney. Chegava a Lisboa e ao jornal, provavelmente, com mais de um dia e meio de atraso.

O sistema de reportagem fui-o desenvolvendo e melhorando ao longo dos tempos, sem lições de ninguém porque nunca fora feito antes. Inicialmente não me pagavam nada, depois começaram a pagar as despesas, gasolina, telefones e alimentação. Por fim, já tinha uma avença e pagava aos meus colaboradores em cada prova. Era um dos dois maiores sonhos da minha juventude: ser advogado e seguir a carreira diplomática ou ser jornalista. Desde os 12 ou 13 anos que sonhava com essas profissões. Esta já cá cantava, da outra desistiria. Viria a não diplomaticamente acabar por dar muitas voltas ao mundo sem ser advogado nem diplomata.

Numa primeira fase fazia a cobertura de eventos motorizados com o meu melhor amigo e piloto de competição em ralis, o Taka e ocasionalmente um primo ou um amigo juntava-se a nós. Íamos ver as classificativas cronometradas mais importantes e seguíamos em busca dum telefone para dar os tempos desse troço cronometrado. A seguir começamos a ter mais de um carro para fazer a cobertura e podíamos ter várias equipas a transmitir os dados à medida que os concorrentes iam percorrendo os vários troços. Era a verdadeira cobertura em direto e ao vivo. Já nessa época se vivia com muita intensidade a febre dos Ralis em Portugal. Havia gente em todos os montes e serras, fosse a que hora fosse. Por mais ermo e deserto que fosse o local havia lá gente.

Nos primeiros anos o que nos identificava perante os polícias era um cartão (cartolina grossa) retangular prensado (feito por nós) com a palavra PRESS a branco sobre fundo vermelho. Depois mandamos imprimir autocolantes com a identificação da estação emissora e do programa. Havia um gravador portátil de cassetes e um par de auscultadores de estúdio para as entrevistas, à partida e à chegada, com uns fios esquisitos que serviam para transmitir o som através do telefone. Reportagem na hora com meios improvisados e inventados por jovens como eu. Uma vida excitante para um adolescente que me permitia não só contactar com todos os pilotos, como com os organizadores, equipas de assistência, e com as jovens atraídas para estes eventos. Que mais podia desejar? e ainda me pagavam para ter a voz na rádio.

Foram, anos e anos sempre a correr, vividos intensamente entre ralis e treinos num velho Opel Kapitän 1958 ou num Volvo "Marreca" PV 544 de 1959, percorrendo tudo o que era estrada municipal ou caminhos de cabras. Uma vez numa florestal, perto de Gondarém (à saída de Viana do Castelo), saíra uma manada de vacas à nossa frente e quase que embatíamos num pelourinho. Raramente saímos da estrada. Exceção feita ao primeiro rali de iniciados que fizemos em que depois de partirmos de Santa Luzia (Viana do Castelo, de novo) embatemos fortemente contra um penedo. O motor ficou no lugar do pendura e a roda sobressalente veio para o seu lugar. O carro ficou com a frente desfeita. Eu tive umas leves equimoses



e hematomas nas costas, os quais depois de devidamente tratados no hospital de Viana nunca viriam a ser do conhecimento de ninguém. Tão abalado fiquei com o acidente que imaginei que vínhamos em sentido contrário aquele em que íamos, saí do carro a correr a cantarolar, sem razão aparente, "Corre Nina" do Paulo de Carvalho, para logo a seguir voltar ao carro para tentar desligar o corta-corrente com medo de que deflagrasse um incêndio.



OPHEL KAPITAN P II P VOLVO "MARRECA" PV544 VELHO ESTÁDIO DO ACADÉMICO DO PORTO, NUMA DAS PRIMEIRAS PROVAS DO CAMPEONATO NACIONAL DE INICIADOS 1971 CREIO QUE ORGANIZADO PELO VIGOROSA

O meu pai desesperava quando eu ia sair de carro com o Taka, e recusava deitar-se até eu chegar. Pois bem, se na maior parte das vezes, a noite não excedia as duas da manhã, muitas vezes houve em que quase chegávamos ao amanhecer. O meu pai ficava na salinha da televisão, a ler, ou a dormir, fumando cigarro atrás de cigarro, incapaz de adormecer sem ter a certeza de que o filho chegava são e salvo. Bem deve ter passado as passas do Algarve enquanto eu estava nesta fase difícil. Muitas vezes quando tentava meter a chave na fechadura já lá estava o pai vindo do escuro a abrir a porta e a ralhar-me. Foram anos e anos, só me dedicava a carros e a namoricos.

Ao longo dos cinco anos seguintes percorremos Portugal (mais de um milhão de quilómetros era a estimativa da época) por estradas que nunca nenhum cristão visitara. Numa das vezes entramos numa aldeia cujo nome foi esquecido (algures entre Bragança ou Vimioso e Miranda, talvez Outeiro) onde nunca viatura motorizada alguma entrara até então pela porta do seu castelo. A população veio toda à rua aplaudir e fazer perguntas. Muitos nunca tinham visto um carro em toda a sua vida pois jamais haviam saído de lá. Estava-se nos anos 60 e era como se estivessem em plena Idade Média.

Nas estradas mais recônditas de Trás-os-Montes raramente se encontrava movimento, para além de uma ou outra viatura pachorrenta com a sua carga ou um pequeno trator dos que começaram a surgir em Portugal por essa década. Muitas vezes íamos para sítios onde nem um café existia. Noutros, não havia telefones públicos. Ainda se não tinham inventado os telemóveis e a rede dos TLP, futura Telecom, era ainda incipiente nas zonas mais remotas de Portugal.

O perigo maior nessas estradas transmontanas, beirãs ou minhotas, eram os burros, as carroças ou os carros de bois e pouco mais. Ainda havia simpáticos cantoneiros a acenarem nas estradas e a cortarem as ervas das bermas. Até hoje muitas dessas estradas jamais viram outro cantoneiro e as casas dos cantoneiros estão infelizmente destruídas, desabitadas e em ruínas. Podiam até ter sido aproveitadas para pequenas unidades de turismo se alguém quisesse ou tivesse visão, mas isso era pedir muito aos portugueses. É um verdadeiro sacrilégio ver o abandono a que foram votados tantos ícones numa era em que o que existia e funcionava bem foi substituído por outras estruturas mais modernas, mas que não funcionam. O desbaratar de riquezas sempre foi apanágio deste país que viveu sempre à custa dos outros, primeiro das especiarias, dos escravos, do ouro do Brasil e mais recentemente dos subsídios de Bruxelas. É uma dor de alma viajar em pleno começo do século XXI e ver pombais abandonados, casas de cantoneiros, estações da velha CP destruídas, com um valioso espólio, incluindo azulejos maravilhosos ao abandono, com as velhas pontes (algumas delas notáveis obras de arquitetura) e os ramais do caminho-de-ferro servindo para criar mato. É criminoso perderem-se as vias de pequena bitola onde dantes circulavam roneiros, os comboios que estabeleciam o contacto entre o Portugal profundo e os centros de poder. Ignóbil Estado este que assim delapida património da Humanidade!

Hoje as estradas, municipais e secundárias, estão em pior estado do que estavam naquela época. Eu fiz centenas de milhares de quilómetros, entre 1996 e 2005, por estradas secundárias que já percorrera na década de sessenta. Vira-as definharem sem melhoramentos de espécie alguma, com um ou outro remendo de alcatrão, a maior parte delas esburacada e sem manutenção de qualquer espécie, enquanto as juntas de freguesia locais e o novo IEP (Instituto de Estradas de Portugal) se digladiam a ver de quem é a incompetência de não-limpeza das mesmas.

Voltando à Rádio Renascença e ao automobilismo, eu e os amigos íamos acompanhando ralis e outras provas de velocidade. As últimas, em cuja cobertura estive, foram nos Circuitos de Vila Real e de Vila do Conde 1972, onde, com o Pedro Roriz, ajudara o já falecido José Fialho Gouveia na reportagem para a RTP. Ali tivéramos o, também já falecido, Adriano Cerqueira a ajudar a contar as voltas ao circuito. Sim, porque naquele tempo ainda não se usavam computadores para contar as voltas. Havia cronómetros para calcular os tempos pois a organização ainda não dispunha de meios para facultar tais dados durante a prova. O Adriano havia acabado de regressar de África onde fizera o serviço militar e estava desejoso de se meter no automobilismo. Mais tarde seria ele, durante décadas, a face do automobilismo na RTP e eu teria a oportunidade de voltar a trabalhar com ele no Circuito de Macau em 1981 e 1982.

Cenas a registar deste período de automobilismo para além das provas em que entrei com o meu amigo "Takatakata" (Ludgero Carvalho de Abreu) quer no seu BMC Mini 1000, num Cooper S 1300, ou no seu Ford Escort Cosworth Lotus 1600, existem muitas das quais irei apenas deixar aqui algumas. Uma vez no Minho, na Serra da Cabreira tentei pedir a alguém que me deixasse utilizar o telefone fixo (ainda não havia telemóveis naqueles dias), a resposta foi a de ser recebido com uma carga de tiros de caçadeira que mal nos deu tempo de correr para o carro em fuga apressada. Isso viria a dar-me a luminosa ideia de passarmos a ter telefones de campanha (telefones como os da tropa) instalados nas provas cronometradas (no início e fim dos troços) o que foi feito, pela primeira vez, nos ralis e provas de velocidade. Passamos a ter um ascendente enorme sobre os restantes repórteres com o envio em tempo real dos resultados dos troços cronometrados. Foi a primeira vez, no mundo, que se procedeu assim. Ainda neste período (talvez em 1970 ou 1971) no velho Estádio das Antas pusemos, pela primeira vez, um microfone sem fios dentro de um carro, enquanto o então campeão nacional (Francisco "Xico" Santos) dava as suas voltas à oval do estádio. Foi também a primeira vez no mundo que se utilizou um meio de transmissão radiofónica dum carro em prova, coisa que hoje é banal com as câmaras de vídeo e imagem a serem colocadas em todos os pontos das pistas e nos carros. Talvez tenha sido a coisa mais inovadora que fiz em toda a vida.

Era comum faltar às aulas na universidade e ir acordar o Taka para tomarmos café a Guimarães, almoçarmos em Valença e dar um salto ao Gerês.

Convém lembrar que nessa altura era nas velhinhas estradas nacionais, estreitas e cheias de curvas, passando por tudo que era aldeia e lugarejo, que se faziam as viagens. Uma média superior a 30 km/h não era nada má. Uma viagem do Porto a Vila Real fazia-se num tempo recorde de duas horas (nós fizemos em tempo recorde de 92 minutos) para pouco mais de cem quilómetros. Uma ida do Porto a Lisboa, antes da autoestrada, era uma proeza para mais de três horas e meia (fizemos uma vez em duas horas e dez minutos). Os condutores "normais" chegavam a demorar cinco horas ou mais. Arrepio-me ainda hoje de pensar nessas viagens.

Outras vezes aproveitávamos os feriados como o do 1º de dezembro (princípio dos nevões de inverno) para irmos dar uma volta maior. Normalmente era até ao Gerês para vermos o espetáculo das primeiras neves do ano, ou até ao Alvão e Marão. Outras vezes íamos mais longe. Assim aconteceu em 1970 quando levei o Taka e um primo (Paulo Almeida D'Eça) a Trás-os-Montes passando por Vila Real, Bragança, Vimioso, Azinhoso, seguindo depois até à Serra da Estrela. Dessa vez ficamos a dormir a primeira noite no Azinhoso (em casa das primas e tia), depois de termos passado a reta de Vale da Madre (antes de chegar a Mogadouro) a mais de 120 km/h no Austin Cooper S já debaixo dum forte nevão. Na Serra da Estrela, sem termos correntes para os pneus, a tarefa de chegar às Penhas foi difícil e envolveu um autoatropelamento ao

meu primo Paulo Almeida D'Eça. Um de nós ficava na curva seguinte a dizer se o Taka podia tentar subir. Como o gelo era muito, o meu primo foi escorregando e foi apanhado pelo capô do Mini indo, depois, a deslizar estrada abaixo durante vários metros por entre aplausos dos mirões.... Lá chegamos ao cume perante o ar incrédulo de todos os outros automobilistas melhor equipados para aquele clima. O pior foi que não conseguimos dormir em sítio nenhum pois não havia vagas. Nem a minha canção do bandido a uma empregada de mesa serviu para me dar direito a um teto num quarto de pensão. Fomos para o alto da gélida cidade da Covilhã junto ao cemitério, e tentamos dormir alguma coisa sem morrer de frio. De duas em duas horas tínhamos de ligar a chauffage do carro para nos aquecermos minimamente pois não tínhamos levado roupa especial para o frio. Uma noite inesquecível da qual me lembrava sempre que passava pela Covilhã. Ali estivera – antes - em maio 1969 com o Teatro Universitário na estreia da peça de Lope de Vega "Fuenteovejuna".

### 95.3. UNIVERSIDADE E TUP (TEATRO UNIVERSITÁRIO)

O espetro da tropa havia-se tornado numa realidade só adiada pela frequência universitária. Era só uma questão de tempo até se concretizar. Fui conseguindo sucessivos adiamentos na incorporação militar com documentos da sua frequência universitária até ao fim do curso. Foi uma época interessante.

Foi nesse período que me tornei politicamente ativo, após 1967, ao frequentar o TUP (Teatro Universitário). Ali se organizavam concertos secretos com o Zeca Afonso e o Manuel Freire. Paredes-meias com o Quartel-General da GNR onde se pensava que estávamos a ensaiar uma peça. Também o fazíamos. Como cenarista o já famoso alfandeguense Mestre José Rodrigues. A composição musical era todo do Zeca Afonso que ali ia várias vezes. Nos ensaios participavam o poeta Mário Viegas e a atriz (futura locutora e vereadora da Cultura da Câmara Municipal do Porto) Manuela Melo.

Ulteriormente, no segundo ano do meu curso (1969), cofundi a Pró-Associação de Estudantes da F.E.P. Dado que era proibido formar Associações Estudantis Universitárias servira-me dum qualquer "buraco" da lei (que já não recordo qual era) para criar a Pró-Associação, cuja tarefa principal era imprimir cópia das "sebentas" para alunos.

Uma das coisas mais importantes em termos organizacionais foi a preparação de vários convívios de Economia, num deles arrendamos o Palácio de Cristal (atual Pavilhão Rosa Mota) e contratamos o Manuel Freire, uma fadista (Maria da Fé ou Lenita Gentil) e outra artista cujo nome há muito se perdeu nos esconsos da memória. Era difícil organizar isto, contratar os músicos, pedir a aparelhagem emprestada a uma das lojas VADECA (atual Valentim de Carvalho), ou à Ritmo (do meu primo Henrique Pinto Leite na Rua de Santo António ou 31 de Janeiro conforme as modas políticas). Depois era fazer uns cartazes e distribuir pelos Liceus de D. Manuel e de Carolina Michaëlis que eram os nossos alvos privilegiados pois eram daí que vinha mais gente (finalistas de 6º e 7º ano, atual 11º e 12º), dado não ser vulgar haver muita interligação com as outras faculdades. Conhecíamos alguns de Engenharia e de Letras, mas a menos que fizéssemos parte desses grupos nós não íamos às festas deles nem eles vinham às nossas. Compravam-se uns blocos de rifas numeradas para colocar à porta e vender os ingressos na esperança de recuperar o investimento feito.

Os "artistas" não cobravam cachet, mas havia sempre despesas com o transporte e comida para eles além do custo do aluguer do local, da tipografia, etc. Só muito recentemente, em pleno século XXI, me recordei desta capacidade organizativa. Zeca Afonso estava proibido e não podia atuar em público, por isso restava-nos o Manuel Freire, o Adriano Correia de Oliveira, o Luís Goes, como cantores de intervenção já que o José Mário Branco estava em França assim como o Sérgio Godinho entre outros. Hoje em dia contratam o Quim Barreiros enquanto nós na época tínhamos a fadista local típica, Lenita Gentil ou a mais sofisticada Maria da Fé, pois eram do gosto da maioria enquanto uma minoria esclarecida apreciava os cantores malditos ou proibidos. O custo de entrada era de 30 escudos (15 cêntimos) em 1969 ou 1970, segundo a minha irmã me recordou em tempos, pois pediu o dinheiro emprestado a uma amiga minha para poder ir, pois ela só tinha 15 anos na época e eu teria uns 20 ou 21 e a mesada duma miúda de 15 anos era insuficiente para ir a um "Convívio de Economia". Não me lembro de ter perdido dinheiro com estas atividades pelo que devem ter sido um sucesso comercial.

Fizemos manifestações ou "manifs", como se chamavam na época, contra a guerra colonial. Vimos a U.P. (Universidade do Porto) no Largo dos Leões ser invadida pelos cavalos da GNR (estacionados, mais abaixo, ao lado da então Faculdade de Letras, onde estava o TUP) que subiam a longa escadaria em perseguição dos alunos que corriam a acoitar-se no sótão onde se albergavam as seis salas da F.E.P. (Faculdade de Economia do Porto).

Embora as notas de admissão à Faculdade fossem excelentes, a mudança de tipo de ensino fora (de novo) traumatizante pois custou-me imenso a adaptar ao novo ritmo e às exigências de trabalho. Sentia que era apenas mais um número e não uma pessoa como estava habituado a ser tratado no liceu. Aqui cada um era deixado à sua sorte e que se desenrascasse. Comecei com atividades extracurriculares tais como o Teatro, do qual tinha já dois anos de experiência liceal.

A minha estreia pelo TUP (Teatro Universitário do Porto) ocorreu a 22 de abril de 1969 sem a presença dos meus pais que jamais me incentivavam em qualquer destas minhas atividades extracurriculares. Tivemos, depois, uma digressão à Covilhã e outra a Coimbra onde presenciamos os incidentes estudantis com a PIDE a abater um estudante e o chefe da PIDE (um tal senhor Figueiredo) na primeira fila a ver se eram todos subversivos (só alguns, diria eu dissimulando-me na sombra para não ser descoberto). Nesse período tive o prazer de ouvir o Mário Viegas dizer poemas meus numa sessão no TUP, depois dos ensaios (daquelas em que tomavam parte o Zeca Afonso, o Manuel Freire, e outros). Foi uma grande honra pois pressentia-se que o Mário Viegas iria longe (faleceu em 1996) na sua arte de declamação que o levou a altos voos, vários discos, programas na rádio e TV. Um dos textos que ele lera constava do meu primeiro volume de poesia publicado em livro (edição de autor, Crónica do Quotidiano Inútil, maio 1972).





Sob a direcção do dr. Correia Alves, o elenco do Teatro Universitário do Porto prepara uma peça de



O TUP trabalha. Prepara o seu primeiro espectáculo deste ano. Ensaia, sob a direcção do dr. Correia Alves, um clássico espanhol, de Lope de Vega, «Fuenteovejuna». Levar ao palco a peça de Lope de Vega era um velho sonho do encenador. O sonho torna-se realidade. A custa de sacrificios.

— Tem sido uma aventura maravilhosa — diz o dr. Correia Alves. O espírito de equipa do TUP, a sua dedicação pelo Teatro, têm-me na verdade, ajudado a desbravar as maiores dificuldades de um texto tão rico de intenções cénicas e humanas. Temos passado noites em claro. Foram abolidas muitas horas de divertimento para que os ensaios possam decorrer num ritmo acima do normal.

Desde a primeira leitura da peça, em 2 de Dezembro passado, o elenco de «Fuenteovejuna» tinha realizado, até meio deste mês, mais de duas dúzias de ensaios. Em média, cada sessão de trabalho ocupa quatro horas. Para um grupo de amadores, de estudantes universitários, é fácil avaliar o esforço que isso representa. Ao mesmo tempo, dá uma medida da sua dedicação e do seu interesse.

O Teatro Universitário do Porto, que há dois meses comemorou vinte anos de existência, exhibe uma vitalidade que pode ser levada à conta de promessa. Com efeito, o TUP conta com uma centena de elementos, recrutados nas várias Faculdades, recorrendo-se deles para preencher quase todas as suas necessidades. Com efeito, actualmente, apenas recorre a um trio estranho à equipa estudantil: o encenador, o figurinista e o cenógrafo. O primeiro, compreende-se e aceita-se que venha de fora. Será um mestre. Os outros dois cargos, porém, fazem lembrar a necessidade urgente da criação de uma cadeira especializada na dinâmica Escola de Belas-Artes do Porto, velho sonho de alguns, que muito poderia vir a beneficiar o teatro português.

Da centena de estudantes do elenco do TUP saem os elementos indispensáveis às várias tarefas nos bastidores e toda a equipa — dos figurantes

sentar «Fuenteovejuna». O desdobramento, o espírito de entreaajuda estão sempre presentes, como nos salientou um dos directores do TUP, António Fornelos. É essa a mola real que movimenta e anima o Teatro Universitário do Porto, o qual ainda o ano passado, no I Festival de Teatro da Covilhã, obteve o primeiro prémio de grupo, com a peça «Ana Kleiber», de Alfonso Sastre, numa encenação de Correia Alves. Teatro é trabalho de equipa.

A actual equipa dirigente quer dinamizar toda a actividade do agrupamento. Uma peça dedicada ao público infantil será em breve distribuída para início de ensaios. Trata-se de «Casaco Encantado», de Lucia Benedetti. Ao mesmo tempo, a secção cultural do TUP já está a promover uma série de conferências-cóquios, com a colaboração de destacadas figuras do meio cultural e artístico. Assim, o prof. dr. Ferreira de Almeida falou sobre «Arte em geral» e o dr. Armando Castro debatem a «Inter-acção entre a obra de Arte e a estrutura económica da sociedade».

Uma peça de fôlego, «Fuenteovejuna», e uma infantil, «Casaco Encantado», constituem todas as ambições de encenação, para esta temporada, do TUP. Não pretendem ir mais além. Eles são amadores que aproveitam os intervalos das aulas para se dedicarem ao teatro. O TUP não pretende formar actores nem encenadores, nem técnicos teatrais. Procura, isso sim, no dizer dos seus responsáveis, formar espectadores esclarecidos que enriqueçam as nossas pobres platéias de Teatro sério. Mas se ao mesmo tempo, como os seus colegas brasileiros, os estudantes portugueses nos conseguirem dar, algum dia, uma «Vida e Morte Severina», então melhor ainda. Esperamos por Lope de Vega. Também eles esperam que o Ministério das Obras Públicas dê um jeito na sala que poderá vir a ser o «teatro de bolso» do TUP. Doze degraus de madeira, capazes de acomodar 300 pessoas, já estão montados. Falta apenas destruir uma parede para que o pequeno teatro nasça. E isso é indispensável para que o TUP poder trabalhar com mais liberdade.

A estreia de «Fuenteovejuna», prevista para o próximo mês. Ela representa o primeiro trabalho da equipa. Ela representa o primeiro trabalho da equipa.

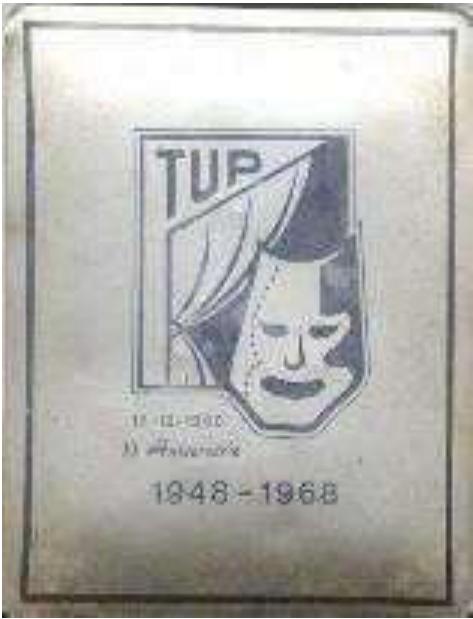
# TUP

## À ESPERA DO TEATRO DE BOLO

chrys 1969FLAMA

Foi também nesta fase da vida que comecei a saber melhor o que custa trabalhar pois empregara-me em “part-time” na Crediverbo.

Vendi Enciclopédias Verbo e outros livros entre novembro 1970 e março 1971, com algum sucesso financeiro.





**TUP**

— ENCENAÇÃO

*Correia Alves*

— MUSICA

*José Afonso*

Ensaíada por

*Borges Coelho*

Acompanhada por

*Vitor Valente*

— CENARIOS

*Alexandre Vasconcelos*

— FIGURINOS

*José Rodrigues*

Confecção de

*Amélia Varejão*

— ADEREÇOS

*Manuel Mouga*

TIPOGRAFIA DO CARVALHIDO  
PORTO  
2.500 ex. — 4-1969

**FU  
EN  
TE  
OVE  
JU  
NA**

**LOPE  
DE  
VEGA**

chrys 1969Fuenteovejuna (1)



# FUENTEOVEJUNA

## a peça

Fuenteovejuna, povoação integrada na monarquia de Fernando e Isabel (os Católicos), foi o cenário onde decorreu, entre 1479-1492, o levantamento popular contra a desumanidade de Fernão Gáñez, e narrado por Lope de Vega. O seu povo regia-se pelo lema: «Adão morreu sem deixar testamento. Portanto, a terra deve ser repartida entre os seus filhos, que são todos os homens. É injusto que uns a possuam e outros fiquem sem ela», nada mais incisivo do que isto para definir a trama tecida neste palco. Assistimos a essa luta sem tréguas pela posse daquilo que é a «herança» de todos os homens e não de um senhor feudal. Precisamente porque a luta é de todos não possui a peça protagonistas, não há personagens individualizados, há sim um personagem colectivo, o povo de Fuenteovejuna.

É a vontade colectiva que determina a acção. E embora o povo não saia completamente vitorioso, deu um passo em frente e soube demonstrar a coesão do seu poder, a consciência da situação humilhante em que vivia. O enredo amoroso que surge na peça, é meramente accidental, demonstra-o a fala de Laurencia, uma das participantes: «é todo um povo que avança, consciente do seu dever, a atacar a tirania». Os traços psicológicos aparecem diluídos, toda a movimentação cénica se produz no seio da classe trabalhadora sendo manifestamente colectiva.

Fuenteovejuna, despida de qualquer forma de circunstancialidade espaço-temporal é adaptável a certas formas actuais. O seu valor reside precisamente no cunho da mensagem universal que encerra e dela cada um de nós pode tirar as lições subjacentes. A aderência à obra de Lope tem de ser de reflexão crítica, de busca das soluções para os problemas aqui narrados mas não resolvidos. Há que fomentar entre os espectadores o juízo crítico para que estejam alerta e não se deixem embalar pelo doce prazer da contemplação do simplesmente belo.

Peça ideal para um bom trabalho colectivo em que cada um assume parte activa, consciencializando-se dos problemas que vai denunciando, porque Fuenteovejuna é uma denúncia da tirania, da opressão exercida sobre os camponeses pelo Comendador feudal do séc. XV. O nosso propósito é que tu, companheiro desta função, ao terminar o espectáculo formule uma pergunta, e não mais descanses sem lhe encontrar a solução:

— Não haverá, no nosso tempo, espalhadas pelo mundo tantas Fuenteovejunas?

## o autor

Lope de Vega nasceu em Madrid, vivendo entre 1562-1635, numa época de profundas metamorfoses: primeiro a Europa rejuvenesce com os ventos do humanismo renascentista para logo de seguida ser vítima da história da Contra-Reforma. A Espanha de Lope é a Espanha de Carlos V e Filipe II, integrada na Casa de Austria, em que o poder ilimitado dos soberanos, tinha como sustentáculo a Inquisição, conduziu às arbitrariedades mais disparas e vários são os levantamentos populares na época. O território espanhol de quinhentos era dominado pela nobreza feudal, pelo clero católico e pelos funcionários régios que viviam da exploração colonial e da exploração dos camponeses semi-arruinados. O princípio determinante de toda a política desta época foi o do imperialismo que se alimentava essencialmente do fanatismo de ordem religiosa.

A ideologia espanhola do tempo de Lope de Vega é a da

Contra-Reforma definida pelo Concílio de Trento (1548). Precisamente por isso vamos encontrar certas contradições nas formas teatrais correspondentes como sucede em Fuenteovejuna. Lope paradoxalmente louva em simultâneo o poder popular e a autoridade régia inquisitorial. Ora, a contradição é, aqui, apenas aparente e justificável à luz histórica.

Lope de Vega, poeta lírico e dramático, idiológicamente apresenta uma certa isenção no que se refere ao apego às regras totalitárias do classicismo. Devido ao seu espírito fecundo, soube libertar-se também do formalismo cultista da época. A sua obra surge limada em relação à dos seus contemporâneos (Molina e Calderón de la Barca), não necessitando recorrer nem à fábula nem ao auxílio de forças sobrenaturais, buscou a temática das suas peças nas realidades vivas do tempo histórico. Os seus protagonistas são motivados por uma força humana e embora usem uma linguagem poética esta não desvirtua a simplicidade da fala quotidiana.

Apesar do seu teatro ter atravessado os anos sombrios de Filipe II não esmorece nele a fé na vontade humana. Lope de Vega busca uma ordem ideal para o mundo e apresenta um conceito de democracia idealista, no entanto sabe apresentar enredos bem urdidos, cheios de profundidade, assentes em situações de interesse colectivo.

## a encenação

Perante um texto tão rico de intenções humanas e teatrais, resolvemos tentar empregar nesta peça algumas das teorias Brechtianas: «Em vez da vivência e identificação estimuladas pelo teatro burguês, o público deverá manter-se lúcido em face do espectáculo, graças à atitude narrativa.

As emoções são admitidas, mas elevadas a actos do conhecimento. As emoções não implicam identificação com os personagens, não precisam ser idênticas às dos personagens. As emoções deles podem acrescentar-se ou substituir-se por emoções críticas ou mesmo contrárias em face do seu comportamento.

Utilizando praticáveis de construção sóbria, guarda-roupa apenas de dois tons — negro e castanho — luzes brancas, despidas de qualquer artifício, e movimentos de maior economia — os actores são ao mesmo tempo personagens e simples narradores.

Por isso o pai de Laurencia, por exemplo, tão depressa fala na sua voz alquebrada de velho, como se exprime, directamente para o público, na sua voz normal.

Legendas e letreiros tentarão ajudar a criar no público uma atitude crítica, perante os acontecimentos que se vão desenrolando no palco.

Em Fuenteovejuna não há personagens principais, mas sim um conjunto de gente que tenta reivindicar para si o que lhe parece justo.

Nesta tentativa de teatro narrativo, infelizmente ainda tão pouco usado entre nós, o TUP mais uma vez demonstra o seu admirável espírito de equipa e o seu amor e devoção pela causa do Teatro.

## personagens

FERNÃO GOMEZ, Comendador  
FRONDOSO  
LAURENCIA  
BARRILDO  
MENGO  
ESTEVAO, Alcalde  
JOAO ROJO  
ORTUNO  
FLORES  
O MESTRE DE CALATRAVA  
PASCUALA  
REI DOM FERNANDO

RAINHA DONA ISABEL  
CIMBRANOS, Soldado  
JACINTA, Camponesa  
DOM MANRIQUE  
ALONSO, Alcalde  
UM REGEDOR  
UM RAPAZ  
UM JUIZ  
LEONELO  
OS MUSICOS  
ALGUNS CAMPONESES

«Neste momento dramático do mundo, o artista deve chorar e rir com o seu povo»

GARCIA LORCA

chrys 1969Fuenteovejuna (2)

Na universidade conheci a Mia que foi um dos maiores amores da minha vida (já faleceu nos anos 80 por isso agora estaria viúvo...) Tratou-se de encontrar uma mulher que preenchesse todas as minhas necessidades afetivas durante os três anos seguintes apesar de à época estar noiva e, posteriormente, casada. Ainda recordo vividamente que numa noite de S. João fui com ela, alguns primos da minha família e amigos cear eram umas 5 ou 6 da manhã e depois andamos felizes a pé até casa sempre a cantar apesar de serem 7 ou 8 km. Esta foi uma fase afetivamente estável durante três anos com aquela que depois casou e eu deixei de pensar nela, mas acabamos por recomençar. Hoje, com esta idade mais avançada tais reminiscências trazem um sorriso aos olhos, quiçá mais irónico do que céptico. Tal como sempre fizera, nunca me arrependera de nada. Nem dos erros e asneiras que cometera, nem das decisões erradas ou intempestivas que tomara e que causaram sérios sacrifícios na sua vida e no seu bem-estar. Mesmo hodiernamente, sabendo-a já morta, tentava sem conseguir, recordar-se de cheiros, aromas e sabores dessa época. Nem sequer sabia já qual era o nome da fragrância francesa do perfume Givenchy que lhe comprava nesses anos. Foi uma fase que poderia ter sido retirada de qualquer filme francês, a preto e branco, mas com muita cor, passado na "rive gauche" do Sena. Como estudantes nos anos 60. Escapuliam-se para lugares recônditos, tomavam pequenos-almoços em sítios inesperados, havia mar, pinhal, montanha, algum estudo e bastante poesia, daquela poesia doentia, cheia de amor e de promessas, que só os amantes e os políticos conseguem materializar. Ela também estudava em Economia e terminamos o curso embora já estivéssemos separados há dois anos porque o marido regressara, entretanto do Ultramar, da ex-colónia de Angola. Depois de o marido chegar fui e ameaçado pela família dele e como nunca fui de violências desisti apesar de ela me continuar a telefonar regularmente e continuasse a querer estar comigo. Conheci, entretanto, a Bi R. que teve comigo um tórrido "affair" platónico, poético e literário, mas nunca consumado e que mais tarde casaria com um conhecido industrial do Porto. Também conheci a Helena (H C) com quem tive uma longa relação e que terminou no dia do casamento dela apesar de ter dançado com ela mais do que ela dançou com o marido. Víamo-nos muito e até fui a Castro Laboreiro ver a casa de família ao pé de S. Gregório. Creio que estas pessoas com o seu amor pela poesia marcam a minha fase de amadurecimento.



Naquele tempo as Queimas das Festas não eram ainda fábricas de monumentais bebedeiras. Embora ocorresse uma ou outra, as pessoas não iam lá especificamente para esse fim. Agora os caloíros e outros vão exclusivamente para se emborracharem até ao coma alcoólico.

Isso lembrava o sistema australiano de se embebedarem na quinta-feira, depois do trabalho e regressarem segunda-feira. Quando se lhes perguntava, se tinha sido um bom fim de semana, respondiam alegremente "deve ter sido, não me lembro de nada".

Evoque-se, a este propósito, vinte anos mais tarde, que numa das minhas inúmeras idas a Towal Creek (em Comara, Bellbrook, Nova Gales do Sul ao lado do MacLeay River), a minha quinta favorita, dos amigos Landers, levou o recém-chegado Jacko V. que ainda mal falava inglês. Depois de jantar vieram uns "jackeroos" e "jilleroos" locais e das redondezas (vaqueiros de ambos os sexos) beberem uns copos. Uma festa informal. De hora a hora, metiam-se nas suas utes (carinhas de caixa aberta) e lá iam percorrer 18 ou 20 km até ao bar da aldeia mais próxima para trazerem mais uma grade com 144 cervejas. Depois de o terem feito várias vezes, o ambiente era já quente dentro da casa e animado. Ao ponto de o Jacko já contar em língua portuguesa como pegava touros de cernelha e todos se rirem imenso. Tinha sido um verdadeiro sucesso, este seu amigo de Angola acabado de chegar à Austrália.

Fui deitar-me quando o ambiente já nada inspirava de educativo ou de sóbrio. O amigo, porém, decidira ficar até mais tarde. Não tendo tido o cuidado de conhecer a enorme casa, típica de criadores de gado, e já não havendo ninguém a quem perguntar onde dormir, foi espreguear os cantos da casa. Nas casas de banho encontrara gente de ambos os sexos em diferentes estádios de coma alcoólico. Nos vários quartos deparara com cenas semelhantes, exceto num, onde o filho dos donos da casa, o David estava de chapéu à cobói e botas de montar lidando com as vagas alterosas em cima duma Jill qualquer. Apenas se via o chapéu subir e descer. Ouvia-se arfar. O Jacko esteve para os interromper para indagar se aquilo era o "Australian Way". Conteve-se, mas na manhã seguinte, por entre a enorme ressaca dos sobreviventes, não parava de se rir a contar o evento. Esta quinta onde adorava ir ficava a mais de 700 km de Sidney. Sempre que podia lá ia passar um fim de semana prolongado. Guiava-se até Port Macquarie, na costa norte do estado (Nova Gales do Sul), seguia-se mais em frente rumo norte para Kempsey e fletia-se para o interior na rota das montanhas e de Armidale. A partir de Bellbrook, a estrada deixava o asfalto e passava a terra batida ou gravilha solta (hoje chama-se mesmo Towal Creek Road). Andavam-se 20 km até se chegar a um portão da quinta. Depois, passavam-se duas barreiras separadoras de gado, já dentro da propriedade, guiando-se por mais dez ou quinze minutos, até se chegar a um ribeiro onde tinham de esperar que os viessem buscar para atravessar de barco. Uma curta travessia já que o ribeiro não era largo nem muito profundo. Em época de cheias havia um segundo ribeiro a atravessar, caso contrário, o trator ou o pequeno camião tipo Unimog conseguia passar sobre as águas. Mais quinze minutos e chegava-se às casas da propriedade. A luz elétrica e a água já eram correntes, mas de fabrico local, um gerador e um sistema de extração de poços artesanais. Como locais eram a carne, o leite, o pão e outros produtos da terra e centenas de cabeças de gado. Havia cavalos bravos (brumbies) e outros, mais ou menos domesticado que podiam montar. O resto do gado bovino era guiado por matos ou cavalos dum pasto para outro. Era uma propriedade enorme, demorava horas a dar uma volta de jipe e não se via tudo. Há seis gerações que a família Landers ali estava estabelecida. Com as sucessivas secas (atualmente sofre-se a maior, desde há três mil anos), as crises da agricultura e baixos preços do gado acabariam por dar à exploração a enorme quinta. Com o avançar da idade dos progenitores estes eram incapazes de cuidar dela apenas com a ajuda dum dos filhos. Os restantes tinham ido estudar e não regressaram. Lá, como cá, o engodo das grandes cidades contribuiu para a desertificação. Mas não se pense que eram uns labregos estes donos da quinta, várias vezes os viram vestidos a rigor para irem assistir a concertos ou a óperas. Ninguém diria que as mãos escalavradas lidavam com a terra e com o gado no resto do ano.

Que diferença dos portugueses. Ainda assim, Towal Creek vive hoje na memória dos meus tempos áureos.

95.4. FINALMENTE A MAFADADA TROPA

Entretanto o espetro da tropa havia-se tornado numa realidade só adiada pela minha frequência universitária embora eu soubesse que era só uma questão de tempo até se concretizar. Em setembro de 1972 fui ao casamento do nosso parente, Marquês de Pico de Regalados e 5º Conde da Azenha, Dom Francisco Bernardo Almada-Lobo que casou com a Luísa Eugénia Sobrinho Simões (irmã do conhecido médico e prima direita da minha primeira mulher). Foi um dos meus últimos atos civis.



15 DIAS ANTES DA DESGRAÇA DA TROPA, NO DITO CASAMENTO DO DOM BERNARDO, VULGO O CHICO, SETº 72



Infelizmente, a 9 de outubro tinha a minha guia de marcha para a recruta (6 meses) em Mafra na EPI (escola prática de infantaria).

Em 9 outubro 1972 fui finalmente obrigado a regressar à realidade e entrei no antigo Convento de Mafra para seis meses de recruta, depois de terem falhado todas as tentativas para evitar entrar, graças a um problema congénito da coluna que herdei da minha mãe e me impede de fazer esforços físicos violentos. Foram seis meses de enormes dificuldades.

Vivia-se um intenso período anticolonial com as forças de libertação a infligirem pesadas baixas no exército colonial.

A disciplina era quase suportável, mas havia imensos abusos de poder por cabos e sargentos os quais seriam meus subalternos seis meses mais tarde.

Uma das coisas que mais me chocou foi a falta de higiene dos meus camaradas de armas, fossem eles advogados, médicos ou doutras ocupações da classe média ou média-alta.

A terapia ocupacional dos seis meses de recruta era difícil e por vezes desnecessariamente exagerada. Conforme eu havia previsto, logo que chegou a altura de fazermos marchas prolongadas havia o perigo de eu ficar paralisado como me acontecera já aos 16 anos em que andei a fazer prolongados exercícios de reabilitação, fisioterapia e termoterapia. Foi então que eu fiquei totalmente paralisado durante mais de 24 horas após ter caído mal num exercício do trampolim na aula de ginástica do liceu durante o 6º ano. Fui consultar os melhores especialistas de ortopedia para vir a descobrir que sofria de sacralização, lombarização das vértebras, espondilose e espondilolistese.

Pois bem em Mafra mal comecei a marcha, ainda não teria andado nem uns dez km ficara, de novo, paralisado e tiveram de mandar vir um helicóptero para me levarem ao Hospital Militar em Lisboa na Artilharia Um, onde creio ter permanecido durante duas semanas.

Doutra vez fui evacuado de jipe. Quando regressei a Mafra trazia a indicação de não poder carregar nem a mochila nem a G-3 e as minhas marchas limitavam-se a 3 km. Isto deu lugar à caricata cena de eu fazer um quilómetro de marcha com um cabo a carregar os 20 kg de equipamento, depois eu entrava no jipe de acompanhamento após fazer outro



quilómetro e assim sucessivamente. Isto causava grande inveja aos restantes recrutas. Ao fim de seis meses tive a distinta honra de ser o oficial com a mais baixa classificação que alguma vez se tinha graduado: 10,3 valores. Isto apenas porque não me podiam chumbar.

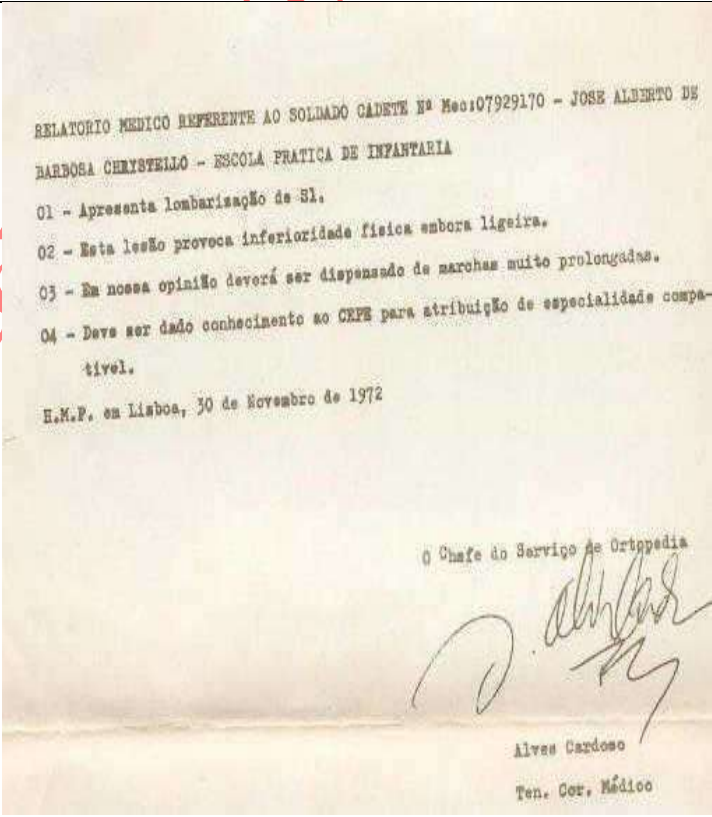
Nomes sonantes na minha recruta Zé Maria Eça de Queirós, Sachetti, Casal-Ribeiro, Rodrigo (Delfim) Ferreira, o meu primo Miguel Meira Gonsalves e tantos outros.



NO FINAL DA RECRUTA DE CADETES MILICIANOS EM DEZº 1972 – MAFRA (PRIMEIRA FILA, 2º A CONTAR DA ESQº)



O FIM DO 1º CICLO DE SOLDADO CADETE



Entretanto na frente de combate regressara a Tomar por duas semanas como Aspirante de Infantaria reclassificado em Aspirante de Intendência e finalmente transferido para Leiria como Aspirante de Secretariado e Administração Militar em abril 1973.

Foi aqui que pedi a minha licença de casamento e de lua-de-mel. Findas as curtas férias tive de regressar à base em Leiria, onde tinha como oficial superior um certo major, que dava pelo nome de Ernesto Melo Antunes (mais tarde bem conhecido do povo português) com o qual tive longas conversas e passeios à beira rio sobre a situação sociopolítica e económica do país, tendo feito aqui uma amizade profunda e lido alguns dos estudos das mudanças que ele preparava para o futuro, que ele acreditava iriam ocorrer nos próximos cinco anos. Os nossos longos passeios do Castelo em frente ao quartel até ao rio eram passados a falar e a filosofar.

Voltando a Leiria onde permaneci de abril a setembro de 1973 lembro-me de ser extremamente exigente com os subalternos, dar-me bem com o Melo Antunes e perder longas horas ao telefone com a I. Nos meses seguintes ao casamento travei uma luta titânica com um camarada de armas desconhecido, cada um de nós tentando evitar ser mobilizado para a Guiné.

Convém recordar que nesta altura a guerra de libertação havia ali atingido o seu auge com a população civil e mulheres de militares a serem evacuados para vasos de guerra ao largo da costa guineense, o que sucedia pela primeira vez em doze anos de conflito. Obviamente que nenhum de nós estava minimamente interessado em ir para as quentes plagas guineenses.

Foi então que recordei o que se passara em abril 1966, exatamente sete anos antes e creio que ainda não o mencionei. Fui convidado como primeiro estudante português para fazer parte dum Student Exchange com a Terra dos Mil Lagos, Finlândia. Ali se passaram cerca de 30 dias em Hämeenlinna no sul e em pleno circulo polar ártico em Rovaniemi mais a norte em todo o mundo.

O sol não se punha durante seis meses, motivo de saudade e angústia porque é difícil habituarmo-nos a ver o sol durante 24 horas. Dentro de casa superaquecida havia uma sauna e as pessoas andavam quase em traje de verão, mas cá fora estavam uns -30 °C capazes de gelar os ossos, qualquer que fosse o agasalho, no seio daquela gente hospitaleira. Quase todos falavam inglês e mantive durante anos o contacto com duas correspondentes daquelas paragens.

Já na semana do sul da Suécia a estudante era a única que falava inglês e a integração era mais difícil. Sítios a não perder eram os lagos em Turkuu, Hämina e tantas outras cidades cujos nomes ficaram no esquecimento.

Ora exatamente ao pensar no frio nórdico lembrava-me do seu oposto que era o calor da África para onde não queria ir. Havia um ramo do clã familiar Chrystello, há mais duma geração em Angola e sempre achei que se eles quisessem lutar contra os movimentos de independência o deveriam fazer, mas não eu e os restantes jovens do continente europeu.

A maior parte dos meus fins de semana era autorizado a passá-los em casa para estar com a minha mulher.



Apesar das cunhas e falcatruas o assunto da mobilização mudava de destino todas as semanas ao ponto do Comandante do RAL-4 (Regimento de Artilharia Ligeira n.º 4) me dizer que eu deveria ter grandes cunhas para estarem sempre a mudar a minha mobilização.


Em finais de agosto de 1973 sucedeu o imprevisto e o outro camarada (cujo nome eu nunca soube) acabara de se oferecer para ir primeiro e acabou por ir ele para a Guiné-Bissau.

Entretanto, um colega miliciano que devia ser louco varrido, o alferes Zé Sopapo como era afetuosamente conhecido que estava em Timor (e vim a conhecer fugazmente) pediu transferência para Angola e deixou uma vaga em Timor para mim....


Fui mobilizado e tive duas semanas de férias para me despedir da família com partida marcada para 17 setembro 1973.

95.5. PARTIDA PARA TIMOR

Éramos um grupo díspar de seis pessoas naquele voo, para além de ser a primeira vez que tropas portuguesas iam para Timor de avião. Íamos rumo ao Oriente exótico e desconhecido, mas a primeira noite seria passada em França onde dormimos num Hotel mesmo em frente às galerias Lafayette em Montmartre, hotel económico a umas centenas de metros do trottoir onde as senhoras da noite tinham o seu métier.



LES CHAMBRES



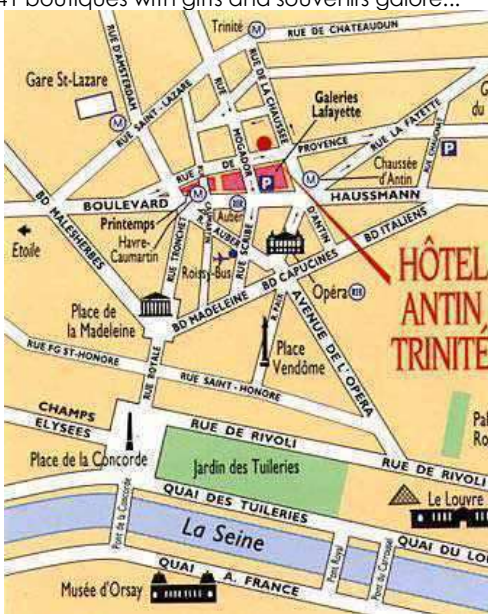
**HOTEL ANTIN TRINITE** ★★


74, rue de Provence 75009 Opéra Paris France

The name alone depicts all the charm of a quarter in the heart of Paris... From the hotel, you will find the Galeries Lafayette department store directly opposite, the Opera nearby and the Louvre Museum or Montmartre just a few minutes' stroll away. With its exclusive setting, the Antin-Trinité truly represents the elegance of a traditionally friendly atmospheric hotel. A hotel where courtesy prevails in the warm that we always offer along with a pleasant ambience in our 46 quiet and spacious rooms. A generous breakfast is served at the buffet or in your room with the morning papers. The attentiveness of a staff, with the personal touch are ready to be at your service.


The Hôtel Antin-Trinité is ideally located to offer everything you could ever need in discovering Paris. On the doorstep, a wide range of restaurants featuring every style of cooking and the very best in traditional French cuisine. The cafés and lively outdoor terraces will delight you as you wander through Paris. The theatres and cinemas bring you the latest shows and the famous Parisian night-life is waiting to enthrall visitors from all over the world.

When the time comes for shopping simply stepping out of the hotel uncovers hidden treasures - a pleasure you can't resist - the Main Department Stores, the Mecca of fashion, the perfume shops in the Opera quarter, the FNAC center a meeting place for literature, music and video buffs. Not to mention the gourmet food shops where epicures can find the finest regional delicacies France has to offer, and the new Passage du Havre featuring a shopping centre of 41 boutiques with gifts and souvenirs galore...

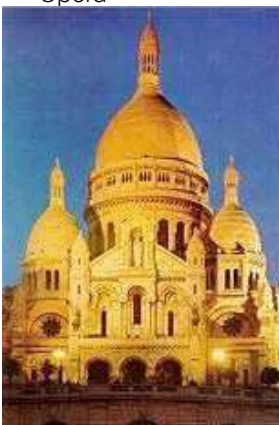




Galeries Lafayette



Opéra



Montmartre

Como já conhecia a cidade, levei alguns camaradas a jantar, mas tive de os controlar pois não sabiam que se tratava de vinhos franceses bem fortes e não estando habituados corriam riscos. Jantamos num pequeno bistro onde pude fazer as honras de *connaisseur* dos vinhos meus favoritos (Borgonha e Bordeaux). O jantar foi mesmo ao lado do hotel, a curta distância do Boulevard Haussman, e no “bistro” havia mesas de xadrez vermelho e branco tal como em alguns locais típicos portugueses daquela época. O vinho era servido em *carafes* de litro que se esvaziavam rapidamente. Se a “*nouvelle cuisine française*” já tinha sido inventada nem me recordo, pois o que serviram era em pratos de tamanho normal e com comida abundante e não os enormes pratos, sem comida nenhuma, que caracterizam aquela roubalheira da nova cozinha francesa.



Na manhã seguinte, quando me levantei, já todos estavam no autocarro que nos iria levar ao aeroporto de Orly. Fi-los esperar durante uma hora, observando-os da janela do 1º andar e pensando se os 16 contos que levava me dariam para sobreviver seis meses em Paris. Sim, porque eu já pensava havia muito em desertar, mas nem o meu pai nem o meu mecenas (que era o meu padrinho e administrador do Banco Totta & Açores) se haviam mostrado dispostos a condescender com essa fuga minha. Adorava Paris por já lá ter estado e tinha um medo incontrolado do desconhecido que me esperava em Timor. Inicialmente pensei que o meu pai (apesar de frustrado por não ter sido admitido para o serviço militar durante a Guerra, por ser demasiado magro) me poderia apoiar financeiramente nessa fuga escandinava ou para os Países Baixos ou mesmo para França para onde tantos conhecidos haviam já desertado. Pois bem foram esses pensamentos que me ocorreram durante essa longa hora em que não abri a porta a ninguém nem atendi o telefone interno. Decidi ir, pois tinha a certeza de que o meu pai jamais me apoiaria nessa fuga (para ele bem desonrosa) e descí para alívio dos restantes e consternação do senhor Neves, da Air France e nosso guia, que pensava que íamos perder o avião.

Apenas o capitão Manuel Alberto Santos Clara (um dos poucos militares que sempre respeitei e de quem me tornei amigo apesar de não o ver desde 1982 ou 1984) teve direito a primeira classe pois os restantes estavam destinados à classe económica, exceto eu que estava destinado (como sempre) a voos bem mais altos. Com a minha habitual descontração, e umas palavras bem sussurradas em Francês aliadas a um sangue latino quente, conseguiram que uma simpática hospedeira me levasse para o bar no 1º andar do Boeing 747 onde passei o resto da viagem a beber champagne francês e a apreciar as vistas magníficas do andar de cima do avião.

Fizemos uma paragem em Telavive onde entraram tropas israelitas que revistaram tudo e todos e até se deram ao trabalho de desmontar uma máquina de barbear elétrica minha. Foi a primeira vez que vi medidas de segurança semelhantes às que passariam a vigorar no resto do mundo após a queda das Torres Gêmeas em 9/11 (11 de setembro 2001). O cenário em volta era de guerra e havia aviões de combate na pista. Estávamos a duas semanas da Guerra dos Seis Dias.

Rumamos depois para Banguécoque, então uma pacata cidade asiática ainda não vítima do turismo de massas, onde na pista ruminavam búfalos de água e os quais era preciso afugentar à chegada de cada avião.

Na página seguinte um poema escrito naquela altura descreve melhor esta viagem. Até aqui a viagem fora ótima na companhia da hospedeira da classe económica que passou mais tempo comigo no luxuoso conforto daquele primeiro andar do que nas funções dela para espanto do futuro Major Santos Clara que tendo de facto direito à primeira classe estranhava a minha presença ali.

Mais tarde ficaríamos amigos, um dos poucos militares com quem me dei socialmente após o SMO (Serviço Militar Obrigatório). Em Banguécoque mudou a tripulação e eu perdi os meus privilégios e a companhia simpática da gaiata hospedeira parisiense. Aterramos então em Denpasar (Bali) na Indonésia onde me assustei com o tamanho das enormes baratas voadoras que pisávamos enquanto andávamos rumo ao terminal por entre o calor abrasador e húmido, semelhante ao de Banguécoque.

Daqui partimos num pequeno bimotor de oito lugares para o aeroporto “internacional” de Baucau pois que o de Díli não estava operacional por qualquer razão que não me ocorre. Apesar da beleza da trovoada e dos relâmpagos que não cansavam de iluminar milhentas ilhas vulcânicas do arquipélago a viagem fez-se sem grandes sobressaltos.

Não encontrei vestígios das cartas descritivas que então escrevi, mas ficou escrito o registo da primeira ida e da chegada a Banguécoque:

**EURASIAMENTE À VOL DE 747B**  
**I. DA EUROPA AO ORIENTE-DO-MEIO**

alando de paris logo passamos o azur da côte  
sem escândalos nem coroas arruinadas  
escarpas e praias despidas de homem  
nove mil metros restituem à natura  
impolutas ficções

(depois, o mediterrâneo é um lago semeado de grécias  
logo a seguir à itálica bota  
corfu vigia em tons de ocre  
em tempos creta foi nome de ilha  
na mitologia de zeus).

da turca ankara sobrevoámos izmir  
mandam-nos regressar  
estamos no oriente-do-meio  
a guerra volta dentro de dez dias  
e só dura seis

telavive é um amontoar branco de colinas  
um algarve deslocado  
na planície árida velhos aero-despojos  
entram comandos auto-metralhadorizados  
importunam  
espiam  
revistam

obrigados e silentes  
somos a abrasadora quietude do jumbo  
partiremos  
sempre mais tarde que previsto  
no deserto amarelecido qual alentejo  
repousam monstros de muitas lutas  
nos kibbutz labutam formigantes sionistas  
- este povo traz consigo o estigma  
da aniquilação  
própria e alheia  
cheira a morte. -  
cheiram a morte!

**II. A TERRA DOS PERSAS**

embaixo sorriem sombras  
minúsculos pontos rasgando a treva  
quilómetros de fantasmas ancestrais  
casas talvez brancas  
bairros de adobe

avenidas ocidentais  
mesquitas  
na poeira do cansaço  
um nome semimágico  
teerão  
a história do xá  
um povo sem voz  
à espera  
o silêncio compungido do imperialismo  
aterrámos lado a lado com estrelas ianques  
estranho porto no coração do petróleo  
persépolis foi há 2500 anos  
o mito de alexandre  
hoje.

### III INDIANA UNIÃO

a meu lado um saxónico cacareja  
o nojo imenso da miséria  
suja imundície  
estamos em delhi, a nova  
capital das castas  
ghandi morreu há muito e era mahtma  
indira é mulher e déspota ao que dizem  
país estranho de contrastes e civilizações  
dele guardo esconsas imagens  
fome e pobreza  
estamos no subcontinente da morte lenta  
aliviado respiro  
ao deixar o hindustão

### III. NO REINO DO SIÃO

é já dia  
     os arrozais me espreitam  
 verde o país  
     castanho é banguete  
 em plena pista búfalos pachorrentos  
     a banhos de lama  
 camponeses debruçados  
     nos pântanos colhem o arroz  
 pequenas árvores dividem o asfalto  
 chove lá fora  
     sob 42° C de sol  
 lufadas de calor húmido nos penetram  
 densa respiração no ar por condicionar  
 lentas formalidades num inglês arrevesado  
 a vida possui aqui uma lenta ritmia  
 todo o tempo nos espera  
 nas autoestradas camionetas com jovens  
     patrulhas militares  
 todos os veículos se cruzam dos lados todos  
 coloridos templos incrustados de pedrarias  
 ouro maciço de budas  
 descalços com cintos sagrados  
     nos embasbacámos  
 este o país do mistério  
     igrejas e fortes portugueses  
 memórias de tratados reais siameses e lusitanos  
 o mercado flutuante é uma cidade imensa  
 longos canais pútridos nesta veneza oriental  
 sente-se o aroma do dólar nas ruas  
     por entre golpes de estado adiados  
 a cem quilómetros se combate  
     é o apelo do futuro  
 os thais são simpáticos e ardilosos  
 milhares de anos de sabedoria a explorarem europeus  
 os preços função da nacionalidade  
 no faustoso erawan hotel  
     o luxo grandiloquente oriental  
     a sofisticada comodidade do ocidente  
 uma volta rápida pela cidade dos mil-e-um-templos  
 para lá das faces mudas  
     se encerra  
     o mistério  
     o convite  
     voltarei um dia.

#### IV. TIMOR

timor cresceu cercado  
lendas que a distância empolgou  
o sonho  
a quietude  
as 1001 noites do oriente exótico  
o sortilégio dos trópicos  
para o europeu  
chegar era já decepção  
desprevenido  
sobrevoa estéril ilha  
montes e pedras  
agreste paisagem sulcada  
leitos secos  
abruptas escarpas  
terra sem marca de homem  
esparsas cabanas de colmo  
será isto temor?  
o avião desce o vazio em círculos  
em vão os olhos buscam a pista  
por trás de um montículo imprevisto



se vislumbra o “T”  
e a torre de controlo dos folhetos de propaganda  
nunca existiu (naquele formato)  
a alfândega é o bar  
a sala de espera  
sob o zinco e o colmo  
isto é baucau  
aeroporto internacional  
a vila salazar dos compêndios  
que a história esqueceu  
uma turba estranha se amontoa  
à chegada do cacatua-bote<sup>5</sup>  
o patas-de-aço  
esta a cerimónia sagrada do deus estrangeiro  
descendo dos céus  
dia de festa para os trajes multicoloridos  
o contraste do castanho de sóis pigmentados  
cinco da matina  
e é já o pó e o calor  
o espanto mudo nas bocas incrédulas  
as formalidades aqui com sabor novo  
espera lenta e compassada  
séculos de futuro por viver  
antes que ele venha      antes não venha  
num barracão zincado uma velha bedford  
de carga com caixa fechada  
vidros de plástico sob o toldo puído  
pomposo dístico colonial  
carreira pública baucau-dili  
picada em terreno plano  
mar ao fundo  
baucau  
cidade menina por entre palmares  
densa vegetação tropical  
connosco se cruzam estranhos homens de lipa<sup>6</sup>  
galo de combate ao colo  
entre torsos e braços nus  
das ruínas do mercado se evocam  
desconhecidos templos romanos  
estrada n.º 1 até dīli  
sulcam-se abruptas as encostas  
ao mar sobranceiras  
ali se adivinham cristais multicolores  
em lugar de pontes se atravessam ribeiras  
enormes  
leitos secos  
o tempo as converteu em estradas de ocasião  
pedregoso solo  
cores indefinidas  
castanhos e verdes  
palapas <sup>7</sup> dissimuladas na paisagem  
imagens tristes de pedras e montes  
baías primitivas  
inconquistas  
praias de despojos e conchas  
paraísos insuspeitos  
as gentes de sorrisos vermelhos  
assusto-me  
não é sangue nas bocas gengivadas  
masca, mescla de cal viva e harecan<sup>8</sup>  
placebo psicológico da alimentação que falta  
um sorriso encarnado esconde a fome  
súbito  
por paisagens que só a memória  
sem palavras descreverá  
eis dīli  
a capital  
larguíssima avenida semeando o pó nas palapas  
casas de pedra com telhados de zinco  
na ponta leste chinas e timóres  
partilham a promiscuidade da pobreza  
dīli  
plana e longa  
a vasta baía antevendo imponente  
o ataúro ilha  
um porto incipiente  
a marginal desagua no farol  
construções coloniais pós 1945  
da guerra que ninguém quis  
dos mortos que os japoneses quiseram  
da neutralidade do país mãe calado e violado  
albergam chefes de serviço  
altas patentes militares  
sem guerras para lutar  
sem movimentos libertadores das gentes  
quinze quilómetros de asfalto  
três casas dantes da guerra grande  
aeródromo em terra batida  
um jipe de afugenta búfalo  
a rua comercial atravessa dīli senhora  
de leste a oeste  
espinha dorsal  
o centro  
o palácio das repartições  
o do governo

5 cacatua-bote ou patas-de-aço eram designações dadas pelos timorenses aos aviões  
6 lipa, saia de tecido colorido, típica, de origem malaia, os timorenses usam-na enrolada à cintura descendo até aos tornozelos.  
7 casas cónicas, quadradas ou retangulares em colmo  
8 folha de planta semelhante à do tabaco

perto um museu  
o seu nome ostenta o vazio  
riquezas sem fim  
seus governadores exportaram  
patriotas  
colonizadores de séculos com nada para mostrar  
um museu morto  
dois sinaleiros nas horas de ponta  
ociosos às portas dos cafés  
à noite transfiguram-se  
os bas-fond  
o texas bar  
da prostituição às slot machines  
o submundo  
a vida underground  
afogar esperanças em álcool  
sonhos há muito perdidos nunca sonhados  
restaurantes poucos  
melhor comida a chinesa  
bares espalhados pela cidade  
militares e álcool para calar distâncias  
um portugal dos pequeninos  
longínquo  
cada vez mais  
esquecido  
nunca  
perdido.  
1973 numa cidade sem vida  
morrendo nas cinzas  
próprias de cada noite  
por entre o silêncio e a voz triste dos tokés<sup>9</sup>  
o calor putrefacto  
por entre o voo alado das baratas gigantes  
carros poucos  
de dia só do estado  
motocicletas pululam por entre viaturas oficialmente pretas e verdes  
esperando mulheres de oficiais  
às portas dos cabeleireiros  
do liceu  
militares a pé  
em berliets ou unimogs  
chineses muitos  
dília é isto  
a desolação  
na parte alta da cidade o complexo militar  
barracas insalubres  
sob a sombra dos hospitais  
um civil um militar  
fresco e verdejante vale  
triste esta cidade  
pretensamente euro-africana  
palapas marginando ruas  
nelas vive o timor  
sem água nem luz  
dez ou quinze filhos  
que importa  
a miséria é só uma e a mesma?  
esta "a terra que o sol em nascendo vê primeiro"  
aqui as imagens  
e são já história  
não se repetirão  
aqui não daremos testemunho  
como transfigurar  
colónias pacíficas  
em palcos de guerra.

Mal chegamos a Timor vimos uma paisagem desoladora, árida e suja. Meteram-nos na traseira duma velha carrinha Bedford com bancos de suma-a-pau e toldo de lona durante umas épicas sete (7) horas rumo a Díli. A estrada mal se via, tantos eram os precipícios sobre a costa alcantilada.

Depois duma curta paragem na messe onde comemos e bebemos uma refeição ligeira eram cinco da manhã e o calor já apertava. Ia alto o sol.

A meio da viagem duns 400 km paramos para tomar outra refeição mais ligeira no pequeno quartel do Manatuto e chegamos à messe de oficiais em Díli pelo meio-dia. Nem queiram saber qual a cor do meu blazer azul e calças de linho brancas e as do major Santos Clara idem.

95.6. CHEGADA

Timor esteve sempre envolto em lendas e contarelos que só a distância pode criar. Em Portugal, Timor não passava de um sonho, a calma quietude das mil e uma noites, do Oriente exótico e dos sortilégios dos trópicos. Mas ao chegar, um Europeu só podia sentir a desilusão, de repente sobrevoando uma ilha aparentemente estéril, cheia de montes e pedras, um cenário rústico intersetado por ribeiras secas, altas escarpas abruptamente voltadas ao mar, uma terra devastada ecologicamente, sem sinais de vida ou a marca de civilização humana. Timor é de facto assim, com casas esparsas de bambu que se vislumbram por sob as asas do bimotor. O visitante questiona-se: "Como é isto possível? Será isto Timor? O pequeno avião desce em círculos concêntricos, e os passageiros – inquietos – procuram em vão um aeroporto que teima em não se mostrar. De súbito, por detrás de uma colina – que ninguém anteviu, por entre uma rotação brusca, aí está o pequeno "T" da pista. A torre de controlo dos panfletos turísticos não se vislumbra, os edifícios poeirentos com teto de colmo são a aduana, o bar e o salão de embarque. Este é o aeroporto internacional de uma Vila Salazar, mais conhecida como Baucau, que só existe nos textos de geografia dos liceus portugueses. Uma estranha urbe se aglomera cá fora. Este é o

9 espécie de lagarto sonoro, cuja idade se determinava pelo número de vezes que emitia o som toké.



espetáculo sempre indescritível da chegada do “cacatua bote (a grande catatua)” ou o “patas de aço”. Uma espécie de cerimónia a um deus estrangeiro descendo dos céus. As pessoas parecem assistir a esta manifestação sagrada como o começo de uma nova religião. As suas vestes multicores contrastam com os muitos sóis a que os séculos as expuseram. São apenas cinco da matina, poeirentas e calorentas.



AEROPORTO

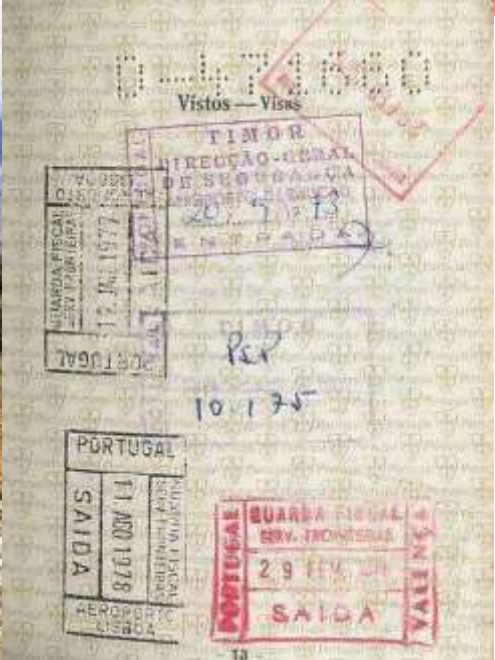


POUSADA DE BAUCAU

Como oficial miliciano da Intendência, e não como um profissional homem de armas, o autor sentiu-se como um dos muitos seguidores da Junta Militar ou Frente de Salvação Nacional, em Lisboa, forçado a escolher entre desertar ou sujeitar-se a dois anos de luta contra os movimentos de independência africana em Angola e Moçambique ou três anos de solidão nesta remota, mas pacífica terra.



CARREIRA PÚBLICA Díli – BAUCAU - Díli



Uma surpresa muda acompanha os esgares dos recém-chegados. Aqui, as formalidades têm um novo sabor, semelhante ao lento, mas rítmico compasso de espera das pessoas que nos esperavam, como se tivessem séculos de vida para viver. A alguma distância, uma velha camioneta Bedford com telhado de zinco, abriga-se do sol protegendo os velhos bancos de madeira, sob o pomposo sinal de Carreira Pública #1 Díli – Baucau.

A sinuosa estrada de montanha volve-se para o mar, descendo lentamente para esta cidade menina, Baucau, escondida entre as folhas dos palmeirais e luxuriantes florestas tropicais. Pela traseira da camioneta vislumbram-se novas imagens de uma terra morta à nascença. Cruzamo-nos com homens vestidos com uma lipa<sup>10</sup> estreitando galos de luta entre os seus braços nus e o torso, enquanto caminham.

Baucau tem algumas casas de pedra, para além das de terra e adobe, e o aspeto exótico da sua população colorida. Das ruínas do mercado evocam-se templos romanos desconhecidos. Uma curta paragem para uma sandes e limonada na messe do quartel-general local, em frente à piscina da Pousada, que subitamente parece estar deslocada no tempo e no espaço. Logo a seguir estamos de regresso à estrada n.º 1 Baucau - Díli.

Encostas escarpadas, a pique sobre um mar de corais brancos. A picada de montanha, por vezes aproxima-se tanto do abismo que os nossos corações entram em animação suspensa. Ao longo do caminho vamos atravessando leitos secos de ribeiras que o tempo, a incúria dos homens e os elementos converteram em estrada de ocasião.

O chão de gravilha, por vezes apenas pedregoso, a cor indefinida entre o castanho e o verde, as palapas<sup>11</sup> disfarçadas por entre a vegetação, tudo serve para propiciar uma imagem de pedras e colinas. As baías, primitivas e inconquistas por barcos de qualquer tamanho ou tipo, as praias cheias de conquilhas e outros destroços das ondas, revelam paraísos insuspeitos.

É difícil ver os nativos e os seus sorrisos abertos. Engasgo-me espantado, mas não é sangue que jorra dos seus lábios, apenas a masca: uma mistura de cal e harecan.<sup>12</sup> Mastigá-la é um placebo psicológico para a comida que não existe. (em janeiro 1998 ouço o José Ramos Horta a apelar à solidariedade internacional para debelar a fome que ainda grassa no território). Os sorrisos vermelhos escondem fomes de séculos.

De súbito, após passar e deixar para trás vilas e aldeias que só a memória despalmada pode recordar, eis Díli: 212 km e onze horas mais tarde. Uma avenida extremamente larga espalha a poeira pesada por sobre o colmo das palapas vizinhas e por algumas casas de cimento com teto de zinco. Ao entrar em Díli, por leste, podiam ver-se os chineses e os timorenses a partilharem a promiscuidade criada pela falta de estruturas urbanas adequadas.

Díli é uma planície que se espraia por um mar espelhado como um lago, com uma baía majestosa acentuada pela sombra imponente da ilha do Ataúro. Um porto incipiente abriga uma lancha (que raramente podia sair para a água) onde flutua uma bandeira portuguesa. Uma longa avenida acompanha a marginal costeira de Díli, terminando no bloco residencial do Farol, onde as vivendas coloniais construídas depois da 2ª Grande Guerra abrigam os chefes de

10 Lipa - tipo de vestuário usado por ambos os sexos enrolado da cintura para baixo  
11 palapas: casas tradicionais, de colmo com teto circular.  
12 Harecan: uma folha vegetal, tipo folha de tabaco



departamento e os escalões superiores do exército colonial. Por esta época, Díli dispunha apenas de 16 quilómetros de asfalto esparsamente distribuídos por pequenas, e poucas estradas e ruas da capital. Três casas apenas sobreviveram à devastação nipónica da Grande Guerra. No aeroporto um *Land Rover* limpava a pista dos pachorrentos búfalos, das vacas balinesas e porcos selvagens. A principal artéria comercial atravessa Díli de ocidente a oriente, através do centro comercial, espinha dorsal da capital, e onde se alberga o Palácio do Governo (um imponente edifício pomposamente denominado Palácio) e o Museu cujo nome ostenta o vazio de todos os tesouros exportados por anteriores governadores e colonizadores, ao longo dos séculos.

Um museu vazio, dois polícias sinaleiros nas horas de ponta, e poucas pessoas pachorrentamente sentadas nas esplanadas. É ali que, à noite podemos encontrar os verdadeiros *bas fonds*<sup>13</sup> de Díli, não só as prostitutas locais, mas também as máquinas de póquer e as slot-machines. O submundo, a vida subterrânea, o afogar de esperanças e sonhos há muito esquecidos, uns poucos restaurantes servindo comida chinesa, bares como o “Texas” e a “Tropicália” onde os soldados e a bebida silenciam uma progressivamente maior distância de Portugal, a saudade, o desespero e outras maleitas.

Díli, setembro 1973, uma cidade sem vida, morrendo devagar nas suas próprias cinzas, por entre o silêncio e a triste voz rítmica dos tokés, o calor pútrido e o voo alado das gigantescas baratas.

Durante o dia podiam-se ver alguns, dos poucos carros particulares, e muitas viaturas oficiais com a sua típica cor negra. Inúmeras motorizadas circulavam por entre os jipes do exército conduzidos pelos motoristas militares que esperam pacientemente frente ao liceu ou ao cabeleireiro as esposas, tornadas professoras de liceu, dos oficiais do exército portugueses. Estarão mesmo no liceu, na escola primária ou no cabeleireiro? O pessoal militar a pé ou nas Berliets e Unimogs. Por entre os timorenses, veem-se chineses. Díli é isto, a desolação.

Nas colinas num local para esquecer, como relíquia de uma guerra perdida, estavam as instalações militares com o seu quartel-general e os barracões insanitários. Pode ter sido um ótimo local duzentos anos antes, bem abrigado pelas montanhas circundantes, mas a sua localização estava fora do seu tempo e espaço. (Dizem as lendas que em 1973 – pouco antes de eu chegar – o José Ramos Horta querendo provar a indefensabilidade e exposição de vulnerabilidade do QG assaltara uma sentinela para alertar exatamente para a sua fragilidade). Quinhentos metros acima do nível do mar, num local proeminente abrigado pela densa vegetação estavam os dois hospitais: um pequeno grupo de edifícios mais modernos para os civis, outro edifício mais antigo para os militares apenas dispondo de uma dúzia e meia de camas. Esta cidade pretensamente europeia é triste. As palapas, crescendo para os passeios quase inexistentes, albergam os timorenses que ali vivem sem luz elétrica, sem água encanada nem esgotos. Dez ou quinze crianças brincando em volta alheias a tudo. Que lhes interessa se a miséria é a mesma, será sempre a mesma? “*Esta é a terra que o sol, em nascendo, vê primeiro*”, a insígnia oficial proclama bem alto do escudo e brasão de armas do então Timor Português. Com isto, eu lego as imagens e as palavras. Elas fazem já parte integrante da História e não se irão repetir num milhão de anos. Isto presenciámos: como transfigurar pacíficas colónias do Pacífico em cenários de guerra e morte.

95.7. DILI – BOBONARO SETEMBRO DEZEMBRO 1973



ESTRADA DE BOBONARO



BOBONARO MESSE

MESSE E PICADEIRO BOBONARO



NAS MONTANHAS DE BOBONARO

AERÓDROMO DA MALIANA COM AVIÃO DOS TAT (TRANSPORTES AÉREOS DE TIMOR)

13 Mundo subterrâneo.



Tudo era diferente e estranho. Dei logo baixa ao Hospital Militar no mesmo dia ou no dia seguinte a queixar-me de fortes dores de costas. Aí permaneci no alto daquela colina fresca e verdejante a observar as queimadas dos nativos e fruindo da bela vista para o mar e a ampla baía de Díli. Ao fim de duas semanas fui obrigado, contra os meus protestos, a ir destacado para a montanha, 120 km a sul, para o EC5, Esquadrão de Cavalaria de Bobonaro, onde fui colocado.

De nada adiantou tergiversar, que a viagem me ia matar, pois não havia avião para Bobonaro e eu tinha mesmo de ir no meio de transporte existente. Se a estrada #1 Baucau Díli era má e atravessava ribeiras onde deveria haver pontes, mas não estavam lá porque tinham caído com as últimas chuvas, esta estrada de montanha que passava pela Maliana (centro arrozeiro e cafezeiro) tinha sido construída pelos japoneses durante a sua ocupação de Timor na 2ª Grande Guerra.

Não estava nas mesmas condições em que os japoneses a tinham deixado, mas bastante pior, devido aos deslizamentos de terras, aos estragos de mais de 30 anos e à falta de melhoramentos. O transporte era feito numa Mercedes Berliet e eu ia por cima dos mantimentos trimestrais ao sol, sem proteção do calor e do pó. Uma viagem épica com a pausa agradável na Maliana onde deu para dormir uma curta sesta no chão de cimento fresco e após um almoço no destacamento militar local. A vila de Bobonaro consistia principalmente duma rua comprida que terminava nos aquartelamentos militares, a messe e uma pista de cavalos (chamar-lhe hipódromo seria demasiado) havendo apenas meia dúzia de casa em pedra com as restantes palapas de colmo com uma ou duas casas locais tipo palafita que eram casas sagradas ou lulic.

Aí permaneci até dezembro quase sem falar com os restantes dez oficiais, sendo que um deles de apelido Monge era tão malcriado comigo, que depressa me foi instaurado um burlesco processo disciplinar pelo meu superior local, capitão Careano (não me defendi dum ataque físico dum oficial mais graduado e não soube evitar que o mesmo acontecesse) o que me valeria oito dias de detenção no meu quarto que partilhava como capelão, um jovial Padre Domingos. Sou agredido e castigado por não ripostar? Foi uma fase bem difícil. Os reabastecimentos eram de três em três meses e o correio normalmente só vinha uma vez por mês. O telefone de campanha mal dava para se conseguir contactar com Díli. Todos os dias escrevia à I mas raramente recebia cartas dela, embora amiúde recebesse cartas semanalmente enviadas pelo meu pai.

Foram tempos de desespero e de raiva e que apenas a compaixão e calma paciência do cirurgião Gomes da Silva e da mulher, também médica, iam amolecendo até chegarmos à época de Natal. Foi então que finalmente vi ser-me autorizada a almejada transferência para Díli para a Chefia dos Serviços de Intendência onde passo a ser o segundo oficial mais antigo, logo após o Chefe de Serviços. No regresso de Bobonaro, fomos de Unimog ou jipe (não me recordo) até à Maliana e aí apanhei o pequeno avião para a curta viagem até Díli. Mal cheguei a Díli instalei-me no Hotel Turismo, o único digno desse nome onde ficaria umas semanas. Após a minha transferência consegui na noite de 24 de dezembro 1973 estabelecer contacto via telégrafo com a minha mulher que me avisou não estar interessada em ir para Timor e admitiu estar envolvida com outro. Vi e saliento a palavra vi as primeiras brancas surgirem no meu cabelo nessa noite. Bebi em excesso nessa noite de Natal. Havia sempre a desculpa de o calor apertar e os Gin Tonic serem bons para combater a malária (paludismo).

Diziam até que eram melhores que o quinino.

## 95.8. EM DÍLI de abril a novembro 1974

Logo que pude procurei onde viver. Mudei-me para a minha primeira casa em Díli, em plena Rua Comercial, em frente ao Vu Vi Vong (grande loja de ferragens). Situava-se num conjunto de, salvo erro, três apartamentos no mesmo prédio térreo onde estava a companhia de prospeção petrolífera, a Timor Oil (Oceanic ou Ptero-Timor) à face da rua.

*Mandei fazer uns armários improvisados, uma mesa de madeira preta e quatro cadeiras, mais quatro cadeirões de rota e outra mesa na sala de estar, compunham o ambiente. Aquilo até parecia uma casa. Estivera naquela casa uns poucos meses antes de me mudar para a "Sota", num dos três apartamentos desta loja comercial e livraria, em Lecidere.*

Estive nesta casa da PetroTimor uns meses antes de me mudar para a "Sota", num dos três apartamentos que esta loja comercial e livraria tinha no Largo de Lecidere.

Iria conhecer bem em Díli, a célebre Praia da Areia Branca, de águas bem quentes. Depois iria aos montes, ali bem por cima da baía, até Dare ver o Seminário onde estava uma placa em homenagem aos Portugueses de antanho. A vista de espantar faria qualquer ocidental perder a vocação religiosa...Daria mais uns passeios para nor-noroeste, pela costa até Liquiçá. Até às lagoas de Tassitolo, infelizmente mais tarde celebrizadas por virem a ser uma vala comum dos assassinados pela Indonésia.

A praia da Areia Branca a uns 3 ou 4 km de Dili (de todas, esta era a sua favorita) era um espanto. As suas águas entre os 24 e os 33 °C. tinham duas barreiras naturais de coral a separar a baía do mar alto, naquela meia-lua coroada por montes (onde agora termina o Cristo-Rei de gosto duvidoso que os indonésios mandaram erigir durante a sua ocupação). Dentro de água havia uma cavidade, já perto do areal, com mais de dez metros de profundidade. Constava que ali teria caído uma bomba japonesa no decurso da 2ª Grande Guerra. Nunca me aventurara mais do que a um metro ou dois de profundidade. Dizem os peritos que havia tubarões na baía da Areia Branca, mas não me recordo de os ter visto. Por vezes, na maré-alta, passavam ou saltavam da primeira para a segunda barreira de coral que havia na baía, mas durante a minha estadia nunca vira nenhum. Vira, sim, pequenos crocodilos de água salgada (ou seriam de água doce?) ao pé da sua casa em Lecidere. Nem se recordava se era depois duma enxurrada ou antes, mas que eram pequenos eram.

*São parentes dos "saltwater crocodiles (Crocodylus porosus)", da vizinha cidade australiana de Darwin, onde atingem facilmente 4 metros (ou mais) de comprimento. Ultrarrápidos no ataque vivem entre a água doce e a salgada. Existem desde há 200 milhões de anos. São dos mais velhos sobreviventes e espécie protegida.*

Uns anos mais tarde, em 2007, diziam que não havia crocodilos na costa norte.

*"Raramente aparecem..., mas apareceu um crocodilo na Areia Branca, Díli. As instruções eram: «Quando o virem para lá do coral, nadem. Quando o virem mergulhar, saiam da água». A coisa resultou durante uns tempos. Os polícias portugueses queriam dar-lhe um tiro, mas os timorenses diziam que nem pensar, era o avô deles, até que os militares australianos, mais experientes nestas coisas de crocodilos de água salgada, foram capturar o bicho. E afinal não era só um, mas três..."*

Hoje, tornaram-se uma praga e o governo não decide o que fazer com eles, que chegam já ao quebra-mar em frente ao Palácio do Governo. Mas continua a haver timorenses que os alimentam a frango, depois admirem-se. Já houve mortes nestes últimos anos.

*O crocodilo é um animal sagrado para os timorenses. A ilha de Timor tem, supostamente, a forma de um crocodilo. Todas as comunidades têm lendas sobre o aparecimento do primeiro homem sobre a terra, para criar o seu clã ou tribo.*

"Disseram, e eu ouvi, que desde há muitos séculos um crocodilo vivia num pântano. Este crocodilo sonhava crescer, ter mesmo um tamanho descomunal. Mas a verdade é que ele não só era pequeno, como vivia num espaço apertado. Tudo era estreito à sua volta, somente o sonho dele era grande.

O pântano, é bom de ver, é o pior sítio para morar. Água parada, pouco funda, suja, abafada por margens esquisitas e indefinidas. Ainda por cima, sem abundância de alimentos ao gosto de um crocodilo. Por tudo isto, o crocodilo estava farto de viver naquele pântano, mas não tinha outra morada. Ao longo do tempo, milhares de anos, parece, o que ia valendo ao crocodilo era ele ser grande conversador. Enquanto estava acordado, conversava, conversava... É que este crocodilo fazia perguntas a si mesmo e, depois, como se ele próprio fosse outro, respondia-se-lhe. De qualquer maneira, conversar assim, durante séculos, gastava os assuntos. Por outro lado, o crocodilo começava já a passar fome. Por dois motivos: primeiro, porque havia naquele charco pouco peixe e outra bicharada que lhe conviesse para refeição; segundo, porque só muito ao largo passava caça de categoria e tenra: cabritos, porquitos, cães...

Muitas vezes, exclamava: "Que grande maçada viver com tão pouco, e num sítio destes!

"Tem paciência, tem paciência..." dizia a si próprio.

"Mas viver de paciência não é coisa que alimente um crocodilo" – recalcitrava-se-lhe.

Naturalmente que tudo tem um limite. Incluindo a resistência à fome. E o crocodilo entrou a sentir uma fraqueza que lhe quebrava o ânimo e o definhava. Os seus olhos iam-se amortecendo e já quase não podia levantar a cabeça e abrir a boca.

"Tenho de sair deste lugar, e procurar caça mais além..."

Esforçou-se, galgou a margem e foi ganhando caminho através do lodo e, depois, da areia. O sol estava a pino, aquecia a areia, transformava todo o chão em brasas. Não havia safa, o crocodilo perdia o resto das suas forças e ia ficar, ali, assado.

Foi nesta altura que passou um rapazinho que exprimia os seus pensamentos cantarolando.

"Que tens Crocodilo, Ah! como tu estás?! Tens as pernas partidas, caiu-te alguma coisa em cima?"

"Não, não parti nada, estou completamente inteiro, mas, apesar de ser pequeno de corpo, há muito não aguento com o meu próprio peso. Imagina que nem forças tenho já para sair deste braseiro."

Respondeu o rapazinho: "Se é só por isso, posso ajudar-te" e, logo de seguida, deu uns passos, carregou o crocodilo e foi pô-lo à beira do pântano. No que o rapazinho não reparava, era que, enquanto carregava o crocodilo, ele se animava ao ponto de arregalar os olhos, abrir a boca e passar a língua pela serra dos seus dentes.

"Este rapazinho deve ser mais saboroso do que tudo o que provei e vi em toda a minha vida" – e imaginava-se a dar-lhe uma chicotada com a cauda para adormecê-lo, e, depois, devorá-lo.

"Não seas ingrato" – diz-lhe o outro com quem ele conversava e era ele mesmo.

"A fome tem os seus direitos".

"Isso é verdade, mas olha que trair um amigo é um ato indigno. Este é o primeiro amigo que tens."

"Então vou-me deixar ficar na mesma, e morrer à fome?"

"O rapazinho fez-te o que era preciso, salvou-te. Agora, se quiseres sobreviver, trabalha e procura alimento."

"Isso é verdade..."

E quando o rapazinho o poisou no chão molhado, o crocodilo sorriu, dançou com os olhos, sacudi a cauda e disse-lhe: ""Obrigado. És o primeiro amigo que encontro. Olha, não posso dar-te nada, mas se pouco mais conheces do que este charco, aqui, tão à nossa vista, e se um dia quiseres passear por aí fora, atravessar o mar, vem ter comigo..."

"Gostava mesmo, porque o meu sonho grande é ver o que há mais por esse mar fora."

"Sonho? Falaste em sonho? Sabes, eu também sonho.." arrematou o crocodilo.

Separaram-se, sem que o rapazinho sequer suspeitasse de que o crocodilo chegara a estar tentado a comê-lo. E ainda bem. Passados tempos, o rapazinho apareceu ao crocodilo. Já quase o não reconhecia. Via-o sem sinais das queimaduras, gordo, bem comido...

"Ouve, Crocodilo, o meu sonho não parou, e eu não o aguento mais cá dentro".

"O prometido é prometido. Aquele meu sonho... Mas com tanta caça que tenho arranjado, quase me esquecia dele. Fizeste bem em vir lembrar-mo. Queres, agora mesmo, ir por esse mar fora?"

"Isso, só isso, Crocodilo."

"Pois eu, agora, também. Vamos então."

Ficaram ambos contentes com o acordo. O rapazinho acomodou-se no dorso do crocodilo, como numa canoa, e partiram para o alto mar. Era tudo tão grande e tão lindo! O mais surpreendente para os dois, era o próprio espaço, o tamanho do que se estendia à sua frente e para cima, uma coisa sem fim. Dia e noite, noite e dia, nunca pararam. Viam ilhas de todos os tamanhos, de onde as árvores e as montanhas lhes acenavam. E as nuvens também. Não se sabia se eram mais bonitos os dias se as noites, se as ilhas se as estrelas. Caminharam, navegaram, sempre voltados para o sol, até o crocodilo se cansar.

"Ouve-me, rapazinho, não posso mais! O meu sonho acabou..."

"O meu não vai acabar..."

Ainda o rapazinho não tinha dito a última palavra, o crocodilo aumentou, aumentou de tamanho, mas sem nunca perder a sua forma primitiva, e transformou-se numa carregada de montes, florestas e de rios.

É por isso que Timor tem a forma de crocodilo."

Em tempos imemoriais, Timor era uma sociedade onde não havia dinheiro e a fortuna de cada indivíduo era aferida pelo gado que possuía: cavalos, búfalos, cabras, porcos, assim como ouro e prata. Os animais não eram utilizados para a alimentação, pois havia um uso mais importante para eles: em vida, eles mostravam quão bem-sucedida uma pessoa fora e, em morte, muitos animais eram sacrificados para uma festa que servia para enviar a alma para os céus. Os animais NUNCA eram sacrificados como tributo religioso, mas como comida para os convidados. Havia festas para celebrar nascimentos, onde a proporção era sempre correta entre familiares diretos (ou consanguíneos) e os familiares da outra parte (sogros, cunhados, etc.)

A maior parte dos casamentos era arranjada para uniões políticas e não por razões mais prosaicas como a compatibilidade entre dois seres humanos, ou amor. Num batizado, os convidados bem podiam ser de outra parte da ilha, de outra tribo ou clã. Estas festas e reuniões serviam para cimentar as obrigações que cada aliança política impunha em cada tribo ou clã, servindo para manter a paz entre as comunidades e dentro de cada uma.

Na época do cultivo, havia cerimônias especiais para aplacar a ira dos KLAMAR e assegurar-se de que o KLAMAR guardião sabia que as sementes estavam a ser plantadas no ventre da Terra Mãe. Assim, o guardião KLAMAR poderia garantir que elas eram frutuosas. Se a plantação era feita com as primeiras chuvas e, depois, não chovia, dizia-se que os espíritos maus haviam morto a alma das plantas e não que o agricultor havia cometido o erro de fazer o plantio demasiado cedo. Na época das colheitas era sempre uma azáfama para conseguir colher tudo antes de os ratos comerem a colheita do ano. Os ratos eram, é óbvio, obra dos espíritos malignos. O mesmo se dizia se as plantas tivessem doença, ou falhassem a sua missão por qualquer razão, tal como o excesso de chuva. A casa em Timor (UMA) representa muito mais do que o mero local para habitar. As religiões animistas não dispõem de igrejas ou capelas, razão pela qual as casas são bem melhores para fins religiosos. Uma casa tradicional assentava em dois pilares ou alicerces. Um deles representa o sexo masculino e o outro, o feminino. Em Timor, tudo existe aos pares. As casas estão divididas em duas partes, e numa delas a mulher é suprema. Como a casa tem este significado religioso, a mulher é muitas vezes a cabeça da família (e, isto bem antes do extermínio masculino dos anos 70 e 80, pelos indonésios) em termos religiosos. No pilar feminino penduram-se os sacos tecidos pelas mulheres, onde repousam as placentas secas dos ocupantes das casas. Tais sacos devem acompanhar cada pessoa através de toda a vida. Caso tal não aconteça, essa pessoa deixa de estar protegida contra os KLAMAR, e não pode regressar à Terra Mãe como uma pessoa completa na altura da morte.

Todos os desastres são aceites com um fatalismo natural, como derivados do trabalho dos espíritos maus. Até mesmo os acidentes são atribuídos a fetiches ou invasões de espíritos. Foi sempre assim, o que permitiu aos timorenses suportar as maiores desgraças e calamidades, e continuarem a seguir as suas vidas como se nada de anormal se tivesse passado. Isto foi visível nos anos que se seguiram à invasão e domínio indonésio. A importância dada a combater os efeitos do Klamar leva muitos timorenses tradicionais a mudarem de nome, a fim de os KLAMAR não saberem onde eles estão e não há ninguém capaz de os convencer a voltar ao antigo nome. Isto era extremamente desconcertante para os portugueses quando efetuavam o recenseamento bienal. O casamento, e em especial a preparação deste, consumia imenso tempo e cerimónia. O método usual era por HAFOLI (literalmente: fixação do preço) em que os intermediários (normalmente, um Katuas escolhido pela família) demoravam, pelo menos, um ano a estabelecer todas as condições contratuais da aliança. As oferendas apropriadas iam sendo passadas, de parte a parte, à medida que os termos do acordo iam sendo fixados. Em cada estádio do processo um/a LIA NA'IN recitava longos excertos de poesia DADOLIN (versos de duas linhas), dando a ênfase à aliança com a outra parte. Uma Lia Na'in da outra parte faria idêntica declamação, enquanto os convidados iam comendo o que fora oferecido pelos parentes do noivo.

Depois de todos os termos da aliança conjugal terem sido discutidos e acordados, e as oferendas iniciais passadas de uma parte a outra (búfalos, cavalos locais (kudas), ouro e prata pela família do noivo; cabras, porcos e tecidos por parte da noiva), os dois jovens podiam começar a coabitar numa base noturna em casa dos pais da jovem. O único rito de casamento era a consumação do mesmo. Em tempos idos o casamento era levado a sério. Primeiro, o futuro noivo pedia autorização aos pais da futura noiva para casar. Depois, os Katuas decidiam se ele era ou não apropriado como candidato a fazer parte do clã (ou como praticante do sacerdócio da Mãe Terra). Apenas homens e mulheres casados podem tomar parte em todos os ritos religiosos e segredos do clã. Quando os Katuas decidiam que o jovem não era apropriado ou conveniente, terminavam ali os preparativos iniciáticos para o casamento. atualmente as coisas já não se passam assim. A partir de 1975 cada jovem toma por mulher quem ele muito bem entende, sem ter de a barlaquear, nem seguir as cerimônias. A isto chama-se HAFE. Ao contrário da civilização ocidental, e, tal como de facto é bastante comum nas culturas orientais, o casamento entre primos diretos não é desprezado, desde que os noivos sejam filhos de um irmão e irmã. Se os noivos forem filhos de duas irmãs ou irmãos, o casamento é totalmente vedado.



A escravatura existiu até 1975, mesmo apesar de proscrita e negada pelas autoridades portuguesas. Os jovens, de ambos os sexos, eram vendidos como ATAN (escravos) para efetuarem serviços não-remunerados de criados (KREADO, aquele/a que cuida de bebés) e não dispunham de liberdade para abandonar a família. Os seus donos ou patrões eram responsáveis pelo seu bem-estar, e, de uma forma geral, mesmo durante a ocupação portuguesa e em especial até à 2ª Grande Guerra, eram tratados condignamente e, em muitos casos, faziam parte integrante da família, pelo que era normal ao tornarem-se adultos casarem com a filha do patrão de que haviam cuidado ao crescer. Os Timorenses têm uma deferência muito especial para com a morte, altura em que as virtudes dos falecidos são contadas ao mundo dos vivos com todos os detalhes, por aqueles que veneram tal falecimento. A morte de um ente querido, importante no seio do clã, criava um vácuo que necessitava ser rapidamente preenchido. Isto demorava longas horas de conversações e negociações entre os Katuas do clã, que tentavam encontrar a pessoa certa para preencher esse vazio. Por vezes, não existia dentro de um grupo ninguém capaz de ocupar a posição vaga, pelo que se tornava necessário recorrer a alguém de uma tribo vizinha. Em situações extremas, podia até acontecer que o clã se repartisse em dois. Quanto à morte e dívidas do falecido, passado um ano sobre a morte, os familiares e todos aqueles que eram credores ou tinham uma aliança com o falecido eram convidados para uma Cor Mêta (KORE METAN) ou celebração pela partida, no local onde a alma do falecido havia emergido do ventre da Mãe Terra. Muitas das dívidas eram pagas pela própria preparação da festa. Os convidados enchiam-se de tudo o que era bom de comida e TUAKA (vinho de palma). Estas festas duravam uma semana de danças na qual eram contadas histórias sobre as virtudes dos falecidos.

Das recordações ao chegar em 1973, lembrava-me também dos curiosos caranguejos, castanhos, esverdeados, ou azuis, minúsculos, que ao pôr-do-sol saíam das profundezas da areia húmida (onde ninguém os pisara, vira ou pressentira durante o dia) para encetarem mais uma marcha não se sabe para onde. Eram centenas ou milhares numa manobra de precisão militar que a natureza orquestrara há séculos e se repetia diariamente. Teria de estudar mais tarde este fenómeno.

Depois de alguns artigos que enviei de Bobonaro, escritos para o jornal local, sou nomeado Editor-chefe de "A Voz de Timor" em fevereiro 1974. O jornal de tiragem semanal reduzida tinha quatro páginas apenas numa terra onde a rádio emitia umas duas ou três horas ao dia, onde a TV não tinha chegado e os telefones eram um luxo de que alguns tinham ouvido falar, mas poucos tinham visto. Havia, desde há bem pouco tempo, a Rádio Marconi para se ligar para o resto do mundo através dum cabo submarino que permitia um contacto telefónico de má qualidade e irregular.

Lembro-me de ter escrito um artigo sardonicamente crítico das eleições para a famigerada Assembleia Nacional em que a minha sátira mordaz foi entendida pelos apaniguados do regime (como o secretário do governador, José Joaquim Espiga Tomás Gomes), como sendo exemplificativa do apoio generalizado que as novas gerações davam ao velho regime. Só tenho pena de não ter recuperado esse número de A Voz de Timor e não ter guardado o manuscrito, hoje riríamos a bandeiras escancaradas.

Logo a seguir dá-se o abortado Golpe das Caldas (da Rainha) a 16 de março e logo a seguir o 25 de abril que só chegaria a Timor a 18 de novembro desse ano.

A dezasseis de março, na pequena vila das Caldas da Rainha em Portugal, um grupo de oficiais do exército tenta, sem sucesso, arrebatam o poder ao Dr. Marcello Caetano, então Primeiro-ministro, que sucedera a Salazar, como perpetuador da ditadura, sob um manto de pseudo-abertura política designada como "primavera política". Sobre o abortado 'Golpe das Caldas' nada transpira em Timor até mais tarde.

Em 26 de Março, o governo australiano apresenta um protesto formal ao governo português pela concessão por Lisboa dos direitos de prospeção de petróleo à companhia norte americana "Oceanic." A área em contencioso tinha cerca de 23 mil milhas quadradas (59,565 km²) e, de acordo com a reivindicação australiana, continha partes já sob a concessão dada à companhia australiana Woodside-Burmah Oil.

Para além disso, de acordo com a Nota Oficial de Protesto, do governo de Canberra, outras áreas da zona de concessão da Oceanic faziam parte de uma área que estava a ser negociada entre a Indonésia e a Austrália para perfurações de prospeção.

De facto, um terço da área concedida à Oceanic era um enclave entre plataformas offshore já projetadas, e cedidas por concessão à australiana Woodside-Burmah.

Entretanto, em Canberra, o embaixador português, Dr. Mello Gouveia apresentava ao Governo Australiano uma Nota Oficial [de Protesto] onde o Governo declarava "não poder reconhecer a reclamação australiana, por não haver legislação suplementar entre os dois países, ambos signatários do Tratado de 1954 (Convenção Internacional sobre Fronteiras Marítimas)."

Gough Whitlam, primeiro-ministro australiano reagiu energicamente a esta Nota, numa Conferência de Imprensa, em que afirmava, que: "O Governo Australiano tem o direito de defender os recursos naturais do país que estão a ser postos em questão no Mar de Timor."

Esta confrontação sobre o dossier petróleo vai, em breve, passar a segundo lugar face às gravíssimas crises constitucionais em ambos os países. Uma controvérsia sobre educação abalava por esses dias Timor, com o Dr. Félix Silva Correia, (então representante da ANP em Timor e Chefe da Repartição dos Serviços Provinciais de Educação), reagindo iradamente contra observações críticas às estruturas da educação e alegados aumentos de alfabetização.

O jornal local "A Voz de Timor" publicara, em 19 de março, um suplemento especial dedicado à educação e, nele incluía uma entrevista auto elegiaca do Dr. Félix Correia.

Os editoriais denunciam as falsas estatísticas e apresentam propostas para melhorar o nível de ensino e de alfabetização. Em vez de aceitar os dados estatísticos oficiais de 80% de alfabetização, eu avançava com o mesmo número, mas representando o analfabetismo.

De imediato, a máquina política manipulada pelo Dr. Correia inicia um coro de protestos de apoio à educação, na sua maioria assinados em cartas à Redação pelos mais representativos líderes locais e funcionários públicos. Sou sujeito a um inquérito oficial liderado pelo Governador interino. Alguns professores, irritados pelas acusações, que consideram difamatórias, exigem uma reparação.

Timor vive os últimos dias do decrépito Estado Novo e nem sequer se dá conta disso. No mesmo número, publicava-se um artigo 'Educação e Autonomia', já com algumas décadas, do autor português proscrito, António Sérgio.

Recorde-se que este autor era tabu (antes do 25 de Abril), mas o artigo não motivou comentários, se bem que devesse ter sido banido de publicação. Incoerência dos censores ou mera e flagrante ignorância?

Curiosamente (ou talvez não), Ramos Horta escreve editoriais a apoiar Félix Correia. Como Editor-Chefe do jornal e autor de "Educação - Um Suplemento Especial" sou suspenso. Sendo oficial miliciano estou sujeito aos regulamentos e normas militares, devendo enfrentar a justiça militar pelo meu crime.

A repressão das hierarquias militares suscita uma greve simbólica (de braços caídos) dos Serviços da Imprensa Nacional, liderados por Cristóvão Santos, onde o jornal era impresso. O Governador interino impõe profundos controlos no jornal depois daquele danoso desaire.

O autor, silenciado com a mordaza do RDM (Regulamento de Disciplina Militar) fica impedido de se expressar publicamente ou de apresentar defesa. Esta controvérsia arrasta-se até abril 1974.

Ainda na célebre edição de 19 de março, publiquei uma colagem com alusões à falhada rebelião das Caldas da Rainha. Incluí também uma menção ao controverso livro "Portugal e o Futuro" pelo, então General Spínola (em breve, Presidente de Portugal), e o apoio que tal livro recebera nas Nações Unidas. Outros editoriais naquele número histórico abordavam os problemas que poderiam ter provocado o Golpe das Caldas, precedentes e possíveis implicações futuras. Nada fora censurado. O sucesso foi tal que obrigou, pela primeira vez na história do jornal, a que se fizesse uma reedição....

Entretanto, como Chefe Interino do Batalhão de Serviços de Intendência, responsável por víveres e combustíveis em todas as unidades militares do território, consigo aprovar um novo sistema de utilização de gasolina.

Pela primeira vez, os soldados e os cabos (os mais desfavorecidos economicamente) passam a ter direito a obter artigos de consumo para uso pessoal, tal como já acontecia com as elites hierarquicamente superiores.

Crê-se que o Comandante Militar Interino, Tenente-coronel Mário Dente, assinara o despacho para o novo sistema, sem lóbrigar a sua perigosa latitude.

Nesse mesmo dia, 5 de abril, como resultado da ação do novo sistema, outra controvérsia surgia: as autoridades civis exigem que o governo intervenha e cancele o sistema.

Convém referir que os civis estavam sujeitos a restritas medidas de racionamento de gasolina desde dezembro 1973.

Os militares tinham estoques à sua disposição para um consumo máximo até dezoito meses, fruto da gestão cuidada dos Serviços de Intendência onde estava a coadjuvar o major Carilho, Chefe dos Serviços.

A situação entre civis e militares é tensa.

As chefias militares temerosas. Evitam agir em vésperas da chegada do Governador e Comandante em Chefe.

O próprio Governador, Coronel Aldeia, nomeara JC para tomar conta do jornal, pouco depois de o trazer de Bobonaro para Dili.

O Governador Aldeia retorna a Timor a 19 de abril. Logo após a sua chegada ao aeroporto profere o seu mais virulento discurso, para espanto dos locais.

*Negando qualquer representatividade ao denominado "Movimento dos Capitães," Aldeia salienta que "o abortado Movimento das Caldas foi severamente reprimido, e não encontrou qualquer eco ou apoio em todas as camadas, inclusive as militares."*

*Classificando de 'traidores' os capitães envolvidos, Aldeia, neste discurso, diz ainda da alegria que sentia (em nome dos timorenses), ao ver satisfeitas todas as propostas apresentadas ao Governo Central, abrindo caminho a uma nova era de prosperidade para Timor: "Falando em nome de todos os Timorenses, tenho o prazer e a alegria de vos dizer que o Governo de Lisboa está satisfeito por poder ajudar o fiel povo de Timor, que durante tantos séculos tem sido tão fortemente Português."*

*Este discurso, o mais político de todos os que Aldeia fez marcou uma viragem do seu estilo habitual, de sobriedade política. Houve quem especulasse que estaria a aproveitar-se dos últimos acontecimentos durante a sua estadia em Portugal.*

*Pouco tempo demoraria a que Aldeia e o seu discurso fossem votados ao esquecimento total, lá no cemitério da política donde raramente se regressa.*

De facto, o seu melhor discurso marcou o princípio e o fim das suas aspirações políticas.

*Em 27 de Abril, por sua ordem direta, executada pelo seu Secretário pessoal, Dr. J. J. Thomás Gomes, a composição deste seu discurso era retirada da Imprensa Nacional e a gravação do mesmo era retirada da estação local de radiodifusão ERT (Emissora de Radiodifusão de Timor.)*

*O discurso quer no seu registo magnético, quer na sua transcrição escrita são, deveras, comprometedores, em termos do 25 de Abril em Portugal. Assim começou o que alguns denominaram, como "Aldeagate."*

Embora Timor não dispusesse de telex, desde o ano anterior dispunha já de contactos radiotelefónicos com o mundo exterior. Assim, quando a Revolução dos Cravos aconteceu em 25 de Abril houve quem recebesse a notícia via telefone. Depois disso, era só uma questão de perder algum tempo agarrado aos rádios de ondas curtas....

Era hora de jantar e eu estava de Oficial (Ajudante) de Dia no Quartel-general. O idoso Oficial de Dia já estava há muito a olhar para o seu umbigo, depois da sua rodada habitual de vinho "Periquita" ou outro qualquer. O operador (Tony Belo) da Telecom local, a Rádio Marconi, ligou a dizer-me que ia ter uma chamada telefónica uma hora depois. Chamei o condutor de serviço, mandei-o ligar o Jeep e passados quinze minutos estava em Díli, ansiosamente esperando 'a chamada'. Pressenti tratar-se de algo muito importante.

Anteriormente, acordara com a família que só haveria telefonemas em caso de emergência. Há muito que confirmara que toda a correspondência era sujeita a censura prévia e as chamadas telefónicas gravadas. Sem perder tempo, peço ao condutor para passar por casa (na PetroTimor ou já nos apartamentos da SOTA, no Largo de Lecidere, não consigo recordar ao certo), onde comunico aos colegas de habitação (o cirurgião Carlos Prata Dias da Costa e o engenheiro António Proença de Oliveira, subchefe da Repartição dos Serviços de Agricultura) o que ouvira. Era a REVOLUÇÃO. Peço-lhes o máximo sigilo, ligo o rádio em ondas curtas e regresso ao Q.G. (Quartel-General) onde anoto no relatório que nada havia a assinalar da 'ronda' pela cidade.

Durante o resto da noite, escuto avidamente os noticiários da BBC, Rádio Austrália e toda uma série de emissoras (até ouvi a Rádio Paquistão, pela primeira vez).

Na manhã seguinte, o camarada Freitas, que ia render o autor, pergunta se havia novidades de Portugal. Sem confiar em ninguém, depois do que se passara com a controvérsia no jornal no mês anterior, respondi-lhe: "Nada, que esperavas?"

*Os dias que se seguem são caóticos, com toda a espécie de rumores a circular e um generalizado sentimento de incredulidade pelos acontecimentos. Quando as novas de que o governador tinha mandado apreender a gravação e a versão impressa do seu discurso, a maior parte das pessoas convenceu-se de que a 'Revolução dos Cravos' não era já fruto da imaginação. Os dias passam, e o oportunismo camaleónico é avassalador. Do dia para a noite todos são revolucionários. A necessária e esperada demissão do Governador Alves Aldeia começa a demorar mais do que as pessoas haviam esperado. Torna-se necessário que ele entregue a sua carta de demissão depois do já famoso discurso em que, de forma obstinada, se opunha àquilo que era já o novo regime político.*



Começam a tomar vulto os rumores de que o capitão tenente Leiria Pinto, Comandante da Defesa Naval, é o nomeado pela Junta para agir localmente. Estes boatos confundem muita gente, pois Leiria Pinto era considerado como tendo ideias de direita extremamente conservadoras.

Ao mesmo tempo, há quem afirme que o Chefe de Estado-maior, Major Arnao Metello, um sombrio oficial de carreira, do exército, vindo de boas famílias, é o homem de confiança da Junta de Salvação Nacional.

O major Metello é um oficial conservador conhecido pela sua falta de decisão e pela falta de garra em tudo o que se reportava à ação colonial de Portugal.

A oposição à continuação do coronel Aldeia no poder cresce de dia para dia. Ameaça tornar-se numa bola de neve, com os militares definitivamente divididos entre os progressistas - na sua maioria oficiais milicianos, furriéis e sargentos - e a velha guarda dos oficiais de carreira.

*Entretanto em Portugal, os soldados usam os cravos encarnados nos canos das suas espingardas. O povo anda excitado com a liberdade acabada de aprender. Sobem os barómetros da esperança depois de 48 anos de obscurantismo.*



A situação começa a clarificar-se em maio, embora nem todos os decretos aprovados em Lisboa se tornem extensivos a Díli. Quase nem um tiro fora disparado em Portugal.

O regime caiu porque estava tão podre que estava incapacitado de sustentar qualquer ataque frontal.

A celebrada vitória vem estampada em todos os jornais e revistas que chegam a Timor, mas de uma certa forma, parece estar a anos-luz de Timor.

Depois do 25 de Abril (data da Revolução dos Cravos em Portugal) comecei a publicar artigos que o Comando Militar e, em especial o CEM (Chefe do Estado-Maior Arnao Metello) queriam evitar. Era chamado todas as manhãs ao CEM, que, simpaticamente, mandava o seu motorista no velho Volkswagen do Estado-Maior buscar-me a casa. Nessa rotina lá tinha de explicar porque publicara artigos censurados e considerados material proibido. Esta rotina prolongou-se por bastante tempo e trouxe consequências ao meu serviço militar. Uma verdadeira caça ou o jogo do gato e do rato.

Com o 25 de abril, reorganizei o jornal e passei-o a jornal diário, lentamente aumentei a tiragem e o tamanho da edição especial de sábado que começou com 8, 12, 16 e finalmente 24 páginas com a ajuda do Chefe da Imprensa Nacional, Cristóvão Santos e com o José Ramos-Horta, jornalista e meu secretário no jornal. Era uma tarefa difícil num sítio onde não chegavam notícias a não ser por onda curta, as revistas e jornais da metrópole eram velhas quando chegavam....

Fiz colagens bem interessantes retiradas de várias revistas para ilustrar as principais notícias dado que tínhamos grandes dificuldades técnicas em imprimir imagens, e as que podíamos eram pequenas. O equipamento era bem antigo. A composição era manual e morosa pois não havia grande variedade de tipos de letra.

A especulação termina quando Arnao Metello é confirmado como o novo representante do governo em Timor. As pessoas esperam e exigem uma atitude decisiva e imediata, mas ele hesita. A nova ordem legítima não se faz impor. O exército mostra-se agitado, mas Arnao Metello é um procrastinador e nada de significativo se faz.

António Arnao Metello, engenheiro civil, falecido a 29 de julho de 2008, trabalhava em Macau desde a década de 90 no Laboratório de Engenharia Civil e foi vice-primeiro-ministro de Vasco Gonçalves, entre 08 de agosto de 1975 e 19 de setembro do mesmo ano.

Antes tinha sido também ministro da Administração Interna do quarto Governo Constitucional, também liderado por Vasco Gonçalves, entre 26 de março de 1975 e 08 de agosto do mesmo ano. Ao longo da sua carreira política e militar, António Arnao Metello foi também chefe do Estado Maior das Forças Armadas em Timor-Leste e representante no território do Movimento das Forças Armadas (MFA) na altura da guerra civil timorense que ditou o abandono da administração portuguesa e a invasão indonésia.

Em Macau, António Arnao Metello esteve ligado à atividade na área da engenharia antes de ingressar no Laboratório de Engenharia Civil de Macau onde desempenhava as funções de chefe de departamento de estruturas.

A PIDE (a Polícia para a Informação e Defesa do Estado) tem 20 membros em Timor. Alguns deles são detidos em condições de turistas de luxo, demonstrando como se vivia num país de brandos costumes. Outros não só continuam em liberdade, mas mantêm-se em funções, continuando a beneficiar dos seus carros e casas do Estado.

A burocracia administrativa resiste ferozmente à Nova Ordem. Será que a Revolução dos Cravos não passou de invenção da comunicação social? Ou será esta, apenas a longa distância entre a ficção e a realidade? Como o Dr. J. Pestana Bastos escreve à data:

"O Governador manteve-se nas suas funções (vício de base). Um defeito de cúpula, ímpar, determinante duma política e determinado por ela não deve nem pode mudar de tónica, de linguagem, estrutura, clique, de filosofia política, sem se comprometer irremediavelmente e deixar na mesma posição o governo que o referenda. Nada disto significa aqui e neste momento crítico ou inconsideração pelo Coronel Fernando Alves Aldeia ou pela sua ação. Se a sua ação foi meritória mais uma razão para não o ser a partir de então".

Como falar das malhas da burocracia, originada em premissas coloniais? A manutenção dos chefes de departamento é um erro perigoso que vai implicar, mais tarde, que se tomem medidas de emergência. As posições fundamentais são mantidas, inalteradas, por demasiado tempo nas mãos de indivíduos totalmente dependentes do 'velho regime' e os quais se opõem ferozmente ao 'novo regime' e aos que o representam.

No início de maio, o governo impõe novos delegados seus para a Rádio (ERT), jornal ('A Voz de Timor'), linhas aéreas locais "TAT".

Embora já haja um novo delegado nomeado pelo governo para a Rádio Marconi, esta entidade continua as suas escutas telefónicas como até então fizera.

Alertado, o major Metello encolhe os ombros e diz que nada disso nos deve preocupar.

Sabendo como a Rádio Marconi havia sido responsável por muitos dos 'casos políticos' acontecidos durante o seu primeiro ano de existência, alerta-se a população para aquela situação.

Todo o correio por mala militar (o qual representa cerca de 95% do total) mantém-se sujeito a censura. Demora uma semana a fazer a triagem do correio, desde ser descarregado do avião até ser distribuído. As intrigas e os boatos florescem neste período. Muitas pessoas estão ostensivamente opostas ao 'novo regime,' mas mantêm as suas posições de poder e influência. Outras, rapidamente ficam desapontadas com os ventos da mudança. Há também quem se oponha ao governador, mantido ativamente no poder como suprema autoridade em Timor.

O delegado da Junta mal se vislumbra e é inoperante. O escândalo irrompe quando oficiais da PIDE são mantidos nos seus postos sob a nova designação de PIM (Polícia de Informação Militar).

Continuam a poder utilizar os carros do Estado, casas e outras despesas totalmente financiadas pelo executivo.

Outro exemplo curioso é o de um oficial de carreira (Capitão) ainda à frente de uma subunidade no Quartel-general, embora ele mesmo admitisse pertencer à polícia secreta.

Finalmente, antes do fim do mês de maio, o chefe do Departamento Provincial de Educação (Félix Correia) é exonerado e as atividades da Mocidade Portuguesa (o movimento da juventude baseado numa fórmula Nazi) são dadas por findas.

Alguns delegados da Junta de Salvação Portuguesa são esperados em Timor trazendo com eles - espera-se - o cheiro fresco dos cravos encarnados e da revolução de que tantos ouviram, mas ainda não puderam observar. Com eles, chega a desilusão e o desapontamento.

Um, é o Major Garcia Leandro (posteriormente Governador de Macau) conhecido das gentes de Timor, de uma anterior comissão de dois anos em que fora um mero Secretário do Governador (Brigadeiro Valente Pires). Alguns graves incidentes administrativos e económicos ocorreram sob a sua égide. Posteriormente, um inquérito oficial fora rapidamente arquivado, sem conclusões, mas um enorme montante desaparecera ou levava sumiço sem se saber para onde ou como. A comunidade chinesa é perentória sobre o não regresso do Sr. Major Leandro e é extremamente cooperante com provas documentais sobre os referidos incidentes.

Mais tarde (outubro 1974) alguns jornais de Portugal especulam sobre a possibilidade de o Major Leandro ser um dos principais candidatos à posição de Governador de Timor.

Dado existirem pressões [dos chineses e dos dois jornalistas em Timor], acaba por se contentar com o cargo de Governador de Macau. Entretanto, em Portugal, o semanário "Expresso" de 25 maio 1974 dedica quase toda a sua primeira página a Timor, sob o título: **"TIMOR: situação controversa agora sem vendilhões do templo..."**

De facto, a situação político-militar está confusa em Timor. Depois da visita dos delegados da Junta (Majores Garcia Leandro e Maia Gonçalves) em vez da verdadeira voz de um governo revolucionário, as pessoas constataam que as velhas formas de esquecimento a que a colónia foi votada no passado se iriam manter. Há quem anseie por Salles Grade, anterior Chefe de Estado-maior em Timor, até 1973.

Durante a controversa visita dos delegados da Junta, Leandro faz declarações bem ambíguas e nebulosas:

- i) Que o MFA (Movimento das Forças Armadas e espinha dorsal da Junta) sabe perfeitamente bem o que se está a passar em Timor, e não há necessidade para as pessoas em Timor se preocuparem.
- ii) Que a permanência do consulado Aldeia está perfeitamente justificada porque as suas atividades são predominantemente administrativas, logo não políticas (sic).
- iii) Que o MFA não tolerará mini-revoluções ou mini-movimentos assim como atos tendentes a afastar o Governador e Comandante Militar em Chefe, os quais apenas podem ter origem em grupos minoritários."

Estas declarações obscuras e dúbias levaram muita gente a indagar se tais eram pontos de vista pessoais e não linhas mestras do MFA. Apoiada por estas declarações a emissora local apressa-se a proclamar que 'se o governador Aldeia for afastado haverá um banho de sangue devido ao seu conhecimento profundo da população local.' Criticamente, afirmei, em editorial no jornal local, que o postulado destas premissas está fundamentalmente errado. Diante de centenas de pessoas reunidas no Ginásio Escolar para escutar as vozes da revolução o, então, Major Leandro proclama que o semanário "Expresso" é sensacionalista e incorreto na sua reportagem sobre Timor.

Ele também promete descobrir, no seu regresso a Lisboa, quem foram os autores das 'notícias alarmistas que obviamente "conspiram contra a paz e tranquilidade na ilha." Toda a gente sabe que há duas pessoas a escrever para o "Expresso": Cristóvão Santos, Diretor da Imprensa Nacional e eu. Ambos fizemos parte das revelações do "Aldeagate" quando o Governador Aldeia chamou traidores aos revoltosos de então, agora no governo. De facto, uma cópia do discurso de Aldeia fora por nós escamoteada para fora do território utilizando hippies australianos que estavam na Beach House rumo ao Cupão (Kupang). Outra cópia fora enviada para um intermediário sob nome falso, de forma a não alertar os censores.



Quando a PM (Polícia Militar) veio, sem mandatos, fazer buscas a casa dos dois suspeitos não conseguem encontrar as duas cópias em falta, porque estas já iam rumo a Lisboa. Aquele material queimava como ácido, e não era aconselhável tê-lo ou tocar-lhe. Este, e outros factos são relevantes para estabelecer os antecedentes daquilo que a seguir se vai passar. A imputação do Governador tem o seu início real quando a composição começa a ser impressa e, de imediato retirada para encobrir a existência do seu discurso.

Um último detalhe da sessão no Ginásio, Leandro mandara sair algumas pessoas por terem cartazes 'contra o governo marcelista ainda no poder em Timor'.

Muita gente não conseguia entender esta democracia guiada, pois centenas de pessoas haviam passado pelos cartazes, respeitando-os, quer concordando ou não com os mesmos. O representante da Junta e do Governo Provisório no poder em Portugal não pudera nem quisera respeitar aqueles cartazes. Depois de Leandro e Maia Gonçalves saírem do território ficou um certo vazio. Mesmo antes de sair, Garcia Leandro valida a mensagem da emissora sobre o banho de sangue que se verificaria se a população ficasse sem o governador Aldeia. De facto, esta não era a forma adequada de começar a descolonizar a mais distante e esquecida colónia do Império Português que ora se desmoronava.

A revolução de abril abriu as portas à autodeterminação das colónias e à criação de partidos políticos. Embora fosse incipiente, a vida política em Timor começa a tomar forma.

A nascente democracia em Portugal é acompanhada da autodeterminação e independência para as ex-colónias. São praticamente simultâneas e consequência da Revolução que derruba o regime ditatorial de Salazar e Caetano.

Os movimentos de libertação em África lutavam uma guerra cansativa devido à intransigência do regime de Salazar. Lisboa mantinha-se imperturbada pelos ventos de mudança que assolavam o continente, em especial nas maiores colónias, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

Quase toda a administração colonial (embora houvesse exceções honrosas) era, quase sempre, caracterizada pela incompetência, boçalidade e pelo padrão de injustiças.

Estas, podiam ir da requisição à população nativa africana de tudo o que era valioso (pepitas, diamantes, peles, dentes de elefante, etc., quando não as mais apetitosas jovens para fins lascivos, desculpados pela solidão e afastamento da pátria...).

Não havia praticamente escolas, além das missões religiosas que haviam proliferado ao longo dos séculos, e as administrações militares pecavam por falta de informação adequada relativamente aos seus súbditos nativos.

A metrópole exportava tudo o que podia para as colónias para assim pagar tudo o que delas recebia, pelo que a balança comercial vivia em grande parte à custa delas. Por isso não convinha desenvolvê-las nem convinha investir.

Para as colónias iam todos os inúteis, que o regime amparava e apoiava, para preencherem funções para as quais não estavam preparados nem eram competentes, mas em troca das quais recebiam mordomias e salários avultados.

Houve sempre exceções, mas nunca passara disso, de exceções com grandes homens idealistas que viam sempre neutralizadas as suas intenções e consciências, para que nada fosse feito.

Não se deve esquecer que a teia colonialista do governo central se havia limitado a manter as estruturas quase tribais existente desde há séculos, não facilitando ou impedindo o acesso dos nativos a qualquer tipo de educação além da primária.



Identicamente se dificultara a emigração de colonos portugueses, em especial para as províncias ultramarinas de Angola, Moçambique e Timor, favorecendo o êxodo de mais de dois milhões de pessoas para o Brasil nos finais do século XIX e primeira metade do século XX, o que foi excelente para desenvolver o novo país independente e manter em atraso ancestral todas as outras colónias.

*Entretanto, em Timor os sentimentos nacionalistas crescem na sombra, sem serem vislumbrados pelos europeus. Devido ao subdesenvolvimento socioeconómico e aos atrasos da educação até aos anos 50, existe apenas uma incipiente elite impreparada para canalizar esses sentimentos nacionalistas de forma eficaz. Nos anos 60 começara a verificar-se um investimento maciço nas estruturas educacionais (até então quase inexistentes), seguido de um incremento das estruturas socioeconómicas da colónia, que lentamente altera a sua imagem centenária de abandono.*

*Tudo isto vem promover, mesmo que indiretamente, a emergência de uma elite capaz de desencadear sentimentos nacionalistas e despertar a vontade timorense. Começa a notar-se durante o regime colonial, através da imprensa local e do jornal do seminário católico 'Seara'. Era acompanhada de formas incipientes e camufladas de desobediência civil.*

*Já, as inúmeras rebeliões contra a administração portuguesa (a última das quais em 1959) imediatamente reprimidas e subjugadas, haviam ajudado a estabelecer uma embrionária identidade nacional. Durante maio 1974, beneficiando da liberdade política concedida pela Revolução de Abril, formam-se os principais partidos políticos em Timor.*

*A UDT (União Democrática Timorense) em 11 maio, que começa por defender uma forma de Federação com Portugal (evoluindo mais tarde para o desejo de independência). UDT/UDETIM é predominantemente um grupo católico formado por Francisco Lopes da Cruz, César da Costa Mouzinho, João Carrascalão e Mário Carrascalão.*

*A ASDT (Associação Social Democrática Timorense) forma-se a 20 de maio para evoluir em setembro 1974 para FRETILIN [Frente Revolucionária De Timor Leste Independente]. Proclama a necessidade de se obter a independência total. Os seus fundadores e líderes são: Francisco Xavier do Amaral, José Ramos Horta, Nicolau Lobato e Justino Molo.*

*Sob a égide da Indonésia em 27 maio surge um terceiro partido, a APODETI [Associação Popular e Democrática de Timor]. Defende a integração na Indonésia sob um estatuto autónomo especial. Este partido nunca chegaria a alcançar mais do que 2 ou 3 por cento do apoio popular. Fundadores e líderes eram: João Osório Soares, José Martins, Abel Belo, e Arnaldo Araújo.*

*Mais tarde novos partidos se formam, todos eles carecendo de apoio popular significativo, tais como KOTA e PT (Partido Trabalhista). O Governo seguindo instruções de Lisboa para promover a formação de grupos políticos locais, atribui subsídios até 50 000\$00 a cada partido.*

*Inicialmente, quer a ASDT quer a UDETIM (UDT) carecem de poder popular. A APODETI é considerada como uma espécie de anedota quando proclama a 'reintegração histórica das duas metades da ilha sob a bandeira indonésia'. Os manifestos iniciais de tais partidos políticos embrionários contêm pontos curiosos que reputamos importantes para compreender o contexto em que foram criados.*

O Comandante Naval Manuel Lourenço Pereira, fundador, proprietário e diretor nominal do jornal local "V.T." [A Voz de Timor] desliga-se do mesmo em julho 1974 e assume funções em sua substituição Francisco Lopes da Cruz (n. Maubara em 2/12/1940), um nativo Timorense conotado com o Bureau Central e Político da UDT<sup>14</sup>.

O autor [deste trabalho], desiludido com o crescente partidarismo político decide demitir-se como Editor Chefe, sendo substituído pelo então chefe de redação, Dr. Alberto Trindade Martinho, autor das primeiras sondagens à opinião pública. Exausto por mais de um ano de lutas contínuas, sem meios técnicos, humanos ou materiais para desempenhar as suas funções.

Sujeito às mais inacreditáveis pressões psíquicas e morais por defender os princípios mais sagrados, sendo diariamente chamado às chefias que queriam um jornal mais "manso" e menos "abrilista", ao contrário do que adiante foi declarado na Comissão de Descolonização, o autor demite-se.

O resto do diário desses anos loucos de 1973 a 1975 pode ser consultado no primeiro volume da Trilogia da História de Timor em versão inglesa em <https://www.lusofonias.net/component/joomdoc/textos-escolhidos/timorleste/timor-leste-east-timor-the-secret-files-vol-1-of-trilogy-in-english/detail.html> e em português em <https://www.lusofonias.net/component/joomdoc/textos-escolhidos/timorleste/timor-leste-o-dossier-secreto-1973-1975-vol-1-da-trilogia/detail.html>

Nessa data entreguei nas mãos do sociólogo (então Alferes Miliciano) Dr. Alberto Martinho, pedras basilares documentais e evidenciais sobre os erros de anteriores administrações, para que este fizesse com eles o que entendesse. Nunca foram divulgadas nem vieram a lume. Talvez o seu sucessor não estivesse interessado.

Pouco ou nada faria com eles, segundo penso, o que lamento, pois, eu poderia ter usado esse material nos livros que publiquei para demonstrar melhor a incompetência, nepotismo, compadrio, corrupção e desleixo da administração colonial portuguesa em Timor [só em 2013 reencontrei o Martinho e tivemos oportunidade nos rir com os documentos que se seguem e as nossas memórias desse tempo].

As minhas licenças (férias) estavam todas canceladas devido ao "meu comportamento disciplinar" e outras punições resultantes da atividade no jornal "A Voz de Timor" e só, mais tarde com uma amnistia decretada em novembro (creio eu) pelo general Spínola voltei a ter direito a férias.

A 18 de novembro chega o novo e último comandante militar que me convida para liderar a pasta da Comunicação Social. Recusei porque, entretanto, decidi não regressar a Portugal, dada a extinção do meu casamento.

Foi então que decidi ir para Bali (como se narra noutra crónica 10.3), terra paradisíaca dos hippies e onde havia ocidentais radicados desde a década de 1940 como escritores e pintores no seio daquela mescla hindu e indonésia.

Antes, porém, extraio excertos de um documento, que chegou à minha posse já no início do século XXI<sup>15</sup>, e no qual constato como fui, injustamente, vilipendiado pelo então Encarregado de Governo em Timor (após a saída do Governador Aldeia), tenente-coronel Níveo Herdade em 27/9/1976 na Comissão de Análise e Esclarecimento do Processo de Descolonização de Timor da Presidência do Conselho de Ministros (Relatórios da Descolonização de Timor: Relatório da Comissão de Análise e Esclarecimento do Processo de Descolonização de Timor.)

<sup>14</sup> Licenciado em Filosofia na Universidade de Macau. Foi Vice-Governador de Timor após a invasão indonésia de 7/12/75. Mais tarde tornar-se-ia num conselheiro de confiança do presidente Suharto e um embaixador sem pasta para os assuntos de Timor Leste, e, Embaixador da Indonésia em Lisboa (2005-2008) e guardião da última bandeira portuguesa arriada no Ataúro em 1976.

<sup>15</sup> O material foi-me gentilmente enviado pelo General José Alberto Morais da Silva, ex-Chefe do Estado-Maior da Força Aérea (nascido em 1941, falecido em 29/12/2014). Ligado ao "grupo dos nove", Morais da Silva exerceu o cargo até 9 de janeiro de 1977, tendo, durante o seu mandato, enfrentado o golpe militar do 25 de novembro de 1975, quando um dispositivo militar, com base no Regimento de Comandos, se opôs a uma tentativa de sublevação de unidades militares conotadas com forças de esquerda, tendo sido decretado o estado de sítio em Lisboa teve um papel importante no pós-25 de abril. Em 2000, escreveu com o coronel Manuel (Amaro) Bernardo, o livro Timor, abandono e tragédia, ed. Prefácio, no qual usou extratos do meu livro Timor Leste o dossier secreto 1973-1975)



sa, podiam forçá-los a dar vivas, mas não podiam forçar as expressões das caras deles, e essas não deixavam dúvidas ...

Entretanto, como a viagem ao interior demorava cerca de 2 ou 3 horas para cada lado, foi a única possibilidade que teve de falar com tempo com o Ministro e pôr-lhe os problemas de Timor, que eram muitos, e possui ainda cópia do sumário dos assuntos que tratou e lhe entregou.

Antes de o Ministro sair de Timor, proporcionou-lhe um contacto com todos os funcionários, no Palácio do Governo e durante um beiberete.

Que o Ministro a certa altura lhe perguntou se havia alguma coisa contra o Major Leandro, ao que respondeu que tinha ouvido dizer qualquer coisa, mas que não lhe interessava a vida particular dos outros, e que estava presente o delegado do Procurador da República que tinha o processo, e lhe poderia dizer alguma coisa. O Procurador da República foi chamada pelo Ministro a quem disse que havia algo gravíssimo contra o Major Leandro, ao que o Ministro retorquiu "Então não posso nomeá-lo Governador de Timor, nomeou-o Governador de Macau... Crê que há em Lisboa 2 pessoas cujos nomes, por enquanto, não deseja revelar, que terão uma, a cópia parcial do processo, outra, a cópia integral ...

Que no tempo em que era Governador, o Cor. Almeida, o Consul português em Djakarta, Dr. Girão, tinha-o contactado para ir a Dili, a fim de se inteirar dos problemas de Timor e assim poder em Djakarta, colaborar com as autoridades portuguesas de Timor. O Coronel Almeida quando partiu deixou ao declarante umas três folhas dactilografadas com os assuntos mais importantes a serem tratados. Entre estes constava a visita do nosso Consul em Djakarta, Dr. Girão que mais tarde se reali-

zou: Quando o Dr. Girão chegou a Dili, disse-lhe o declarante que poderia ali estar o tempo que entendesse conveniente, ver e falar com quem quizesse, nas que lhe impunha que contactasse todos os chefes de serviço civis e militares; com o representante da Associação Comercial, com os representantes diplomáticos acreditados em Dili, (Indonésia e China), com o Chefe do Estado Maior de Timor e, por fim, que viesse falar consigo e lhe dissesse se achava o seu procedimento correcto ou errado, o que ele assim fez.

Que passado algum tempo, chegou a Dili um Inspector Administrativo enviado pelo Ministério da Coordenação Inter-Territorial, o Inspector Sousa Santos, certamente para tomar conhecimento da situação, a quem recomendou o mesmo procedimento que tinha sugerido ao Dr. Girão. Estabelecidos os contactos e feitas as visitas que entendeu, o Inspector Sousa Santos compareceu no gabinete do declarante para lhe transmitir as suas impressões e dando-lhe a entender, no final, que o declarante estaria a ser apunhalado pelas costas pelo Chefe do Estado Maior de Timor, ao que o declarante respondeu que já o sabia. Mas que, apesar disso, tinha sempre feito o possível por manter toda a co-

ordenação, não deixando transparecer qualquer desacordo que pudesse ter repercussões sobre a população. O declarante manteve sempre esta conduta inalterável até ao dia da partida do Major Metelo e inclusivamente nesse dia, foi despedir-se dele no Aeroporto. Quando se deslocava ao interior em visitas e contactos, quer com os militares, quer com a população, convidava sempre o Chefe do Estado Maior para o acompanhar ou, quando não o desejasse ou pudesse fazer, solicitava-lhe que

nomeasse um oficial para o acompanhar.

Também, tal como na Metrópole, começou a haver problemas no jornal, (insultos, críticas destrutivas, disparates, etc) que era dirigido pelo Alferes Miliciano Cristelo e que lá tinha sido colocado para orientar o jornal pelo Major Metelo. Começou a aperceber-se que o Alferes Cristelo em vez de ser isento, se servia do jornal para fazer a apologia das suas ideias políticas. Chegou a não publicar um discurso do Presidente da República, fazendo sair em contrapartida uma carta da Casa de Timor em que uns pseudo-intelectuais incitavam os enfermeiros do Hospital a ensinar aos médicos como é que deviam dirigir o Hospital e tratar dos doentes, usando uma prosa sem qualquer nível. Chamou a atenção do Chefe do Estado Maior para o caso e disse-lhe para avisar o Alferes Cristelo que não podia continuar assim e que não aceitava que se dirigissem ofensas a ninguém. A isto respondeu o Major Metelo dizendo que então havia liberdade e que, portanto, não poderia haver censura. Face a esta resposta, o declarante esclareceu que não desejava que se fizesse censura mas sim, controle de qualidade, e não havendo espaço no jornal para publicar toda a colaboração, seria apenas uma questão de se seleccionarem os melhores artigos. Mas as coisas pioraram de semana para semana, até que um dia face à escalada de disparates que o jornal inseria, determinou ao Chefe do Estado Maior que o Alferes Cristelo saísse do jornal e fosse substituído por outro oficial qualquer que não consentisse tais disparates. O novo director do jornal pareceu-lhe uma pessoa capaz de bem cumprir a missão, o que realmente aconteceu, e reco-

nhecendo-lhe a sua capacidade, determinou-lhe que o passasse a acompanhar sempre nas suas deslocações ao interior, gravando todas as declarações que o declarante fizesse, para que as pudesse reproduzir com fidelidade, dando-lhes difusão também com a mesma fidelidade. Entendia o declarante que por este processo, era possível fazer conhecer, além de Timor, todo o seu procedimento, sem que houvesse lugar para deturpações ou dúvidas quanto ao seu pensamento, em relação aos princípios enunciados pelo MFA. Embora solicitado, nunca deu entrevistas ao jornal, excepto quando soube da nomeação do novo Governador de Timor, e como tinha conhecido o Sr. Ten. Cor Lemos Pires no Guiné, e de quem ficara com uma ótima impressão, procurou nessa entrevista dar o maior relevo à personalidade do novo Governador e portanto abrir caminho para a sua aceitação.

Que o CEM nas mensagens que mandara para Lisboa "sem o seu conhecimento" dizia sempre que o Governo estava inoperante, mas o Governo estava inoperante porque não fazia os disparates que ele queria que fizesse, e que deram o resultado que mais tarde se viu, com outros que seguiram as suas pegadas. Nessa mensagem ele referia-se aos chefes de serviço, militares que tinham uma creadeira fora de série, mas a quem ele chamava "inconformistas e reacionários", assim como ao Comandante da PSP, ao chefe do Serviço de Justiça, ao chefe do Serviço da Marinha, pessoas com quem, antes do 25 de Abril, se dava muito bem, segundo se dizia, e de quem se afastou depois daquela data. Disse que tem em seu poder cópias dessas mensagens, e cujos originais supõe deverem existir no EMGA e portanto serem juntas a este auto.







HOTEL TURISMO - ACABADO DE CHEGAR DE BOBONARO, NUMA DAS PRIMEIRAS IDAS À PRAIA DA AREIA BRANCA JANº 74



- A ACOMODAR-ME COM NOVOS AMIGOS E COLEGAS DE INFORTÚNIO (O PERES DA COSTA QUE ERA DE AROUCA, A MULHER DELE E A MULHER DO DENTISTA OCTÁVIO) OTÁVIO O DENTISTA AO FUNDO, JOSÉ JOAQUIM ESPIGA TOMÁS GOMES SENTADO (D<sup>TA</sup>) ERA O SECRETÁRIO DO GOVERNADOR



Na Praia do Farol em Dili junho 74 - agosto 74      BAIRRO DO FAROL, DILI, JULHO 1974      Seminário de Dare, sobranceiro a Dili agosto 74



S. R.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO  
DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE PESSOAL  
DEPÓSITO GERAL DE ADIDOS

DECLARAÇÃO

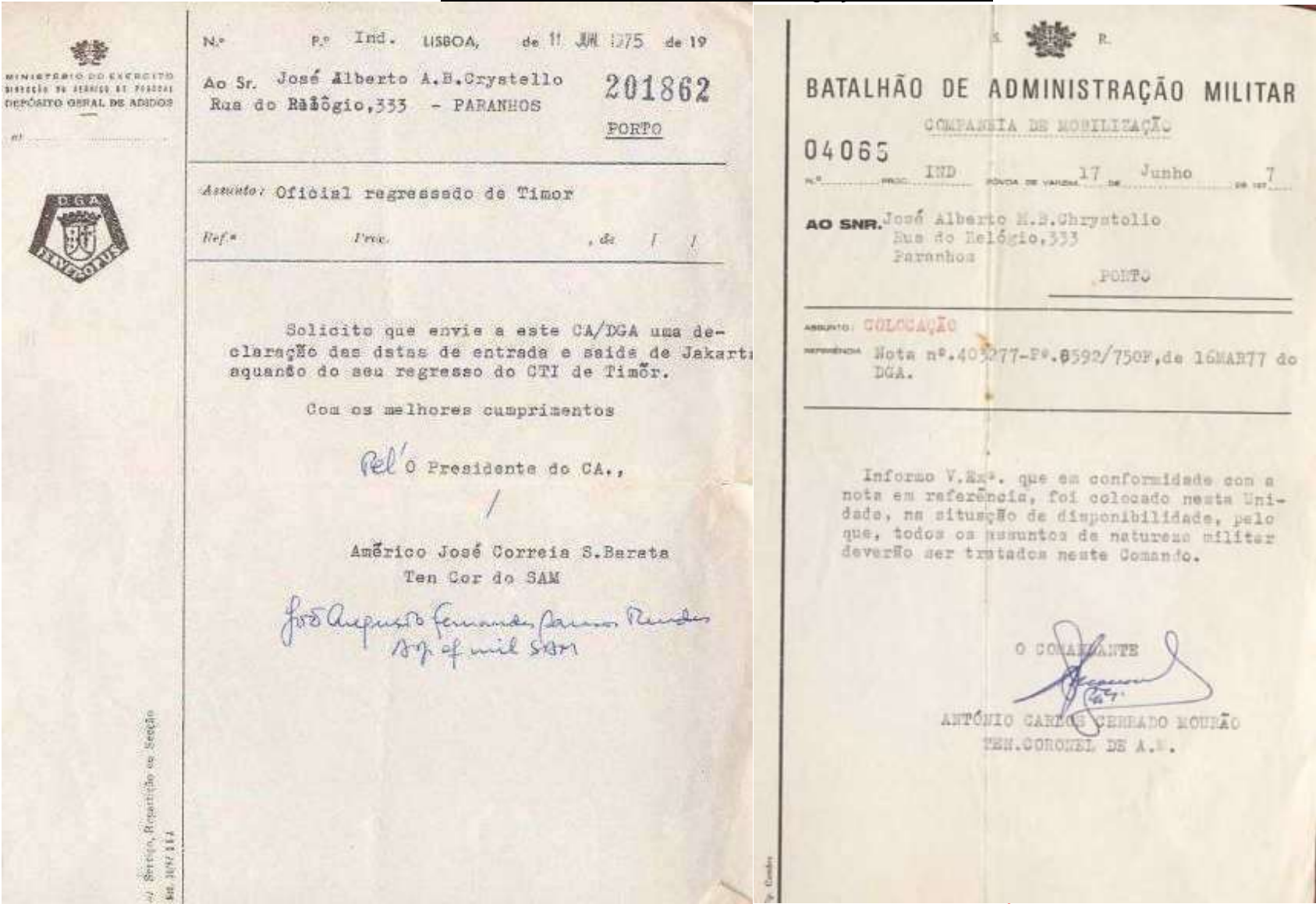
—//—

JOÃO MELO DE OLIVEIRA, CORONEL DE INFANTARIA E Comandante  
do Depósito Geral de Adidos, declara, para efeitos de apresentação à Liga dos Combatentes  
, que da guia de marcha do Sr. Alf. Milº. José  
Alberto Alves Barbosa Chrystophe, dada pelo QG/ do Comando do CTI TIMOR  
Consta que embarcou de regresso à Metrópole em 30/4/75  
tendo desembarcado em Lisboa em 27/5/75, por ter terminado a sua comissão mili-  
tar por imposição. Foi incorporado em 9/10/72, tendo embarcado para o CTI TIMOR  
em 17/9/73  
Entrou no gozo de 21 dias de licença e passa à situação de disponibilidade em 17/6/75  
Por ser verdade e me ter sido pedido passo a presente declaração que val por mim assi-  
nada e autenticada com o selo branco em uso neste Depósito.  
Da sua nota de assentos consta que foi louvado pelo Comando Militar do  
CTI TIMOR pela Ordem Serviço CTI TIMOR nº. 11 de 6/2/75  
Quartel em Lisboa, 20 de Agosto 75

O COMANDANTE,

JOÃO MELO DE OLIVEIRA  
CORONEL DE INF.





O MOMENTO DE LIBERTAÇÃO FINAL DO SMO, PENA É QUE NÃO ACERTEM COM O APELIDO

Aparte a minha obra Trilogia da História de Timor, os meus arquivos foram remetidos e oferecidos à Torre do Tombo, resta esperar que um dia sejam tornados públicos para trazer a lume o que Timor era até ao fim da administração portuguesa. (Tudo o resto pode ler-se na citada Trilogia da História de Timor em 3 volumes e mais de 3760 páginas

- vol. 1 <https://www.lusofonias.net/arquivos/407/Timor-Leste/234/Historia-de-Timor-volume1-trilogia.pdf>;  
vol. 2 <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf>;  
vol. 3 <https://www.lusofonias.net/arquivos/407/Timor-Leste/229/Historia-de-Timor-volume3-trilogia.pdf>  
ou condensado num só volume em <https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/>

## CRÓNICA 96-98, MACAU NÃO É TÉRA MINHA, 26 ABRIL – 16 MAIO 2011

### 98.0. INTRODUÇÃO

(a Macau)  
"Às vezes, temes que eu não te ame tanto quanto gostarias?  
Minha querida, eu te amo sempre e eternamente, sem reservas.  
Quanto mais conheci, mais amei.  
De todas as maneiras até meus ciúmes foram agonias de amor; no mais violento acesso que sofri, teria morrido de amor por ti.  
Já te atormentei demais, mas por amor! Posso evitá-lo? Sempre te renovo.  
O último dos teus beijos sempre foi o mais doce, o último sorriso o mais luminoso, o último gesto, o mais gracioso.  
Ontem, ..., fiquei tão cheio de admiração como se te visse pela primeira vez".  
John Keats

Vivi lá de 1976 a 1982 (Macau) e aprendi imenso com eles, foi uma inolvidável experiência voltar este ano com os colóquios da lusofonia e durante dez dias estar rodeado daquela gente e cultura e fazer comparações muitas vezes negativas para a civilização ocidental onde vivo há 15 anos...

... em épocas de crise sobretudo de crises de valores parece haver um chamamento para as ancestrais práticas budistas, pelo menos em parte ...  
... aliás viver na Lomba da Maia já é - em si mesmo - um despojar de materialismos inúteis...claro que muita coisa me desagrada na maneira de ser chinesa e Macau e HK são hoje capitais do consumismo desenfreado, mas existem ainda janelas de vida para além de casinos e coisas quejandas...  
... aprendi com eles que o presente nada conta sem carregar o passado e que o amanhã é sempre muito distante e é para ele que se deve trabalhar sabendo que nunca veremos frutos em vida....  
... fui criado como católico, apostólico romano como quase todos, embora seja ateu..., mas se algum dia me aproximar de alguma religião ou "modo de vida" será, sem dúvida o budismo. Mais do que uma religião, o budismo (Buda não era Deus nem seu representante) é uma filosofia de vida...  
... já perdi a capacidade de ser vingativo..., mas sinto que apesar da elevada espiritualidade sem religião que possuo e de trabalhar graciosamente 99% do ano para a minha missão na terra, defesa da língua de todos nós através dos colóquios da lusofonia, com prejuízo para o bem-estar meu e da família (só quero ter o suficiente para sobreviver), faz-me falta atingir a meditação transcendental, pois ainda não passo da meditação básica como qualquer outro ser humano básico...  
... estou farto da maldade, da mentira, da injustiça que me rodeia, fujo das grandes cidades que aniquilam o ego naquilo que ele exige de direito à liberdade de pensamento e de expressão... tornei-me mais eremita que o Daniel (de Sá) e anseio por um nicho que (por vezes) os Açores e mesmo a Lomba da Maia já não proporcionam se bem que muito melhores que Lisboa, Porto ou PDL...  
... enfim divagações e lucubrações mentais ensonadas enquanto acabo de gravar as atas do colóquio que teimo em entregar antes do colóquio começar como fazemos desde 2002 em vez de fazer portuguesmente a sua entrega mais de um ano após o evento... todos têm noções demasiado rígidas e normas demasiado apertadas a que não sou capaz de me cingir, ..., já me chamaram de tudo, mas como não sou de velcro não pega nada nem um só rótulo se agarra...  
... divulgo os autores açorianos apenas porque gosto deles e entendo que todos os deviam ler, nada mais, nem fama nem proveito busco que já tive toda a que precisava até aos 45 anos, agora aos 62 tento deixar um legado de dádiva à comunidade que me rodeia em troca de nada....

Marco Polo (1254-1324) depois de viver no Oriente por 18 anos, e adquirir uma posição de prestígio na corte de Kublai-Klan, ao regressar, trouxe da China recordações curiosas para o Ocidente: o macarrão, a bússola, a pólvora, e a gravura de madeira, um dos antecedentes da imprensa.

Durante a época em que esteve no cativo em Veneza, junto com o seu companheiro de prisão, Rusticiano de Pisa (Rustichello), escreveu o que viu e ouviu na sua viagem pelo Oriente no "Livro do milhão de maravilhas do mundo", conjunto de mitos e lendas, que, segundo ele, não era a metade do que viu.

Este livro serviu para despertar o imaginário dos europeus e suas ambições e para subjugar o Oriente à Europa pela ideia de que ali existia o Paraíso Terrestre.

Por seu turno, outro dos primeiros europeus por terras de Cataio, foi Frei Bento de Góis (1562-1607), um açoriano de São Miguel, que entrou para os Jesuítas em Goa (1584) com os seus dotes linguísticos e diplomáticos.

Em 1595 foi emissário entre o Grande Mogul e o Vice-Rei das Índias.

Em setembro de 1602 partiu de Goa em busca do lendário Cataio, reino onde se afirmava existirem comunidades cristãs nestorianas.

A viagem era muito extensa (mais de 6 mil quilómetros) e de longa duração (mais de três anos), e onde grandes obstáculos se deparam ao longo do percurso, com muitos conflitos na região, uma profusão de reinos e estados, e grandes montanhas e desertos.

Para além disso, a maior parte do seu percurso foi realizado em território de muçulmanos que nutriam especial animosidade pelos cristãos.

Em inícios de 1606 Bento de Góis chegou a Sochow (Suzhou, agora Jiuquan), junto da Muralha da China, uma cidade próxima de Dunhuang na província de Gansu.

Góis provou assim que o reino de Cataio e o reino da China eram afinal o mesmo, tal como a cidade de Khambalaik, de Marco Polo, era efetivamente a cidade de Pequim.

Doente (por ter sido atacado, assaltado e ferido) e com poucos meios de subsistência comunicou-o em carta ao padre Matteo Ricci, residente na corte de Pequim, que lhe enviou o padre João Fernandes, um jesuíta de origem chinesa, para o conduzir até Pequim.

Contudo, quando este alcançou Bento de Góis já ele estava à beira da morte, o que ocorreu em 11 de abril de 1607.

### 98.1. MACAU NÃO É TERA MINHA

Ao iniciar a trilogia da ChrónicaAçores escreveu-se, mais ou menos, isto

*"Aqui não há Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moinhos de vento, contra os quais espadanar.*

*Há apenas um cavaleiro da poesia, da utopia, temeroso e aventureiro, sequioso de aprender outras línguas, hábitos e culturas.*

*De Trás-os-Montes, mátria desconhecida parte à conquista do "Iulic" em Timor Português, dos hippies em Bali na Indonésia, sobrevive em Portugal ao "verão quente" de 1975, atravessa as Portas do Cerco na China de Macau, percorre a Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com passagens pelo oriente do meio e seus emirados, metade da Europa, da Ásia e parte do Pacífico Sul, antes de ir redescobrir o Brasil e Portugal e outros países para, por fim aterrar como uma águia de asa-redonda (Buteo buteo rothschildi) na ilha de S. Miguel, Açores.*

*Daqui parti fugazmente à conquista de novas ilhas (Santa Maria, Faial, Pico e S. Jorge).*

*Se na pátria Austrália descobri uma tribo aborígene a falar um crioulo português com mais de 450 anos, descobri Bragança como Mátria e nos Açores descobri um povo e uma literatura que a maior parte do mundo desconhecia".*

*A inquietude persegue-me desde que saí da Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural. Adquiri uma errância mais própria de nómadas ciganos do que das minhas origens sedentárias de marrano galaico-português.*

*Esta inconstância assola-me mais desde que me arquipelizei nos Açores, há seis anos, sendo caracterizada pela infidelidade no amor à ilha que habito.*

*De cada vez que daqui saio, visito ou conheço nova ilha apaixono-me loucamente como se fora um jovem adolescente de sangue quente em busca de paixões avassaladoras como são os amores da juventude.*

*A minha ChrónicaAçores em livro retrata amores de Timor, Macau, Austrália, Brasil, Bragança e Açores e, futuramente, retratará esta paixão súbita surgida do nada que foram dez dias em Macau e adjacências. Acordo a pensar em Macau, deito-me a sonhar com ela, divago todo o dia em mil e um recantos que guardo ciosamente na memória com medo de os perder.*

Essa mistura imagética combina culturas e sons e persegue-me com a sua mística enleante, atrai-me, chama-me e seduz-me em cabaias provocantes, pede-me que a descubra como outrora a descobriram os portugueses que por ali andaram há quinhentos anos. Macau é nome de mulher, de deusa, de sereia, religião, amores por mitigar. Agora, em vez de uma imagem mítica de uma Macau retrógrada e com algumas pinceladas portuguesas, surge uma nova identidade mais embiocada, voltada ao futuro, à imparável rapidez do progresso: prédios construídos com andaimes de bambu, estradas, pontes e túneis, aterros e junção de ilhas. Da vontade de criar coisas novas sem jamais descurar a herança do passado que marca a diferença entre esta urbe e as restantes megalópoles asiáticas. Nela, reavistei alguns esconsos lugares que guardei na memória velha de trinta anos, e redescobri uma cidade nova pujante de vida e de futuro, onde dantes habitavam fantasmas de passados coloniais cheios de plumas ocas de governantes, meros tigres de papel como aqueles papagaios de seda que se levam à praia de Hác Sa para voar ao domingo.

Revi amigos e familiares como se só ontem me tivesse apartado deles, não sem que antes deixasse cair a lágrima furtiva ao canto do olho, pelas memórias dos bons momentos passados juntos. É sempre bom saber que ainda há gente octogenária disposta a conduzir horas para se encontrar comigo, quando outros, bem mais novos, nem sequer uns passos dariam para o fazer. Ao contrário de Vasco da Gama e das suas comitivas que pouco mais levavam do que diminutas oferendas de colares de contas e outras bugigangas, fomos (eu e a comitiva dos Colóquios da Lusofonia) recebidos como se pertencêssemos a um séquito imperial na corte da dinastia Qing, que nisto de ancestralidade e de cultura e de sabedoria os chineses já as cultivam há milhares de anos. Assim, tratam os forasteiros que vêm por bem, sem devaneios de um Quinto Império, apenas trazendo na bagagem o sonho de uma Lusofonia universal que a todos irmane num mesmo denominador comum, uma língua que falam, trabalham e vivem, qualquer que seja a raça, o credo ou a nacionalidade. Esta viagem ao sortilégio mágico dos orientes foi a primeira para muitos. Para alguns outros tratou-se de visitar memórias, rever lugares e pessoas e redescobrir espaços e tempos que numa qualquer situação anterior foram importantes. Para mim, havia a agenda secreta de cumprir mais uma missão impossível, lançar projetos de salvação de um crioulo maquista em vias de extinção, com a ajuda de todos, os poucos que, denodadamente, no local o tentam manter vivo. Para isso haveria de congrega esforços e lutas e abrir novos rumos. Era apenas um mero facilitador de vontades, um voluntário da Lusofonia, não buscando fama nem honrarias, apenas a possibilidade de fazer a diferença com os Colóquios a agirem como representantes da sociedade civil atuante. Bastava a honra de poder ouvir e aprender com os grandes mestres e patronos Evanildo Bechara e Malaca Casteleiro. Nisto de insularidades já levo a minha conta de aprendizagens, feitas por medida no alfaiate dos sonhos, mas falta-me a imaginação de Marco Polo ou de Fernão Mendes Pinto para descrever esta inopinada ida ao Grande Império do Meio surgida, quase de imprevisto, no dealbar do outono da vida, tão rica e privilegiada de viagens e aprendizagens diversas em vários continentes. Sempre tão pródigo em palavras fiquei acabrunhado, emudecido, e - até - consternado pela inadequação ao tratamento com que me honravam. Domine non sum dignus.

### 98.2. MACAU REVISITADO PARTE 1

O poeta devaneia, deus dispõe e o homem executa, estas poderiam ser as palavras que melhor definiriam a génese deste 15º colóquio da lusofonia.



Segundo os arqueólogos, Macau<sup>16</sup> já era habitada no Neolítico, há seis mil anos. Durante a dinastia Ch'in Ch'ao Qin (248- 206 A.C.), Macau pertencia ao condado de Panyu, na prefeitura de Nanhai (hoje Guangdong).

Em 1152, na dinastia Song do Sul, o governo de Guangdong uniu as ilhas<sup>17</sup> para formar o condado de Xiangshan e Macau passou a fazer parte deste. Foi nesta época que se registou oficialmente a presença de habitantes na área, em busca de asilo das invasões mongóis. Entre 1368-1644, durante a Dinastia Ming, pescadores de Cantão e de Fujian estabeleceram-se em Macau, construíram o famoso Templo de A-Má e várias povoações, como Mong-Há. Pensa-se que o original Templo de Kun Iam, o mais antigo, se localizava precisamente nesta região do norte da Península de Macau.

Em 1535, as autoridades de Guangdong transferiram o departamento de tributação de comércio com o estrangeiro para Macau e autorizaram os navios mercantes estrangeiros a ancorar em Macau, o que deu origem ao desenvolvimento do comércio entre a China e os países ocidentais. Em 1554, o governo Ming autorizou os portugueses a negociar com a China em Langbai e Haojing, o que facilitou a influência de Portugal em Macau nos quatro séculos seguintes.

Os portugueses estabeleceram-se ilegal e provisoriamente em Macau sob o pretexto de secar a sua carga. Foi em 1555 que os portugueses começaram a frequentar uma pequena península na ilha de Hèong-Sán (Heungshan), hoje Tchông-Sán, no delta do rio das Pérolas. Na ponta meridional dessa península encontram um vistoso templo consagrado à deusa M-Nèong, vulgo A-Má que dava o nome de Amá-Ou ou A'-Má-Kong a essa baía que aportuguesaram para Amacao. Vinte e seis (26) anos depois a povoação era a Cidade de Nome de Deus, atual Ou-Mun com todas "as liberdades, honras e preminências" que gozava então a cidade de Évora<sup>18</sup> pois era o único entreposto através do qual os chineses comerciavam com os seus vizinhos japoneses.

Em 1557, as autoridades chinesas deram autorização para os portugueses ali se estabelecerem, concedendo-lhes um certo grau de autogovernação. Em troca, eram obrigados a pagar 500 taéis de prata de aluguer anual e impostos. Desde então, Macau desenvolveu-se como um entreposto e intermediário para o comércio triangular entre a China, o Japão e a Europa. Este comércio lucrativo trouxe enorme prosperidade a Macau, tornando-a numa grande cidade comercial e ajudando-a a atingir o seu auge durante os finais do séc. XVI e o início do séc. XVII. Para além de ser um entreposto comercial, Macau desempenhou também um papel ativo e fulcral na disseminação do Catolicismo, sendo ponto de formação e de partida de missionários para os diferentes países do Extremo Oriente. Por este motivo, o Papa Gregório XIII criou, em 1576, a Diocese de Macau. Os missionários locais desempenharam um papel importante no intercâmbio cultural, científico e artístico entre a China e o Ocidente bem como no desenvolvimento da cultura e da educação de Macau. Em 1583, foi criado pelos comerciantes de Macau, o Leal Senado, sede e símbolo do poder e do governo local. Este organismo político, considerado como a primeira câmara municipal, foi fundado para proteger o comércio, estabelecer ordem e segurança na cidade e resolver os problemas quotidianos. Apesar de a partir de 1623 Macau passar a ter um Governador português, o Leal Senado, continuou a manter uma grande autonomia até à primeira metade do século XIX e a exercer um papel fundamental na administração da cidade.

Em 1638-1639, o comércio com o Japão foi interrompido, devido à política de isolamento levados a cabo pelo xógum japonês, Tokugawa Iemitsu, o que afetou seriamente a economia local, que entrou rapidamente em declínio. Em 1640, numa tentativa de restabelecer o lucrativo e importante comércio, os portugueses residentes de Macau decidiram enviar uma embaixada ao Japão, mas, além de não conseguir o que desejavam, toda ela foi executada por ordem do poderoso xógum Tokugawa.

Em 1641, mais um outro acontecimento afetou a economia decadente de Macau: os portugueses perderam Malaca para os holandeses que já tinham conquistado várias possessões, zonas de influência e rotas comerciais portuguesas durante o período de ocupação filipina de Portugal. A perda desta importante cidade e base comercial causou distúrbios e desvios da rota habitual efetuada entre Macau e Goa e a diminuição do fornecimento de produtos comercializáveis com a China.

Em 1644, quando as Coroas de Portugal e de Espanha já estavam de novo separadas, encerrou-se o comércio com Manila e com os espanhóis sediados lá, causando mais problemas económico-financeiros para a Cidade de Macau. Só com o fim da rivalidade luso-espanhola foi o comércio reativado. Numa tentativa de ocupar Macau e a transformar em colónia, Portugal encetou uma série de invasões depois da Guerra do Ópio (1839-1842) mas em 1887, foi assinado o "Tratado de Amizade e Comércio Sino-Português".

Quando a China e Portugal estabeleceram relações diplomáticas em 8 de fevereiro de 1979, os dois governos acordaram que Macau era parte integrante da China, embora provisoriamente sob administração portuguesa.

Em abril de 1987, foi assinada, em Pequim, a Declaração Conjunta Sino-Portuguesa, que marcou para 20 de dezembro de 1999 a data em Macau regressou oficialmente à pátria. Com a sua economia em rápido crescimento após a reunificação, tal como o seu símbolo tradicional, uma flor de lótus viçosa, Macau, desenvolve-se rumo à prosperidade e a um futuro brilhante.

Voltemos atrás para recordar que por volta de 1525, nasce um parente de Vasco da Gama, Luís Vaz de Camões<sup>19</sup>, pertencente à pequena nobreza. Nomeado para provedor-mor dos bens de defuntos e ausentes da China, Camões parte para Macau em 1556. Reza a tradição que esteve em Patane, sítio aprazível e pitoresco à beira-mar, chamando-se-lhe, ainda que impropriamente, Gruta de Camões. Conta a lenda que, enquanto ali permaneceu, Camões escreveu, dia após dia, os versos de Os Lusíadas. Todavia, a própria gruta parece desmentir a versão da lenda: é extremamente pequena, quase uma fenda na rocha, que era - então - frequentemente salpicada pelas águas das marés mais altas. É improvável que Camões tenha conseguido permanecer nela durante tanto tempo. Esta tradição plurissecular foi acatada e respeitada por todos os historiadores e biógrafos do poeta, havendo apenas divergências acidentais da parte de Teófilo Braga, Lacerda<sup>20</sup>, Juromenha e Wilhelm Storck quanto à data da sua vinda e outras minúcias, ficando, porém, de pé o facto principal, a estada do poeta em Macau, segundo longamente escreveu o Padre Manuel Teixeira<sup>21</sup> que diz:

"..., mas nos primeiros anos do século passado, em 1907, houve quem pretendesse contestar este facto e relegar a tradição para os domínios da lenda".

Já antes, em 1899, o ilustre orientalista J. F. Marques Pereira, expusera bem fundadas dúvidas sobre a estada de Camões em Macau como Provedor dos defuntos e ausentes. Ora, há aqui duas questões que importa não confundir:

- 1.ª -Esteve Camões em Macau?
- 2.ª -Foi Camões Provedor dos defuntos e ausentes em Macau?

À primeira respondemos afirmativamente com a tradição. À segunda respondemos negativamente com razões históricas. Esteve Camões em Macau? Respondem afirmativamente toda uma plêiade de brilhantes e profundos historiadores dos séculos passados. Começou a negá-lo João Frick em 1907, o qual aventou a hipótese de o poeta ter ido morrer, "com a espada na mão, ao lado do seu rei nos campos d'Alcácer-Quibir." Depois deste, apareceram alguns articulistas a copiar as suas objeções; o mais ilustre defensor da tese negativa foi o Dr. Luiz da Cunha Gonçalves que, no seu livro, diz que Camões não esteve em Macau e ampliou a tese que João Frick <sup>822</sup>, com o pseudónimo de Gonçalo da Gama, publicara no jornal "Portugal". João Frick diz que Camões não esteve em Macau porque, à data, Macau não existia, não passando dum covil de piratas; Cunha Gonçalves diz que "entre 1556 a 1559, não havia chinesas cristãs..." A isto respondeu o Dr. Jordão de Freitas em artigo publicado no Portugal, n.º 98, de 2 junho 1907, e reproduzido em O Oriente Portuguez<sup>23</sup>, da seguinte forma:

"Antes de passar adiante, seja-me permitido advertir que Macau (Maquao, Amaquao, Amacao, Amacoao, Amaquã, Amaquan), é nome que à ilha ou península, de que se trata, se dava já em 1555 (se não antes) e não apenas mais tarde, de 1557. Uma das cartas escriptas por Fernão Mendes Pinto, quando fazia parte da Companhia de Jesus, editadas e anotadas em 1902 em Hamburgo pelo dr. Nachod, em face do codice 49-IV-50, fl. 95 a 98, é datada de "Amacao" no mez de novembro de 1555. Nesta carta diz o auctor da Peregrinação: "Mas porque hoje cheguei de Lampacau, que é o porto onde estamos, a este amaquã que é outras seis leguas mais adiante aonde achei ao padre Mestre Belchior que veio aqui de Cantam..." De Macau e do mesmo mez e anno de 1555 são igualmente datadas duas cartas do padre jesuíta Belchior Nunes Barreto; uma dirigida para Roma a Santo Ignacio de Loyola e publicada em Coimbra (em hespanhol) e em Veneza (em italiano) no anno 1565; a outra remettida para Goa aos padres e irmãos da Companhia e de que se conserva copia no codice da Real Bibliotheca da Ajuda 49-IV-49, fl. 236-237, bem como da primeira a fl. 237-241v."

Concluimos com palavras de Camilo Pessanha em "A Pátria"<sup>24</sup> (7 de junho de 1924):

16 (em chinês: 澳門; pinyin: Àomén; em cantonês, Ou-Mun)[15]

17 Dos condados de Nanhai, Panyu, Xinhui e Dongguan

18 Macau, Factos e Lendas de Luís Gonzaga Gomes, Tipografia Mandarim, Macau, outubro 1979

19 filho do fidalgo Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá Macedo,

20 João António de Lemos Pereira de Lacerda

21 <http://www.library.gov.mo/macretum/DATA/PP272/index.htm>

22 No artigo de João Frick, publicado no jornal Portugal, n.º 2 de 1907, reproduzido na revista Oriente Português, vol. IV, abril de 1907, pp. 150-156, há muitas inexactidões

23 vol. IV, n.º de julho e agosto de 1907, p. 293-94

24 (citado em <http://theprovince.blogspot.com/2010/03/macau-e-gruta-de-camoes-por-camilo.html>)

"A vitalidade das tradições lendárias, ou quase lendárias, depende essencialmente de dois requisitos. É necessário que o objeto a que se referem se imponha pela sua grandeza à admiração contemplativa de todos os tempos. É-o igualmente que a própria tradição, nos diversos fatores que a constituem, seja adequada a esse objeto.

As tradições pertencem ao folclore, há nelas, preponderante, um elemento estético; e toda a obra de arte precisa, antes de mais nada, de ser bem equilibrada.

Quanto à grandeza gigantesca de Camões, e à da assombrosa epopeia marítima que culminou na formação do vasto império português do século XVI, estão acima de qualquer discussão. Resta apenas ponderar se Macau, esta exígua península portuguesa do mar da China ligada ao distrito chinês de Hèong-Sán, tem qualidades que a recomendem para assim andar associada à memória dessa epopeia e à biografia do poeta sublime que a cantou."

Voltando à lenda: Camões despediu-se da gruta de Patane, que escutara o eco dos seus sonhos e do seu desespero, e apresentou-se ao capitão da Nau de Prata. Interrogado sobre o papel enrolado que levava na mão, Camões respondeu que era toda a sua fortuna, a epopeia Os Lusíadas, que, segundo a lenda, terá sido escrita naquela gruta, com toda a alma e toda a saudade de português, injustamente privado da pátria, seu maior tesouro e único companheiro de infortúnio.

Da amurada da nau, Camões ouviu uma voz de mulher que o interrogava sobre a sua tristeza. Era uma nativa de Patane, em quem ele nunca tinha reparado, apesar da sua extrema beleza.

Tin-Nam-Men era o seu nome que significava "Porta da Terra do Sul", a Porta do Paraíso. Ela tinha observado Camões, durante muito tempo, sem nunca se atrever a falar-lhe. Perdidamente apaixonada, tinha-o seguido até ao barco.

Partiu com o poeta, e conta a lenda que ali nasceu mais uma relação amorosa na vida romanesca de Luís de Camões. Com a Nau de Prata a afundar-se na foz do rio Mekong, embarcaram as mulheres num batel e os homens salvaram-se a nado.

Camões, de braço no ar, segurando Os Lusíadas, nadou até terra, mas o barco onde seguia a linda Tin-Nam-Men foi engolido pelas ondas. Foi à bela Dinamene, como o poeta lhe chamou, que Camões terá dedicado os seus belos sonetos "Alma minha gentil, que te partiste..." e também "Ah! Minha Dinamene! Assi deixaste".

<p>ah, minha dinamene assi deixaste quem não deixara nunca de querer-te! ah, ninfa minha, já não posso ver-te, tão asinha esta vida desprezaste!</p> <p>como já para sempre te apartaste de quem tão longe estava de perder-te? puderam estas ondas defender-te que não visses quem tanto magoaste?</p> <p>nem falar-te somente a dura morte me deixou, que tão cedo o negro manto em teus olhos deitado consentiste!</p> <p>ó mar! ó céu! ó minha escura sorte! qual pena sentirei, que valha tanto, que ainda tenho por pouco o viver triste?</p>	<p>alma minha gentil, que te partiste tão cedo desta vida, descontente, repousa lá no céu eternamente e viva eu cá na terra sempre triste.</p> <p>se lá no assento etéreo, onde subiste, memória desta vida se consente, não te esqueças daquele amor ardente que já nos olhos meus tão puro viste.</p> <p>e se vires que pode merecer-te alguma cousa a dor que me ficou da mágoa, sem remédio, de perder-te,</p> <p>roga a deus, que teus anos encurtou, que tão cedo de cá me leve a ver-te, quão cedo de meus olhos te levou.</p>
---	---

O Rio das Pérolas<sup>25</sup> desagua no Mar da China e banha, de um lado, Hong Kong, do outro, Macau. O próprio nome induz a promessas de riqueza e os encantos de Macau souberam atrair o pintor George Chinnery (1774-1852) que a 29 de setembro de 1825, chegou vindo de Calcutá e ficou em Macau os restantes 27 anos de vida, tornando-se no mais célebre pintor da sua história que ali viveu.

Durante a segunda guerra mundial (1943), o artista russo George Vitalievich Smirnoff (1903-1947) refugiou-se em Macau e o pintor macaense Luís Luciano Demée soube aprender rapidamente com ele. A sua técnica consistia em pinceladas vivas, produzindo aguarelas que descreviam os cenários românticos da cidade bem como o movimentado porto.

Muitas outras personagens aqui se radicaram encantadas pelos sortilégios orientais e deixaram um considerável espólio literário como foi o caso de Manuel da Silva Mendes, nativo de Famalicão que chegou em 1901 e morreu em 1931, contemporâneo de Camilo Pessanha, nascido em Coimbra em 1867, residente em Macau a partir de 1894 onde faleceu em 1926.

Há ainda um macaense muitas vezes esquecido que é Luís Gonzaga Gomes, falecido em 1976 com 69 anos, autor de inúmeras obras.

Também gostaríamos de neste 15º Colóquio render preito a Graciete Batalha (1925-1992), Adé dos Santos Ferreira (1919-1993), Deolinda da Conceição (1914-1957), Henrique Senna-Fernandes (1923-2010) e Rodrigo Leal de Carvalho (1932-<sup>26</sup>) entre muitos outros.

Como dizia Mallarmé "No fundo, o mundo é feito para acabar num belo livro".

Já Maria Alzira Seixo escreveu: "a escrita de viagem não pode ser encarada de modo global: há tantas escritas de viagens como sensibilidades históricas, culturais e estilísticas." (Seixo, 1998: 135<sup>27</sup>).

A experiência da viagem como deslocação no espaço - e no tempo - sempre esteve intimamente ligada à escrita, e a partir do século XIX nasce o conceito de "Viagem ao Oriente", espaço mítico, visão encantada de orientes fabulosos e mágicos onde os ocidentais projetam os seus sonhos e fantasmas, etapa essencial da iniciação espiritual, quiçá topográfica e topológica, à moda da velha Grécia com uma apropriação empírica, sensorial e intelectual do lugar. Decorrem tanto no imaginário dos autores como nas pátrias inventadas, países mentais e utopias que visam retratar.

O primeiro volume de ChrónicaAçores pretendia ser uma escrita de viagem, uma revisitação original do mito do Oriente sem ser épica.

25 (Zhu Jiang, 珠江 pinyin: Zhū Jiāng)

26 bibliografia <http://www.acvl.pt/titulos.php?seleccao=aut&id=1847>

27 Seixo, Maria Alzira (1998) - Poéticas da Viagem na Literatura, Lisboa, Edições Cosmos.



Como escreveu Eduardo Lourenço

"... os que por nós lá [Macau] foram para sempre e lá ficaram –, há muito que ela era para o Ocidente a porta aberta e misteriosa para uma quietude capaz de nos curar do nosso demoníaco desassossego. Mas foi a nossa chegada que a converteu para os outros em lugar de todos os sonhos e fantasmagorias. Para nós, todas as viagens são viagens..."

Havia já, então, em mim como que uma reencarnação do Dragão oriental, um dos quatro animais sagrados convocados por Pan Ku (o deus criador) para participarem na criação do mundo. É um misto de vários animais místicos: Olhos de tigre, corpo de serpente, patas de águia, chifres de veado, orelhas de boi, bigodes de carpa e etc. Simboliza a sabedoria e o Império, com as suas quatro patas.

Há uma noção que convém reter: nunca nos seus séculos de existência deixou Macau de fascinar e de marcar indelevelmente os que por aqui passaram, como foi também o meu caso entre 1976 e 1982.

Aprendi novas linguagens e culturas enriquecendo esta bagagem que comigo transporto às costas, caixeiro-viajante de sonhos que insisto em tornar realidade.

Assim se explica que este 15º colóquio da lusofonia tenha chegado não numa nau, mas nas asas desse sonho a que chamam Lusofonia, palavra que etimologicamente, significa fala dos lusos.

Nessa definição cabem todos quantos falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade.

Lusófonos são, portanto, todos, quantos, falando a língua de Camões, sentem que algo têm em comum, de idêntico, mas também de diferente de todos os outros que habitualmente falam outra língua e com ela se identificam.

Esta definição de Lusofonia será sempre um diálogo nessa secular língua que todos falam, incluindo o conjunto dos oito países de língua oficial portuguesa e suas correspondentes identidades culturais, bem como todas as Regiões em que a língua portuguesa é também utilizada como língua materna ou de património e abrangendo todos os que trabalham como sua própria a língua portuguesa (mesmo que seja língua segunda, terceira, etc.).

Esta Lusofonia teve as suas raízes remotas nos séculos XV e XVI, quando passou a ser a principal língua universal de comunicação internacional entre todos os povos do mundo.

Irmanava povos distintos dos quatro continentes descobertos e tornava possível não só a mercancia como todos os atos entre nações e povos.

Com essa língua se criaram comunidades que ainda mantêm os seus crioulos e a sua identidade herdada pela língua que os unia.

Com essa língua se casaram e nasceram muitos dos que hoje dela descendem.

Os séculos passaram, a influência política desvaneceu-se e os laços religiosos foram irremediavelmente cortados na vasta Comunidade Cristã Crioula da Ásia, mas os crioulos de Português perduram como herança universal.

Isto de Lusofonias e Lusotopias tem muito que se lhe diga.

Falta muitas vezes aos Estados Ocidentais a visão, o amor e a dedicação que só alguns indivíduos conseguem ter pela língua e cultura.

Governos e governantes estão de candeias às avessas para a defesa desses valores, tal qual a população de S. Miguel nos Açores, está sempre de costas para o mar, enquanto outras não vivem sem ele, como no Pico.

Foi com a percepção da herança ancestral da língua que o Instituto Politécnico de Macau, através dos professores James Li (Changsen) e Choi Wai Hao, teve a visão e ambição de nos ajudar a trazer este colóquio até Macau, acedendo a um patrocínio do evento sem o qual jamais seria possível reunirmos aqui este vasto leque de especialistas em várias áreas do conhecimento. Foi graças à sua denodada tenacidade que tivemos em Macau representantes dos quatro continentes da grande nação de lusofalantes. Bem hajam por terem tido a sabedoria, ancestralmente herdada por milénios de civilização chinesa, de reconhecer a força e a capacidade de realização dos Colóquios da Lusofonia e de permitirem aos que aqui vivem, esta partilha imensamente rica da qual esperamos possam frutificar novos e arrojados projetos para anos vindouros.

Em 2001, os Colóquios brotaram do intuito de criar uma Cidadania da Língua. Queríamos que todos se irmassem na Língua que nos une. Pretendíamos catapultar a Língua para a ribalta, numa frente comum, na realidade multilingue e multicultural das comunidades que a usam.

Em 2010 atravessamos os mares para ir ao Brasil e em 2011, embarcamos na nossa nau para arribar a Macau onde hoje se fala mais Português do que quando aqui vivi entre 1976 e 1982.

Ao contrário de Vasco da Gama os Colóquios da Lusofonia não buscaram o caminho marítimo para as Índias, antes se deslumbram com o que foi feito em Macau nos dez anos de regresso à soberania chinesa.

Ao fim de 15 edições, são a única realização regular, concreta e relevante sobre a LUSOFONIA, com um variado leque de participantes de todo o mundo.

Os Colóquios da Lusofonia na saga dos navegadores só arribaram ao arquipélago dos Açores em 2005 para debaterem a identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições. Em 2008 tiveram a presença do escritor da baleação, o picaroto Dias de Melo (falecido pouco depois) e o micalense Daniel de Sá. Em 2009, foi o prolífico escritor Cristóvão de Aguiar como convidado especial na Lagoa e em Bragança. Para 2010-2011, escolheram Vasco Pereira da Costa, um escritor açoriano que desempenhou durante sete anos, as funções de Diretor Regional da Cultura dos Açores, antes de ser fugazmente substituído pela (então) Ministra da Cultura de Portugal, Dra. Gabriela Canavilhas, presente na abertura do 11º Colóquio. Outros se seguirão.

Nesta porfia por repor os escritores portugueses, de matriz açoriana, no panteão que merecem existem outros para estudar, ler e divulgar.

É para eles, suas obras e memórias, que orientarão as edições futuras dos colóquios, para que sejam lidos e traduzidos como já estão sendo estudados nas Universidades de São Paulo, Brasil, graças às colegas Zélia Borges e Dina Ferreira e em universidades romenas e polacas, graças à colega Rosário Girão. Dispõem os Colóquios de tradutores a trabalhar na sua tradução para posteriormente serem editados naquelas línguas com apoio do Instituto Camões.

Chegaram a novos destinatários através do 1º curso de AÇORIANIDADES E INSULARIDADES da Universidade do Minho, da colega Rosário Girão, que passará a ser ministrado em plataforma e-ensino.

Nos últimos anos, assinaram parcerias com Universidades, Politécnicos e Academias para, com a sua validação científica, completarem projetos como a Dicipédia Contrastiva da Língua Portuguesa e iniciaram o processo de passagem a associação cultural sem fins lucrativos concluído em 1 de janeiro de 2011.

As colegas Helena Chrystello e Rosário Girão ultimaram uma Antologia de Escritores Açorianos Contemporâneos para poderem ser estudados no currículo regional dos Açores.

Há mais de um ano, os Colóquios lançaram na sua página, os Cadernos de Estudos Açorianos, que visam dar a conhecer um pouco da obra dos inúmeros escritores açorianos, vindos das ilhas, onde se bem que haja mais vacas que gente, o clima, vegetação, vulcões e terramotos criaram um número desmedido de escritores. Por isso mantiveram como parceiro indiscutível, um patrocinador institucional desde 2008, a Câmara Municipal da Lagoa, através do seu Presidente Eng.º João Ponte, que infelizmente não pode estar presente em Macau – como previsto – em representação do Governo da Região Autónoma dos Açores.

Os oradores destes colóquios não buscam mais uma conferência, mas compartilham projetos e criam sinergias. Permutam impressões, ideias e metodologias, vivências e pontos de vista, dentro e fora das sessões. Com os colegas, repartem passeios, refeições e despedem-se no último dia como se de amigos se tratasse. É o que torna estes Colóquios distintos de qualquer outro congresso. Irmanados no ideal de "sociedade civil" capaz e atuante, juntos, são capazes de atingir o que a burocracia e a hierarquia não podem ou não querem.

Todos aqui presentes em Macau ajudarão a prestar uma justa homenagem a VASCO PEREIRA DA COSTA, escritor convidado.

Vieram exemplares de algumas das suas obras e persevera-se para que sejam lidos e traduzidos. Os temas escolhidos para este ano de 2011 retratam bem a posição dos Colóquios, como construtores de pontes entre Lusofonias entre as Américas, do Brasil ao Canadá, Açores, África, Europa e a China. Sempre houve açorianos em Macau e foi daqui que o chá partiu para a ilha de São Miguel, onde existem as únicas plantações europeias da planta.

Teremos além das palestras científicas, música, teatro e poesia de Macau, Açores, Galiza e Brasil, graças ao apoio incomensurável e à enorme bondade do Governo da RAEM e do nosso patrocinador, Instituto Politécnico de Macau.

Para além de proporcionar a viagem e estadia, concedeu apoio logístico a esta vasta comitiva, como ainda apoiou a estadia e alimentação dos restantes oradores e seus acompanhantes num gesto magnânimo raramente visto nestes dias em que todos clamam crise para se escusarem a apoios culturais.

A nossa comitiva inclui representantes das três Academias de Língua Portuguesa e colegas dos seguintes países e regiões: Açores, Alemanha, Austrália, Bélgica, Brasil, Bulgária, Canadá, Espanha, EUA, Galiza, Gana, Malaca, Moçambique, Portugal e Rússia.

Normalmente, o oriente veste-se de magia para os ocidentais e Macau acaba por ser mais esotérico ainda nas conceções que dele se fazem fruto de autores inúmeros que dele fizeram a sua base terrena.

Foi com estas premissas em mente que um grupo de cerca de quarenta pessoas partiu de vários pontos do mundo para o 15 colóquio da lusofonia.

Para muitos seria um batismo enorme intercontinental e intercultural, para outros apenas um regresso – mais ou menos adiado – a uma terra que partilharam com sonhos e projetos vários.

A longa viagem começada pelas 12 horas de dia 9 em Ponta Delgada terminaria em Macau dois dias depois, pelas 16.00 horas locais de dia 11 (08.00 PDL) para um grupo de 31 viandantes que se juntaram em Lisboa.

Sem as habituais e sempre inconvenientes perdas de bagagem, fomos recebidos no cais pelos representantes do IPM e transportados ao luxuoso Rio Hotel & Casino Macau onde iríamos ficar durante os dez dias seguintes a escassos metros do IPM.

Na manhã seguinte teve início com toda a pompa e circunstância o 15º colóquio, por entre espetáculos musicais que incluíam danças e cantares portugueses interpretados por jovens chineses, sendo alguns aprendizes de português há uns meros seis meses ou menos.

Seguiu-se um recital do cancionero Açoriano preenchido pelas mágicas mãos da pianista Ana Paula Andrade do Conservatório Regional de Ponta Delgada acompanhada da jovem e promissora soprano Raquel Machado.

Depois das sessões iniciais dedicadas ao AO 1990 e outros temas, houve uma pausa para visionar um documentário sobre o quase extinto patuá de Macau seguida do primeiro banquete, oferecido pelo IPM, com laivos de corte imperial chinesa: 15 pratos e seis entradas, deixando a maior parte dos presentes de olhos e estômagos plenos de imagens e sabores.

Momentos inesquecíveis na memória de muitos e a deixar antever o grau de hospitalidade oriental e seus protocolos rígidos, a que todos automaticamente aderiram.

Nessa noite já todos diziam que iria ser difícil igualar esta receção e as muitas honrarias que eram conferidas aos 48 participantes.

O segundo dia começou com o calor habitual 24-29 °C e a humidade elevada fazendo crer que a ilha de São Miguel nos Açores era um lugar seco.

Esta manhã era destinada ao roteiro cultural pela Macau antiga organizado pela Rosário Girão, em homenagem a Henrique de Senna Fernandes, e teve o seu início no Jardim Camões onde junto à lendária gruta – num momento de magia inolvidável - se declamou poesia de Macau, Galiza, Brasil, África, Açores, etc. com as vozes de Vasco Pereira da Costa, Chrys, Concha Rousia e Luciano Pereira ao som de fundo do Lian Gong (a ginástica matinal chinesa), mesmo em frente à Gruta.

Depois, foi a visita ao excelente Museu de Macau e seus percursos paralelos entre Portugal e Macau, à reprodução dos modos de vida, das fachadas de casa típicas da construção luso-macaense, seguida de uma obrigatória visita às ruínas da Catedral de São Paulo, esse ex-líbris que o fogo quase consumiu na totalidade há mais de 200 anos.

A visita terminava na Livraria Portuguesa onde se percorreram edições de obras de autores macaenses antes de prosseguir para um banquete português com caldo verde, bolos de bacalhau, entre outras iguarias, oferecido pela Fundação Macau no restaurante Pinnochio's da Taipa ora remodelado e com três andares em vez do andar térreo que eu lhe conhecia na década de 1970.

As sessões da tarde foram dedicadas a autores macaenses e a África antes de prosseguir com uma sessão especial na Livraria Portuguesa onde os três autores convidados (Vasco Pereira da Costa, Anabela Mimoso e Chrys Chrystello) iriam apresentar os seus novos livros.

A sessão começaria com uma homenagem curta ao seu dono, o jornalista Ricardo Pinto, pela colaboração dada a um programa mítico da rádio TDM em 1980 (o uísque e a cola, de Chrys Chrystello).

Curtas apresentações, mais algumas entrevistas e lá estavam todos deabalada para o Forte de Mong Há onde se situa a Pousada do mesmo nome e onde teria lugar o banquete oferecido pelo Instituto de Formação Turística, sendo os convivas as felizes e satisfeitas cobiias escolhidas para os mil e um deliciosos pratos confeccionados pelos alunos.

A manhã do terceiro dia de sessões foi totalmente dedicada a autores macaenses, interrompida para mais um banquete e, de tarde, seguia-se a sessão plenária dedicada à Literatura e Açorianidade onde se homenageava Vasco Pereira da Costa, com a presença do editor convidado e do autor da diáspora, Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá).

Terminada esta sessão foi a comitiva e seu séquito em debandada para o Instituto Internacional de Macau onde se iria celebrar um protocolo dos Colóquios seguido de uma palestra do ex-governador Garcia Leandro e de um banquete ao ar livre de comida macaense típica.

No último dia de manhã houve textos dedicados a Macau e Açores estabelecendo as pontes que este colóquio se destinava a construir entre as insularidades da lusofonia afastadas continentes e oceanos. Ao almoço um banquete oferecido pela Direção dos Serviços de Turismo no luxuoso novo Hotel Lisboa Grand de Stanley Ho.

Logo na sobremesa, era a altura de correr de volta para o IPM e celebrar um Memorando de Entendimento entre os colóquios e o patrocinador deste evento, com a presença de todos os convidados e de cerca de vinte membros da comunicação social, com a habitual troca de presentes e as formalidades protocolares habituais.

Seguiu-se depois a última sessão académica antecedendo as conclusões do colóquio eivadas de agradecimentos e da promessa de regresso a partir de 2012, por entre promessas de lutar contra a extinção dos crioulos locais.

Por fim, o toque mágico de um espetáculo de viagem pelo mundo lusófono, percurso musical com atuações de representantes de várias zonas geográficas da lusofonia, da Índia a África e Ásia, com passagem obrigatória pelos Açores.

Terminava assim de forma sublime e mágica o colóquio deixando lágrimas nalguns dos presentes, desejosos de voltarem uns e outros ansiosos por se fixarem em Macau.

Os três dias seguintes, por conta de cada um, foram dedicados a visitar Zuhai na China, as ilhas da Taipa e Coloane depois de se perderem na voragem consumista de compras de souvenirs da Rua das Mariazinhas e antecedendo o último dia dedicado a explorar à vol d'oiseau essa enorme metrópole que é Hong Kong.

Dos luxos e iguarias não falaremos aqui pois a imagem de profissionalismo e rigor científico foi o que mais marcou este 15º colóquio que o IPM coorganizou.

Começou já a contagem decrescente de 18 meses para o regresso à cidade que foi do Santo Nome de Deus e que, dez anos após o regresso à pátria chinesa, fervilha de vida e de progresso.<sup>28</sup>

Parafraseando Cristóvão de Aguiar direi da Língua de todos nós:

Amo-a sem o empecilho da palavra.  
Amo-a com os olhos, os ouvidos, as narinas abertas ao cio de seus aromas.  
Amo-a com sentidos conhecidos e desconhecidos, a imaginação em fogo.  
Amo-a com as vísceras do corpo e da alma. Aprendi a amá-la.  
O Amor aprende-se, cultiva-se, rega-se.  
Necessária uma predisposição íntima onde se alastre essa Ferida Amável, como tão eloquentemente escreveu, em título de livro, o Poeta Egito Gonçalves.  
Os poetas têm sempre razão!"  
In Cristóvão de Aguiar (in Nova Relação de Bordo, diário ou nem tanto ou talvez muito mais, Publicações D. Quixote, 2004)

É esse amor e o espírito de poeta que nos trouxe e aos nossos convidados até Macau onde vivi seis anos, para o maior colóquio realizado até hoje. Bem hajam por terem apoiado este sonho.

98.4. POESIA

Deixei a poesia de parte ao sair de Macau, em 1982, quicá por ter secado a veia inspiradora, ou por pensar que era uma arte menor.

O certo é que se passaram muitos anos até botar a pena ao papel e algo poético sair na alva folha que me confrontava.

Fora em Floripa (Florianópolis, Estado de Santa Catarina, Brasil) numa sessão do 13º colóquio da lusofonia, em pleno palco, ao lado do Vasco Pereira da Costa que não resistira, pois, aquele homem não era um poeta, ele instilava e destilava poesia.

a ilha            quilha  
que ilha?      a ilha  
parto num parto precoce  
náufrago em terra  
açores à vista  
as lhas – que ilhas?  
nascidas do fogo  
enterradas por vulcões  
tremidos  
         tremuras  
         ternuras atlânticas

28 NB: O 15º colóquio teve o alto Patrocínio do Instituto Politécnico de Macau (não só à comitiva oficial como aos restantes oradores e seus acompanhantes), bem como os apoios da Câmara Municipal da Lagoa (Açores), Presidência do Governo Regional dos Açores e Direção Regional das Comunidades, bem como dos patrocinadores locais: IIM (Instituto Internacional de Macau), Fundação Macau, Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, Direção dos Serviços de Turismo de Macau, Instituto de Formação Turística de Macau, Adeliçor (Açores). Veja as fotos em <https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1806-2014-11-23-13-49-15.html> e <https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/698-macau-15o-coloquio-2011-fotos.html>



atlântidas  
ilhas cativas  
no tempo e no espaço  
perdidas nas brumas  
no basalto e na lava  
piratas  
corsários  
aprisionam poetas  
geram autores  
concebem amores  
ritos e crenças  
benzeduras  
contra doenças e maleitas  
há momentos  
como este  
que deviam ficar eternos  
parados no tempo  
tudo pela ilha  
tudo pelas ilhas  
Chrys C., Saco Grosso, Floripa, Santa Catarina, Brasil, 7 abril 2010

A Concha Rousia convenceram-me, em outubro de 2010, a associar-me à declamação de poemas do Vasco, o que viria a repetir em ambiente irrepetível na Gruta de Camões em abril 2011. Depois disso já escrevi mais uns poemas como este

ODE AO IPM: A CHINA E A LUSOFONIA

a cabeça de jade do dragão volitava promessas  
nós dançando em volta e cantando  
eram portuguesas as palavras  
chinesas as faces  
íamos falar de lusofonias  
aprendemos harmonias  
hospitaleiras gentes  
fazendo nossa a casa delas  
trataram-nos com honrarias  
lusófonos dignitários Qing  
deram lições de progresso  
aprendemos seculares tradições  
partilhamos verbos e nomes  
humildes aprendizes de feiticeiros  
pasmados  
deslumbrados  
fizemos vénias e sorrimos  
cativados  
fascinados  
prometemos voltar  
Chrys C., 15/4/2011

98.5. MACAU SEMPRE RENOVADO

Deixei Macau em 1982 depois de seis anos de permanência numa modorra ocidentalizada, entorpecida pela opiácea sonolência dos que aqui viviam, sem rumo nem guia por parte de uma administração portuguesa inócua, para vir a encontrar a cidade e ilhas pujantes de uma vitalidade assustadora, numa voragem de progresso que se não compadece com o lento reviver de memórias passadas, mas ainda assim as respeita e preserva para delas obter mais-valias e benfeitorias.

A cidade fervilha de gente e de atividade, incapaz de parar e se deleitar com as glórias passadas nesta nova realidade de um país e dois sistemas, preservando muitos dos antigos encantos e acrescentando os traços inelutáveis da modernidade dos seus 28 casinos que são o motor e o combustível de novas quimeras. Aqui, tem-se a sensação de que querer é poder, quer na reconquista de terrenos ao delta do Rio das Pérolas - que já duplicou a área do território -, quer na busca incessante por novas atrações que lhe permitam ser a mais moderna e a mais antiga das cidades na Ásia e a única ainda com respeito pela sua herança arquitetónica ocidental. A hospitalidade e a gentileza das gentes desvaneceram todos, encantando e tornando irrepetível este 15º colóquio da lusofonia, desde os banquetes aos pequenos detalhes e atitudes pensadas numa minúcia que só as mentes orientais conseguem. Nada fora deixado ao improviso - como é apanágio de portugueses e brasileiros - e tudo funcionou num rigor e pontualidade de fazer corar os britânicos. Em todos, porém, ficou a mágoa da falta de tempo para ver e aprender mais e - estamos certos - muitos vão querer voltar para continuar a lição eterna de aprendizagem que caracteriza a mente oriental. Isto apesar de muitos não se terem acostumado a olhar para o lado correto da estrada, nas passeadeiras onde os peões têm de se precaver do ininterrupto trânsito (aqui guia-se do "outro lado" em relação a Portugal).

Assim como temiam, por vezes, comidas que desconheciam, inacostumados a tentar o que é novo e desconhecido, mais preocupados em dominar a maestria dos pauzinhos do que perder os pitéus e iguarias que se sucediam em ritmo alucinante qualquer que fosse o local de almoço ou jantar.

Os colóquios da lusofonia sempre primaram pela facilidade com que tornam desconhecidos em amigos e colegas e desta vez Macau não foi exceção, criando-se pontes entre culturas, levando a que ateus visitassem compungidamente templos budistas, taoistas e outros numa busca incessante de respostas a questões fundamentais que os atormentam. Gostava de saber responder à colega jornalista da TDM / RTP / Lusa que me perguntou sobre o turbilhão de emoções que devia andar dentro de mim, mas não pude nem sei. Uma controversa mistura de sensações, cheiros, cores e dores. A emoção descontrolada de voltar aonde se não pensou mais regressar, rever pessoas nunca esquecidas, mas afastadas pela lonjura dos mares, visitar passados e viver presentes sonhando futuros, esta poderia ser a resposta, mas nem eu estou certo de que o seja. Agora, resta cumprir os projetos delineados:

dentro do espírito de construção de pontes da insularidade que caracterizou este 15º colóquio da lusofonia foi decidido convidar – futuramente – tradutores de Macau e da R. P. da China para traduzirem obras de autores portugueses de matriz açoriana para chinês.  
apoiar a criação de uma cadeira de estudos de patuá (em local e moldes a definir) e respetiva base de dados sobre o papiacám di macau e o papiá kristang de Malaca e apoio às entidades que se dedicam que se dedicam a tal estudo.  
garantir desde já a disponibilidade total dos colóquios perante o IIM, a escola portuguesa de macau, o grupo de teatro dóci papiacám di macau do Dr Miguel De Senna Fernandes, a APIM presidida pelo Dr. José Manuel Rodrigues, e demais entidades interessadas em estabelecerem em linha uma publicação regular de cadernos de patuá, tal como a AICL fez para os cadernos e suplementos dos cadernos de estudos açorianos.

Igualmente se pretende ao abrigo do recente protocolo com o ILM e do memorando de entendimento com o ipm estudar a possibilidade de – em conjunto com a escola portuguesa de macau – criar uma cadeira de estudos de patuá a ministrar presencialmente e, posteriormente, preparar uma versão desses estudos em plataforma e-learning ou e-ensino.

propor a coedição nos próximos doze meses de uma antologia de autores macaenses contemporâneos, se possível bilingue (pt-ch) com base no pré-estudo feito pela colega Lurdes Escalreira e trabalhos de recolha feitos pelas Colegas Rosário Girão, Anabela Mimoso, Raul Gaião, Maria José Reis Grosso entre outros, buscando para o efeito parcerias locais que apoiem o custo da edição e da distribuição.

propor à tdm (entre outros possíveis parceiros) a realização de um estudo histórico tipo documentário sobre a importância da presença de açorianos em macau (ex.º d. Jaime Garcia Goulart, D. João Paulino De Azevedo E Castro, D. Arquimínio Da Costa, D. José Da Costa Nunes, D. José Vieira Albernaz, D. Manuel Bernardo Sousa Enes, D. Paulo José Tavares, José Machado Lourenço E Professor Silveira Machado, entre outros.

(Nota: este projeto arrancaria em papel nos colóquios seguintes graças à persistência de Raul Leal Gaião e de Monsenhor Ximenes Belo)..Criou-se uma vontade imensa de voltar, viver mais intensamente esse mundo a que chamei meu durante uns anos e depois archivei no ficheiro perdido das memórias. Recuperar lembranças e criar referências futuras partilhadas com a mulher e filho mais novo. Lastimar as ruínas do velho Hotel Estoril na Sidonau Pasi (Av. Sidónio Pais) onde vivi seis meses, os primeiros da minha estada em Macau, apreciar as lagoas artificiais na Praia Grande em frente ao apartamento da CEM onde vivi anos, hoje um mero prédio muito pequeno no meio de enormes arranha-céus. Perder-me na vila de Coloane parada no tempo e nos templos, onde um grupo de jovens chinesas fazia poses em frente à montra da pastelaria onde se anunciavam os (portuguesíssimos) Pastéis de Nata. Não visitei os casinos que desses as memórias são nefastas, mas aproveitaria para visitar todos os prédios ora recuperados, pintados e revitalizados e que os portugueses haviam deixado cair na incúria e no desleixo de ocupantes ingratos da península. Havia de percorrer o circuito da Guia em novo formato e de facas remodeladas lembrando as reportagens que lá fiz e os aceleramentos diários.

Veria as ilhas em busca de lugares perdidos nos tempos e memórias, reencontrar alguns amigos e conhecidos que não se dignaram vir ver-nos e redescobrir a nova Macau que ficará para sempre gravada na memória dos que nos acompanharam.

98.6. DA EUROPA AO ORIENTE-DO-MEIO

Foi em 2011 que regressei a Macau após um interregno de quase três décadas. As inúmeras contradições emocionais que me assolaram em 2011, na viagem, estadia e semanas subsequentes foram um turbilhão imenso de sensações e afeições. Raramente escrevi sobre Macau, porque nunca consegui encapsular a célebre cantiga em patuá:

Macau, nõssa téra  
Humildí, di grândi nobréza  
Téra pichóti di tanto chiste  
Unga fula pa quim ta triste Macau,  
nõs-sa téra  
Na mundo nom tem ôtro igual  
Casa di paz, di caridadí  
Unga casa pa tudu genti Macau,  
Santo Nómi qui Diós j'abençoã Macau,  
'nga tesóro dóci qui nõs guardã  
Téra di sonho, di esperança  
Téra di bondádi  
Ai bonitéza Macau, nõssa téra"

Nem sentia minha a canção original dos Thunders e de Rigoberto do Rosário (1970):

Macau, terra minha.  
Trazes a lembrança de uma quinta.  
És coberta de folhas e flores.  
São alegres as suas cores.  
Macau, terra de lendas.  
Os contos são as suas fazendas.  
Os monumentos históricos que tens,  
e o ambiente português que manténs  
Macau, vivestes sempre longe da sua mãe.  
Macau, és a menor da sua família.  
És tranquila, e bonita, símbolo da paz, e da beleza.  
Macau, terra minha.

Macau nunca fora terra minha, estava a caminho da Austrália, um ponto de passagem e paragem para mais tarde apreciar. Ao contrário de Camões não fui para ali desterrado<sup>29</sup>. Não se desterra um inimigo desprotegido e desvalido com uma provedoria, cujo triénio afiançava uma riqueza relativa. Provedor dos Defuntos e Ausentes de Macau, Luís de Camões fruía abundantes recursos para trabalhar com sossego, despreocupado, estudando a história e a geografia asiática nas Décadas de João de Barros, ao passo que cinzelava de primorosos labores a epopeia arquitetada. Apreciava mais os gozos, a magnificência, as comoções do que os pardaus amuados na arca. Disse-o ele: «Os que se cá lançam a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre água como bexigas...»<sup>30</sup>. Eu não amealhara pardaus nas arcas enquanto ali vivi provendo apenas dos vivos e presentes que dos defuntos e ausentes apenas reza a História. Parti a primeira vez para os orientes exóticos e mágicos de Timor em setembro 1973 e no natal de 1976 repeti a viagem, mas sem ali chegar, ficando-me por Macau. Iria fazer esse percurso mais sessenta vezes ao longo dos anos, sempre atraído por esse íman cultural oriental que tanta alma cristã tem roubado ao ocidente. Quiçá será o magnetismo ferroso das pedras que constituem a enorme Muralha da China, aliado ao exotismo das mulheres e homens, aos costumes tão diferentes e agradáveis, se excetuarem aquela mania de comerem tudo o que seja animal... (se mexe, é comestível, dizia-se).

98.7. MACAU 1977 e GARCIA LEANDRO

Ao chegar a Macau na época natalícia de 1976 tinha um certo temor relativo ao Governador, (então) major Garcia Leandro que curiosamente no 15º colóquio, em 2011, (como general na reserva) iria partilhar comigo o palco no Instituto Internacional de Macau numa sessão paralela dos Colóquios a fazer uma palestra sobre o mundo atual ... Saibamos porquê o meu temor em 1976, recordando excertos retirados do meu livro Timor-Leste Dossier Secreto 1973-1975:

29 Luís de Camões, apontamentos biográficos, prefácio da edição do Camões de Garrett com notas de Teófilo Braga



Maio 1974: - Alguns delegados da Junta de Salvação Portuguesa são esperados em Timor trazendo com eles - espera-se - o cheiro fresco dos cravos encarnados e da revolução de que tantos ouviram, mas ainda não puderam observar. Com eles, chega a desilusão e o desapontamento.

Um, é o Major Garcia Leandro (posteriormente Governador de Macau) conhecido das gentes de Timor, de uma anterior comissão de dois anos em que fora um mero Secretário do Governador (Brigadeiro Valente Pires).

Alguns graves incidentes administrativos e económicos ocorreram sob a sua égide.

Posteriormente, um inquérito oficial foi rapidamente arquivado, sem conclusões, mas um enorme montante [dizem que mil e quinhentos contos] desaparecera ou levava sumiço sem se saber para onde ou como.

A comunidade chinesa, que não esquecera esse incidente, é perentória sobre o não-regresso do Sr. Major Leandro sendo extremamente cooperante com provas documentais sobre os referidos incidentes.

Mais tarde (outubro 1974) alguns jornais de Portugal especulam sobre a possibilidade de o Major Leandro ser um dos principais candidatos à posição de Governador de Timor.

Dado existirem pressões [dos chineses e das notícias veiculadas pelos dois jornalistas em Timor<sup>30]</sup>, acaba por se contentar com o cargo de Governador de Macau.

Entretanto, em Portugal, o semanário "Expresso" de 25 maio 1974 dedica quase toda a sua primeira página a Timor, sob o título: "TIMOR: situação controversa agora sem vendilhões do templo..."

De facto, a situação político-militar está confusa em Timor.

Depois da visita dos delegados da Junta (Majores Garcia Leandro e Maia Gonçalves) em vez da verdadeira voz de um governo revolucionário, as pessoas constataam que as velhas formas de esquecimento a que a colónia foi votada no passado se iriam manter.

Há quem anseie por Salles Grade, anterior Chefe de Estado-maior em Timor, até 1973.

Durante a controversa visita dos delegados da Junta, Leandro faz declarações bem ambíguas e nebulosas:

"i) Que o MFA (Movimento das Forças Armadas e espinha dorsal da Junta) sabe perfeitamente bem o que se está a passar em Timor, e não há necessidade para as pessoas em Timor se preocuparem.

ii). Que a permanência do consulado Aldeia está perfeitamente justificada porque as suas atividades são predominantemente administrativas, logo não políticas (sic).

iii). Que o MFA não tolerará mini-revoluções ou mini-movimentos assim como atos tendentes a afastar o Governador e Comandante Militar em Chefe, os quais apenas podem ter origem em grupos minoritários."

Estas declarações obscuras e dúbias levaram muita gente a indagar se tais não eram afinal pontos de vista pessoais e não linhas mestras do MFA.

Apoiada por estas declarações a emissora local apressa-se a proclamar que 'se o governador Aldeia for afastado haverá um banho de sangue devido ao seu conhecimento profundo da população local."

Criticamente, afirmei, em editorial no jornal local "A Voz de Timor", que o postulado destas premissas está fundamentalmente errado.

Diante de centenas de pessoas reunidas no Ginásio Escolar para escutar as vozes da revolução o, então, Major Leandro proclama que o semanário "Expresso" é sensacionalista e incorreto na sua reportagem sobre Timor.

Ele também promete descobrir, no seu regresso a Lisboa, quem foram os autores das 'notícias alarmistas que obviamente "conspiram contra a paz e tranquilidade na ilha."

Toda a gente sabe que há duas pessoas a escrever para o "Expresso": Cristóvão Santos, Diretor da Imprensa Nacional e este autor.

Ambos fizeram parte das revelações do "Aldeigate" quando o Governador Aldeia chamou traidores aos revoltosos de então, agora no governo.

De facto, uma cópia do discurso de Aldeia fora por eles escamoteada para fora do território utilizando hippies australianos rumo ao Cupão (Kupang).

Outra cópia fora enviada para um intermediário sob nome falso, de forma a não alertar os censores. Quando a PM (Polícia Militar) veio, sem mandatos, fazer buscas a casa dos dois suspeitos não conseguem encontrar as duas cópias em falta, porque estas já iam rumo a Lisboa.

Aquele material queimava como ácido, e não era aconselhável tê-lo ou tocar-lhe.

Este, e outros factos são relevantes para estabelecer os antecedentes daquilo que a seguir se vai passar. A imputação do Governador Aldeia tem o seu início real quando a composição começa a ser impressa e, de imediato retirada pelo seu secretário José Joaquim Espiga Gomes, para encobrir a existência do seu discurso. Um último detalhe da sessão no Ginásio, Leandro mandara sair algumas pessoas por terem cartazes 'contra o governo marcelista ainda no poder em Timor'.

Muita gente não conseguia entender esta democracia guiada, pois centenas de pessoas haviam passado pelos cartazes, respeitando-os, quer concordando ou não com os mesmos.

O representante da Junta e do Governo Provisório no poder em Portugal não pudera nem quisera respeitar aqueles cartazes.

Depois de Leandro e Maia Gonçalves saírem do território ficou um certo vazio.

Mesmo antes de sair, Garcia Leandro valida a mensagem da emissora sobre o banho de sangue que se verificaria se a população ficasse sem o governador Aldeia.

De facto, esta não era a forma adequada de começar a descolonizar a mais distante e esquecida colónia do Império Português que ora se desmoronava."

O medo de eu encontrar em Macau o "meu quase futuro" Governador (de Timor) Garcia Leandro ficaria adiado quase um ano. Apenas ocorreria tal encontro em 1977 quando no Colégio Santa Rosa de Lima, fui apresentar um programa de Jazz japonês a transmitir pela TDM/ERM. Estava, calmamente à porta a fumar um cigarro quando entra o governador Garcia Leandro que diz "ah ...nós já nos conhecemos de Timor, não é?". Sinceramente pensei que na manhã seguinte me iriam buscar, sem malas feitas, e escoltar até ao aeroporto de Kai Tak, em Hong Kong, como era costume fazer então aos indesejados.

Apresentei o excecional programa de jazz e fui para casa, lutando contra a insónia, pensando que não iria completar um ano de estadia em Macau. Foram infundados tais receios e acabei por ficar seis anos e conhecer outros governadores (Melo Egídio 79-81 e Almeida e Costa 81-86).

A minha relação com o governador Leandro foi pacífica e nada havia a apontar. Certamente, só eu me lembrava do episódio e o mesmo nada significava para Garcia Leandro, predestinado como estava a voos mais altos, que os políticos nunca guardam memória destes pequenos desaires.

## 98.8. MACAU PORQUÊ?

Mas a pergunta que um leitor atento possa vir a fazer é como é que eu fui para Macau? O ano de 1975 fora um verdadeiro ANNO HORRIBILIS. As ténues memórias que dele guardo, prefiro que fiquem para sempre enterradas nesse enorme baú que é a bruma dos tempos. O meu companheiro de armas, o João Fernando Queiroz de Vasconcelos [Celinhos], emprestara-me quando vim de Timor, um descapotável Auto Union (AUDI) SP 1000 de motor rotativo Wankel (igual ao da imagem, mas em cinzento prateado). Além deste, fui buscar à garagem do sogro um Skoda 1000 MB que servia para todos os putos da família aprenderem a conduzir. Arranjei-o, artilhei-o, tirei-lhe os para-choques e ficou com melhor aspeto, ou seja, condizia melhor comigo, jovem economista, ambicioso, desempregado, sem posses e longos cabelos lavados duas vezes ao dia.

O aspeto condizia com o do carro, jovem economista, ambicioso, desempregado, sem posses e longos cabelos lavados duas vezes ao dia. Quem iria empregar uma imitação bem-falante de Jesus Cristo?

Com aquele aspeto apenas uma fábrica de botões, gerida por comunistas, algures para os lados do Palácio do Freixo (Porto), me ofereceu emprego, mas propunham retirar 70% do vencimento para o Partido. Não aceitei. Ia continuar sem clube nem partido. Faria disso uma promessa cumprida até hoje. Simpatizante clubista sim, mas sócio não. Dediquei-me ao fotojornalismo com um amigo, Pedro Ricca, a fazer fotos de crianças colunáveis do jetset portuense. Ganhávamos uns tostões nisto e em explicações sobre o marxismo a uma recém-entrada na universidade.

Tinha tudo programado para regressar a Díli [Timor] após uns dois ou três meses de descanso e férias em Portugal. Lá deixara mobília, casa (o apartamento na SOTA), moto, etc.

Descobri no início da guerra civil timorense de agosto 1975 que o regresso a Timor estava comprometido, já não poderia ir nos aviões da FAP<sup>31</sup>.

Não bastava suplicar para me deixarem regressar. Nem o meu pai nem o meu padrinho (então ainda administrador do Banco Totta e Açores) me emprestavam dinheiro (creio que eram apenas 20 contos [Esc. 20000\$00=100 euros] pois tinham a certeza de que uma vez partido jamais regressaria.

30 Cristóvão Santos e J.C. Chrystello  
31 Força Aérea Portuguesa, aviões militares

Então vieram os indonésios a 7 de dezembro e soube que nunca mais poderia voltar, pelo que decidi tentar regressar a Bali. Entrementes, escrevi à namorada australiana de Byron Bay, em Bali, a pedir paciência. Ninguém me dava a hipótese de trabalhar em Portugal apesar de ter escrito centenas de cartas de candidatura e de ter ido a dezenas de entrevistas.



AUTO UNION (AUDI) SP 1000



SKODA 1000 MB

Depois de tudo tentar e já em desespero de causa resolvi apelar ao major Carlos Carrilho, meu ex-chefe militar, Chefe dos Serviços de Intendência Militar em Timor, para ver se tinha conhecimento de alguma hipótese de trabalho remunerado. Felizmente para mim ele acabara de ser nomeado Administrador da Companhia de Eletricidade de Macau e precisava de um Economista para gerir o setor administrativo, pessoal, armazenamento e transportes da nova central termoelétrica em Coloane. As condições eram boas para um jovem de 26 anos: cinco mil e quinhentas patacas ao mês iniciais (limpas, isentas de impostos), cama sem mesa nem roupa lavada. Direito a casa mobilada, todas as despesas médicas pagas, carro da companhia, energia elétrica (a mais cara do mundo) totalmente paga, três meses de férias em qualquer parte do mundo de dois em dois anos.

Cortei o cabelo, comprei uns fatos novos e aceitei. Depois de duas idas a Lisboa onde me avistei com os administradores da CEM, Eng.º Martins Dias e major Carlos Carrilho, assinei contrato, após o típico bife, durante uma sobremesa, em plena Cervejaria Portugal na Av. Almirante Reis, em outubro desse ano. Partida marcada para o Natal 1976. Fiz um mês de estágio na Central Térmica do Carregado onde aprendi todas as formalidades burocráticas de uma Central Termoelétrica.

*Continuei a escrever longas missivas para a Austrália e Bali onde estava aquela com quem fantasiei (durante anos) que iria viver o resto da vida.*

*Quando depois falava da minha estadia no nirvana, perdão Bali, reconstruía sempre mentalmente esse período e juntava as poucas fotos de que dispunha para melhor ilustrar a época, da qual falava trinta anos mais tarde como se tivesse ocorrido na véspera.*

“Quando vivia na Indonésia, em Bali” e depois perorava sobre o tempo que lá vivera onde a melhor água era a do mar a uns cem passos da sua cabana de colmo. Era uma palhoça com cobertura de colmo, base e teto de madeira e paredes de bambu, aí duns 30 metros quadrados. Havia janelas de bambu a toda a volta, e umas traves fortes no teto a segurar a cobertura de colmo. Ao acordar, era levantar e ir dar um mergulho naquelas águas quentes, sem preocupações, sem amanhã, nem ontem. Cá fora havia as instalações sanitárias que até eram ocidentais, ao contrário do que acontecera na sua casa anterior e no “losmen” onde também vivera<sup>32</sup>.

*E isso contrastava, felizmente para mim, com as do primeiro “losmen” em que tínhamos apenas um buraco no chão, com duas pegadas grandes onde era suposto colocar os pés e depois agachar. Para se lavarem havia uma espécie de tanque da roupa, com um balde que tinham de encher e depois despejar por cima de cada um quando já estavam ensaboados. Havia um pequeno espelho para aqueles que ainda faziam a barba, uma atividade rara nos idos de 1973-1975. A princípio aquilo fazia uma certa impressão, mas vivera em Timor quase dois anos sem banhos quentes, e raramente tendo acesso à luz elétrica. Esta vida era ainda mais primitiva e mais simples. Fora aqui que comprei o meu primeiro par de “jeans” (ganga ou bombazina chamam-lhe os portugueses) e umas sandálias à Jesus Cristo, enquanto o cabelo e a barba cresciam. (descrição mais detalhada na crónica nº 10/2006 de janeiro 2006)*

*À data de ir trabalhar para Macau, já deixara há muito de viver com a mãe dos meus filhos gémeos e regressara a casa dos meus pais. Chegado o Natal, despedira-me dos gémeos e da restante família e partira. Era o único feliz com a partida, os restantes estavam tristes e sombrios. Imaginei agora em 2011 como seria bom reviver essa alegria e partir agora, de novo, para Macau. Enfim, estava de volta ao Oriente exótico que me enfeitiçara. O destino não era Bali, Austrália ou Timor, era Macau que se localizava bem perto de qualquer um daqueles destinos, e que bem poderiam estar ao meu alcance a curto prazo, logo que tivesse direito a férias, com o vencimento que iria auferir. Um verdadeiro tiro no escuro dourado pelo avultado salário que iria fazer esquecer ano e meio de vida miserabilista numa existência marital atribulada a que acrescera a vida dos filhos gémeos, sem que o nascimento deles me viesse a impedir de realizar o sonho de sair do país a todo o custo. Não podia voltar a Timor (então ocupado ilegalmente pela Indonésia) e ainda não tinha autorização para emigrar para a Austrália, pois teria de resolver o problema da dissolução do casamento primeiro e só depois de casar com a australiana poderia ir.... Sabia que tudo se iria resolver, as expectativas eram altas e a solução fora sempre partir de Portugal desde o dia em que infelizmente decidi voltar em junho 1975. Considerava esse interregno o preço a pagar pela libertação dum casamento falhado desde o início.*

Ali estava pronto a partir para esse célebre porto da Rota da Seda em pleno delta do Rio das Pérolas e com o toque mediterrânico que a presença portuguesa ali implantara. À chegada tinha um funcionário da CEM (Companhia de Eletricidade de Macau) (ainda me lembrava do nome dele, Sr. Cruz dos serviços administrativos) à sua espera e dum colega futuro, Eng.º Saltão, Helena e Filomena (mulher e filha) que também haviam chegado nesse dia a Hong Kong. Ficamos instalados no Hotel Estoril na Avenida Sidónio Pais.

*Como era meu direito, tinha requisitado uma casa grande como se toda a família se viesse a reunir comigo, o que nunca deve ter passado pela cabeça de ninguém.*

Logo na primeira semana fomos homenageados com um jantar de 15 pratos oferecido pela administração da CEM, com Ho Hin (deputado em Pequim e o verdadeiro poder em Macau), Roque Choi e outros dois administradores portugueses da companhia. Ali me debatera pois não sabia comer com os pauzinhos. Em Timor comia imensa comida chinesa, em restaurantes chamados A-100 ou A-200 ou noutros locais, mas sempre com talheres, nunca experimentara os pauzinhos... Roque Choi iria chamar-me à parte e dizer-me como poderia aprender a usar os fai chi. Quando dominar os pauzinhos numa ervilha saberá usá-los bem.... Assim fiz e aprendi. Ainda hoje uso esse exemplo para ensinar os que os não sabiam utilizar.

*Eram poucos os lusitanos nessa época em Macau. Na CEM estavam já um Norberto Tavares da Silva, mulher e dois filhos, um João Jacques Valente e mulher, Mário Saltão e mulher, Luís Quintela e mulher, João Lima e mais um ou outro engenheiro ou engenheiro-técnico, que naquela época ainda se discriminavam uns dos outros e o José Carvalho Sócrates Pinto de Sousa não nascera para os igualar. Acabariamos por totalizar 80 tecnocratas ao fim de um ano e pouco. Fomos os primeiros numa nova leva colonial. Éramos mal recebidos e mal vistos pelos macaenses. Salários exorbitantes, casas pagas e demais regalias. Os locais tinham salários de fome e condições de vida inferiores.*

Como residentes, havia apenas meia dúzia de portugueses, normalmente acompanhantes de cada governo e de cada governador, mais as famílias locais macaenses, seculares descendentes de portugueses, e um ou outro soldado, polícia ou



militar que se perdera após a tropa. Estas famílias tinham normalmente sangue português, chinês, malaio ou goês mesclado desde há séculos em proporções variáveis e muitas falavam entre si um crioulo local, o patuá ou Dóci Papiaçám di Macau. As suas feições eram variadas, das mais ocidentais às mais orientais, das mais claras às de tez mais escura de origem malaia. Uns andavam nos colégios chineses, outros no liceu ou nos colégios de língua inglesa. Eram quase todos políglotas em busca de uma identidade. Maltratados pelos chineses que não gostavam das meias castas e tratados abaixo de cão pelos portugueses que os julgavam inferiores, desconhecendo ou menosprezando a sua herança cultural e genética. O resto da população de cerca de 300 mil almas era constituído por chineses.

*Uns anos depois a nossa presença como novos colonizadores seria totalmente apagada pelas condições milionárias firmadas por novos abanadores da árvore das patacas. Chegaram no início da década de (19)80, mais de 2 mil portugueses (posteriormente seriam dez mil), para diminuir aquando da entrega de Macau à República Popular da China em 1999.*

Os nomes das ruas estavam escritos em português, mas ninguém falava a língua. Como já a atrás se disse, a avenida onde residi chamava-se Sidónio Pais, mas se não dissesse sidonau páci (transcrição fonética literal) nenhum condutor de táxi me levaria lá.

*Essas primeiras semanas de adaptação, nesta fase, temporária e geograficamente solteiro, foram marcadas por um encontro que viria marcar o futuro e daria lugar a mais um casamento no notário. Conhecera na receção do Hotel Estoril uma jovem macaense muito atraente, com quem trocara as primeiras palavras "A menina fala português?" ao que ela respondera, "claro que sim, sou portuguesa..."*

Comecei a degustar a comida local bem diferente da comida chinesa mais picante a que me habituara em Timor. Apreciei também, que nisto fui sempre uma pessoa aberta, novas culturas, novas línguas, novas experiências. A adaptação inicial foi fácil. O pior foi que, para ocupar os tempos livres e em busca de novas sensações, me tornara assíduo cliente do Casino Lisboa, do magnata Stanley Ho. Rapidamente perdi quatro meses de vencimento. Acabava de trabalhar na CEM, metia-me na carrinha de sete lugares, minha viatura oficial nos primeiros tempos e lá estava no Blackjack com os companheiros Tavares da Silva, Valente, Lima e Saltão. Ao fim de algum tempo a meter vales de adiantamento de vencimentos resolvemos pedir ao Saltão, que era o menos jogador de todos nós, que servisse para rebentar com a banca. Assim, consegui recuperar rapidamente numa semana, o que perdera em meses. Comprei uma aparelhagem para substituir a de Timor (que tinha vendido em Díli em 1974 para fazer a viagem de deserção para a Austrália). Quando cheguei ao hotel Estoril trazia um combo da Philips com toca-discos, toca cassetes e rádio mais um televisor da mesma marca. Jurei nunca mais entrar num casino para jogar, promessa até hoje cumprida, passados mais de trinta anos.

*O principal casino era o Lisboa, na altura o maior e mais importante casino do Oriente, pertença de Stanley Ho que o criara em 1962 (o seu monopólio duraria até 2002) com os seus sócios Teddy Yip (cunhado, marido da irmã Susie), Yip Hon e Henry Fok.*

*Os casinos eram diferentes dos europeus, os chineses, os tancareiros e as tancareiras, entravam descalços, maltrapilhos e apostavam fortunas que eu nunca ganharia em toda a sua vida.*

*Como eles amealhavam tais fortunas escapava ao seu raciocínio, mesmo admitindo que negociassem em drogas, tráfico de pessoas ou mero contrabando para a China.*

Nos cantos dos salões de jogo havia escarradores, frequentemente utilizados por entre o nevoeiro de fumo e de cheiros intensos que caracterizavam o Casino Lisboa naquela era. Nunca se sabia se era dia ou noite, a menos que se saísse do Casino. Pessoas havia que nunca sabiam em que dia da semana, do mês ou do ano estavam. Havia mesmo quem lá vivesse enquanto havia dinheiro para pagar os quartos do hotel. Era uma fauna diferente de tudo o que vira antes nos casinos europeus. O que mais impressionava era a falta de charme e de glamour associada aos casinos em Portugal na década de 1970. Havia toda uma fauna diferente de agiotas a prostitutas e meros viciados no jogo. Nunca me esqueceria de - no meu primeiro ano novo chinês em 1977 - ver uma tancareira<sup>33</sup> maltrapilha e descalça, entrar e sentar-se numa mesa de boule ou bacará (ou seria nos mais tradicionais e tipicamente jogos chineses do Fan Tan? Ou antes no Sic bo (骰寶), vulgarmente chamado dai siu (大小), grande ou pequeno ou hi-lo). Trazia com ela um molhe de fichas equivalente a muitas vidas inteiras de salários minhas. Ali ficaria até os perder e regressaria à sua embarcação para labutar mais um ano. Não sairia mais cabisbaixa do que quando entrara. A resignação fazia parte do jogo tal como a alegria quando se venciam aos dados, aos botões ou à bola da roleta. Não se viam funcionários públicos nos casinos, já que esses estavam estatutariamente proibidos de lá entrar, exceto nos feriados públicos. Todos os executivos da CEM eram considerados privados, embora pertencessem ao governo de Macau, antes de a CEM ser anexada pela EDP. Os funcionários menores eram equiparados a públicos e só podiam entrar no Casino durante a loucura dos 3 dias do ano novo lunar. Os mais sortudos ficavam, dia após dia, até se esgotarem os fundos. Entravam decididos a tentar a sorte e só saíam quando ela se esgotava. Comiam, bebiam e jogavam até acabarem as fichas. Era um espetáculo mórbido nesses dias em que decuplicava a habitual frequência dos casinos e mal se conseguia uma mesa num dos bares para se tomar um café. Pessoas que raramente se viam ou se encontravam, estavam ali durante a loucura dos três dias do ano novo chinês. Nas ruas havia apenas o movimento apropriado ao lançamento de panchões e danças de dragão inerentes às festividades.

*Continuei a manter regularmente a correspondência com a australiana, com quem vivi em Bali em 1975, onde continuava a trabalhar no negócio de impressão de roupa batique, com um primo e prima.*

*Depois de uma ida à Austrália veio para Macau em março de 1977. Ali ficou até ao fim do verão em idílio remoçado. Aluguei um quarto para ela no Hotel a fim de não haver problemas éticos em relação ao quarto que a CEM me pagava e acelerei o processo da moradia mobilada a que tinha direito e que viria a ser concedida, pouco depois, a umas centenas de metros do Hotel, no nº 5 A da Avenida Coronel Mesquita no edifício Jade Garden.*

*Tinha três quartos, pois legalmente era casado e tinha dois filhos. A vida no Hotel Estoril estava prestes a findar com todas as vantagens de discrição sem vizinhos chuchumecos, com o bônus de fazerem a cama lavada todos os dias, limparem o quarto, tratarem da roupa e proporcionarem a amizade tailandesa e filipina das massagistas que ali operavam. Estava concluída a fase de adaptação a Macau.*

Comprei logo no começo do ano o M-61-63, o primeiro carro a ficar oficialmente registado em meu nome. Tratava-se de um Fiat 128 3-P Coupé-S, 1100 cc, todo artilhado, cabeça rebaixada e com uma potência surpreendente que me iria servir durante um ano e meio ou dois.

Estive quase a inscrever-me no Grande Prémio de Macau dadas as suas (do carro) capacidades desportivas. Mais tarde, este potente carro viria a ser lentamente assassinado com quilos de sal no depósito de gasolina, quando as seitas resolveram adicioná-lo à gasolina, em vingança por ter cortado um dos esquemas de extorsão a candidatos a funcionários. O trabalho era difícil não só por ser a segunda vez que punha os meus conhecimentos de Economia e Gestão a funcionar (a primeira fora nos Serviços de Intendência em Timor e que tarefa inglória essa fora!) mas porque a CEM era uma enorme companhia de 750 empregados, falida e desorganizada. Tinha sido recentemente comprada aos ingleses e mudara o

33 Mulher que tripula o tancá."tancareira", Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha] <http://www.priberam.pt/dlpo/tancareira> [consultado em 07-01-2016].

nome de MELCO<sup>34</sup> para o mais português de CEM (Companhia de Eletricidade de Macau), mas os hábitos e as tradições de trabalho mantiveram-se.

O meu esforço do primeiro ano começava a dar resultados práticos e logo que a Central Coloane nos fosse entregue no ano seguinte, no regime de chave na mão, estávamos prontos para tomar conta dela e geri-la. Descobri, como vimos atrás, um esquema de corrupção na admissão de pessoal menor (serventes, condutores, auxiliares, etc.) segundo o qual os aspirantes a uma vaga pagavam antecipadamente um ano de vencimento a fim de poderem entrar. Como resultado, passara eu a fazer essas admissões pois aquela descentralização de tarefas dera tão mau resultado. Uns dias depois de o esquema estar montado surgiram as retaliações. O carro apareceu primeiro com os pneus furados, depois meteram-lhe sal no motor, o que obrigou a que fosse o motor desmontado e lavado, peça a peça. Um dos suspeitos e alegados responsáveis pelo esquema de corrupção era meu subordinado como Chefe de Armazém (um simpático e prestável senhor A'Heng), nascido em Moçambique, de etnia chinesa, veio ter comigo e dizer que conhecia pessoal duma seita de Macau (a mais conhecida era a sap sei kei ou 14 quilates) que podia descobrir quem estava por detrás daquilo e proteger de futuros eventos]. Agradei, mas não aceitei. Depois de algumas repetições da sabotagem à viatura particular e à de serviço, como não dispunha de garagem por esses dias passei a dispor de proteção policial todas as noites. Mal sabiam os meliantes, ao praticarem atos de vandalismo na minha viatura própria ou na de serviço (aqui a norma eram os quatro pneus furados) que a CEM se responsabilizava pela sua total reparação e indemnização...o prejuízo era para o erário público. Mais uma vez venci as adversidades sem me dar por vencido.

Como muito bem disse John Stuart Mill (1806-1873) num livro "Sobre a Liberdade" em que defende a liberdade de discussão e expressão com argumentos importantes, "existe uma banalidade epistémica: somos todos falíveis". Eu só o descobriria muito tempo mais tarde, já bem entrado nos meus quarenta anos, pois que até então sempre me sentira infalível na metodologia calculista de pesar sempre os prós e contras, antes de tomar qualquer decisão. Isto nunca me impedira de, como agora, não tomar decisão nenhuma e serem os outros os culpados por me forçarem a adotar e aceitar a decisão que outros tinham tomado. Eu fazia assim uma arqueologia do meu pensar e decidir, que, por vezes, desenterrava esqueletos corroídos pelo meu penar. Ou como François La Rochefoucauld disse "a gratidão da maioria dos homens não passa de um desejo secreto de receber mais favores."



Tinha, obviamente, problemas de consciência relativamente aos meus filhos gémeos e não me arriscava a iniciar um processo litigioso. A mulher e mãe das crianças, continuava a recusar falar de divórcio. O impasse mantinha-se há mais de um ano. Ela recusava tentar refazer a vida e ir viver para Macau com os gémeos. A jovem macaense rececionista do Hotel Estoril, entretanto, fora admitida para telefonista da CEM em Coloane durante o período de férias escolares (terminara o sétimo ano do liceu). Um dia saíra com ela para jantar, foram à praia de Cheok-Van sob a sombra imponente da então Pousada de Coloane, ver o luar e céu estrelado. A minha desonestidade, infidelidade e a cedência fácil à luxúria e ao prazer egoísta e hedonista caracterizavam a minha mente insegura.

Não só neste período, mas durante grande parte da minha vida adulta. Adúltera? Essa mesma jovem, entretantes, despedira-se porque as férias estavam a chegar ao fim. Não se despediu de mim. Continuou fazendo de mim a sua ocupação de tempos livres interrompendo o namoro com o Luís Lobo, filho do gerente do Hotel no Casino Lisboa. Em finais de setembro 77 aparece, inesperadamente, a minha mulher com um dos gémeos. O outro ficara em Portugal. Ainda tentei que a macaense ficasse baby-sitter do filho, mas a marosca foi descoberta quando fui passar o dia a Hong Kong com ela e fui visto pelos colegas da CEM que prontamente me vieram chibar. Trouxera um bolo de Hong Kong que ninguém comeria pois levei com ele na cara mal meti a chave na porta pela meia-noite de 5 de outubro de 1977.

O cinema ia continuar. Este filme não era uma comédia. A mulher, apesar do inferno que se tornara a vida sob um mesmo teto, ficaria desde finais de setembro 1977 até março 1978. O abismo repetiu-se nesses meses. A vida era um autêntico filme de terror silenciosamente observado pelo jovem gémeo Rudy com menos de dois anos de idade. O outro ficara em Portugal e disse se haveria de queixar durante toda a vida, por ter sido injustamente discriminado. Ela chegara mesmo ao ponto de tentar invalidar o meu contrato de trabalho por infidelidade. Fora uma tentativa desesperada, deveras curiosa, em especial se considerarmos o meio ambiente local e as regras e costumes de Macau... A jovem macaense emigrara, com a família, pois já tinha um irmão e a irmã mais velha na Austrália Ocidental. Isto vinha facilitar a vida na fase final em Macau com a mãe dos gémeos, sempre marcada por discussões diárias, agressões verbais (e não-verbais), chantagens e ameaças diversas. Quando partiu de volta a Portugal, onde estava o outro filho gémeo, eu ficara cheio de remorsos por ver o filho partir, até quando nem eu sabia.

As sociedades orientais e, em especial a macaense, aceitaram durante séculos que os homens tivessem as suas concubinas, numa tradição secular cheia de normas e etiquetas, mas sem que as primeiras damas vulgarmente designadas como "tai tai" alguma vez levantassem um pio que fosse ou fizessem escândalo. "Tai Tai" significa literalmente MULHER SUPREMA, A NÚMERO UM, definindo normalmente a mulher casada que não trabalha, mas essa definição tradicional de mulher mais importante entre as mulheres, perdeu hoje parte do seu significado. Hoje em dia, uma "Tai Tai" seria a definição apropriada para senhoras que vão a almoços, dispondo de imenso tempo para chuchumecar (fofocar) sendo casadas com homens ricos enquanto elas adoram fazer compras (ganhavam a medalha de ouro nas olimpíadas das compras, se existissem) e ir a spas. Claro que apenas usam diamantes com as obras genuínas da Prada, Louis Vuitton, Chanel e Gucci de logótipo bem à vista... educacionalmente tiram cursos de origami ou de culinária com os melhores chefes. Esse negócio das concubinas era o segredo mais mal guardado duma cidade pequena onde o vício, e tudo o mais andam sempre de mãos dadas. Raros eram os chineses (ou mesmo macaenses) da classe média e alta, que não tivessem vidas paralelas, perfeitamente estabelecidas e aceites pela comunidade, em geral, e pela família, em particular. Hoje parece não ser tão vulgar, mas então ainda era sinónimo de riqueza e de prosperidade.

O marido da "Tia" Graciete Batalha (nonagenário em 2011), então um conceituado médico local e tio da jovem macaense) era disso um exemplo com os seus dois filhos da enfermeira que lhe tratava do seu consultório junto à Sé. A famosa escritora especializada em patuá deveria ser a única pessoa em Macau que não sabia ou então adotara a chinesa posição dos três macacos, absorta como estava sempre nas aulas e nos seus estudos. Todos sabiam menos ela. Nem se deu conta dos problemas que o jovem filho do marido tivera com uma das seitas, que foi atrás dele quando estava a estudar no Canadá e o obrigara a voltar a Macau para trabalhar para eles até ao fim dos seus dias.

Isto de seitas por aqui embora não sendo tão mortíferas como a Yakuza japonesa também não deixam os seus créditos por mãos alheias. Consta que depois da transição de soberania para a China estão mais ordeiras e controladas, mas continuam a ser seitas. Longe, porém, vão os tempos da sua formação inicial de benemerência como resistentes aos invasores mongóis. Aliás a página do governo de Macau explicava a sua formação nestes termos:

A palavra "seita" nem sempre teve as conotações negativas que hoje em dia lhe são atribuídas.

Noutros tempos, tratava-se de um substantivo que designava da forma mais neutra possível um facto social e religioso muito divulgado nos tempos antigos.



A sua etimologia é disso prova, já que a palavra vem do verbo *seguir*, intensivo de *seguir*, "seguir", "acompanhar".  
As seitas participavam em pleno na vida religiosa desses tempos de que, de facto, constituíam a mais importante realidade.  
Este fenómeno sectário foi uma realidade que esteve sempre presente.  
No sul, mais concretamente na cidade de Cantão, um grupo de simpatizantes do imperador Ming (1644) e das suas políticas sociais e económicas, com o propósito de derrubar a dinastia sucessora - Qing (1644-1911) - reunia-se secretamente, num edifício com o número de polícia 14-K.  
Os seus objetivos eram essencialmente políticos.  
Os seus fins, a essência que esteve na base da sua criação, nem sempre foram corretamente interpretados.  
Uma vez mal compreendidos, foi fácil a alguns, aproveitarem-se do nome da "associação" e da memória daqueles que por motivos honrosos lutaram, transformarem uma determinada organização político-revolucionária numa sociedade secreta.  
Ainda hoje, a "seita 14 Quilates" é uma das legalmente consideradas secretas (artigo 3º., alínea a) do Decreto-Lei Nº. 1/78/M, de 4 de fevereiro), a par com a "Wo On Lock", aliás "Soi Fong" ou "Gasosa", ou com a "Wo Seng I", aliás "Seng I" e com a "Iau Lun".  
Contudo, apesar de a sua denominação se ter mantido ao longo dos séculos, os fins que orientam a sua atividade são, nos dias de hoje, completamente distintos daqueles a que se propuseram os seus fundadores ao criarem a "sociedade secreta".

O Professor Doutor Jorge de Figueiredo Dias no seu livro "As Associações Criminosas No Código Penal Português de 1982" (pp. 52-53) identifica este problema da desvirtualização dos fins da "sociedade-mãe". Diz:

".... Os membros serão todos aqueles que aderem e põem em prática os objetivos que a sociedade visou alcançar. Não basta a entrada formal - com a entrega de um envelope vermelho (lai-si) contendo MOP \$3,60 - para podermos imediatamente concluir que um determinado sujeito, com a dita ação, passou a ser um membro da associação. É necessário que se conforme com os fins da "sociedade secreta", que pratique atos materiais ou psicológicos subsumíveis na atividade da sociedade-criminosa e que seja reconhecido pelos outros membros como fazendo parte daquela organização."

O meu amigo Nick Griffin, jornalista da TV de Hong Kong, entretinha-se por esses dias, morbidamente apaixonado pela francesa Françoise, da companhia de dançarinas do Crazy Horse como forma de se tentar ressarcir do facto de a Gillian, mulher dele, o ter trocado por um comandante da Polícia de Hong Kong.

Nisso éramos os dois irmãos na desgraça e amores fanados. As francesas e dançarinas de outras nacionalidades que então escandalizavam Macau, sob a supervisão do Guy Lesquoy (em 2011 era diretor de entretenimento do Casino Venetian), eram nossa companhia habitual para as ceias depois dos programas da rádio, que terminavam pela meia-noite. Eram igualmente uma forma de desentferir o meu francês, língua que ninguém pensaria ouvir em Macau. Mais tarde, iria convidá-las para a minha boda.... Eram umas amigas como outras quaisquer que nestas coisas de amizades nunca eu discriminara pela política, sexo ou profissão. Deixemo-nos de falsos puritanismos, muitas destas amigas, fossem elas as francesas, as tailandesas ou as filipinas tinham valores morais e familiares bem mais elevados do que muitos daqueles que se benziavam por tudo e por nada e iam à missa. Lembro-me de que cerca de 90% do que as filipinas ganhavam era reenviado para casa para sustentarem os pais que viviam em abjeta miséria. Todas tinham uma noção profunda de respeito pelos pais e avós, pelos maridos e filhos e acreditavam piamente na inviolabilidade do casamento. Eu não me aproveitava delas nem tampouco as queria salvar dos miasmas corrompidos da sua profissão. Sabia que era uma fase transitória finda a qual iriam regressar a suas terras e levar uma vida normal. Recordo ainda, que jamais se esqueciam da data de anos e sempre me presenteavam naquela data. Uma coisa era a profissão (que envolvia sexo, mas podia envolver qualquer outra coisa) e outra era a amizade, mas a sociedade puritana de Macau – à semelhança da de Portugal – dificilmente me perdoava estas amizades.

Enquanto isto, muitos dos que me criticavam, levavam vidas bem mais sórdidas e devassadas, mas mantinham a hipócrita fachada que sempre caracterizou a fingida sociedade portuguesa. Esses, quando iam às massagens faziam-no às escondidas e compravam vídeos pornográficos, mas criticavam-me por ser amistoso com elas. Era fácil ver quem eram os meus verdadeiros amigos.

98.9. NATAL 1978: O FAROESTE AUSTRALIANO

A minha mulher antes de partir escrevera para a australiana a dizer que tudo era mentira e o casal vivia em pura felicidade...e, graças a isso, eu nunca mais saberia dela que, infelizmente, acreditara no embuste. Assim perdi um grande amor da minha vida sem jamais me perdoar por ter deixado que isso tivesse acontecido. Foi um capítulo da vida que ficou inacabado, quase como aquelas almas que vagueiam pela terra sem encontrarem a luz ao fundo do túnel, buscando a paz de que necessitam para passar para o lado de lá. Era assim que imaginava esse capítulo incompleto.

Mais tarde, muitos anos depois, já na Austrália tentei, sem sucesso, localizá-la e escrevi para as antigas moradas, sem nunca obter resposta. Muitas vezes pensei nela nos inúmeros dias infelizes que passei na Austrália. Mas o túnel nunca tinha fim e jamais se abriu para que pudesse pedir desculpa pela mentira da minha ex-mulher que nos impediria de ser felizes como tínhamos sido nas vezes que vivemos juntos em Bali, Jacarta e em Macau.

Quando o Natal (1978) se aproximou, demonstrei a minha total instabilidade emocional e o caos mental por que a minha tola cabeça atravessava e contactei a NF, AP e AW para ver se alguma delas me abrigava e albergava nesse Natal e a única a responder foi a AP. Fui a Perth e fiquei a viver com ela e a irmã em Cottesloe, um excelente subúrbio de praia na Austrália Ocidental que ainda não visitara. Lá, noutro subúrbio mais afastado, estavam os pais com três irmãs que ainda não conhecia. Ali se tinham fixado desde a saída de Macau. Fora em Perth, que viria experimentar a temperatura de 43 °C num belo dia em que o MGB-GT descapotável da sua futura cunhada mais velha (divorciada dum casamento que durara anos com um primo direito macaense), se recusara a andar mais numa subida dum parque de automóveis. Todo o trânsito parara à espera de que o MG arrefecesse.

Dia 24 de dezembro tive de ir a uma Missa do Galo, em inglês, para impressionar aqueles que seriam os meus futuros sogros. Era muito tarde quando regressamos para uma ceia tipicamente macaense, mas onde eram notórias as semelhanças gastronómicas portuguesas. Nos dias seguintes com o seu futuro cunhado, Charles Clifford, então namorado (depois marido) da irmã mais velha dela, começara a deliciar-se com as águas quentes a bordo do iate Breakaway ao largo da ilha de Rottnest. Dias de pesca, sol e mar... Aquilo sim era uma boa vida. Estava firmemente decidido a cumprir a sua nova promessa de fazer daquela a sua terra, pátria adotiva, já que Timor estava a ferro e fogo. Já antes o decidira quando ali estivera em 1974.

Fruto destes rápidos desenvolvimentos na arena amorosa, acabei por não ir a Portugal ao casamento da minha irmã que ia, finalmente, dar o nó com o Gil, que não era o Gil Grisson como o da série CSI, antes pelo contrário.

A incessante, desordenada, busca da felicidade e as tentativas desordenadas de ser feliz eram as minhas únicas preocupações naqueles dias. No fim de janeiro convenci a jovem macaense a voltar comigo, pois o avô paterno acabara de morrer na ausência dela, de seus pais e demais familiares emigrados na Austrália. Esse avô fora o último Cônsul Português em Cantão (Guangzhou) durante a 2ª Grande Guerra. Ofereci-lhe um bilhete de ida e volta, para o caso de querer regressar à Austrália.

Depois de estarem em Macau, quer os pais dela, quer um irmão mais velho, emigrado na Austrália desde os 15 anos, queriam à força que ela regressasse aos estudos na Austrália. Ali iniciara um curso de Graphic Design no ano anterior.

Tentei, novamente, abordar a mulher com a qual ainda me encontrava legalmente casado para que me concedesse o divórcio. Quando soube que, desta vez, eu queria mesmo o divórcio, e não parecia ter já pruridos em relação aos filhos gémeos, depois de tantos meses e anos de hesitações, ficou ainda mais furiosa. Os traumas de guerra e do SMO que tanto me haviam afetado e haveriam de marcar a minha vida toda, sem nunca sararem ou desaparecerem, impeliavam-me. Agora, mais do que nunca, ia tentar refazer a minha vida. Ia recomeçar.

Tentar ser feliz, ter uma família e uma estabilidade que compensassem as carências e os desgostos que a destruição do meu *modus vivendi* tivera devido à tropa. Enquanto esperava que os advogados tratassem do assunto, vivi com a jovem macaense, quase dez anos mais nova, cheia de vitalidade. Não pretendi, porém, que o divórcio me retirasse os "direitos paternais". Acabaria por ter de interpor um processo litigioso, depois de tantas tentativas de acordo paternal se gorarem. Como sempre acreditava na igualdade de direitos e deveres, entre os sexos e no casamento. O divórcio iria marcar-me, por muitas décadas, e afetar definitivamente as hipóteses de um relacionamento saudável com os meus filhos.

Macau está assim intimamente ligado a vários eventos amorosos e outros que viriam a condicionar o meu amadurecimento como pessoa e a adiar projetos pessoais e sonhos ainda por inventar. Talvez por essa razão me tivesse quase esquecido – durante décadas – que ali estive seis anos. Aquela terra estava indelevelmente ligada a momentos bem difíceis da minha vida e se bem que houvesse outros bem mais felizes, o que me vinha à memória eram as adversidades pessoais e emocionais que ali passara.

98.10. MACAU FOI UM COMEÇO, UM TRAMPOLIM PARA A AUSTRÁLIA

Esse ano foi realmente excitante apesar de eu ter enveredado por um caminho dúbio. Queria gozar a vida como se não houvera amanhã.  
Um hedonista perfeito em perfeito levante exótico.  
As amigas massagistas chinesas, tailandesas, filipinas e outras, como as meninas do Crazy Horse, faziam-me acreditar que a vida era para ser levada a sério na total fruição dos prazeres sem espiritualidades a empecilharem o rumo.

A propósito recordo ainda o dia em que os mórmones me tocaram à porta e eu fumava, bebia e tinha aberta - em cima da mesa de café - uma revista da Playboy....

Nunca mais voltaram a bater à porta. Ainda me lembrava da cara que eles fizeram, enquanto mentalmente se benziavam e rezavam pela minha salvação. Outra fase interessante na minha longa aprendizagem de vida, sem descurar todas as vertentes do conhecimento, foi quando, durante alguns meses, me amiguei com os Meninos de Deus e as suas numerosas famílias polígamas cheias de crianças louras.

De acordo com a definição atual na Wikipédia,

Os Meninos de Deus, depois conhecidos como Família do Amor, a Família, e agora a Família Internacional (FI), é um movimento religioso, amplamente referido como uma seita, que teve início em 1968 em Huntington Beach, Califórnia, Estados Unidos.

Foi uma dissidência do Jesus Movement do final dos anos 1960, com muitos dos seus primeiros convertidos saídos do movimento hippie.

Esteve entre os movimentos que inflamaram a controvérsia das seitas nos anos 1970 e 1980 nos EUA e na Europa e provocaram o primeiro movimento antisseita (FREECOG).

Cedo, porém, constatei tratar-se de uma seita que promovia a promiscuidade sexual em nome de Deus, como parece ser verdade em vários locais do mundo a acreditar nos registos que hoje se podem ler na internet. Afinal, não precisava daquela religião para encontrar o prazer polígamo. A própria organização secular chinesa, aceite pelos locais e tolerada pelos macaenses parecia facilitar o meu paradigma de vida, sabe-se lá se inspirado em Camilo Pessanha...

Excessos de regras orientais. Tão prazenteiras para um espírito ocidental. No entanto, tantos estragos fizeram em grandes figuras como Camilo Pessanha (Coimbra, 1867 - Macau, 1926) que se mudou para Macau em 1894 e, durante três anos, foi professor de Filosofia Elementar no Liceu de Macau, sendo nomeado em 1900 conservador do registo predial e depois juiz de comarca. Entre 1894 e 1915 voltou a Portugal algumas vezes, para tratamento, tendo, numa delas sido apresentado a Fernando Pessoa que era, como Mário de Sá-Carneiro, grande apreciador da sua poesia. Poeta expoente máximo do Simbolismo, Pessanha era um opiómano.

O texto que adiante se transcreve é de Alberto Osório de Castro, provavelmente escrito em 1916, para sensibilizar os responsáveis pelo Museu das Janelas Verdes, demonstrando-lhes a importância da coleção que Pessanha oferecera ao Estado português em 1915, e o relevo do intelectual que fazia a oferta. O episódio da doação da sua coleção longamente acumulada foi motivo de grande desgosto para Pessanha. Foi feito em julho de 1915, quando o poeta expôs as melhores peças do seu acervo particular no Palácio do Governo. Em meados do ano seguinte, a coleção nem sequer havia chegado a Lisboa; e, quando chegou, não foi aceita pelo Museu das Janelas Verdes, que, no ano seguinte, formalizou a recusa. Após algum período de incerteza as peças foram enviadas ao Museu Machado de Castro, em Coimbra, onde ficaram, exceto por breve período, sepultadas no depósito, fora do alcance do público:

«Como essas fotografias avivam em mim a esta hora de inverno português, entristecida de lufadas e névoa, a lembrança dos resplandecentes dias abafados de espera de tufão, vividos em companhia de Camilo, em agosto de 1911, na linda e melancólica, risonha e estranha terra de Macau, à maravilha católica e china, china sobre tudo, já agora, cheia de repiques finos à missa, de discretos biocos de confessadas, de silenciosos deslizos de milhares de Celestes, atravancando as ruas cada dia mais, invadindo as praças e rossios, coalhando as airosas lorchas do porto, gente atarefada e calada, reservada e de nós distante, aparentemente impassível, mas em cuja massa se sente a força profunda da maré que avança, e vai avassalar o velho empório europeu de veniaga nas Costas da China.

Pobre e linda Macau dos séculos XVI e XVII, como és ainda curiosamente portuguesa à moda desses séculos, sob a taciturna invasão china que te envolve e, todavia, te dá ainda um aspeto de vida!

E contudo, ó arcaica Macau, desde que Fernão Mendes Pinto andou de aventura no Império do Meio, assistindo aos primeiros avanços da potência tártara, que de memoráveis coisas se não deram nessa China imensa que só na aparência é milenariamente imóvel: abalada para o sul dos exércitos tártaros da Manchúria, queda da dinastia chinesa dos Ming, sangrento, como nenhum outro, triunfo da dinastia Manchu dos Ta-Tsing, dois séculos de terrível agitação das associações secretas chinesas contra o vencedor tártaro, indo, poucos meses após a minha passagem em Macau, até à abdicação do último imperador Ta-Tsing e à proclamação duma república à europeia ou americana, como compasso de espera da passagem da sombra de um novo Dragão imperial...

Tanta coisa a dizer sobre a China e a sua arte!»

Como é compreensível a busca hedonista deste autor quando comparada com digressões semelhantes. Leia-se o que Silvano Santiago escrevia em 19 fevereiro 2011 sobre Pessanha, em O Estado de S. Paulo:

E se o poeta entender que a viagem à distante Ásia não tem como interesse maior a exploração geográfica de outro canto do planeta ou o conhecimento dos muitos povos exóticos?

E se ela se lhe apresentar antes como estrada real para o exílio na península de Macau e condição sine qua non para a exploração sentimental e amorosa do potencial de vida cortado rente à raiz pela foice da Lusitânia natal?

E se a língua chinesa, aprendida pelo poeta e por ele adotada no quotidiano, lhe servir para neutralizar o poder imposto pela dicção poética lusitana, inspirada na tradição greco-latina?

A viagem a Macau será, então, porto de desembarque.

No espaço do exílio, o poeta estica o elástico da coerência íntima e secreta, experimenta a liberdade absoluta e inventa a própria e original dicção poética.

Longe da pátria, o poeta se vê estimulado a avançar com proveito e prazer a vida sentimental e amorosa que, a latejar no obscuro do desejo, deve ser a sua, é a sua, legitimamente.

Poemas do exílio podem não ser poemas do lá.

No país onde o poeta nasce e onde deveria viver até a morte, lá, ele não pode levar a cabo a vida que julga plena para si. Lá, não está sua pátria; lá, sua pátria não é.

Já o biógrafo António Dias Miguel observa que a vida alucinada de Camilo Pessanha no exílio serviu para que aprofundasse, pela repetição em diferença, traços abusivos já existentes no comportamento europeu. Em aguda percepção, esclarece-nos que o uso do ópio "corresponde não a um vício adquirido [em Macau], mas à sublimação, ou melhor, à transparência de outros que já em Portugal o caracterizavam, como o hábito de beber e o completar-se através de uma vida nova toda artificial". Sob a luz do país perdido, a "lânguida e inerme" alma do poeta se recheia e transparece completamente. Ela passa a "deslizar sem ruído" e a "no chão sumir-se, como faz um verme". O ópio suplementa o álcool, propiciando a plena realização "de uma vida nova toda artificial". Sobre esse tópico e a contrapartida no quotidiano como "spleen", há que buscar o seu artífice na poesia ocidental, Charles Baudelaire (As Flores do Mal, 1857). É sem dúvida digno de menção também, neste contexto, «O rio de Cantão» (1889) de Wenceslau de Moraes que começa por uma panorâmica da «varanda deliciosa do Canton Hotel» e onde descreve uma visita aos barcos-flores ou "tancás-flores":

«[...] Quando desceu a noite, a população, embalada pela lenta ondulação do Chu-kiang, adormeceu; bruxuleavam os faróis içados nos topos dos mastros das lorchas; defrontando com o hotel, surgiam iluminações festivas, eram os tancás-flores, donde irrompiam os primeiros acordes de uma música estranha.

Aluguei então uma sampana, e mandei remar para os tancás-flores [...] sobre cada barco eleva-se um espaçoso recinto, um verdadeiro salão, que os lumes de dezenas de candelabros iluminam em jorros de luz branca. [...].

Elas, envoltas nas longas cabaiais de seda, ora branca, ora lilás, ora cor-de-rosa, ora esmeralda, os cabelos entrançados em enfeites de ouro e grinaldas de jasmim, cintilantes de joias como ídolos, têm um encanto de beleza exótica que muito se casa com a estranheza do espetáculo...»

Já Pessanha o exprimia em «Ao longe os barcos de flores». Por todo o poema se encontram disseminados símbolos convencionais verdadeiramente chineses, núcleos de onde irradia uma série de imagens, poeticamente aproveitadas por Pessanha: hu-a (flor) é o termo que designa eufemisticamente a cortesã, a prostituta e também o bordel. Uma virgem pode ser uma "flor amarela", huáng hua, enquanto yan hua designa «la fille de joie», para além de poder ser a expressão para «animado, animação e fogo-de-artifício». Significativamente, o componente semântico yan pode querer dizer não só «fumo, vapor ou tabaco, mas também ópio». Este poema de Pessanha é um texto dominado sabiamente pela



ambiguidade, e o campo semântico do símbolo ou imagem convencional dos 'barcos de flores' leva a que no som da flauta se ouça o lamento feminino de uma yan-hua contrastando com a animação orgiaca do fogo-de-artifício.

Ao longe os barcos de flores  
Só, incessante, um som de flauta chora,  
Viúva, grácil, na escuridão tranquila,  
- Perdida voz que de entre as mais se exila,  
Festões de som, dissimulando a hora.  
Na orgia, ao longe, que em clarões cintila  
E os lábios, branca, do carmim desflora...  
Só, incessante, um som de flauta chora,  
Viúva, grácil, na escuridão tranquila.  
E a orquestra? E os beijos? Tudo a noite, fora,  
Cauta, detém. Só modulada trila  
A flauta flebil.... Quem há de remi-la?  
Quem sabe a dor que sem razão deplora?  
Só, incessante, um som de flauta chora...

Essa flauta chorou durante anos na alma conturbada deste vosso escriba, que nunca visitou uma tancá-flores, pois já todas estavam em terra firme naqueles tempos. Mas ainda ouvi a flauta, a orquestra e o som dessas orgias na escuridão entrecortada pelo fogo-de-artifício e pelo estrelejar dos panchões... A errância de um povo e de seus poetas, um povo e uma poesia para quem a pátria tinha sido, muitas vezes, «um lugar de exílio» e para quem a viagem e a emigração foram quase sempre, como escreveu o poeta, professor, embaixador e amigo, José Augusto Seabra, a «outra pátria» senão mesmo uma pátria.

Eu fora afinal para Macau, não para o exílio nem para a exploração, mas para sobreviver já que o país de origem não me dava condições nem emprego. Foi lá que escrevi poesia enquanto também experimentava "a mesma liberdade e se via estimulado a avançar com proveito e prazer a vida sentimental e amorosa..." Macau nunca seria, porém, e assim vo-lo reitero em capítulo anterior:

«Macau nunca fora terra minha, estava a caminho da Austrália, era apenas um ponto de passagem e paragem, para mais tarde apreciar.»

Como Manuel Alegre escreveu «Todos os poetas, são como Dante, exilados...» mas nem todos em Florença. A poesia está no mar, abriu as portas do Oriente, e eu - queira ou não admiti-lo - sou um exilado de mim mesmo, do país de origem, das minhas próprias origens, do meu tempo, do meu destino incumprido, da espiritualidade da minha juventude, dos sonhos que me não deixaram consumir. Ali começa verdadeiramente a minha diáspora. É, pois, em Macau e não em Timor, para onde fui, fruto dos imponderáveis de um SMO<sup>35</sup>, que essa verdadeira viagem de circum-navegação tem o seu início fixado. Não porque me mandassem, não porque acontecesse, mas porque porfiara para que assim fosse.

Sempre disse que fui para Macau para estar perto de Timor, mas esta verdade era parcial pois a Austrália há muito me conquistara sem enleios orientais. Quase uma inverdade, pois que a Austrália era a fronteira imensa, o continente vasto sem horizontes onde o futuro se perdia de vista, ali mesmo onde o meu país de origem ainda me pareceria mais tacinho e pequeno do que a pequena península de Macau.

Não foram precisos muitos meses - nem anos - para eu me aperceber que perdi a minha virgindade intelectual e cultural ao ir para Macau. Estava permanentemente refém do Oriente e dos seus sortilégios. Não me apercebi então, mas agora, ao voltar quase trinta anos depois, havia-o sentido de forma inelutável.

Tentei passar uma toalha sobre esses seis anos lá passados como se não tivessem existido ou como se fossem de somenos importância, mas sabia que não era assim. Subitamente apetecia-me voltar, não para gerir a central de Coloane que mal vi por entre a neblina no dia de partida.

Apetecia-me voltar para ajudar a sonhar com a construção de uma lusofonia falada por todos - especialmente pelos chineses - sem barreiras, nem passaportes. Afinal, a magia do Oriente não era feita de mezinhas que as meninas chinesas davam aos ocidentais antes de adormecerem, nem tampouco da eventual utilização de opiáceos, havia algo de mais intenso e profundo. Quem sabe se não seria o apelo de noções confucianas que colocavam alguma arrumação na mente desordenada dos ocidentais

No entanto, aquilo que eu melhor recordava dos meus seis anos em Macau eram os programas de rádio, um momento inolvidável da minha vida, ao ponto de quando ali regresssei em 2011 prontamente desafiar o Ricardo Pinto a reviver esses programas. Com efeito, estava marcada uma sessão de lançamento de livros na Livraria Portuguesa e seria o reencontro com o Ricardo após trinta anos. Trocados os abraços e as frivolidades habituais iniciara a sessão com um excerto de um minuto do programa "O Uísque a Cola" de 17 de dezembro de 1980 apresentado pelo Ricardo, a quem entreguei a gravação dos 60 minutos do programa em CD...

Iria recuperar as restantes cópias em cassette e converter todas em CD para ouvirem, deleitarem-se e, mais tarde, fazerem um programa comemorativo.

## 98.11. OS TRÊS CÍRCULOS

A vida em Macau era naquela época, um cadinho de povos e culturas, exemplo de miscigenação e liberdade num Oriente exótico, sedutor, mas problemático e poderia resumir-se a três círculos excêntricos que se tocavam no infinito. Desses, o médio interior era constituído pelos macaenses, uma força sem identidade nacional, com membros bem arreigados à sua herança cultural lusófona falando e lendo fluentemente a língua de Camões, enquanto outros eram mais cosmopolitas e falavam chinês e inglês, e outro segmento vivia nas bordas linguísticas do cantonense. Leal de Carvalho escreve, entre outras coisas, ser uma cidade que no

"... passado recente abrigou russos brancos, chineses, indonésios, vietnamitas, filipinos e até portugueses perseguidos pelos credores ou por mulheres ciumentas. E alguns, poucos, pelas ideias políticas. Um porto de abrigo para gente de mundos vários que aqui vieram parar por desvairadas razões: espírito de aventura e ambição pelo lucro fácil, refúgio às convulsões político-sociais da região e à loucura de uma guerra que lançara o mundo em fogo, evasão a problemas sociais ou familiares ou inútil fuga aos demónios próprios de cada um».<sup>36</sup>

A construção desta identidade fora «instalada, desde sempre, na educação das classes superiores da sociedade macaense, como processo de autonomização à imensa mole demográfica circundante que, pela simples força dos números, os ameaçava submergir».<sup>37</sup>

35 SMO serviço militar obrigatório do exército colonial português até 1974.

36 Leal de Carvalho, Requiem para Irina Ostrakoff p. 5

37 Leal de Carvalho, Ao Serviço de Sua Majestade, p. 377

Leal de Carvalho fala ainda do convívio inter-racial que tinha reflexos na moral e nos valores da comunidade:

*«A moral social local, quer da comunidade macaense quer ainda mais da chinesa, consentia essa liberal sofisticação de costumes, manifestação viva da interpenetração dos valores culturais da região...também fruto da emigração de lindas mulheres, que confundiam os olhares dos latinos, sobretudo as de Xangai.*

*Assim, alguns dos costumes orientais eram bem sedutores para os machos lusos, que lamentavam apenas o facto de as «sucessivas Administrações Portuguesas não terem sabido aproveitar a lição de quatrocentos anos de contacto com a milenária cultura chinesa, mais antiga, mais sábia, mais realista, que admitia, na harmoniosa estrutura familiar e sob o austero império da Primeira Esposa, um número indeterminado de concubinas e até “bichas”, solução muito cómoda e prática», diz o autor com não disfarçada ironia.<sup>38</sup>*

Depois, havia um círculo ainda menor, mas exterior, constituído pelos portugueses. Primeiramente, e durante séculos, esse grupo era exclusivamente constituído por aqueles que iam e vinham com cada equipa governamental a que se acrescentava, aqui e ali, o elemento desgarrado que fora para a tropa ou para a polícia e por lá ficara, constituindo família e deixando-se miscigenar e assimilar pelos costumes locais. Havia adstritos a estes os estrangeiros que se deixaram encantar por Macau, aprendendo as línguas e costumes locais e acabando por se deixaram integrar na família lusófona, como é amplamente descrito na obra literária do atrás citado juiz açoriano Rodrigo Leal de Carvalho que ali viveu 40 anos entre 1959 e 1999.

Em princípio da década de 1980 chegara de Portugal a marabunta desesperada por abanar a árvore das patacas e dela retirar todos os milhões possíveis com casos encrocados como o do faxe, do governador Melancia e de tantos outros que se haveriam de locupletar até 1999 do mais que puderam em proveito próprio. Sem resultados visíveis para o progresso de Macau e das suas gentes, ao contrário do que se tem passado nestes últimos dez anos de governação soberana chinesa. Chegariam a atingir a cifra de dez mil almas todas em busca da pataca milagreira de futuros e presentes.

Por último havia sempre um enorme círculo, exterior a tudo, mas com motor próprio na economia do território que era constituído pelos chineses. Eram liderados por uma pequena elite dirigente, dependente de Pequim aonde viajavam frequentemente a fim de receberem instruções e contarem os desvarios do delegado português encarregue nominalmente de governar. Decidiam como e porquê, onde e quando, e davam a entender ao governo português a sua insatisfação quando a administração lusitana exorbitava ou tinha uma “ideia brilhante” sem os consultar previamente. Eram eles quem, realmente, sempre mandaram no território e determinavam como os seus súbditos se comportariam já que representavam mais de 96 por cento da população. Esta clique que se arvorava a pretensão de gerir a “Cidade do Santo Nome de Deus de Macau, Não Há Outra Mais Leal” ocultava tendenciosamente o facto de serem os descendentes dos mandarins chineses quem, após a Revolução Cultural, determinava o que se podia ou não fazer em Macau. Voltemos aos aspetos culturais de Macau. Convirá não esquecer que para as comunidades chinesas, a mulher nativa que namorasse um kwai-lo estava apenas um escalão acima da mera prostituta. Mesmo que viessem a casar com um branco ficava sempre o estigma de que havia algo de errado com elas.

*Aparentemente, os pais da jovem podem nem sequer chegar a expressar a sua insatisfação, mas esse conceito é prevalecente no meio social e é refletido na própria linguagem, a todos os níveis desta.*

*A família chinesa ainda é - tradicionalmente - dominada pelo macho e altamente hierarquizada.*

*A mulher que se case com o kwai-lo bem como o respetivo marido serão sempre considerados abaixo da escala social a que pertencem e da estima que os seus parentes lhes possam granjear.*

*De um ponto de vista meramente técnico, ela deixou de pertencer à família e passou a pertencer à família dele, perdendo os laços consanguíneos da sua família chinesa.*

*O mesmo sucederá com os filhos que não farão parte do tecido social e cultural da família chinesa de onde descendem.*

*No caso de uma mulher casada com um marido que não é chinês, além de ser considerada como estando apenas um degrau acima do nível da prostituta, de facto, ela nem sequer é considerada como se se tivesse juntado a uma outra família, a do marido.*

*Para os chineses, os brancos não têm laços de família, além de que se divorciam por dá cá aquela palha, pelo que a filha da família chinesa ainda é um risco maior agora do que quando ainda vivia em casa.*

*Não nos esqueçamos que, para começar, a mulher tem menos valor na sociedade chinesa do que o homem e daí todos quererem ter um filho e não uma filha, no continente chinês onde se mantém a regra do filho único<sup>39</sup>.*

*Se a sogra chinesa tratar o genro como um ser humano isso só provará a sua amabilidade pois evitará mostrar ao estúpido estrangeiro quanta raiva lhe vai na alma por ter casado com a filha.*

*Obviamente que se, ocasionalmente, o incluírem em alguma festividade ou celebração familiar será um privilégio que lhe concedem, tal como dar boleia a todos os que precisarem, mesmo que os não conheça ou não os entenda...também a sogra chinesa jamais entenderá por que lhe foi calhar a ela a má sorte, tão injusta de ter um branco para genro.*

*O campo matrimonial na família chinesa é da mais alta responsabilidade e deve ser deixado ao mais alto critério dos pais, sendo conhecidos casos de filhos que foram totalmente deserdados por não casarem ou namorarem as escolhidas pelos pais.*

*Essa falta de obediência será uma culpa a acarretar pelos filhos que os tornará responsáveis por sabe-se lá quantas mortes ocorram na família nesse período, pelos problemas de saúde dos pais e outros parentes.*

*Este tipo de sociedade e de normas familiares repercute-se nos países de destino das famílias chinesas emigradas e representa apenas uma arreigada preservação das normas rurais das suas zonas tradicionais de origem.*

*Nesses países de acolhimento (como vi na Austrália) falam Toishanês 台山話, 臺山話 em vez de Cantonense pois Toisaan [Toishan/Taishan]<sup>40</sup> é o lar e a Austrália apenas um país estrangeiro que os circunda.*

Lembrava-me a esse respeito de que mesmo que lesse e falasse cantonês fluentemente - o que nunca foi o meu caso - jamais seria considerado por eles como “um dos nossos”, pelo que sempre me limitei a ver de fora para dentro a enorme sociedade chinesa que me rodeava, tentando não fazer juízos de valor antes se limitando a aprender e a apreender o máximo que lhe fosse possível. Nunca namorara - formal ou informalmente - uma chinesa e sabia de antemão que tal me estaria vedado ab initio. Nem todas estas características permearam ou se impuseram como norma nas famílias macaenses. A título de curiosidade posso confirmar que se telefonasse para uma jovem, cujos pais eu não conhecesse, seria normalmente submetido ao mesmo interrogatório de uma mãe tipicamente chinesa:

“quem sou?

Como conheci a filha dela?

De onde era a minha família?

Se era casado?

Se os meus pais eram proprietários ou se trabalhavam?

Qual a profissão do meu pai?

O que estudava se andava a estudar ou em que trabalhava se andava a trabalhar?

Porque é que tinha a ousadia de lhe telefonar para casa...

E por aí adiante, num chorrilho de perguntas que mal me deixaria tempo para dar qualquer resposta, previamente desnecessárias, sabendo-se antecipadamente que quaisquer que fossem tais respostas nunca seriam satisfatórias porque eu seria sempre um kwai-lo. É neste imbróglio de interesses divergentes e de agendas separadas que ali aterro em 1976

38 Leal de Carvalho in Os construtores do Império, p. 137

39 Esta lei do filho único (e para os chineses preferencialmente varão) foi mantida até novembro de 2015 data em que passou a ser permitido terem dois filhos.

40 Trata-se de uma cidade no Delta do Rio das Pérolas, perto de Macau. Pertence a Jiangmen (140 km a oeste de Hong Kong), faz parte de um arquipélago de 95 ilhas incluindo a maior de Guangdong, Shangchuan Island (S. João)



sem saber nada além de escassos ensinamentos sobre a ancestral cultura clássica chinesa. As preocupações à época não me levavam a interessar pela linguística que me viria a obcecar depois de 1984. Apenas achava curiosa a existência de um patuá similar ao de Malaca, um crioulo centenário, sobrevivente a tudo e todos com escassos membros falantes. A atração natural pela mulher oriental sobrelevava quaisquer outros interesses, a vontade de descobrir novos mundos em corpos de pele sedosa, em sensualidades de submissão e de devoção ao prazer hedonista conquistaram-me enquanto jovem. Os meus olhos raramente se desviavam das suas cabaia de seda ou Cheong-sam, justíssimas, de cores vivas e refulgentes e grandes aberturas laterais até ao cimo da alva coxa, bem torneada, a deixar antever mistérios por decifrar e paraísos por descobrir. Citando, de novo, Leal de Carvalho:

*“A interpenetração dos valores culturais das múltiplas comunidades locais, a flexibilidade dos códigos morais ou sociais do Oriente, a influência no meio macaísta dos usos e costumes chineses que instituíra na Colónia o concubinato com o reconhecimento social e legal, o contacto frequente com a sexualidade liberal dos aventureiros de outros mundos e etnias...*

*O temperamento fácil das gentes do Sueste Asiático, as noites quentes e sensuais dos Trópicos...tinham adoçado a rigidez de fachada vitoriana e marialva, da moral sexual de importação lusíada e conferido à sociedade macaísta uma tolerância e sofisticação que comportava... admissibilidade de pequenas infrações sexuais, aventuras pré-maritais com ou sem sequência matrimonial, recatados adultérios.»<sup>41</sup>*

A queda inevitável pelas belezas asiáticas, bem como a flexibilidade dos costumes sexuais funcionam assim como forte motivação para a aceitação de alguns dos costumes do Outro...

*...a mulher ser sempre «nova, esguia, bem torneada, na sua cabaia muito justa e brilhante, colarinho duro e alto, e grandes aberturas laterais até meia-coxa» (op. cit. p. 52).*

*Afinal, outros homens como ele sentiam o mesmo fascínio por aquelas mulheres.*

*É que, elas dançavam bem, estavam perfumadas, tinham «peles perfeitas e corpos esculturais, de feições enigmáticas, escondendo sabe-se lá que emoções ou sentimentos» (p. 53) ...*

Várias vezes, ao longo deste livro e dos outros, é ressaltada a beleza serena e um tanto enigmática da mulher oriental, a sua sensualidade e a suavidade da pele: «as senhoras chinesas tinham uma complexion de pétala de rosa»<sup>42</sup>, característica que as macaenses herdariam. Ou ainda «a resignação ancestral da mulher oriental, habituada à natureza traiçoeira dos homens em geral e dos europeus em particular» (Ao Serviço de Sua Majestade: 323) - fizeram-se muitos casamentos com reinóis, donde provieram os macaenses. A longa ausência dos colonos, a solidão, o clima e a beleza da mulher asiática incitam à sua procura, garantindo uma provisão razoável de mestiças (half-caste), belas, de «olhos negros, vivazes e tentadores»,<sup>43</sup> sedutoras devido «à suavidade do sotaque» ou ao «calor do temperamento» (p. 29). Estas macaenses acabaram por assumir lugar de destaque na sociedade local. Tudo isto (aqui magistralmente descrito pelo juiz açoriano e compilado pela colega Anabela Mimoso no 15º colóquio) servia de pano de fundo a emoções, paixões e desenfreamentos sexuais que assolavam os jovens ocidentais e a mim em particular. Tentar à distância de três décadas reviver sentimentos e outras sonoridades íntimas do ser humano é doloroso e pode carecer de fidelidade. Surgem sempre enevoadas memórias mais róseas do que talvez, na época, fossem. Os elementos negativos da solidão, do afastamento do lar familiar habitual, da necessidade de conjugar novos verbos, novas famílias, novos sentimentos e emoções sobrepunham-se então a uma mera excitação pelas novas descobertas que preenchiam os meus dias e noites.

## 98.12. ABERTURA DAS PORTAS DO CERCO OUTUBRO 1980

Na celebração de trinta anos do aniversário da Revolução maoísta, a República Popular da China decidiu abrir as suas portas aos diabos estrangeiros. Ainda tinha no subconsciente a noção adolescente de que o maoísmo seria, talvez, um dos melhores sistemas políticos à face da terra. Era 1 de outubro de 1979 e logo, me aprestei a colocar o nome na lista dos candidatos a visitar a RPC, mas nenhuma viagem se realizaria antes de janeiro de 1980 e mesmo assim só me calharia a vez lá para março desse ano. Em cada mês apenas deixavam ir uma dezena de pessoas e assim, calhou-me a data de 28 de março a 1 de abril de 1980 para passar 5 dias e quatro noites na China. A expectativa era enorme, e o grupo era reduzido a apenas dez pessoas que pagaram então 1450 patacas (hoje seriam menos de 15 euros). Não eram aceites pessoas com passaportes de Israel, Coreia do Sul, África do Sul e Rodésia (ainda não era Zimbabué). A acomodação era feita na base de duas pessoas por quarto (com banho privativo) e não se podia levar divisa estrangeira a menos que fosse declarada, devendo adquirir-se previamente Renminbi (yuan). O primeiro documento que recebemos antes de partir era uma folha na qual se explicavam os costumes e normas de cortesia e que ficará bem aqui reter pela curiosidade que ora representa numa altura em que as viagens para a China são comuns, ao contrário de então. Perdoem a tradução literal que se fez do inglês.

*“. Como visitante de um país estrangeiro, um falso passo que o possa embaraçar a si ou aos seus anfitriões, normalmente resulta de uma falta de compreensão dos costumes do país e do seu povo. As áreas mais sensíveis incluem:*

*A liderança da República Popular da China é tida na mais alta consideração pelos seus cidadãos. Em nenhuma circunstância poderá fazer qualquer referência crítica ou cómica à mesma.*

*Qualquer comentário ou inferência de natureza sexual é considerada ofensiva. Qualquer tipo de contacto físico com exceção do aperto de mãos, deve ser evitado, para respeitar os costumes chineses.*

*Todas as pessoas na China são consideradas como tendo igual mérito. Tratamento depreciativo a porteiros, carregadores, falar alto ou exigir qualquer tratamento pessoal especial é considerado como uma falta de respeito.*

*As fotografias podem apenas ser tiradas depois de se ter pedido autorização às pessoas que se pretende fotografar.*

*Basta mostrar a câmara fotográfica para se observar a reação positiva ou negativa das pessoas pelo que deve agir em conformidade.*

*A pontualidade é considerada uma virtude na China. Vai encontrar os seus anfitriões sempre à hora marcada e os membros da excursão devem proceder de igual modo em todas as situações.*

*A visita a escolas, comunas, fábricas, brigadas longrui, hospitais, etc., normalmente incluirá uma reunião prévia com pessoal local que será traduzida pelo guia.*

*No final de cada visita, disponibiliza-se algum tempo para perguntas e respostas sobre assuntos que não foram focados ou não foram totalmente explicados no decurso da visita.*

*Quer a reunião prévia quer este período de perguntas e respostas se destina a fornecer o máximo de informações aos visitantes.*

*Se estiver atento durante as explicações permitirá aos seus colegas de visita o mesmo tempo para fazerem perguntas e obterem respostas.*

*É de bom-tom não se esquecer de agradecer ao pessoal local o tempo e esforço despendidos nas explicações e nas perguntas e respostas.*

*A entrega de ofertas não é insultuosa, mas em nenhuma circunstância é obrigatória ou deve ser esperada. Em muitas ocasiões deve ser educadamente recusada.*

*Uma pequena lembrança deve ser entendida como um ato de amizade genuína e deve ser aceite, mas em nenhum caso deve ser uma oferta de grande valor.*

*A moeda em circulação na China é o Renminbi e a sua unidade básica é o yuan.*

*Na data de imprimir este programa a taxa de câmbio é de 1,58 yuan para um dólar americano.*

41 O Senhor Conde, p. 214

42 Ao Serviço de Sua Majestade p. 602

43 Ao Serviço de Sua Majestade p. 28

Cada yuan divide-se em Jiao e Fan. Dez Fan são 1 Jiao, e 10 Jiao são 1 yuan....

...

Bebidas: não é aconselhável beber água da torneira. Bebidas refrigerantes, gasosas e cervejas estão disponíveis.

A sua roupa deve ser escolhida em termos de conforto e condições climáticas, e não pela moda. Deve usar sapatos confortáveis.

Não há necessidade de se vestir formalmente para qualquer dos eventos que vai ter na China.

Calças e camisas desportivas para homem.

Para as senhoras, saias compridas ou vestidos estarão bem, mas é aceitável as mulheres vestirem calças. Todos devem vestir de forma modesta.<sup>44</sup>

Gorjetas e taxas: todas as gorjetas e taxas estão incluídas no itinerário.

As gorjetas ao guia não são obrigatórias e ficam à descrição dos passageiros."

O programa iniciava-se em Macau dia 29, bem cedo, rumo a Chung San para visitar a aldeia de Cuiheng-Cun, onde nasceu o primeiro líder chinês Sun Yat-sen, seguido de almoço em Sheak Kei. Depois, seguia-se a viagem até Shun Duc para visitar uma fábrica de algodão, com descanso na Casa de Hóspedes de Shun Duc e visita à Comuna Tchong lòn Tam ou Clock Fall Pond e à Brigada de Produção Long-Rui na Comuna de Shiqi (Sha-qi) no condado de Zhongshan, com uma área cultivável de 3600 acres (1450 hectares ou 14,5 km²). Em Cantão, o alojamento era no Hotel Bayun (Pak Wan) em Huanshi Road, seguido de visita ao Hotel Tung Fóng para visitar um clube noturno tradicional e ouvir música. No dia 30 além da visita à comuna podiam apreciar-se as vistas, visitar o hospital, uma casa particular, um jardim-de-infância e uma loja do povo para fazer compras. Da parte de tarde após o almoço na comuna uma visita ao zoológico e a uma loja do povo e jantar no hotel. Depois, noite cultural com ópera no parque citadino em Cantão. Dia 31 após o pequeno-almoço das 7 e meia seguia-se para Foshan, visitar o velho templo, uma fábrica de cerâmica, uma de recortes artísticos em papel (paper cutting) e almoço em Foshan. De tarde, visita a uma loja de cinco andares, ao parque, à fábrica de marfim seguida de jantar no restaurante do hotel pelas 18.30. Dia 1 levantar pelas seis da manhã, verificação de bagagem e partida para a estação de comboio rumo à viagem até Hong Kong.

O panfleto dizia que Cantão era tão conhecida como Pequim ou Xangai pela sua Feira Internacional criada em 1957 (bianual, na primavera e no outono). Localizada no delta do Rio das Pérolas a cento e vinte quilómetros de Hong Kong, Cantão era recomendada para se visitar o Instituto Nacional do Movimento Campesino fundado pelo Presidente Mao, o Memorial ao doutor Sun Yat-sen, o Parque dos Mártires da Revolta de Kwang-chow, o Mausoléu dos 72 Mártires em Huanghuakang, o Parque Cultural no Rio das Pérolas, o Parque da Montanha em Paiyun (Nuvem Branca) e o Parque Yuehsiu, o Parque Lihua (corrente de flores), além do zoológico de Kwang-chow onde habitam os tradicionais Pandas gigantes, indústrias cerâmicas, de seda, de moldes metálicos em Foshan, a antiga residência do doutor Sun Yat-sen na aldeia de Tsui Hang em Chung San, entre a Comuna Shek-kei e Macau. Cantão tinha então apenas dois milhões de habitantes (hoje já vai nos 12 milhões) e desfrutava da sua história de mais de dois mil anos. Não constava do programa, mas os visitantes conseguiram autorização para uma curta visita à Cidade Proibida dos Estrangeiros em Shameen (ou ilha de Shamian) onde viram as habitações das missões estrangeiras acreditadas em Cantão desde o tempo da Guerras do Ópio. Nela encontraram a casa que servira de Consulado a Portugal onde vivera o Cônsul Português, avô da minha mulher macaense, até ao fim da Segunda Grande Guerra (houve relações ininterruptas entre Portugal e a China até 1949, depois de Tomé Pires em 1517 ter desembarcado em Cantão como primeiro embaixador do Rei de Portugal no Império do Meio entre Portugal e a República Popular da China, só foram reatadas em fevereiro 1979)

Shamian foi um importante porto de Guangzhou (Cantão) para o comércio internacional desde a dinastia Song à dinastia Qing.

Do século 18 a meados do século 19, os estrangeiros viviam numa série de casas seguidas conhecidas como as 13 Fábricas em Shamian, junto das quais ancoravam milhares de pessoas em barcos.

Era um ponto estratégico vital para a defesa da cidade durante as Guerras do Ópio (1856-1860).

Em 1859, o território foi dividido em duas concessões, a francesa (1/5) e a inglesa (4/5 da ilha) e ligado ao continente por duas pontes que fechavam diariamente pelas dez da noite por motivo de segurança.

A ponte inglesa era guardada pela Guarda Real, composta por soldados Sikhs, e a francesa por soldados Anamitas (do Vietname).

Havia companhias mercantis da Grã-Bretanha, Estados Unidos, França, Holanda, Itália, Alemanha, Japão e Portugal ali estabelecidas, em mansões de pedra ao longo da marginal da ilha, em construções tipicamente europeias de telhados inclinados e largas varandas.

A ilha presenciou um sangrento e mortífero episódio entre cadetes da Academia Militar e estudantes, que ficou conhecido como o "incidente de 23 de junho de 1925".

Permanecem até hoje (1980) em bom estado de conservação a católica Igreja de N. Sra. de Lurdes (construída pelos franceses em 1892) e a protestante Igreja de Cristo (construída pelos ingleses em 1865).

Nas últimas décadas todos os edifícios foram reconstruídos e recuperados, com placas a comemorar a sua utilização anterior, mas quando os visitei em 1980 estavam decrépitos e albergavam dezenas de famílias, cada um deles, numa ocupação selvagem ditada pela sua ocupação em 1949 quando se converteram em edifícios públicos, apartamentos e fábricas.

Por curiosidade fui agora mesmo ver na internet, Cantão e a zona de Shamian estava irreconhecível. Dos velhos edifícios decadentes, sobrepovoados e quase em ruínas restauraram essas velhas mansões coloniais ao seu brilho de há século e meio atrás com todos os requisitos da moderna civilização.

Estava rejuvenescida Shamian, podia ser Paris ou Londres com as suas alamedas de frondosas árvores, a traça larga das suas avenidas e as velhas mansões resplandecentes.

As velhas estátuas ocidentais que pontuam as várias ruas lineares foram igualmente recuperadas, mas nessa visita de 1980 estavam em avançado estado de decomposição.

O consulado português de então, segundo creio, é hoje um Café Starbucks...

Voltemos agora ao roteiro de 1980 e a essa viagem mágica da primeira incursão na China de Mao. De início tudo correu bem até verem que a guia de Macau que acompanhava o senhor Chen (guia oficial chinês) e a minha mulher macaense eram fluentes em cantonês. De facto, elas estavam a traduzir mais que o senhor Chen, pois este deixava de fora muita informação e desinterpretava muita coisa do que se dizia e se perguntava, mormente na Comuna. Aqui, além de vermos os patos, galinhas, gansos, a produção de arroz, outros cereais e vegetais fizemos perguntas à dona da casa sobre o marido. Ela disse que se encontrava num campo de trabalho (de concentração?) a dias de viagem e há anos que não ia a casa. A tradução oficial do senhor Chen foi de que o competente trabalhador se dispusera a ajudar outra comuna que precisava mais dos seus serviços e da sua experiência.... Quando se quis saber como é que uma mulher que vivia só com dois ou três filhos pequenos (estavam na creche da comuna) tinha uma cozinha com tantas cadeiras, a resposta original era de que tinha de ter cadeiras para visitantes como nós, mas a tradução oficial dizia que lá se reuniam os membros da comuna para tratar de assuntos relacionados com a produção agrícola da comuna.... Ela tinha aquelas cadeiras todas por ser do Partido!

A visita ao hospital regional perto da comuna de Tchong lòn Tam foi assustadora com a sua enorme exposição pública de frascos e amostras de fetos com deformações várias, e sabe-se lá que mais ali estava em exposição. Uma verdadeira viagem ao mundo do Dr Jekyll e Mr Hyde acompanhada da nauseabunda explicação da diretora clínica. Se aquele era um hospital modelo só suplicávamos que ninguém adoecesse na viagem. A precariedade das instalações, os equipamentos anteriores à Segunda Grande Guerra e um estado geral de abandono e decadência eram assustadores. Ainda se - ao menos - tivessem caiado as paredes depois da Primeira Grande Guerra.... Excepcionais e memoráveis foram as visitas às fábricas de marfim, da seda, de "paper cutting (recortes de papel)" salientando-se na primeira, a detalhada

44 [Não existe o número 13 neste programa...]



explicação sobre a morosidade do trabalho mais fino e da precisa manipulação de instrumentos para as partes em filigrana de marfim. Era deveras impressionante como se conseguia colocar uma bola dentro de uma peça de marfim antes de ela estar completa para que não caísse depois. Semelhante às bolas que estão sempre na boca dos dragões que adornam a entrada de muitos templos. Acabei por trazer além de uma pequena peça, elaboradíssima e complexa em marfim, um grão de arroz com o meu nome inscrito nele.

*(Nota triste do autor ☹). Para quem não sabe, o destino ingrato deste grão de arroz foi o esgoto da cidade do Porto. Uma empregada doméstica, a violenta dona Violante, no começo do século XXI deixara cair a pequena caixa onde estava o grão de arroz, coberto por um minúsculo vidro, e para que ninguém notasse que a peça se tinha partido, foi buscar o aspirador e eliminou as provas do crime, sem nada dizer! Motivo para despedimento na hora com justa causa.*

As fábricas de algodão e de seda eram deveras interessantes, mas já a fábrica de metalurgia não trouxe novidades. O local onde cortavam o papel de arroz para fazer figuras filigranadas era outro espanto de paciência chinesa e de precisão. Ainda hoje guardo religiosamente inúmeras amostras destes trabalhos artísticos tão originais. A pior parte foi quando tentei que o guia me autorizasse a falar com o diretor da estação de rádio. Ocidentalizado como ainda era, pedira como quem pede um copo de água, para fazer uma curta transmissão para Macau como previamente organizara (e levava documento comprovativo) com a TDM/Rádio Macau. O guia e o porta-voz oficial da estação começaram de novo a falar em mandarim, a perderem a compostura, em voz altissonante, como se acabasse de cometer um crime insultuoso contra o Grande Líder, Mao Tse Tung (Máo Zédōng). Sem jamais perceber o que se passava (ninguém entedia mandarim) acabei por ser informado que era altamente ilegal tentar fazer uma transmissão da China para o estrangeiro e que jamais se esperaria que a mesma fosse autorizada. Como resultado daquele pedido a visita à estação de rádio acabaria cancelada, ali mesmo, do lado de fora do gradeamento. Passei a conter-me mais, a partir desse momento, pois estive perto de ser considerado um perigoso espião que ia passar segredos de Estado ao estrangeiro sobre o atraso de vida que era a China naquela época. Com efeito, desde a ida ao hospital, era enorme o meu desencanto pelo atraso de tudo o que nos rodeava. Os templos eram soberbos, mas todos tinham sido construídos séculos antes. De facto, a grande revolução cultural mais não fizera além de matar a *intelligentsia* e enviar para campos de concentração todos os literatos, intelectuais e artistas e destruí-los, pois, na visão de Mao todo o saber e conhecimento eram burgueses. (Deve ser por isso que hoje há tanto ignorante em Portugal, não querem que as massas sejam burguesas!)

*A coletivização dos campos limitou-se a tirar as terras a quem as tinha e substituir quem lá estava pelos trabalhadores iletrados e com poucos conhecimentos sobre a agricultura (uma espécie de má reforma agrária no Alentejo, mas em escala muito grande). Habitados a trabalhar, em funções repetitivas, sem capacidade de iniciativa nem conhecimentos técnicos, os trabalhadores que passaram a gerir os coletivos revelaram-se um desastre total. De uma quase autossuficiência passou-se à necessidade de importar. Assim, a China passou de celeiro do mundo a importador de comida. Grande Mao. Grande líder que assim me enganaste. Nada do que vi tinha correlação com o Livrinho Vermelho nem com os grandes placards de publicidade ao maoísmo. Apenas certificava a enorme campanha de lavagem ao cérebro do povo iletrado, educando-o contra quem o regime pensava que eram os seus inimigos (de classe, claro) e pretendendo que era o povo quem mais ordenava. Muito orwelliano...nesta visita tudo o que era belo e nos despertou a curiosidade era bem anterior à Grande Revolução. Desta revolução de massas e da Grande Marcha, nada havia para ver, pelo contrário. Apenas a derrota do inimigo capitalista.*

As estradas eram um susto, cheias de buracos, piores que as estradas municipais de Portugal, toda a gente conduzia e apitava ao mesmo tempo e ninguém pensava duas vezes se cabiam duas viaturas ou não, tentavam ambas passar em simultâneo. Os sobressaltos na estrada eram tantos que deixei de olhar em frente e passei a olhar para os lados, para os campos na esperança de ver algo interessante. Também aí residira nova surpresa: fora nesses campos, em plena berma da estrada, onde quer que calhasse, que vira muitos chineses e chinesas fazerem as suas necessidades em plena vista de todos, com o ar mais descontraído do mundo. Houvera mesmo quem acenasse ao nosso autocarro.... Grotesco .... Ali na China, nem sequer o buraco no chão, tão típico destas regiões asiáticas, como vira na Indonésia, na Tailândia, na Índia, estava disponível. Pelo que vi nos campos (e pelo que, mais tarde, li), em plena vista de todos, fazia-se tudo, amanhavam-se as terras, plantava-se o arroz, defecava-se, urinava-se e tinham-se crianças, numa curta pausa, para não interromper o ciclo produtivo das massas operárias. Seria assim que pensavam aumentar a produtividade?

Do meu quarto de Hotel, pelas seis e meia da manhã, não se viam carros (poucos havia ainda nesses idos de 1980, eram os do partido e poucos mais) mas sim alguns autocarros bem antigos e fumegantes (a poluição ainda não era o perigo insalubre que seria mais tarde) e milhares, senão mesmo, milhões de bicicletas. No entanto, o barulho de buzinas fazia prever que se estava em Carachi ou Bombaim. Ao fim da tarde o espetáculo repetia-se em sentido inverso, da esquerda para a direita do seu campo visual, com o regresso das massas trabalhadoras aos seus locais de origem, fora de Cantão. A ópera chinesa no parque fora uma grande "seca" de mais de duas horas, com a habitual peculiaridade de homens maquilhados desempenharem os papéis femininos, na velha tradição da cantoria tradicional chinesa. Por outro lado, já o clube noturno fora uma agradável surpresa e uma viagem no tempo, com um grupo de instrumentistas e cantantes vestidos à moda da década de 1920, a interpretarem temas de música norte-americana do fim do século XIX ou princípio do século XX. Parecia o faroeste revisitado com olhos em bico. Todos os demais presentes se mostravam muito curiosos por estes diabos brancos que os escutavam, pois ainda se não tinham habituado a ver caras brancas (e uma delas era loura) pois, até então, poucos turistas tinham ainda entrado no país. As lojas do povo foram outra decepção pois poucos produtos estavam em exposição, lembravam as velhas prateleiras dos supermercados dos países de leste durante a Guerra Fria. Nada havia de interessante ou diferente para comprar, além do vinho de arroz e outras bebidas exóticas. Não havia dúvidas de que a China dava os seus primeiros passos na abertura a Ocidente. O que é espantoso é ver o que eles conseguiram em trinta anos, como consegui comprovar na curta visita de um dia à zona de Zuhai, no fim do 15º colóquio em 2011. Sem comparação, haviam convertido a China numa versão oriental das grandes metrópoles ocidentais com todo o consumismo que isso implica e a disponibilização de todos os bens de consumo imagináveis.

Não havia paralelismo possível entre o que observei em 1980 e o que via agora. Dava vontade de viver na China e partilhar aquela pujança económica de crescimento acelerado se considerarmos que se trata da pátria de 1,4 biliões de pessoas. Era a mesma pujança que vi em Macau trinta anos depois, nessa visita de 2011. Infelizmente, que a missão a Macau durava apenas dez dias e teríamos todos de regressar para aquele país europeu que se afundava lentamente, com crescimento negativo esperado por muitos e bons anos, fruto da desgovernança de décadas após a revolução de 1974. Portugal era um país que se atrasava - cada vez mais - e que parecia tão desenvolvido em 1980 quando comparado com a China de então. Assim parecera também no início da década de 1960 em comparação com a vizinha Espanha. O milagre económico da China, não tenhamos dúvidas, foi feito à custa da violação de muitos (ou quase todos) direitos humanos e de abusos e crimes quanto à proteção do meio ambiente, num regime alegadamente comunista onde o

Partido ainda hoje decide tudo sobre as pessoas que estão sob o seu comando. Mas fiquem bem cientes de que a maioria das pessoas vive hoje incomensuravelmente melhor do que em 1980. Disso não devem restar dúvidas a ninguém.

Esse crescimento económico, à custa da exploração desenfreada e sem pruridos, de uma mão de obra extremamente barata teve e tem o seu preço, mas quem for mais santo do que eu decida. Por comparação, em Portugal os trabalhadores estão cheios de direitos (férias, subsídios de natal, direito à greve, e sabe-se lá que mais), que dão para reformas miseráveis. Na China praticamente não existem. Pela fisionomia apenas, não creio que os portugueses sejam mais felizes do que os chineses e com a agravante de que se queixam infinitamente mais. E se os portugueses não conseguem gerir e fazer crescer um país mais pequeno do que a maior parte das cidades chinesas então é porque estão a seguir uma política que se assemelha ao ataque de Mao à cultura e educação. Em ambos os casos, vi as diferenças de regimes e os resultados que em ambos se atingiram, apenas no decurso de metade da minha vida já vivida. Provavelmente, não viverei o suficiente para ver a China passar a supernação como os EUA foram até há pouco, mas dificilmente o poderia imaginar aquando desta minha visita em 1980. A história é feita de cataclismos e convulsões, guerras e outros desastres naturais e humanos, mas a continuar como está, o mundo ocidental está definitivamente morto e enterrado e as nações emergentes como a China e a Índia poderão, em breve, dominar esse mesmo mundo. Tinham-se limitado a adotar a mesma fórmula, ajustada à sua enorme dimensão de terceiro ou quarto maior país do mundo e mais populosos de todos. Vira então (1980) e tornara a ver (2011) os alunos de escolas chinesas, silenciosos, ordeiros, obedientes e disciplinados. Que diferença para a selva das escolas portuguesas.

*O atual sistema de escrita chinesa é o resultado de um longo processo de depuração dos primeiros pictogramas, desenhados há oito mil anos, que mais não eram do que uma estilização da realidade.*

*A sua primeira aplicação metódica terá sido como uma espécie de linguagem em código nas mensagens trocadas entre líderes militares onde eram dadas ordens e informações diversas sobre o terreno das batalhas ou disposição das tropas.*

*No sistema uniformizado de hoje os sinogramas (caracteres) são compostos por módulos cujas combinações determinam o sentido final.*

*Os dicionários dão conta de mais de 48 mil caracteres, contudo a esmagadora maioria caiu em desuso e apenas sobrevive em textos antigos ou em chinês arcaico.*

*Para se ler um jornal em chinês é "só" preciso reconhecer uns dois mil caracteres - padrão que a China considera um nível literário médio.*

*Os programas básicos para escrever chinês em computador incorporam entre 6 e 13 mil caracteres.*

*A escrita de um sinograma obedece a uma agregação lógica de ideias e é, normalmente, composto por duas partes: uma semântica que dá o sentido, e a outra sonora, de onde se extrai o som.*

*O de madeira, ou árvore, (木), por exemplo, corresponde na sua estilização a uma árvore. Por associação, o caráter final floresta é composto pela justaposição de dois ou três caracteres de árvore (林 森).*

*Também os caracteres que transmitem o conceito água utilizam módulos ou radicais de água (氵), como rio (河), sumo (汁) ou baía (澳).*

*Por exemplo, a palavra Macau (Àomén em mandarim) escreve-se com os dois caracteres – 澳 e 門 – que, isolados, assumem diferentes significados.*

*Segundo o dicionário da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai, o caráter 澳 isolado significa enseada, ancoradouro, Austrália, baía ou Oceânia, e o caráter 門 significa porta, entrada, escola, budismo enquanto seita, ou uma disciplina académica.*

Macau é, no seu significado em língua chinesa, uma porta - entre a China e o mundo - localizada numa baía.

### 98.13. DO YIN, DO YANG E DO CONFUCIONISMO

*Mero aprendiz de feiticeiro, jovem desenfreado na minha segunda aventura de liberdade em 1976, sem as peias constrangedoras da sociedade patriarcal em que cresci, estava disposto a gozar ao máximo o que a vida me pudesse proporcionar. O hedonismo era, sem sombra de dúvida, a filosofia preponderante que me guiava nesses dias. Demasiadas restrições, proibições, tradições invioláveis e outros tabus haviam regido a minha vida desde infante a adolescente. Liberto das peias castradoras da sociedade ocidental e da família afeiçoada a tradições seculares, ia, enfim, crescer numa errância própria da era das descobertas. Era uma aprendizagem que ia iniciar sem noções premeditadas, nem destinos certos, mas ainda irremediavelmente coartado pelos princípios e noções basilares recebidas de meus pais no tocante à inviolabilidade e perenidade da família. Começava, porém, a descobrir que a vida não era como o yin e yang, uma existência entre o branco e o negro, antes era matizada por uma infinidade de tons cinzentos.*

*Também a minha vida era composta por duas forças complementares e sendo de signo Balança ou Libra, havia um equilíbrio dinâmico entre elas, que - tal como no princípio da dualidade de yin e yang - surgia o movimento e mutação, a que não se queria opor. Se uma era ativa, diurna, luminosa, quente, já a outra era passiva, noturna, escura, fria. Eu ainda era um ocidental em busca de equilíbrio e de identidade, tal como os macaenses em ambiente estranho e hostil. Muitas eram as forças contraditórias que me impeliavam e travavam. Tal como Kung-Fu-Tzu (Confúcio), entre as minhas preocupações estavam a moral, a política, a pedagogia e a religião, por esta mesma ordem de valorização. O valor dado ao estudo, à disciplina, à ordem, à consciência política e ao trabalho são lemas que o confucionismo impôs à civilização chinesa da antiguidade e que se mantêm nos dias de hoje, não sendo uma religião, nem um credo estabelecido, mas apenas determinações rituais de caráter social, que permitem a liberdade de crença em qualquer tipo de sistema metafísico ou religioso que não vá contra as regras de respeito mútuo e etiqueta pessoal.*

Curiosamente, este quase total paralelismo entre os valores confucionistas e os meus, deixaram aberta uma via de compreensão. Mas, naquela época faltavam-me ainda muitos anos para entender, na sua globalidade, o verdadeiro significado do dito confucionista "Mesmo nas situações mais pobres uma pessoa que vive corretamente será feliz. Coisas mal adquiridas nunca trarão felicidade" que se tornaria no meu arquétipo após os quarenta e cinco anos.

*A vida em Macau - entre 1976 e 1983 - tinha ainda, para mim, muito do chamamento materialista que a situação privilegiada de que beneficiava [em Macau] me podia acarretar. Por outro lado, as inovações técnicas e tecnológicas que ali chegavam (antes de desembarcarem na Europa e nos EUA) eram demasiado atraentes para as recusar. Os meus jovens anos não eram conducentes a uma prática de reflexão, mas antes se centravam num hedonismo de ação e gratificação instantânea, de sentidos e sentimentos. Sabia que queria ser feliz, mas não sabia como chegar lá. Ia ensaiar o velho sistema de tentar e errar e confiar na minha proverbial sorte para o atingir. Como a avó paterna me dissera sempre, eu nascera no dia do anjo da guarda e isso proteger-me-ia. Não sendo crente há quase cinco décadas tenho - porém - de admitir que essa premonição da minha avó se revelou bem mais correta do que eu queria crer.*

Ainda não chegara - nessa era - ao ponto em que me consideraria um nativo do ocidente com uma visão oriental do mundo, frase que teria a oportunidade de citar ao presidente Prof. Lei Heong lok do Instituto Politécnico de Macau a 13 de abril de 2011 para lhe explicar como interpretava o interesse da China pela lusofonia. Conseguia transmutar a minha mente para um ponto de vista oriental, olvidando as razões lógicas do pensamento ocidental, mas imbuindo-me de um pensamento confucionista delimitava tais razões e ações. Com efeito, depois de viver, conviver e analisar os que me rodearam ao longo de seis anos, mais aquilo que aprendera com expatriados chineses, macaenses e de Hong Kong na Austrália, tudo isso despertara em mim uma forma nova de encarar a vida, o presente e o futuro, para adotar uma visão mais oriental. Menos do imediatismo ocidental que busca fruir uma satisfação imediata para uma posição subjetiva dos objetivos a que me propunha.

*Era difícil de explicar, mas o método que segui era basicamente o de esquecer todas as premissas em que crescera e tentar colocar-me na mente do outro, imaginar o quando, como e porquê das suas atitudes, tentar antecipá-las e usar as mesmas, se possível em proveito próprio, como forma de me precaver contra inopinadas surpresas... Nem sempre era fácil, nem sempre era possível, nem sempre levava aos resultados esperados, mas iria permitir-me, mais tarde atingir o balanço cultural entre a origem e as aprendizagens orientais que cultivaria ao longo de décadas de vivência na Austrália e no Império do Meio.*

*Isso adviria, bem depois, sem sequer me aperceber de como já era diferente dos familiares e amigos que deixara para trás em Portugal. Estes, dificilmente entenderiam a minha mudança de nome, de identidade, de nacionalidade e jamais interpretariam corretamente a mudança de paradigmas pelos quais me passaria a reger anos mais tarde. A verdade é que essa mudança, que inicial e erroneamente localizara em Timor, se deu precisamente em Macau no confronto entre as noções e princípios ensinados na minha educação judaico-cristã e os mundos desconhecidos de que Marco Polo falava e ora eu conhecia.*



A chamada religião chinesa não é uma religião única como o judaísmo ou o islamismo. É constituída por muitas religiões e filosofias diferentes, como o confucionismo [Confúcio, 551-479 a.C.], e o taoísmo. Porém, Confúcio não pretendia fundar uma religião. Como propósito pretendia propiciar instrução moral e ensinar as pessoas a viver bem, de acordo com os valores de dever, cortesia, sabedoria e generosidade. Uma das ideias mais importantes de Confúcio era que os filhos deviam honrar e respeitar os pais, tanto em vida como após a morte. Por isso, encorajava a prática do culto aos antepassados, que já fazia parte da religião chinesa. Sábios posteriores como Mêncio (372-289 a.C.) e Zhu Xi (1130-1200) transformaram as ideias de Confúcio num sistema religioso. Já no taoísmo, o Tao é mais do que um caminho, definindo-se como a fonte de tudo neste mundo. Ao seguir o caminho, os taoístas aspiram à união com o Tao, e, portanto, com as forças da natureza. Isso implica livrar-se de preocupações e apego ao mundo material para concentrar-se no caminho, alcançando assim equilíbrio e harmonia na própria vida e conquistando a paz que vem da compreensão. Diz-se dos que atingem esse objetivo que serão imortais após a morte física. Considere-se como terceira religião o budismo que penetrou na China perto do início da era cristã, atingindo seu apogeu durante a dinastia T'ang (618-907). Ao oferecer aos chineses uma análise da natureza transitória e sofredora da vida, o budismo oferece também um caminho de libertação, introduzindo, no entanto, a possibilidade de que os ancestrais estejam a ser atormentados no inferno. Rituais para adquirir e transferir méritos aos mortos tornaram-se importantes, seja pela execução correta de funerais, seja por meio de outros rituais.

*A religião popular é tão extensamente praticada que, embora seja ainda mais diversificada, se constitui como uma quarta via. Os chineses em geral não sentem que devam aceitar determinada religião ou filosofia e rejeitar as demais. Escolhem aquela que parece ser mais conveniente ou proveitosa - seja no lar, na vida pública ou nos ritos de passagem. Mesmo a ideia de transcendente não se aplica também aos chineses no geral. O pensamento chinês é, em sua origem, imanente - tudo está aqui, em potência, esperando ser desperto. A transcendência só existe no budismo, que acredita numa libertação completa da matéria. Sei-o agora com a experiência dos anos e a retrospectiva que o recente regresso a Macau me inspirara.*

Inferira igualmente que a razão por que Macau ainda não dispusera (até estas crónicas) de um só capítulo total e devotadamente dedicado, nos dois volumes de CrónicasAçores, se devia ao facto de haver pontas por unir, e que essa conjugação dos fios da meada só se tornara possível ao regressar ali após quase trinta anos de ausência. Macau fora um capítulo em aberto, uma história por contar, uma estória em busca de um desenlace. Por vezes, só o tempo permite analisar de forma fria e sem emoções, a relevância de factos passados. Sou definitivamente um nativo do ocidente com uma visão oriental do mundo.

#### 98.14. CASAMENTO

Assim se passaram os anos, entremeados com férias de mês e meio em Portugal num ano, noutro ano na Austrália. Era sempre uma boa desculpa para rever amigos e família. Os meus contratos com a CEM eram bienais e eram sucessivamente renovados.

Entretanto, avançava o processo final de emigração para a Austrália ao abrigo da cláusula de reunião de família, dado que a minha mulher macaense já vivia de facto com ele há mais de dois anos. Quando me concederam o visto tive de pedir adiamentos por causa das renovações do contrato da CEM. O divórcio litigioso com a mãe dos gémeos foi decretado em finais de 1979. ALELUIA. Estava, enfim, livre para casar logo que a papelada fosse registada e processada no meu assento de nascimento. Em março de 1980, a senhora conservadora do Registo Civil de Macau recusou casar-me sob uma falsa interpretação da lei, mas na prática era apenas por ser amiga da minha ex-mulher. Não perdi tempo a recorrer da decisão. Fui a Hong Kong meter os papéis. Ali casei em junho 80. Cerimónia civil rápida com padrinhos e testemunhas. Depois, houve uma pequena festa privada para oito pessoas em casa da madrinha de casamento (a Rubye, irmã do escritor Henrique Senna Fernandes e mulher do então Cônsul-Geral de Portugal na colónia britânica) para comer o bolo e beber o champanhe francês enquanto nos deliciávamos com a vista fabulosa sobre a baía de Hong Kong e o aeroporto de Kai Tak. Seguiu-se a viagem para Macau onde houve o tradicional banho de arroz. Mudou-se de roupa e foi-se para a boda na Pousada de Coloane com uns 130 convidados incluindo alguns dos mais elevados representantes do poder chinês. A servir-nos, o açoriano transmigrado Fernando Gomes que ficaria celebrizado mais tarde pelo seu próprio restaurante em Hác Sa.

Presentes na entrega de presentes o jovem Edmund Ho (futuro governador de Macau após a devolução de Macau à China) a dar-nos o lai-si, além do Roque Choi e Stanley Ho (o dono dos casinos). A razão para tanta gente deve-se ao costume chinês do lai-si, ou seja, dinheiro num pequeno envelope vermelho debruado com um desenho dourado. Todas estas ofertas deram e sobram para pagar a boda. Convidei e misturei toda a gente. O diretor-geral da CEM, mulher e enteados (um deles o Ricardo Pinto), sentado ao lado do chefe de armazém, o comandante da marinha com as francesas do "cancã", os mecânicos e suas famílias com o diretor da Rádio, o seu amigo e "meio-irmão" adotivo Nick Griffin, padrinho oficioso de casamento a falar inglês e chinês, outros a falarem português, numa mistura de classes sociais, sotaques e línguas difícil de imaginar e jamais vista.

As pessoas inicialmente intimidadas acabaram por se tornarem mais humanas durante umas horas. Quando todos saíram já eu estava exausto. Os meus pais recusaram-se, com uma qualquer desculpa habitual, a estarem presentes apesar de lhes ter enviado bilhetes de avião. Apenas a mãe portuguesa da minha mulher macaense veio da Austrália e aproveitou para reencontrar amigos que ali fizera ao longo de 30 anos.

Depois fui cumprir a promessa do poema desta crónica e fui à Tailândia passar dez dias a fingir de lua-de-mel que a verdadeira ficou adiada para Portugal, onde estivemos no Algarve com a irmã e o cunhado.

Foram umas férias selvagens sem horas para nada, jantávamos muitas vezes depois da meia-noite. Talvez tenha sido das poucas vezes em que apreciei estar no Algarve, local que considero um dos melhores exemplos dos atentados do homem contra a natureza e beleza primitiva em troca de uns meros trinta dinheiros tal como Judas. A dilapidação do Algarve impressiona-me negativamente, mas essa era a natureza mundana e portuguesa e a única forma de me manifestar era evitar deslocar-me a esse rincão sul do pequeno retângulo português. Na Austrália, em continuação de lua-de-mel, alugamos um carro e viajamos pelo estado da Austrália Ocidental, fartamo-nos de passar dias no mar no iate Breakaway do meu cunhado, na ilha Rottnest e a ir a festas mascaradas.



CARRO NOVO 1982



NATAL 1977 NA CEM

A vida em Macau estava por um fio, com os sucessivos adiamentos que a Imigração Australiana me concedera para me radicar lá definitivamente. Em junho de 1982 fui intimado pela embaixada australiana de Hong Kong a fazer as malas até dezembro, se não o meu visto era cancelado e a autorização de emigrar revogada.

Lá fui a correr trocar o meu Toyota Celica 2.0 ST que comprara quando me fartei do sal no depósito do Fiat 128. Optei por um carro mais citadino, um Nissan Sunny 1.6 Hatchback, matrícula MB-12-86, com todos os extras que conseguira rapidamente importar de Hong Kong. Depois, foi a tarefa de embalar tudo e o carro em 30 m³ num contentor. Executamos modelos em miniatura para provar aos cétricos "coolies" chineses que os 174 caixotes iriam caber. Cheguei, definitivamente, ao continente-ilha a 14 janº 1983, quase na mesma data em que chegara a Macau anos antes. Mais velho, mas nem por isso necessariamente mais maduro, sonhava poder comprar casa com piscina, ter um barco ancorado numa marina e uma vida cheia de futuro. Como se verá noutro local, nada disso foi conseguido, mas valeu a pena.

Em 2011 era a redescoberta de uma terra que duplicara de área física, mudara a soberania artificial e nominalmente portuguesa para a sua velha pátria chinesa, mas mantinha-se autónoma e com isso se tornara a nova Las Vegas. Com cerca de 30 casinos, em vez de três ou quatro da presença portuguesa, já faturava três vezes mais do que a sua congénere no Arizona. A palavra de ordem naquilo que via era progresso, desenvolvimento, pontes, prédios, estradas, tecnologias de ponta e a preservação da língua portuguesa que tão descurada fora em mais de 450 anos de presença simbólica de uma administração portuguesa. Um país e dois sistemas, como em Hong Kong, provaram algo em que poucos criam. A preservação e incentivo da língua de Camões vieram como um bónus económico à implantação chinesa na África e no Brasil.

Voltemos ao passado. Nestas décadas todas, apenas me lembrara de Macau ao ver um programa assustador a 12 dezembro 2005, num dos canais generalistas de televisão, na RTP1, "Prós e Contras" da Fátima Campos Ferreira.

Até a Judite de Sousa ou mesmo o emproado José Rodrigues dos Santos (que lá fez o liceu) começaram na RTP em Macau em 1980 ou 1981, seriam mais apropriados para fazerem um programa destes pois têm melhor preparação e cultura do que esta Fátima. Fora o tema que me interessara, pois iria observar a situação seis anos após a transição do poder em Macau. Ali estive colocado em serviço de dezembro 1976 a março 1983 (na prática estive menos tempo).

Lidara com muitos dos 750 funcionários da CEM naquela época. Convivera com eles, partilhara das suas festas, e aprendera o valor incomensurável da palavra tempo, que ali surge com outro significado. Os orientais, em especial os chineses seguem implacáveis, direções milenares, sem hesitações num sentimento de dever e de tradição que nada tem a ver com as noções ocidentais equivalentes. Há um objetivo a atingir e essa é a meta que perseguem à custa de tudo e de todos, como se fora uma missão sagrada ou divina, para quem os obstáculos são apenas meros percalços do caminho que há que saltar ou contornar ou eliminar.

Lembrem-se: "O rio só atinge seu objetivo porque aprendeu a contornar seus obstáculos!" segundo escreveu Lao Tsé, filósofo chinês<sup>45</sup>. Há um objetivo a atingir e essa é a meta que perseguem à custa de tudo e de todos, como se fora uma missão sagrada ou divina, para quem os obstáculos são apenas meros percalços do caminho que há que saltar ou contornar ou eliminar. Podem nunca pronunciar esse objetivo, podem nem se aperceber da sua existência, podem nem sequer transmitir essa herança genética, mas ela perdura – irreversível - como uma tatuagem a ferro e fogo. Não há nenhuma norma escrita que nos possa orientar sobre esta atitude filosófica. Lembrava-me que a CTC (Central Termoelétrica de Coloane, na ilha do mesmo nome) estivera dois anos nas mãos dos japoneses antes de nos entregarem a chave das operações, e ali tentei, com a sofreguidão de jovem executivo, impor um novo esquema de trabalho.

*Havia cerca de 32 feriados por ano, os de Macau (portugueses), os dos chineses, e os de Hong Kong (ingleses). Havia dias em que na Central só havia chefes e outros em que só havia serventes ou "coolies" (como então ainda se designavam os trabalhadores indiferenciados). Era difícil chegar a acordo com eles, prometia-se-lhes mais dinheiro, mas eles não queriam, prometia-se-lhes mais dias de folga, mas eles recusavam. Finalmente, foi acordada uma nova lista de feriados conjuntos que acabou por merecer a aprovação deles, sem recurso a mais dinheiro ou a mais horas de descanso, apenas um arranjo melhor da lista.*

*O dinheiro e a promessa de descanso que teriam levado qualquer ocidental a aceitar a mudança ali não surtira efeito. Essa era uma das muitas lições que ali aprendi. Mais difícil depois fora criar carreiras profissionais para os locais, quando os continentais e outros expatriados de África que para ali tinham ido, tinham sido contratados com condições milionárias. Por exemplo, os Chefes de Secção, duma Divisão, ganhavam inicialmente 300 patacas e o superior hierárquico imediato, Chefe da Divisão 5000 patacas... Com uma nova política de responsabilização, melhor aproveitamento de recursos, possibilidades de promoção e outras coisas acabou por reduzir-se substancialmente esse fosso. Se no início de 1977 aquele diferencial salarial era de 21,7, uns meros cinco anos depois (1982) era apenas de 8, nada mau para aumentar a justiça social.*

*Exatamente o contrário do que se passa em Portugal, nas últimas décadas, em que tal diferencial não parou de aumentar.*

Eu sempre andara ao contrário de todo o mundo, como os caranguejos, mas em vez de andar para trás andava sempre para a frente, adiantado em relação aos restantes. Pouco sabia de chinês falado (mais propriamente cantonense) embora conseguisse balbuciar algumas frases elementares, mormente em relação a comida. Aprendi imenso com os chineses, conquanto, em tempos que já lá vão, tivesse vivido e casado com uma nativa macaense. Com eles aprendi o significado da palavra paciência e a ideia de que se deve programar e agir com vista a um futuro longínquo e invisível. Tudo isto contrariava as noções basilares da filosofia ocidental que aprendi desde os bancos da escola.

*Senão, vejamos o exemplo chinês do bambu, ou melhor dizendo do bambu chinês. O bambu, quando plantado por semente, tem uma maneira tão peculiar de brotar e crescer que se tornou uma grande lição de sabedoria. A semente, depois de colocada no solo, demora muito tempo para apresentar sinais externos de que vai vingar. O bambu enraíza-se bem fundo antes de crescer fora da terra. No início, a semente transforma-se num bolbo e depois de algum tempo surge um pequeno rebento. Este rebento permanece inalterado sob o solo por um longo período. Somente depois de as raízes atingirem dezenas de metros, ao longo de cinco anos de incessante trabalho, é que começa a projetar-se para fora da superfície. Depois, em pouco tempo, o bambu cresce vertiginosamente e atinge a altura de 25 metros! Ao observar o comportamento do bambu, os chineses aprenderam a importância da paciência e da determinação. Muitas vezes, queremos na sociedade ocidental do imediatismo, que as coisas aconteçam rapidamente e ficamos impacientes diante dos morosos resultados. Se a preocupação for para mostrar efeitos imediatos, corremos o risco de sacrificar as bases, os alicerces, e, com isso, colocamos tudo a perder. Reconhecer o que o momento presente exige e depois, paulatinamente, confiar - este é o segredo do bambu chinês. O bambu simplesmente faz o que quer que ser feito, no momento em que tem que ser feito, e faz tudo com serenidade, segurança e coragem. Não pensa nos resultados nem sofre por antecipação. O bambu, assim como o sábio, tem confiança plena no processo, nos movimentos da Natureza e na perfeição do universo.*

Tudo isto é baseado em ancestral filosofia. Quando o verdadeiro eu e harmonia são realizados, todas as coisas alcançam o seu pleno crescimento e desenvolvimento. Assim, "a vida do homem moral é uma exemplificação da ordem moral universal". Tentar ser fiel a si mesmo é "a lei do Homem". Esta verdade é absoluta, indestrutível, eterna, infinita, transcendental e inteligente, contém e abarca toda a existência; cumpre-a e aperfeiçoa-a sem ser vista; produz efeitos sem movimento; atinge os seus objetivos sem ação. Uma antiga lenda chinesa narra que na "superação do ego" está o passo decisivo na busca da verdade, do misterioso, do maravilhoso e do reencontro da totalidade. A lenda está descrita no livro "O Verdadeiro Livro do País da Florescência" de Dschuan Dsi:

*"O senhor da terra amarela viajava para além dos limites do mundo. Chegou a uma montanha muito alta e viu a circulação do regresso. Então, perdeu a sua pérola mágica. Mandou o conhecimento ir buscá-la e não a teve de volta. Mandou a perspicácia ir buscá-la e não a teve de volta. Então, enviou o esquecimento de si mesmo. O esquecimento de si mesmo a encontrou. O senhor da terra amarela disse: "É estranho que justamente o esquecimento de si mesmo tenha sido capaz de encontrá-la!"*

Sou um construtor nato de egos por medida e todas estas noções superam-me. Não sabia ainda, nessa época, que as iria usar mais tarde e segui-las como paradigma de vida, ao mudar os arquétipos que tinham regido a minha existência. Vivera, até então, na busca da felicidade imediata, da riqueza imediata, da satisfação imediata e não obtivera nenhuma. A filosofia chinesa apresenta dois aspetos complementares. Por serem um povo prático, com uma consciência social altamente desenvolvida, os chineses contavam com escolas filosóficas voltadas, de uma forma ou de outra, para a vida em sociedade, com as suas relações humanas, valores morais e governo. Esse, no entanto, é só um aspeto do pensamento

<sup>45</sup> fundador do taoismo, século VII a.C.



chinês. Complementando-o, encontra-se o lado místico do carácter chinês; este aspeto exigia que o “objetivo mais elevado da filosofia fosse o de transcender o mundo da sociedade e da vida quotidiana e alcançar um plano mais elevado de consciência” (Capra, 1975<sup>46</sup>).

Eu sabia também que os valores morais e materiais do meu mundo ocidental ali de nada valiam, conforme a minha persistente, inglória, vã e desesperadamente inútil cruzada contra a corrupção e nepotismo o viriam a provar. Saí de lá com a cabeça bem alta e a bolsa nada recheada, ao contrário de praticamente todos aqueles com quem me cruzara nesses anos. Não teria hoje grande autoridade para falar da China e de Macau, mas tinha a que foi alicerçada nos anos em que depois do meu emprego de economista na CEM (Companhia de Eletricidade de Macau), tinha os meus bem-sucedidos programas de rádio, prolongando-se até à meia-noite ou até às duas da manhã. Jamais esquecerei as centenas de infindáveis tertúlias informais, com gente de todos os quadrantes, desde o grupo de arquitetos José Pereira Chan, Manuel Vicente<sup>47</sup>, Graça Dias, e outros, ao então inefável e sábio curador do Museu Camões (Toninho Conceição, na atual Casa Garden que lhe servia de residência),<sup>48</sup>, aos colegas jornalistas João Murinello<sup>49</sup>, Ian Whiteley<sup>50</sup>, ao seu “irmão” Nick Griffin<sup>51</sup>, José Alberto de Sousa<sup>52</sup>, aos pintores Carlos e Victor Marreiros<sup>53</sup>, ao advogado Jorge Neto Valente<sup>54</sup> ao Guy Lesquoy<sup>55</sup> e muitos outros. Tantos foram que nem os nomes deles lobrigo, aferrolhados nos cofres da memória.

*Os funcionários chineses com quem lidei de perto sempre fingiram nada entender de Português além dos cumprimentos de cortesia. Uma das minhas cinco secretárias era chinesa e datilografava mais de 82 palavras por minuto em Português...alegadamente sem entender nada. Até cerca de um mês e meio antes de sair para a Austrália, fingi só falar português e inglês, mas subitamente comecei a falar com uma certa fluência em chinês (cantonense) para espanto e interrogação deles. Ficariam sempre na dúvida, sem saberem quanto cantonense sabia ou desde quando. Era exatamente o que eles faziam aos ocidentais. Aleguei sempre (tal como eles) que nada entendia, que aquela não era a minha guerra, estava ali só de passagem e nada interessava. Deu resultado.*

Esta atitude chinesa destinava-se - como sempre - a garantir uma vantagem sobre o interlocutor sem lhe dar a saber que o entendiam, prática milenar de comprovados excelentes resultados em trocas comerciais. Com essa pretensa humildade se destronava a arrogante atitude dos kwai-lo (também pronunciado gweilo ou gwailo), nome dado aos brancos (insultuoso apenas se usado como sei kwai-lo = maldito fantasma branco). Originalmente significaria diabo branco ou meramente estrangeiro. Gwei significa fantasma ou diabo, sendo fantasma a noção de morto-vivo habitante dos infernos budistas. Quiçá a explicação de pensarem que aqueles brancos – tão alvos – eram mortos que tinham voltado. As normas sociais e o aceitável ou tolerável eram bem distintas de todas as outras conhecidas em Portugal ou em Timor Leste, onde estivera antes de rumar a Macau.

*Um dia, pouco antes da passagem da central para as mãos dos portugueses, no meu gabinete entra um dos administradores japoneses muito sorridente com um envelope contendo alegadamente um cheque (alegadamente porque não sei se já prescreveu o crime) e qual é o espanto dele quando o abro e lhe digo que não, que devia ser engano, que não podia ser. O nipónico pensando que eu ficara ofendido pela quantia (a ser um pagamento regular faria de mim milionário em poucos anos) recuou às vénias dizendo que iria substituir o cheque. Claro está que lhe fiz ver que eu era diferente e que não ia aceitar a oferta.*

*A minha mãe deve ter-me chamado estúpido quando se falou neste episódio. Estúpido decerto não me chamou, sem nunca o afirmar, o meu chefe que, no mesmo período, conseguiu transferir um milhão para a Suíça...certamente acumulando aquele cheque que eu recusara. Limitara-me a declinar a oferta antes de saber que se devia a uns meros 10% de “luvas”. Seria esse o valor da assinatura anual que eu iria apor em documentos de compra de peças sobressalentes para a Central e que iriam ser fornecidas pelos japoneses da Mitsubishi (construtora e fornecedora da Central). Dado que, por ano assinava o equivalente a uns vinte milhões de euros...creio poder berrar bem alto quão estúpido fui, mas não me arrependo embora só a terminação daquele número já me desse um certo jeito hoje, difícil como está a vida dum reformado precoce.*

Nos vários jantares, que a administração chinesa da CEM nos [os tecnocratas] oferecera nos primeiros meses, debati-me sempre com enormes dificuldades em utilizar os pauzinhos (fai chi <sup>56</sup>). Um dos administradores da CEM, o saudoso Roque Choi (homem forte da administração sombra chinesa que mandava no território e uma joia de pessoa com enorme poder) disse-me logo no primeiro banquete de boas-vindas nos primeiros dias de janeiro 1977: vá para casa e experimente, comece com uma bola de papel grande, vá diminuindo o tamanho até conseguir apanhar uma ervilha, nesse dia saberá comer com os pauzinhos. Assim fiz. Curiosamente, outra das medidas introduzidas por mim, como inovadora naquela época, foi o hábito de reunir os altos quadros dirigentes conjuntamente com os restantes trabalhadores em festas de natal, abrilhantadas com música, declamação de textos e algumas cantigas alusivas à época natalícia, o que não era habitual numa terra mais habituada apenas às grandes comemorações do KUNG HEI FAT CHOI, no início do novo ano chinês. São muitas as recordações que me veem à mente sobre aqueles anos. Uma sobressai, o das ameaças das tríades.

*Tinha acabado de desmascarar na CEM um esquema em que os funcionários da limpeza antes de serem admitidos pagavam adiantado dois anos de salário, para conquistarem o lugar vago e a concurso. Resultado, passei a controlar também a admissão do pessoal menor...como resultado recebi de oferta uns quilos de sal no depósito de gasolina do meu carro particular e os pneus do carro da companhia passaram a ser sistematicamente anavalhados. Cenas destas houve várias, tendo a partir de certa altura beneficiado da proteção policial após as horas de serviço, quando um agente da PSP ficava de guarda ao seu carro.*

*O carro não sofreu muito pois em breve o troquei por um novo que me custou três meses de vencimento. Tratava-se do último modelo da Toyota, Cellica A40 Liftback ST de 1,6 litros (modelo da segunda geração Cellica nunca existente em Portugal).*

*Mesmo assim com proteção policial, numa das vezes, os pneus foram cortados (o guarda alegadamente aliviava a bexiga, enquanto os malfeitores tratavam dos pneus). Finalmente, tive a oferta de proteção por uma das seitas. Recusei e não cedi à tentação. Habituei-me a lidar com isso sem esmorecer. O mais esquisito foi quando um dos candidatos a empregado de limpeza me veio perguntar porque é que não o admitira pois tinha pago o que lhe tinham pedido.*

Disse-lhe para tentar ir pedir o reembolso à origem porque ali ninguém cobrava nada... Para que conste, e ao contrário de alguns deputados da nação que se esquecem de fazer a sua declaração de bens e interesses, ainda possuo hoje o relógio Cartier e o isqueiro S. T. Dupont oferecidos por funcionários. Ambos, ironicamente, foram despedidos pouco depois de me terem feito as ofertas, ao terem um terceiro processo disciplinar, mas isso dava para mais um capítulo completo. Ora bem, depois destas páginas todas, quase me esquecia que estava a falar de um programa Prós e Contras...estava eu a ver o tal programa da RTP1 quando comecei a ouvir sons que pareciam mesmo frases destas “dos Portugueses que deram novos mundos ao mundo”, e doutras aleivosias semelhantes.

46 Capra, F. O Tao da Física. São Paulo: Cultrix. 2ª ed. 1975. 274 p

47 falecido em 09/03/2013

48 Toning Conceição, na atual Casa Garden que lhe servia de residência)

49 Autor do livro A Herança Arquitetónica de Macau em 1983, falecido em 1997

50 ATV-HK e depois NHK Japão, atual paradeiro desconhecido)

51 Pivô e repórter da TVB-HK, falecido em data incerta

52 RTP Macau e depois assessor de Ramos Horta em Timor-Leste, falecido em 25/5/2013,

53 Ambos ainda em Macau

54 Ainda em Macau, depois de ter sido deputado local,

55 Do Crazy Horse Paris em Macau nos anos de 1979 (maio) e seguintes, fundador da ANIMA e da Alliance Française, ainda hoje em Macau Diretor de Animação no Hotel Venetian

56 Há pauzinhos de bambu, de osso, de prata ou de jade, mas a maioria é de plástico ou de madeira de faia. Uns são decorados a ouro e outros pintados com caracteres. Mas há 3000 anos, altura em que se acredita que os pauzinhos tenham sido inventados na China da dinastia Shang (1766-1122 a.C.), não passavam de meros galhos de árvore que levavam à boca a comida quente, se bem que o último imperador desta era já tenha mandado fazer os pauzinhos em marfim

Pensei com os meus botões: “enganei-me no século, isto não está a acontecer.” Ali diante dos meus olhos, o ecrã mostrava uma cena passada na RAEM (Região Administrativa Especial de Macau), território chinês desde sempre. Um grupo de lusofalantes a discutir o mérito dos portugueses e da sua ação em Macau? Decerto que alucinava. Eis-me perante esse grande escritor macaense (há quem lhe chame mais português que os portugueses) que é o Henrique de Senna Fernandes (falecido em setembro 2010) e ouço a Fátima “não-sei-das-quantas” Ferreira perguntar-lhe, “mas então se se sente tão português porque é que não se foi embora no dia a seguir à entrega de Macau?” Desisti ali mesmo, ela já ofendera um professor universitário chinês tradutor de Eugénio de Andrade e outros, já ofendera os macaenses que ficaram em Macau, já ofendera quase toda a gente, e continuava a bater na tecla do Grande Império Português...era só Império para aqui, para ali, citando “aquela data em que terminou o Grande Império...” Então, porque é que não se foi embora? Como pode um homem tão orgulhoso em ser português ficar a viver aqui num território chinês e morrer aqui?

Estas perguntas martelavam-me os ouvidos. Nem sabia o que pensar. Pena tinha de não ter acesso ao satélite de transmissões e abatê-lo para acabar ali mesmo com aquela vergonha. Era como se alguém perguntasse a um casal constituído por um elemento chinês e outro português, no dia a seguir à transição da administração portuguesa, se ainda podem continuar a viver juntos agora que é o chinês quem manda e o outro já não... Como é que aquela entrevistadora se podia mostrar tão ignorante, insensível, mal-educada e hostil para com os que a receberam? Outros macaenses, que bem conhecia, e portugueses, que lá ficaram e conheci bem, ainda a tentaram desviar daquele rumo, falando do futuro, criticando Portugal, mas ela de nada queria saber, apenas manifestava o seu desagrado por Portugal ter entregado Macau à R. Popular da China. Teria esquecido, ou nunca soubera, que nesse tempo do dito “Império”, aparte algumas instituições serem lideradas por Portugueses e as ruas ostentarem nomes bem-soantes em português, ninguém sabia onde estas ficavam a menos que os nomes fossem ditos em chinês?

Se entrasse num táxi para o Hotel Estoril (para grande consternação minha, estava em ruínas em 2011, à espera de ser demolido e reconstruído) e dissesse para ir lá, na Avenida Sidónio Pais, era impossível chegar a menos que soubesse a transcrição fonética correta do nome da rua em cantonês: Sidonau Pasi. Também o meu prédio era Fei Tchoi lun em vez de Edifício Jade Garden na Avenida Coronel Mesquita. Dizendo o nome da rua em português e o do prédio em inglês nunca chegaria a casa... Será que a Fátima “não-sei-das-quantas” nunca se apercebeu que legalmente Macau era Território Chinês sob Administração Portuguesa? Macau nunca foi Português!

Por que não uma nova bandeira com os cinco castelos mais o de S. João Baptista de Ajudá (Ouidá) que já ardeu nos idos de 1961?

A Fortaleza de S. João Baptista de Ajudá, conhecida como Feitoria de Ajudá (ou simplesmente Ajudá), localizava-se na cidade de Ouidá, na costa ocidental africana, atual República de Benim. O Daomé tornou-se uma colónia francesa em 1892, obtendo independência em 1 de agosto de 1960, quando se transformou na República do Benim. No ano seguinte, tropas do Benim invadiram Ouidá, dependência da colónia de S. Tomé e Príncipe. Sem condições para oferecer resistência, o governo de Salazar ordenou ao último residente da praça que a incendiasse antes de a abandonar. A anexação foi reconhecida por Portugal em 1985.

Pasmava de ver tanta ignorância neste exemplo de jornalismo à portuguesa...felizmente que os chineses e a sua cultura milenar, apenas têm mais uns milhares de anos que a dos portugueses. São corteses e educados e não a puseram logo no olho da rua...e a fulana vai voltar a Portugal satisfeita a pensar que magnífico programa ali fez. As caras de gozo do advogado Jorge Neto Valente, do Jorge Rangel e do arquiteto Marreiros exemplificavam a pena que sentiam por aquela anormal. Não me admirava que recebesse já outro Globo de Ouro por este programa.

Em Braga, um bolo-rei com 120 metros;  
em Olhão, bolo-rei de 100 metros;  
em Pombal, 50 metros;  
em Loulé, 75 metros;  
em Câmara de Lobos, 120 metros;  
em Machico, bolo-rei mais modesto, com 10 metros,  
mas no Porto Santo, com 25 metros.

Portanto, as finanças locais dão para muita fruta cristalizada. Estas tendências pindéricas de armar ao pingarelho quando nem sequer se respeitam grandes valores que até existiram. Esta mania de que “nós portugueses [ainda] somos grandes”, nós que já fomos grandes, fomos os maiores...

Lembro-me de me contarem que em 9 de outubro 1976 proclamavam o Centro Comercial Brasília do Porto, quando foi inaugurado como sendo o maior da Europa...que o centro comercial X, Y ou Z são os maiores do mundo, que a árvore de natal em Belém (Lisboa) é a maior...

Esta frustração edípica, que Freud explicaria, leva a que entre as maiores imbecilidades do mundo estejam tantos portugueses, com a maior sopa, a maior feijoada, a maior assadeira de castanhas em Vinhais, a maior isto e aquilo... será que o tamanho conta?

É também esta a Lusofonia que não quero. Que me leva a sentimentos de repulsa quando vê proposta uma bandeira da Lusofonia com a esfera armilar....

Há uma certa Portugalidade incompatível com a Lusofonia....

Estas tendências pindéricas de armar ao pingarelho quando nem sequer se respeitam grandes valores que até existiram.

Estas manias de que “nós portugueses somos grandes”, de que foram grandes e os leva a proclamar que o Centro Comercial Brasília, do Porto, quando foi inaugurado era o maior da Europa...que o centro comercial X, Y ou Z são os maiores do mundo, que a árvore de natal em Belém (Lisboa) é a maior...

Esta frustração edípica, que Freud explicaria, leva a que entre as maiores imbecilidades do mundo estejam tantos portugueses, a maior sopa, a maior feijoada, a maior isto, a maior aquilo....

Será que o tamanho conta? Como disse e bem o presidente da Porsche, Wendelin Wiedeking “Se o tamanho fosse importante os dinossauros estariam vivos”.

## 98.16. AUSTRÁLIA. A ILHA E O NASCIMENTO DE UMA FILHA

Acabei por me instalar numa casa alugada, mesmo por cima da dos meus sogros, em Waverley, NSW (Nova Gales do Sul). Eles tinham mudado de Perth para Sidney havia pouco tempo. Tínhamos dinheiro suficiente, em poupanças, para comprar uma casa. O contentor chegou uns dias depois, em finais de janeiro de 1983. Fizemos bastantes obras de melhoramentos na casa, o que implicou que eu aprendesse a carpintear. Arrancou-se o papel da parede que tinha umas quantas camadas. Foi um trabalho moroso durante o qual um casal português, emigrado há muito, nos ajudou durante vários dias. Depois disso, arrancaram-se do chão as carpetes com mais de trinta anos. Pintou-se o chão de preto para contrastar com as portas brancas e as maçanetas vermelhas. Nos tempos seguintes viajamos pela Austrália (costa leste) a fim de conhecer bem o país onde estávamos.

Um dia, apercebi-me que o dinheiro estava a desaparecer e nenhum dos dois trabalhava. Cancelamos as férias prolongadas, adiámos a ida a Portugal e começamos a busca de trabalho. Uma irmã da minha mulher emprestou, para segundo carro, um Holden automático EK 1961, de 2.26 litros e 6 cilindros, com 56 kW, 3 velocidades, caixa automática Hydramatic que ia dos 0 - 100 km/h em 24,9 segundos. Foram produzidos, apenas, 150 214 exemplares daquele carro, por mim cognominado (vã-se lá saber porquê) “Dominic”. Ainda o conduzimos durante uns meses, enquanto a dona passeava pelo mundo, mas depressa se concluiu que o carro implicava inúmeros trabalhos de manutenção para além dum consumo exorbitante de 24 litros aos 100 km...

Estes primeiros anos caracterizam-se por uma integração lenta, mas fácil, e sem sobressaltos de maior numa sociedade tolerante multicultural, regida por meritocracia e não por cunhas (o mérito da mediocracia!). Lentamente, fomos encontrando o nosso nicho de oportunidades de um jornal português, ao consulado geral de Portugal (onde fui adido comercial, cultural e servi de elo de ligação às comunidades), depois, o ministério federal da Imigração e por fim o do Emprego onde me viria a fixar. Aqui estive anos, e quando estava destacado como Jornalista nas Relações Públicas,



manipulava estatísticas sobre o (des)emprego e escrevia discursos positivos para o ministro provando o impossível, sobre a descida do desemprego. Estive, durante anos, profundamente envolvido no delinear da política multicultural que a Austrália adotou, como representante do sindicato da função pública. Comecei também a minha atividade de linguista e tradutor. Aumentara o enorme leque de oportunidades de escritor e jornalista trabalhando para vários órgãos de comunicação social.

A minha mulher trabalhava, e estudava na universidade, dando início a uma prometedora carreira como designer gráfica, futuramente premiada como uma das melhores do mundo. Em 1986 nascera a filha Vanessa-Ingrid em agosto, numa altura em que financeiramente já estavam bem. Eu, além do trabalho no Ministério do Emprego, das traduções e aulas na universidade (leccionava tradutologia a potenciais candidatos a tradutores e intérpretes), trabalhava para a agência de notícias Lusa, a RDP, a RTP, rádio e TV de Macau e jornais vários, quer em contrato quer em freelance. Sempre fui jornalista, a minha vocação de adolescente, mas só na Austrália obtive a carteira profissional que ainda hoje detenho. O nascimento da filha foi demorado, mas não complicado. Começou o trabalho de parto pelas 07:40 da manhã quando fomos para a maternidade Royal Hospital for Women em Paddington (transferida em 1997 para o Prince of Wales Hospital em Randwick). As contrações finais duraram um dia completo.... Tinha-me preparado para um parto normal, pois acompanhara as sessões de preparação para o nascimento assistido, os trabalhos de respiração e os exercícios todos. Pelo sim pelo não, tinha uns uísques no carro, naquilo que em inglês se designa como "Dutch courage". O parto prolongava-se e enquanto esperava nasceram umas seis ou sete crianças...A certa altura foi necessária uma injeção epidural. Era eu quem precisava já da injeção e não a mãe da criança. Os meus sogros trouxeram-me o jantar. Finalmente pelas 23:27 (quase 16 horas após entrar no hospital) nascia a filha. Estive presente, pela primeira vez, em todos os momentos do parto, no primeiro banho, no primeiro colo. Importantíssimo momento, pois, embora não fosse o primeiro filho, o nascimento foi acompanhado de fio a pavio. Vim a casa dar a boa nova aos meus pais e dormir umas horas. Não havia telemóveis naquela data. Mãe e filha passados dois dias estavam em casa.

Em 1987 a vida (aliás, o senhorio) obrigou-nos a mudar do rico apartamento em Centennial Park (em frente ao Royal Agricultural Show) para St Mark's Road em Randwick. Mudamos para um apartamento num condomínio fechado de cerca de 30 habitações de um ou dois andares, entre árvores centenárias e um ribeiro, com vista para o mar e cheio de pássaros australianos (incluindo as irritantes aves, Kookaburras, que nos acordavam pelas 05:30 da manhã).

Em 1988, trouxemos a criança a Portugal para mostrar a todos os familiares e amigos, dentro da tradição ancestral de exibir os recém-nascidos. A partir de 1989, as relações com a minha mulher entraram numa fase de deterioração rápida. Eu trabalhava sistematicamente doze a quinze horas por dia.

Começamos a dormir em quartos separados, eu no estúdio de onde enviava as notícias e crónicas, a altas horas da noite a fim de apanhar o noticiário da manhã em Portugal. Ela dormia com a miúda no quarto de casal. Almoçava regularmente no restaurante chinês Choys, ao lado do Serviço Nacional de Emprego onde trabalhava por essa época. Este ótimo restaurante chinês dava para praticar o meu limitado cantonense. Vinha para casa pelas 5 horas, mudava-me, preparava o jantar e enviava notícias ou pesquisava-as, contactando com Camberra, Perth, Melbourne...a saber confirmações de notícias sobre Timor. Fazia a revisão da imprensa diária para sacar notícias para Portugal e seguimento em dias posteriores. Ouvia noticiários da ABC e tentava arranjar material para artigos. Depois de jantar e de alguma televisão, continuava a trabalhar até à uma ou duas da manhã. Pelas sete e pouco estava a pé. Acordava-as. Esta a rotina monótona de trabalho, sete vezes por semana, sem carinho nem afeto a não ser o da filha. Brincava com ela todos os dias, sempre que possível, e era ela quem me aguentava a manter-me vivo. Estava resignado. Não iria abandoná-la como tinha abandonado os gémeos, dizia a mim mesmo. Há promessas que não se devem fazer. Também jurei nunca voltar a Portugal nem casar com uma portuguesa, mas era isso que me iria acontecer em 1996. Em 1990 voltamos em férias a Portugal. A minha mulher (que fora a atraente jovem macaense no início desta crónica) estava gordíssima pois não perdera peso depois do parto.

Fui convidado para um congresso de verão da universidade do Minho (Braga julho 1992). Estavam 21 representantes das comunidades lusofalantes. Todas as despesas pagas pelo governo português pela primeira e única vez na vida.

## CRÓNICA 99. DA ABL, À FUGA DOS LIVROS PARA O EGITO E SANTA MARIA DOS AÇORES 26 JUNHO 2011

Há dias li uma interessante troca de pontos de vista com as quais concordo totalmente. Dizia o Onésimo Teotónio Almeida:

Partilho uma troca de e-mails com o Luiz Valente (brasileiro ferrenho e reputado brasilianista nos Estados Unidos, meu colega na Brown) sobre esse assunto. Mande-lhe a notícia sobre o prémio outorgado ao Ronaldinho e ele respondeu-me:

Onésimo:

A Academia Brasileira de Letras teve a péssima ideia de homenagear o Flamengo durante as celebrações dos 110 anos de nascimento do escritor José Lins do Rego, grande torcedor e membro da diretoria do clube. Obviamente, os membros da ABL não têm muito que fazer. Ou são todos do Flamengo... O Prates exagera às vezes nos seus comentários. Foi demitido da Rede Globo porque disse que "hoje em dia qualquer miserável, que mora nessas gaiolas, tem um carro e acha que tem direito de dirigir." Pior que dar um prémio ao Ronaldinho, que pelo menos fez alguma coisa de bom neste mundo, foi ter eleito o José Sarney como membro da Academia. Isso sem falar em outros "luminares" das letras brasileiras, como Marco Maciel, General Lyra Tavares (pseudónimo: "Adelita"), Arnaldo Niskier, Ivo Pitanguy, etc. LfV.

Comentário do Onésimo para LfV:

Luiz, mas então as eminências da ABL estão mesmo a precisar de uma eminentíssima reforma, como disse Frei Bartolomeu dos Mártires no concílio de Trento a propósito da Igreja Católica.

Nova resposta do LfV (Luiz Valente):

Sim.... Olhe quem não fez/faz parte da Academia: Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Fernando Henrique Cardoso, Mário de Andrade, Ferreira Gullar, Manoel Bomfim, Cecília Meireles, Lima Barreto, Érico Veríssimo, Jorge de Lima, Mário Quintana, António Cândido, Rúben Fonseca, Monteiro Lobato, etc. E quem faz/fez parte: Getúlio Vargas, General Lyra Tavares ("Adelita"), José Sarney, Paulo Coelho, Ivo Pitanguy, Arnaldo Niskier, Cícero Sandroni, Murilo Melo Filho, Marco Maciel, Luiz Paulo Horta, Geraldo Cavalcanti, Merval Pereira -- de quantos desses você já ouviu falar?

Esta troca de impressões não deixa margem para comentários exceto a opinião de que o Pelé merecia mais do que o Ronaldinho, pois fez mais para divulgar o Brasil...rsrsrs e depois veio o Daniel de Sá contar:

Estive esta tarde com Maria Alice num concerto de sonho nas Capelas. Para começar, as Capelas são um dos espaços açorianos de que mais gosto. Para continuar, a tarde estava linda. Para encher os sentidos e os sentimentos completamente, um concerto de violino perfeito. Quem? A Micaela, a filha mais nova do nosso amigo, para mim "irmigão" (foi ele o inventor do nome), Carlos Sousa. Tratou-se das peças escolhidas para o seu exame de 8º grau antes do acesso ao Curso Superior de Violino.

A miúda não jogou à defesa, de maneira nenhuma. Peças difíceis de interpretar, com muito "presto" e muita 1ª corda, que é sempre a pedra de toque dos grandes violinistas. Se os agudos não incomodam, o violinista é bom.

E a Micaela deliciou uma sala incompletamente cheia no Hotel da Quinta do Navio, um lugar paradisíaco. Se eu não a conhecesse desde pequenina, poderia ter pensado que fora um anjo que ali descera para fazer jus à paisagem.

À margem do concerto, o encontro com alguns amigos. Um deles, o Guálter Dâmaso, amigo dos tempos de Santa Maria e que foi colega no seminário do Carlos Sousa e do Onésimo, entre outros.

Contou-me que foi há dias à Roménia e que uma guia turística lhe disse que conhecia escritores portugueses. O Guálter observou que ela não conheceria certamente escritores açorianos. E ela desata a falar-lhe dos livros e do estilo do Onésimo, dos do Cristóvão, dos meus... Já lera quase tudo o que a gente publicou!

O Guálter não se lembrava bem do nome, mas disse que era algo como Carina ou Crina. E aqui entra a diferença entre o que é ser guia turístico na Roménia e aqui. É que esta senhora é provavelmente a Crina Voinea, professora universitária, que anda pelos Colóquios do Chrys distribuindo simpatia e que vai traduzir para Romeno alguns autores açorianos. Parece-me coincidência demasiada tratar-se de outra pessoa. Mas, apesar da sua imensa cultura (ou decerto por isso) é capaz de acompanhar como guia turística um grupo de portugueses. Talvez por esta e por outras é que a Roménia, mais dia, menos dia, passará à frente a Portugal em termos de desenvolvimento. Abraços. Daniel

A isto respondi:

Muito provavelmente, ou mesmo de certeza que é ela, como já foi ela há tempos que apareceu num programa multicultural que a RTP apresentou...Provavelmente leu mais autores açorianos que muitos açorianos juntos....Já lhe perguntei (a ela Marilena Crina Voinea) mas devido à diferença

de hora só depois saberemos... Ela traduz atualmente Cristóvão de Aguiar "O passageiro em trânsito" e seguidamente traduzirá por esta ordem Daniel de Sá, Vasco Pereira da Costa e Eduardo Bettencourt Pinto, cortesia dos esforços dos Colóquios da Lusofonia de levarem estes e outros escritores a locais inimagináveis (Polónia, Ucrânia, Rússia, Eslovénia, Itália, França..) Um abraço do tamanho do mar a todos os que leram livros de autores açorianos...

Lembro que ainda ontem me indignei com a SIC, numa reportagem sobre São Jorge e Pico, e os dois apresentadores com o livro de Melville nas mãos em vez de lerem Dias de Melo, por exemplo...claro que nunca ouviram falar dele e estavam todos entusiasmados como o Melville...santa ignorância...  
daniel.de.sa respondeu:

Chrys, isso é verdade, triste verdade, a respeito de muitos portugueses continentais. Mas também de muitos portugueses açorianos. Já se escreveu igual pelo menos e mais atualizado que o que fez Raul Brandão, mas este continua a ser idolatrado em detrimento de gente de cá. Que não se o esqueça, por amor à literatura, mas tudo tem um limite. Veio aí o Tabucchi, disse umas coisas, e foi endeusado. E há cá quem escreva tão bem como ele e conheça as ilhas e seus costumes um pouco melhor. Acabo de falar do concerto da Micaela. A moça toca angelicalmente. Pensas que o Teatro (leia-se GR) lhe abrirá o palco? Ou o Coliseu (leia-se BC)? Mais fácil vir o Quim Barreiros ou a Mónica não sei quantos.

Diz Chrys:

Infelizmente pertenço às elites, aquela coisa que o 25 de abril quis terminar tal como o Mao na China mas aqui não nos mandaram para campos de trabalho, espeznizados até morrermos, obrigam-nos a ouvir c's e f's todos os dias mas respondo-lhes eu com um c e que grande f para eles todos quer se digam de direita, esquerda ou do raio que os parta...é com orgulho que pertenço às elites que pensam e leem. Se eu chamasse o roberto leal, o quim barreiros ou o tony caganeira (perdão carreira) tinha os Colóquios cheios MAS PREFIRO COMER BACALHAU A CHEIRÁ-LO....Assim como prefiro fazer os Colóquios com 30 ou 40 pessoas dedicadas que nos acompanham o tempo todo e ajudam nos projetos como a Crina Voinea, Ilyana Chalakova, Larysa Shotropa, Iovka Tchobanova e alguns outros lusófonos e lusófilos. A igualdade das massas é igual a mediocridade (ai agora é que me mandam mesmo fuzilar)

NÓS NÃO SOMOS TODOS IGUAIS E NÃO PODEMOS SER FEITOS IGUAIS À PRESSA, À PRESSÃO OU POR DECRETO.

Deve dar-se mérito a quem o tem, independentemente do nome com que nasceram ou do bairro onde nasceram, em vez desta fantochada em que são todos doutores, engenheiros ou arquitetos da mula russa (poucos conhecem esta terminologia cota) neste tipo de educação para todos, feita à força e que não cria uma população mais culta, apenas uma massa de tipos e tipas com canudos que não correspondem a saber nem capacidade de resolução de problemas.

Já tive empregadas domésticas com a velha quarta classe mais cultas do que alguns dos professores formados a martelo nas fábricas de salsicha atuais (perdão, fábrica de canudos). Desabafado isto, politicamente incorreto, acho que o Quim Barreiros e quejandos têm o seu lugar, tal como as telenovelas e outras coisas, para dar razão aos que parafraseiam Pedro Homem de Mello (esse coevo de Afife como o meu pai) "é disto que o meu povo gosta..."

Assim sendo, em vez de contratar um artista popular para lançar o meu livro vou ter a Ana Paula Andrade que nos Colóquios toca com uma soprano excecional apesar do seu tamanho reduzido: a jovem Raquel Machado. Ainda nunca me disseram que tínhamos ópera nos Colóquios, o que é bom sinal...

Enquanto me deixarem vou continuar nas elites dos que leem, dos que continuam a aprender e a estudar com esta idade, dos que apreciam essas "chachadas de ópera" a que o Daniel foi...e que como todos sabem não têm tarelo nenhum e põem uma pessoa menente com aqueles sons esganiçados do violino que parece um porco na antecâmara da morte... Claro que não vai ao Coliseu (se calhar até nem veio de Portugal, lá de fora ou do estrangeiro) nem a sítio nenhum.

14 junho 2011-06-14  
Naufraguei  
Na ilha  
Acordei  
Sem saber onde  
Quem sou?  
De onde vim?  
Para onde vou?

Foi então que vi os livros do Cristóvão de Aguiar na sua casa em São Miguel Arcanjo com vista sobre Santo Amaro a fugirem a sete pés da sua falsa.

Que se passaria?  
Ele não estava lá e os livros fugiam em correria desenfreada rumo às Poças onde costumava tomar o seu banho matinal.  
Seria isto que acontecia aos livros quando ele não estava na ilha?  
Porque fugiam? De quem fugiam?  
Há quem diga que a infância infernizada do Cristóvão se encarregou de geneticamente o levar a hereditarizar nos que o rodeiam.  
Dizem alguns que ele é o exemplo vivo do inferno na terra, para ele e para os que se dele se acercam.  
Eu não sei se seria por isso que os livros debandavam?  
Quis aproximar-me, mas não podia de tão tolhido que estava pela sua última diatribe. Náufrago de uma amizade recente, mas perene.  
De repente apercebi-me de que os livros em fuga eram apenas os que ele escrevera, os dos outros autores andavam numa roda-viva, em acesa discussão sobre quem era o mais açoriano e o melhor representante da açorianidade.  
Afinal, as tertúlias que tivera em sua casa no ano de 2009 haviam passado para os livros que decoravam - como se de mobílias se tratasse - a sua falsa no Pico.  
Era o exemplo mais vivo do que são as personalidades açorianas que escrevem livros.  
Apresentam uma fachada manuelina, bem compostinha embora, nalguns casos, se notem as fissuras da idade naqueles rostos martelados na pedra.  
Aprenderam com os estrangeiros a comportarem-se para ocultarem a sua terrível herança feudal que os condiciona ainda hoje, mas quando o verniz estala tudo vem à tona. É uma canga pesada para que se libertem em apenas três décadas desde que a democracia voltou.  
Ocupam as cores do arco-íris nos quadrantes políticos e dizem-se todos - mas mesmo todos - muitos amigos, uns dos outros.  
Difícilmente se toleram fora das cliques e claques onde pontificam e se as não tem a sua sobrevivência como escritores está quase irremediavelmente comprometida e condenada ao fracasso.

Poderíamos extrapolar sobre o que fazem os livros do Daniel de Sá, se não fugirão também, todas as noites até Santa Maria?

Será que saem silenciosamente da casa na Maia (em São Miguel nos Açores), paredes meias com o Solar de Lalém e vão primeiro para a Travessa dos Foros onde viveram décadas para matarem saudades antes de aventurarem por mares alterosos para regressarem à Ilha-Mãe tão celebrada, em busca das pedras de antigas casas mitológicas que preenchem os seus sonhos e serviram de motivo para o pastor das Casas Mortas.

Estou mesmo a imaginar todos esses livros em fila açoriana a saltar de ilha para ilha em busca do Santo Graal que aquelas pedras encerram. Felizmente que os tempos são outros, pois no tempo do pai do Daniel era preciso uma espécie de "passaporte" para se ir de ilha a ilha, mais ou menos o que acontece agora na China com Macau e Hong Kong, um país e dois sistemas. No verão deve ser mais fácil aos livros aventurarem-se no Grande Mar Oceano, que os invernos trazem ventos e marés de virar barcos bem pesados, alguns dos quais desaparecem sem deixarem rasto como ainda há meses aconteceu quando deixou de haver sinais em 15 março 2011 do barco de pesca "Ana da Quinta", uma embarcação de um armador de Vila Praia de Âncora que desapareceu a cerca de 150 milhas da Ilha das Flores, nos Açores, onde andava à pesca ao espadarte. Não houve qualquer contacto por parte dos nove tripulantes que seguiam a bordo. São cinco pescadores de Vila Praia de Âncora e quatro de origem asiática, todos com idades acima dos 40 anos e larga experiência marítima. Não há qualquer explicação para o sucedido porque, apesar de na altura se registarem no local ondas de cinco metros, o barco "Ana da Quinta" fora construído em ferro com 20 metros de comprimento e mais de 100 toneladas...e nunca apareceria apenas tendo sido encontrado um corpo se a memória me não falha. Talvez os livros só passeiem entre a Maia micaelense e Santana mariense no estio. O certo é que em qualquer dos casos não tenho coragem de pedir aos autores autorização para comprovar esta minha fé inabalável nos movimentos secretos dos livros que preenchem as suas bibliotecas. Teria de me postar em posição de atalaia, como se fosse um vigia de baleias à espera de os ver sair, a menos que se consigam teletransportar que é isso que, por vezes, acontece com o conteúdo das obras de muitos destes autores açorianos. Depois, ficaria à espera para saber que novas histórias tais livros poderiam contar ao regressarem calma e silenciosamente às suas bibliotecas, aguardando que os donos os vão consultar, já que não foram escritos para ficarem a apanhar pó nem para embelezarem um qualquer armário. Certamente com a criatividade da Engenharia, da Arquitetura e da Historiografia tais ideias podem transformar qualquer das ilhas na verdadeira Ilha da Fantasia, enriquecendo os atrativos para os seus habitantes e visitantes, gerando mais e bons empregos, mais atividade ao comércio, mais impostos, etc.



Quando estive pela primeira vez em Santa Maria, viajei de volta à minha adolescência tendo fascinado prédios e instalações antigas, em especial as instalações do enorme aeroporto, daquela que não é cidade, mas apenas a Vila do Porto. Tudo ali me remete ao passado glorioso e azafamado da Segunda Guerra, quase coetâneo do meu nascimento e me encanta. Até pensei em tentar fazer um projeto ou algo assim de recuperação das instalações. Nessa data - e já lá vão uns seis anos - ainda não era a Câmara Municipal responsável por muitos desses equipamentos urbanos. Imaginem só, a vila quase não possui pontos turísticos e se fosse possível das instalações desativadas construir um verdadeiro museu vivo em homenagem ao esforço da Segunda Guerra, seria ainda possível reproduzir artesanalmente dentro daquele espaço incrível a vida no tempo da guerra. Haveria lugar para o artesanato que os visitantes poderiam levar de lembrança com um preço simbólico, criando novas oportunidades e revitalizando a Vila do Porto. Até agora nestes sessenta anos deixaram acabar quase tudo o que era importante preservar. Assim se reporia a verdade sobre um povo maravilhoso que merecia um maior respeito com a sua história e o seu património, realmente uma pena... Agora só falta converter aquilo tudo num Museu vivo e recolher exemplares que andem para aí espalhados de relíquias da guerra.

100. CRÓNICA 100 MAIA 5 SÉCULOS E UM LIVRO. 1 JULHO 2011

100.1. CRÓNICAÇORES UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO, VOLUME DOIS

Há momentos mágicos na vida de cada um, daqueles que queremos perdurem não só na memória como até gostaríamos fossem perpetuados numa espécie de animação suspensa, como se fosse possível parar o tempo e fixá-lo numa determinada imagem de um instante, nesta fugaz existência que nos permite andar a vaguear por este geoide achatado nas calotes polares a que chamámos Terra. Dia 1 de julho na Maia (S. Miguel, Açores) foi um desses momentos graças à música açoriana interpretada pela Ana Paula Andrade e filhos Carolina e Henrique, que serviu de prelúdio a uma magistral digressão pelo tempo e pela geografia a cargo do Pedro Bicudo na apresentação nacional do *CrónicaAçores: uma circum-navegação*. Meia centena de pessoas abdicou do lazer destinado à noite de sexta-feira (mais conhecida como a pausa de descanso do guerreiro que labuta toda a semana) para ouvir falar de um autor “offsider”, pouco conhecido que fala de açorianidade como se nela tivesse nascido. Foi uma honra ter na assistência José Carlos Teixeira, Urbano Bettencourt, Daniel de Sá, José Francisco Costa, além de tantos amigos, conhecidos e desconhecidos, incluindo a Joana Motta Vanzeller que só conhecíamos ciberneticamente, uma mão cheia de professores da escola local, normalmente avessos a estas iniciativas, além do Manel Sá Couto, o Zé Soares, e tantos outros que estoicamente ali estiveram cerca de duas horas sob os olhares atentos das câmaras da RTP Açores que se dignou subir à costa norte de São Miguel para fixar na objetiva uma das primeiras iniciativas dos 5 séculos da Maia. Não esperei que tanta gente pudesse acorrer a um local normalmente esquecido na geografia da ilha, afastado dos centros de poder para uma apresentação de um livro de um jornalista reformado, politicamente incorreto, confesso ateu e inconformista e que apenas ciclicamente é mencionado a propósito dos Colóquios da Lusofonia. Pena foi que as velhas rivalidades, e outras questões comezinhas, impedissem a presença de mais gente da Lomba da Maia que o autor considera sua e que homenageia neste livro com uma monografia.

O que consta e que ficará registado é que ali não estava ninguém por obrigação, social ou outra, para ouvirem falar de autores açorianos como Cristóvão de Aguiar, Vasco Pereira da Costa, Daniel de Sá e tantos outros que percorrem em diálogos variados. Deles estão repletas as páginas de *CrónicaAçores* (vol. 2), na génese de vários sucessos que os Colóquios da Lusofonia têm alcançado numa constante viagem de achamento da açorianidade, levando esses autores a traduções em línguas menos conhecidas (romeno, polaco, russo, búlgaro entre outras), à sua divulgação nos Cadernos Açorianos, à sua inclusão na Antologia de Autores Açorianos contemporâneos e à versão bilingue que daquela se constrói. Disso se falou e da herança de judeus conversos do autor e do apresentador numa noite em que as imagens das ilhas serviam de pano de fundo preparando a audiência para o magistral concerto do Cancioneiro Açoriano que precedeu a mais formal apresentação do livro. Éramos todos açorianos nessa noite apesar de nascidos nos mais diversos países e regiões e o livro serviu de desculpa para uma tertúlia de estórias que se prolongaria noite adentro, em casa do Daniel de Sá, ao lado do imponente Solar de Lalem prenhe de história. Resta-me acrescentar (adiante) os agradecimentos de autor com que se encerrou a sessão pública.

100.2. TEXTO DE AGRADECIMENTO PELA APRESENTAÇÃO) CRÓNICAÇORES VOL 2 LANÇAMENTO MAIA 1 de julho 2011

Iniciarei o ritual de agradecimentos pelo Jaime Rita por me ter incluído na celebração dos 5 séculos da Maia e desejar que esta cumpra aspirações ancestrais e que em breve seja elevada a Vila como já é sentida por muitos. Uma palavra de apreço à Professora Ana Paula Andrade pela sua amizade e pela sua total disponibilidade para nos presentear com excertos do Cancioneiro Açoriano bem apropriados a este livro. Sinto-me grato pela magistral apresentação do Dr Pedro Bicudo de quem partiu a ideia de se fazer o lançamento nacional desta obra na Maia nas celebrações dos 500 anos, e ao Francisco Madruga da Editora Calendário das Letras, por ter acreditado que valia a pena publicar este livro e por último, já que isto se assemelha a uma apresentação dos Óscares em Hollywood, devo agradecer à minha mulher por ter casado comigo. Sem ela, estaria na Austrália, nunca teria conhecido os Açores, nunca teria sentido esta açorianidade que através dos Colóquios da Lusofonia temos levado aos quatro cantos do mundo e que é tratada na *CrónicaAçores*. Por isso, falarei pouco do livro para que o possam ler. Nele, explico como vindo de outras culturas e continentes me deixei apaixonar pela ilha.

Os outros mundos, lá fora, perderam importância e servem só para eu divulgar um dos segredos mais bem guardados: o da existência de uma importante literatura de matriz açoriana. Existem muitos autores açorianos que merecem ser lidos. Hoje a internet, televisão, jogos de consola e outras diversões mais mundanas afastam-nos da leitura como forma de aquisição de saberes. Temos mais informação do que em qualquer outra era, mas estuda-se menos, lê-se menos e subsequentemente sabe-se menos. Nem todos os escritores são complexos como Cristóvão de Aguiar. Uns falam da vida árdua e da fome dos baleeiros do Pico, como Dias de Melo. Outros são poetas como Vasco Pereira da Costa e Eduardo Bettencourt Pinto. Mas poucos serão tão acessíveis como o nosso maiato condecorado, Daniel de Sá que tanto gosta de ensinar História enquanto nos conta as suas estórias. Outros nomes havia, mas escolhi os que melhor conheço e a quem chamo amigos.

Como tradutor de Daniel de Sá fiquei cativo e apaixonado e tive de escrever este livro para me libertar da poção mágica da sua escrita e daí nasceu “*CrónicaAçores: uma circum-navegação*”. Se bem que a minha pátria seja a Austrália eu conjugo-a com a de Fernando Pessoa, a língua portuguesa. Se hoje tenho como mátria Bragança no nordeste de Portugal, aos açorianos o devo, pois foram eles quem me ensinou a ter amor às verdadeiras raízes onde quer que se viva. Ao vê-los tão amantes das suas terras tive de ir descobrir as minhas origens a Bragança embora lá vivesse menos tempo do que em qualquer outro lugar. Sinto como todos transportam esse sentimento de pertença aqui e no estrangeiro. Aliás, estou convencido de que uma das razões para haver tantos escritores nos Açores se deve exatamente ao facto de vivermos nestas ilhas.

Em São Miguel o verde dos montes, as vacas alpinistas e o mar que nos circunda são responsáveis por nos levarem a escrever. Num mundo marcadamente materialista como este, decidi que a minha herança para os filhos seria só a riqueza dos conhecimentos que andei colecionando ao longo da vida em circum-navegação e que agora condensei em livro.

Aprendi mais nos países onde vivi do que qualquer universidade me poderia ensinar. Com os aborígenes australianos entendi como é possível preservar a língua e cultura mesmo sem haver escrita há 60 mil anos. Com os chineses apreciei o valor do futuro com base nos ensinamentos do passado, e com os timorenses, macaenses e outros aprendi saberes que fazem parte do meu quotidiano. É disso que este livro fala. A ilha para Natália Correia é Mãe-Ilha, para Cristóvão de Aguiar, Marilha, para Daniel de Sá, Ilha-Mãe, para Vasco Pereira da Costa, Ilha Menina, para mim nem mãe, nem madrastra, nem Marília nem menina, mas Ilha-Filha, que nunca enteeda. Para amar sem tocar, ver dilatar nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis. Toda a vida fui ilhéu. Perdi sotaques, mas não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo a reboque, colar multifacetado de vivências de mundos e culturas distantes. Primeiro em Portugal, ilhota perdida da Europa durante o Estado Novo, depois em um capítulo naufragado da História Trágico-marítima nas ilhas de Timor e de Bali, seguido

da ínsula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco), da imensa ilha-continente Austrália, e na ilha esquecida de Bragança no nordeste transmontano, antes de aribrar a esta Atlântida Açores.

A ChrónicaAçores, volume dois, retrata os meus amores ilhéus. Além da literatura dos Açores, também contém a primeira monografia da Lomba da Maia (onde vivo) antes de viajar de Bragança à Austrália, e aos meus amores por São Miguel, Santa Maria, São Jorge, Faial e Pico. Aliás a inquietude persegue-me desde que saí de casa em 1972 e – mais propriamente – desde que deixei a Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural. Adquiri uma errância mais própria de nómadas ciganos do que das origens sedentárias de marrano galaico-português. Esta inconstância assola-me ainda mais desde que me arquipelizei nos Açores há seis anos. Sou conhecido pela infidelidade no amor às ilhas que habito. De cada vez que saio da Ilha verde - e visito ou conheço nova ilha – enamoro-me loucamente como um jovem adolescente de sangue quente em busca de paixões avassaladoras como são os amores da juventude. Só posso viver numa, mas em todas quero estar em simultâneo, pois nelas me sinto em casa. Quero salientar que é uma honra estar aqui nos 500 anos da Maia embora saiba que a minha terra, que a Lomba da Maia ainda não recuperou da tentativa de mudar o nome para N. Sra. do Rosário, ferida pela desfeita real de 1699 quando

"...o rei Dom Pedro II, o Pacífico, por certo, não hesitou em desautorizar o bispo D. António, e a Lomba da Maia, sob a jurisdição paroquial da Maia, não chegaria a ser paróquia porque o rei quisera acautelar a integridade dos rendimentos dos párocos da Maia."<sup>57</sup> Hoje somos vizinhos nesta autonomia democrática e temos de esquecer as rivalidades ancestrais para crescermos em conjunto e não de costas voltadas. Se a Maia está mais voltada para o mar e a Lomba para as vacas, temos de aproveitar essas diferenças para incrementar as nossas potencialidades de atrair turismo para ambas as valências, oferecendo a nossa imensa hospitalidade, gastronomia, os nossos montes e mares pois poderá estar aí o nosso crescimento económico e a solução para o desemprego crescente que já começa a ameaçar a estrutura familiar das nossas gentes. Saibamos aproveitar as semelhanças em vez de realçar as diferenças pois na união está a nossa força. Aqui, na Maia e na Lomba, somos diferentes, somos da costa norte. Não nos importa que a costa sul nos esqueça. Temos enorme orgulho nos nossos mares agrestes, nos nossos ventos mata-vacas e temos a dignidade de cinco séculos de história e de trabalho árduo com a memória da pesca, do linho, do tabaco e das telhas. Esta é a mensagem final que entenderão bem melhor se lerem ChrónicaAçores. Bem hajam pela vossa paciência para me ouvirem pois vou terminar sem ler o único texto em que uso termos típicos das nossas nove ilhas, pois disso se encarregou o Pedro Bicudo na sua apresentação.

100.3. CONVERSAS DO ALÉM

Há tempos fiquei menente<sup>58</sup> quando me disseram que um falecido, na vizinha Lombinha da Maia, pedira para ser enterrado com o seu inseparável telemóvel.

O homem sem pitafe<sup>59</sup> algum viera da Amerca<sup>60</sup>, ali da antiga Calafona<sup>61</sup>, e queria estar contactável mesmo para lá do grande túnel luminoso.

Qual não foi o meu espanto, num alpardusco<sup>62</sup> de camarça<sup>63</sup>, ao transitar pelo cemitério já encerrado a visitas, e ver três pessoas do lado de fora das grades do cemitério falando com alguém e usando os seus telemóveis ou celulares bem encostados ao ouvido. Uma delas, tinha uma mão nas grades e na outra segurava o aparelho. Não tinha tarelo<sup>64</sup> nenhum. Não querendo ser lambeta<sup>65</sup>, interroguei-me “Estaria a falar com o falecido, que nascera empelicado<sup>66</sup>?” Será que o finado atendeu do lado de lá dentro do seu caixão de mogno envolto na “Stars and Stripes” à prova de leiva<sup>67</sup> ou continuaria na sua eterna Madorna<sup>68</sup>? Teria acendido um palhito<sup>69</sup>para ver quem lhe ligava?

De que falariam? Que mexericos trocavam? Lamentar-se-iam da falta que lhes fazia ou estariam a queixar-se da carestia de vida? Que palavras trocariam que não tivessem já comunicado? Que faltara dizer?

Estariam a queixar-se da sorte caipora<sup>70</sup> dos herdeiros ou a culpá-los pela caltraçada<sup>71</sup> criada pelo inexistente testamento? Teriam sido vizinhos de ao pé da porta<sup>72</sup>? Falariam do gado alfeiro<sup>73</sup> sem touro de cobrição?

Talvez dum derriço duma filha numa constante arredouça<sup>74</sup>, às fiúzes<sup>75</sup> do namorado da cidade? Eu ia ficar a nove<sup>76</sup> mas tratando-se de gente rural podia augurar que os vaqueiros se preocupassem mais com subsídios e vacas.

Não devem escalar grandes cumes culturais ou espirituais. Pressuponho ser esse o jaez da conversação. Não creio que pedissem aconselhamento para as eleições legislativas dali a seis semanas nem tampouco lamentassem a falta delas.

Quem sabe que lastimavam?

Falariam, talvez, de mordomos, impérios e festas que isso, sim, seria assunto da maior relevância local, que o melhor da festa é esperar por ela, mas mais apropriado para se discutir à mesa, sem ninguém a atramoçar<sup>77</sup>, com uns calzins<sup>78</sup> de abafado<sup>79</sup> até se ficar meio piteiro<sup>80</sup>. Uma pessoa interroga-se sobre a possibilidade de duração infinita das baterias do aparelho no esquife. Seria a solução para tantos escritores e outros que se separam dos leitores sem tempo de dizerem um último adeus, escreverem a última frase de um livro, acenarem com um novo projeto ou retificarem qualquer coisinha. Seria a forma inédita de poderem continuar a comunicar com aqueles que ficam facilmente órfãos de autores que os acompanharam nesta digressão terrena. Admiro-me que as companhias de telecomunicação não tenham inventado uma bateria de longa duração que não precise de ser carregada debaixo de terra e permita acesso ilimitado, a troco de uma conveniente taxa vitalícia, aos que os deixaram já no meio duma amizade, dum amor, duma relação, duma paixão. Seria, decerto, um êxito comercial se viesse com a possibilidade de personalização do aparelho. Quem sabe o que se evitaria de dores incompletas, de saudades por mitigar, de conversas inacabadas? Novos planos poderiam surgir em operadoras de telemóveis. Um tema a merecer estudos futuros...<sup>81</sup>

57 (in Mário Moura: A criação de uma paróquia, Sra. da Conceição da Ribeira Grande")

58 Menente, espantado, estupefacto (São Miguel)

59 Pitafe, defeito, atribuído quer a pessoas, quer a objetos. Nódoa na reputação.

60 Amerca, corruptela de América, ou Nova Inglaterra por oposição ao outro grande polo de emigração, a Califórnia

61 Calafona, Califórnia, na estropiação dos emigrantes de antigamente

62 Alpardusco, o mesmo que alpardo, crepúsculo, lusco-fusco (São Miguel)

63 Camarça, tempo húmido (São Miguel)

64 Tarelo, juízo, tino (São Miguel)

65 Lambeta, intrometido (São Jorge)

66 Empelicado diz-se de pessoa afortunada, usado na frase nascer empelicado (Terceira)

67 Leiva, designação dada a formações de musgo de várias espécies Sphagnum, abundante na parte alta das ilhas. No Corvo é o musgo, nas Flores musgão, no Faial tufos. Nome da urze, Calluna vulgaris, usada em S. Miguel na preparação do solo das estufas dos ananases.

68 Madorna, sono leve, sonolência, torpor

69 Palhito, o mesmo que fósforo (Terceira)

70 Caipora, de qualidade inferior, reles. Sorte caipora: que pouca sorte, sorte maldita (São Miguel)

71 Caltraçada, confusão, mixórdia, trapalhada

72 Vizinho do pé da porta, o mesmo que vizinho do portal da porta, que mora nas redondezas de uma casa (vizinho de ao pé da porta em São Miguel)

73 Alfeiro, gado bovino que não dá leite, por exemplo de uma vaca que não apanhou boi, e que, por isso, não dá leite. Gado alfeiro sem touro de cobrição (in Cristóvão de Aguiar)

74 Arredouça, confusão, desordem

75 Fiúzes (São Miguel) ou às fiúzas de, à custa de, viver à custa de outrem (Terceira)

76 Ficar a nove, não entender nada do que ouviu.

77 Atramoçar, aborrecer, interferir com, maçar (in Cristóvão de Aguiar) (São Miguel)

78 Calzins, pequeno copo, geralmente destinado a beber aguardente ou bebidas finas

79 Abafado, O vinho abafado é um vinho tradicional dos Açores, constituindo uma tradição na costa norte de São Miguel, onde a abundância de pomares e a produção frutícola excedentária é frequentemente aproveitada para a feitura de licores, vinhos abafados e compotas. No caso dos vinhos abafados, trata-se de um género vinícola com elevado teor alcoólico cuja fermentação é interrompida através da adição de aguardente ou álcool, permanecendo mais ou menos doce (uma vez que o açúcar natural da uva não se transformou em álcool). Transformação licorosa do típico vinho de cheiro micalense. O abafado é considerado o vinho do Porto dos Açores, em resultado de um processo de laboração que dispensa o recurso a corantes ou conservantes. (São Miguel)

80 Piteiro, aquele que bebe muito (Terceira, Flores)

81 (texto revisto por e dedicado ao Dr. J. M. Soares de Barcelos, autor de Dicionário dos Falares dos Açores (ed. Almedina 2008), por me fazer sentir menos estrangeiro



Seria coincidência ou fortuito acaso? Após quase cinco anos de silêncio, os sinos da igreja da Lomba da Maia (há muito silenciados por razões que desconheço) voltaram a tocar na hora certa e pela meia hora, como que a anunciar a vinda de uma segunda neta. Nestas coisas os sinos costumam ser mais frequentemente associados a enterros e avisos de falecimento do que a alegrias...

Como dizia o poeta António Gedeão, "eles não sabem nem sonham que o sonho comanda a vida" e assim tem sido comigo.

Resta-me desejar que o mesmo lhe suceda. Vieste do nada numa madrugada longa sem luar, enquanto o mar rugia ao longe na Praia da Viola, percorreste o caminho das estrelas como tantas outras antes de ti, mais parecias um cometa deixando um rasto indelével na ansiedade da tua avó, bis-avó (que é uma avó bis), ansiando abrir as asas e voar até ti, agarrar-te e dar-te todo o carinho do mundo como só as avós sabem.

Na ilha fez-se silêncio em tua honra, antes de os cagarros começarem a cantar a sua ladainha noturna e antes mesmo de os milhafres fugirem assustados para as suas tocas, altos poleiros em postes na estrada vizinha.

Nem um só barco saiu à pesca nessa noite, acenderam-se velas nas aldeias, ditas freguesias, e se houvesse romeiros, seria em tua honra. As vacas mugindo, pediam para serem esvaziadas as suas tetas úberes num afã de te darem alimento.

Os sorrisos que irás trazer acalentam muitos corações e fazem esquecer a solidão dos dias horizontais enquanto na vizinha Maia os foguetes estrelejam pois ao fim de cinco séculos vens anunciar uma boa nova.

Enquanto isso, o poeta continuava mergulhado nos seus pensamentos, em frente às rochas, a que chamam piscinas naturais ou poças, incapaz de um poemato que o levasse do papel à ação.

Ouvia as falésias a cantarolarem canções de embalar a que chamavam "lullaby" para te embalsamarem no remanso das ondas sob o olhar atento dos garajaus. E ao fundo, na bruma do amanhecer, ver-se-á uma ilha enevoadada daquelas que costumam surgir com os nevoeiros de São João e chamar-se-á Leonor. Bem-vinda neta que fazes sentir o calendário dos dias nos anos deste avô que nunca escreveu poemas no nascimento dos filhos.

## . CRÓNICA 102. LÁ COMO CÁ, 31 JULHO 2011

Lá como cá... Um pouco por todo o mundo... O neocapitalismo cria novas formas de escravagismo e de servidão e não deve ser com manifestações destas que irão mudar... revolucionários precisam-se, depois criam-se mais umas guerras e umas invasões sob qualquer pretexto que os vendedores de armamento bem precisam...E o ser humano continua aviltado no fundo da escala...Em busca dos sonhos burgueses com que o educaram numa sociedade consumista e eu aqui sentado à espera que apareça um novo homem/mulher educado, culto, pacifista, interessado no seu semelhante sem ter que se refugiar em paraísos artificiais sejam eles os das drogas, álcool ou meramente reduzido a um ser de fé. Tal como em Portugal! Hospitais não funcionam, educação não funciona, justiça não funciona. Nada funciona... O medo é a regra geral. Para quê Senadores, Deputados, Vereadores, Prefeitos, e toda a classe política se nada funciona. Só existe interesse próprio, com o próprio umbigo. É só escândalo atrás de escândalo todos os dias. Não se tem mais vergonha na cara. A corrupção está instaurada em todos os níveis das entidades representativas da sociedade. Leio: "É uma vergonha. Se você está satisfeito(a) com o Governo, nem leia isto, delete e pronto! 1 MILHÃO de pessoas na Avenida Paulista, pela demissão de toda a classe política. XÔ PETISTAS. É agora!". Dito assim até parecia legítimo, mas a história nem sempre é o que parece, e o que viria seguir, passados uns anos, viria a demonstrar a fraude deste populismo com que todos concordam.

Repassando...

Um milhão de pessoas na Avenida Paulista pela demissão de toda a classe política. Este e-mail vai circular hoje e será lido por centenas de milhares de pessoas. A guerra contra o mau político, e contra a degradação da nação está começando.

Não subestimem o povo que começa a ter conhecimento do que nos têm acontecido, do porquê de chegar ao ponto de ter de cortar na comida dos próprios filhos! Estamos de olhos bem abertos e dispostos a fazer tudo o que for preciso, para mudar o rumo deste abuso. Todos os "governantes" do Brasil até aqui, falam em cortes de despesas. Mas não dizem quais despesas

Mas, querem os aumentos de impostos como se não fôssemos o campeão mundial em impostos.

Nenhum governante fala em:

1. Reduzir as mordomias (gabinetes, secretárias, adjuntos, assessores, Suportes burocráticos respetivos, carros, motoristas, 14º e 15º salário etc.) dos poderes da República;
2. Redução do número de deputados da Câmara Federal, e seus gabinetes, profissionalizando-os como nos países sérios. Acabar com as mordomias na Câmara, Senado e Ministérios, como almoços opíparos, com digestivos e outras libações, tudo à custa do povo;
3. Acabar com centenas de Institutos Públicos e Fundações Públicas que não servem para nada e, têm funcionários e administradores com 2º e 3º emprego;
4. Acabar com as empresas Municipais, com Administradores a auferir milhares de reais ao mês e que não servem para nada, antes, acumulam funções nos municípios, para aumentarem o bolo salarial respetivo.
5. Acabar com o Senado e com as Câmaras Estaduais, que só servem aos seus membros e aos seus familiares. O que é que faz mesmo uma Assembleia Legislativa (Câmara Estadual)?
6. Por exemplo as empresas de estacionamento não são verificadas porquê? E os aparelhos não são verificados porquê? É como um táxi, se uns têm de cumprir porque não cumprem os outros? E como não são verificados como podem ser auditados?
7. Redução drástica das Câmaras Municipais e das Assembleias Estaduais, se não for possível acabar com elas.
8. Acabar com o Financiamento aos partidos, que devem viver da quotização dos seus associados e da imaginação que aos outros exigem, para conseguirem verbas para as suas atividades; aliás, dois partidos apenas como os EUA e outros países adiantados, seria mais que suficiente.
9. Acabar com a distribuição de carros a Presidentes, Assessores, etc..., das Câmaras, Juntas, etc., que se deslocam em digressões particulares pelo País;
10. Acabar com os motoristas particulares 24 horas ao dia, com o agravamento das horas extraordinárias...para servir suas excelências, filhos e famílias e até, as ex-famílias...
11. Acabar com a renovação sistemática de frotas de carros do Estado;
12. Colocar chapas de identificação em todos os carros do Estado. Não permitir de modo algum que carros oficiais façam serviço particular tal como levar e trazer familiares e filhos, às escolas, ir ao mercado a compras, etc.;
13. Acabar com o vaivém semanal dos deputados e respetivas estadias em hotéis de cinco estrelas pagos pelos contribuintes;
14. Controlar o pessoal da Função Pública (todos os funcionários pagos por nós que nunca estão no local de trabalho). Há quadros (diretores gerais e outros) que, em vez de estarem no serviço público, passam o tempo nos seus escritórios de consultorias a cuidar dos seus interesses.
15. Acabar com as administrações numerosíssimas de hospitais públicos que servem para garantir aos apadrinhados do poder - há hospitais de cidades com mais administradores que pessoal administrativo...pertencentes às oligarquias locais do Partido no poder...
16. Acabar com os milhares de pareceres jurídicos, caríssimos, pagos sempre aos mesmos escritórios que têm canais de comunicação fáceis com o Governo, no âmbito de um tráfico de influências que há que criminalizar, autuar, julgar e condenar;
17. Acabar com as várias aposentadorias por pessoa, de entre o pessoal do Estado e entidades privadas, que passaram fugazmente pelo LEGISLATIVO;
18. Pedir o pagamento da devolução dos milhões dos empréstimos compulsórios confiscados dos contribuintes, e pagamento IMEDIATO DOS PRECATÓRIOS judiciais;
19. Criminalizar, imediatamente, o enriquecimento ilícito, perseguindo, confiscando e punindo os ladrões que fizeram fortunas e adquiriram patrimónios de forma indevida e à custa do contribuinte, manipulando e aumentando preços de empreitadas públicas, desviando dinheiros segundo esquemas pretensamente "legais", sem controlo, e vivendo à tripa forra à custa dos dinheiros que deveriam servir para o progresso do país e para a assistência aos que efetivamente dela precisam;

20. Não deixar um único malfeitor de colarinho branco impune, fazendo com que paguem efetivamente pelos seus crimes, adaptando o nosso sistema de justiça a padrões civilizados, onde as escutas VALEM e os crimes não prescrevem com leis à pressa, feitas à medida;

21. Impedir os que foram ministros de virem a ser gestores de empresas que tenham beneficiado de fundos públicos ou de adjudicações decididas pelos ditos.

22. Fazer um levantamento geral e minucioso de todos os que ocuparam cargos políticos, central e local, de forma a saber qual o seu património antes e depois.

23. Pôr os Bancos pagando impostos e, atendendo a todos nos horários do comércio e da indústria.

24. Proibir repasse de verbas para todas e quaisquer ONGs.

25. Fazer uma devassa nas contas do MST e similares, bem como no PT e demais partidos políticos.

26. REVER imediatamente a situação dos Aposentados Federais, Estaduais e Municipais, que precisam muito mais que estes que vivem às custas dos brasileiros trabalhadores e, dos Próprios Aposentados.

27. Informar o povo, onde arranjam tantos bilhões pra demolir estádios e construir estádios novos para a copa do mundo...e não conseguem dinheiro pra pagar os aposentados com salário integral...não conseguem dinheiro. Ou não se interessam em conseguir...pra educação...construir escolas dignas pra que a nossa juventude tenha alguma esperança de um futuro melhor...dizem que não tem dinheiro pra saúde...mas pra copa! ISSO TEM FÁCIL...FÁCIL. PORQUE AÍ TEM A OPORTUNIDADE DE ROUBAR O POVO.

28- Volta ao curriculum escolar a matéria de " educação cívica" para ensinar os direitos, deveres do povo, através da nossa constituição. Volta da cidadania, do orgulho pela pátria!

Ao "povo", pede-se o reencaminhamento deste e-mail. Se tiver mais algum item, favor acrescentar.

"O QUE ME INCOMODA NÃO É O GRITO DOS MAUS, E SIM, O SILÊNCIO DOS BONS" (Martin Luther King)

Como todos sabemos, uns anos mais tarde, era o primeiro apelo para a deposição dos governos democraticamente eleitos do PT e a imposição de um regime fantoche manipulado pelos EUA com Temer à frente do governo fantoche. Mas quem o lia naquela época, podia ser levado pela conversa fiada...

## CRÓNICA 103 CRÓNICAÇORES NO PICO, 9-10 AGOSTO 2011

O Hotel Caravelas tem um nome que já não corresponde à sua atual volumetria. Com as recentes obras, os quartos que - em presépio - se voltavam para a Horta, passaram a ficar voltados uns para os outros sobre a entrada da garagem. Decerto que a ideia era a de recriar o pátio romano ou árabe, em torno do qual toda a atividade do "lar" se desenrolava, e assim quando alguém ia a uma varanda fumar podia vigiar e espiolar o que os vizinhos faziam nos seus quartos, numa política de aproximação e integração dos hóspedes na vida comunitária. Claro que perderam a soberana vista sobre a vizinha ilha do Triângulo, mas ganharam uma visão privilegiada: uns sobre os outros. A fachada principal passou para uma rua das traseiras com uma imponente vista do Pico, mas todos os vidros estavam tão sujos (durante uma semana) que nem se via a montanha. Agora em vez de um hotel em forma de Caravela, temos uma caixa de fósforos em que mal se assoma à varanda se veem os restantes hóspedes em cuecas nos quartos em frente...

Obviamente, um mero pormenor que não mereceria reparos, quem quiser ver o Pico que vá lá vê-lo e não fique no Hotel a observá-lo. Na sua imponentia, sobranceiro ao pequeno porto da Madalena do Pico ocupa um lugar privilegiado na ilha, por ser a única unidade hoteleira digna desse nome e capacidade pouco abaixo de uma centena de quartos. As vistas para o Faial e a sua localização privilegiada no coração da Vila da Madalena não podem, no entanto, servir de desculpa para o péssimo serviço que o Hotel Caravelas proporcionou no verão de 2011 aos seus hóspedes.

Logo que chegam à receção, os clientes são avisados que o insólito check-in ocorre apenas pelas 16 horas.... No caso vertente, após algum esforço e simpatia foi possível convencer a sobrecarregada equipa de limpezas de quartos a proceder aos trabalhos de limpeza do mesmo antes das 15 horas.

A mala vinda no voo da manhã de São Miguel, que aguardava, pacientemente, num canto da receção desde as 09.30 foi finalmente desmanhada, depois de termos sido surpreendidos pelo pedido de pagamento prévio da ocupação dos quartos., supomos que este método revolucionário de cobrar antes da estadia se deve ao facto de poderem evitar reclamações futuras.

Nesse dia e seguintes a bucólica calma da "baixa" da Madalena era interrompida pelo martelar pneumático de berbequins e outros irritantes aparelhos mecânicos numa obra de mudança de painéis de madeira na receção e noutros locais que decerto não poderia ser adiada para uma época mais calma (primavera, outono, inverno). A juntar a isto uma carrinha dos trabalhadores de carpintaria ocupava um dos poucos lugares do estacionamento na garagem, tão mal concebidos que apenas davam lugar a uma dúzia de viaturas onde bem poderia caber o dobro...convenhamos que estas reparações de emergência em pleno mês de agosto eram um abuso da paciência e do direito ao descanso dos veraneantes incapazes de dormirem a sesta que os locais acreditavam ser prerrogativa exclusiva dos espanhóis.

Ao pequeno-almoço, o café de saco foi servido frio, calculando-se que ali tivesse sido colocado pelas 07.30 e como a temperatura ambiente era de 28 °C os funcionários deveriam calcular que se mantivesse quente após duas horas.

Quando interrogada uma funcionária sobre a possibilidade de ter um café expresso, foi dito perentoriamente que teríamos de nos deslocar à receção a pedi-lo pois ela não podia ir lá...mandou-me a mim...

Gostei desta atitude que revela determinação e iniciativa, para os hóspedes não ficarem sentados à espera que as coisas lhes apareçam à frente e - como todos sabem - o exercício dos hóspedes faz bem à saúde do hotel..

Assim, contrariamente ao que aconteceu tantas vezes não tomei o café expresso ao pequeno-almoço.

A contragosto, contrateito, contrariado, incomodado, irritado, saí momentos depois e fui tomá-lo ao bar esplanada, mesmo ao lado, o Caipirinhas Park, onde o solícito brasileiro pela segunda manhã que me viu mandou servir-me a habitual italiana e o café curto da minha mulher...sem ninguém sequer ter tempo para pedir... Não acredito que lhe venham a dar emprego no Caravelas (é demasiado atencioso e eficaz).

Demos um passeio pela ilha até à inolvidável e sempre quente Prainha onde nos deliciamos ao almoço - comme d'habitude - no "Campo do Paço" restaurante recomendável a quem gosta de boa comida, embora o serviço seja sempre para o lento, mesmo com pouca clientela como era o caso.

Vimos dormir a sesta ao Hotel e para nosso espanto o quarto estava por arrumar embora o sinal a pedir a limpeza do mesmo ali estivesse pendurado desde as dez da manhã...Nessas cinco horas a brigada de limpezas não tivera tempo.

Questionada a receção foi-nos dito que era por o Hotel estar cheio... Esta resposta, que não chegou para me enfurecer, daria motivo a reflexão diversa após termos constatado que a empregada da firma de aluguer de carros ajudava a limpar a piscina e ajudava na receção.

O motorista que nos fora buscar ao aeroporto andava a aspirar e a fazer manutenção de equipamento da piscina...aliás este "multitasking" ou utilização intensiva de pessoal em tarefas múltiplas só demonstra a alta capacidade de motivação dos patrões que com reduzido orçamento e um aproveitamento máximo dos recursos humanos põe toda a gente a desempenhar todas as funções possíveis

A ida à piscina do Hotel permitiu comprovar que a crise é um mito, e apesar destes turistas serem, na maior parte, do tipo mochileiro, ou pé descalço sem desprimor para os que optam por andar descalços...o certo é que os havia de todas as nacionalidades: franceses, alemães, espanhóis e italianos.

As novas gerações cheias de tatuagens e "piercings" numa versão século XXI dos hippies que dantes havia, andavam pela ilha mais interessadas em baleias e mergulhos do que em gastar divisas noutras atividades, além dos habituais "copos". Aliás, estes turistas que enxameavam a ilha dividiam-se em dois grupos os de mais de 50 anos e os de menos de 30...

Eis senão quando na piscina irrompe uma senhora matrona, carregada de joias (embora não me pareça que a piscina seja o sítio ideal para tal ostentação..., mas é a minha opinião apenas) a admoestar em voz alta uma adolescente que há mais de meia hora insistia em saltar para a piscina junto das pessoas que ali nadavam. Depois de ralar profusamente com a jovem por esta não ter acorrido de imediato ao chamamento e à oferta de um gelado, a senhora bradando em alta voz tentava negociar uma viagem de táxi na ilha com a duração de quatro horas, como se os restantes habitantes daquela piscina tivessem necessidade de o saber... Mas os espanhóis que eram os mais alarves e ruidosos naquela multidão não pareciam incomodados por estas vocalizações propagadas pelo rossio que soprava do Canal.

Ao observar todos estes seres humanos que me rodeavam - tive, uma vez mais - a sensação de estar num jardim zoológico preenchido por bípedes que tentam sobressair da turba abusando da sua voz. Até os pássaros andavam afugentados.

Podia inclusive haver alguém interessado em fazer um aprofundado estudo psicológico neste ambiente, mas pela parte que me dizia respeito tinha para ler um excelente livro de Deolinda da Conceição, mãe do meu amigo Toning Conceição Jnr de Macau. "Cheong-sam (a cabaia)" descreve-nos em pequenos



contos, delicados e deliciosos, diversas cenas da China e de Macau nos anos 50, e ali estava eu a observar um zoológico tão diferente no trato, na fala e nos costumes.

Havia um enorme fosso a diferenciar o respeito pelos outros e pelas convenções sociais ou seria apenas por me custar deglutir o grotesco espetáculo que me rodeava e me invadia a privacidade desta escrita com seus sons tonitruantes e alarves?

Como sempre, esta ilha atraindo-me com a sua magia magnética que nos persegue e a qual tentei traduzir no fecho do meu curto discurso na apresentação do livro nas Lajes do Pico, com a presença de mais de uma vintena de pessoas e para a qual a Direção da Cultura mandou deslocar da Ilha Terceira, o Diretor do IAC, Eng.º Paulo Raimundo, que juntamente com o Diretor do Museu dos Baleeiros, Manuel da Costa Júnior fizeram a abertura da sessão no próprio Museu dos Baleeiros.

Na assistência contava-se o bom amigo Vasco Pereira da Costa. Fiquei menente com a importância que a DRAC deu ao assunto e com a presença de tanta gente incluindo o nonagenário Comendador Ermelindo Ávila, jornalista, escritor e personalidade picoense emérita bem lúcido nos seus 96 anos, presença esta que muito me sensibilizou, em especial ao ver que no final, na sessão de autógrafos, não aceitou passar para a frente das restantes pessoas, esperando pacientemente a sua vez. A propósito desta personalidade cumpre recordar aqui o que ele disse recentemente em entrevista ao Correio dos Açores:

“Julgo que tenho um relacionamento normal com todas as pessoas, das mais diversas atividades sociais incluindo, portanto, aqueles que são escritores. Recordo neste momento, além de outros, o Padre Xavier Madruga, que considero o meu Mestre, o escritor picoense Dias de Melo, a quem me ligava uma amizade familiar de muitos anos, o professor Emanuel Félix, já falecidos e dos vivos Manuel Ferreira e Daniel de Sá, além de outros mais. Nunca recebi qualquer quantia por aquilo que escrevo há setenta e oito anos. Se esperasse por algum provento da escrita, andava hoje a pedir esmola, ou estava internado num asilo. Escrevo porque isso me dá prazer e é o quanto basta neste ocaso da vida”

Para registo e memória futura aqui fica o breve discurso que ali (Lajes do Pico) proferi no lançamento:

Boa noite a todos e obrigado pela vossa presença.  
A ChrónicAçores retrata os meus amores ilhéus. Além da literatura dos Açores, viaja de Bragança à Austrália, e aos meus amores por São Miguel, Santa Maria, São Jorge, Faial e Pico.  
Aliás a inquietude persegue-me desde que deixei a Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural.  
Adquiri uma errância mais própria de nómadas ciganos do que das origens sedentárias de marrano galaico-português.  
Esta inconstância assola-me ainda mais desde que me arquipelizei nos Açores há mais de seis anos.  
Sou conhecido pela infidelidade no amor às ilhas que habito.  
De cada vez que saio da Ilha verde - e visito ou conheço nova ilha – enamoro-me loucamente como um jovem adolescente de sangue quente em busca de paixões avassaladoras como são os amores da juventude.  
Só posso viver numa, mas em todas quero estar em simultâneo, pois nelas me sinto em casa.  
Como pode uma pessoa vinda de outras culturas e continentes entender estas ilhas e suas idiossincrasias?  
Pois bem, eu não só acredito em multiculturalismo, como sou um exemplo vivo do mesmo. Nasci numa família mesclada de Alemão, Galego, Português e Brasileiro do lado paterno e do lado materno, Português e marrano, sangue de judeus conversos.  
Só tarde me apercebi desta herança judaica que foi tão importante no povoamento destas ilhas.  
Aos 23 anos publiquei o meu primeiro livro de poesia “Crónicas do Quotidiano Inútil”.  
Depois por cortesia do exército colonial fui defender o agonizante Império Português em Timor (1973-1975) onde fui Editor-chefe do jornal A Voz de Timor em Díli, antes de ir à Austrália e decidir adotá-la como pátria futura.  
Comecei a interessar-me pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor.  
Desde 1967 dediquei-me ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa escrita) e durante 24 anos escrevi sobre o drama de Timor-Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.  
De 1976 a 1982 desempenhei funções executivas na administração da CEM. Ali também fui Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a TDM, RTP Macau e TV de Hong Kong. Depois, radicar-me-ia em Sydney (e, mais tarde, em Melbourne) como cidadão australiano.  
Na Austrália estive sempre envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural do país e ainda hoje me definem.  
Fui Jornalista no Ministério do Emprego, Educação e Formação Profissional e no Ministério da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários além de ter sido Tradutor e Intérprete no Ministério da Imigração e no Ministério de Saúde de Nova Gales do Sul.  
Divulguei a descoberta da Austrália e vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do Capitão Cook).  
Igualmente difundi a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos). Como Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters), lecionei em Sidney na Universidade UTS, Linguística e Tradutologia bem como Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes.  
Por mais de vinte anos, fui responsável pelos exames dos Tradutores e Intérpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).  
Fui Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS Universidade de Tecnologia de Sidney (1999-2005), publiquei trabalhos em jornais e revistas académicas e científicas, e apresentei temas de linguística e tradutologia e literatura na Austrália, Portugal, Espanha, Brasil, Canadá, China, etc.).  
Em 1999, escrevi o ensaio político “Timor-Leste: o dossiê secreto 1973-1975”, a que se seguiu em 2000 a monografia “Crónicas Austrais 1976-1996”.  
Em 2005 compilei e publiquei o “Cancioneiro Transmontano 2005” e outro volume dos contributos para a história “Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter” (> 2600 pp., edição de autor CD).  
Entre 2006 e 2010, traduzi, entre outras, obras de autores açorianos para Inglês, nomeadamente de Daniel de Sá<sup>82</sup>, de Manuel Serpa<sup>83</sup>, Victor Rui Dóres<sup>84</sup>.  
Em março 2009 publiquei o volume 1º da “ChrónicAçores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, ” cronicando as minhas viagens em volta do mundo.  
Organizo desde 2001 os Colóquios Anuais da Lusofonia que ocorreram no Porto, Bragança, Ribeira Grande e Lagoa (São Miguel, Açores), Brasil e Macau e sou atualmente o Editor dos Cadernos (de Estudos) Açorianos, coordenados por Helena Chrystello e Rosário Girão e livremente acessíveis em linha.  
Este segundo volume continua a minha circum-navegação.  
Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad, os cavaleiros da Távola Redonda e a busca pelo Santo Graal. Aqui não há Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moinhos de vento, contra os quais espadanar. Há apenas um poeta utópico, sequioso de aprender outras línguas, hábitos e culturas.  
Da infância em Trás-os-Montes, parti à conquista do “lulic” em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevivi ao “Anno Horribilis” no verão Quente de 1975 em Portugal, atravessei as Portas do Cerco na China de Macau, percorri a Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com passagem pelo Oriente-do-Meio e seus emirados, Europa, Ásia e Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil e Portugal. Por fim, parei nos ares como um milhafre sobre a ilha de S. Miguel donde voo em conquista de Santa Maria, Faial, Pico e S. Jorge.  
Se na Austrália encontrei uma tribo aborígene a falar Crioulo Português com mais de 450 anos, descobri na antiga Bragança a mátria e nos Açores descobri o que a maior parte do mundo desconhecia: uma pujante literatura.  
Esta viagem leva-nos num périplo pelo mundo em que vou cronicando tal como Marco Polo, as terras, as gentes e os costumes e tradições. Da análise política, social e pessoal parto à descoberta de culturas antes de regressar ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, até me radicar na “Atlântida” onde desvendo e divulgo a fértil literatura açoriana catapultadora de autonomias e independências por cumprir.  
Falta aqui agradecer à minha lisboeta mulher radicada no Porto, por ter casado comigo. Sem isso estaria na Austrália e nunca teria conhecido os Açores e a açorianidade de que falo neste livro.  
Acredito na multiculturalidade. Dela absorvi e aprendi mais, nesses países onde vivi, do que qualquer universidade me poderia ensinar. Como se pode optar por ficar aqui nestas ilhas e descurar todos os mundos que existem para lá deste arquipélago? É simples, uma pessoa fica ilhanizada como Almeida Firmino em A Narcose, como se os outros mundos não tivessem importância a não ser para divulgar o segredo da existência de uma importante literatura de cariz açoriano.  
Foi preciso descer à Praia da Viola na Lomba da Maia onde vivo, subir ao Monte Escuro e aos sempiternos verdes montes, ver as vacas alpinistas e o mar que nos rodeia para entender a açorianidade que nos leva a escrever.  
Depois, é preciso viajar entre estas nove filhas de Zeus e entender os maroiços do Pico ao sabor do seu Verdelho, calcorrear o Barreiro da Faneca, pisar as areias esbranquiçadas de Porto Pim e meditar em frente ao ilhéu do Topo.  
É essencial partir à descoberta de cada ilha, sonhando com Dias de Melo nas agruras e na fome dos baleeiros, reler o Mau Tempo no Canal, parar num qualquer aeroporto e entender o Passageiro em Trânsito do Cristóvão de Aguiar, ler em voz alta a poesia do Fogo Oculto de Vasco Pereira da Costa, Viajar

82 Santa Maria ilha-mãe, O Pastor das Casas Mortas, São Miguel: A Ilha esculpida e a Ilha Terceira Terra de Bravos

83 As Vinhas do Pico

84 Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel

com as Sombras ou com o Tango nos Pátios do Sul de Eduardo Bettencourt Pinto, depois de visitar as pedras arruinadas do Pastor das Casas Mortas ou a Grande Ilha Fechada de Daniel de Sá.

Escolhi estes que melhor conheço, mas há muitos outros autores açorianos que não só merecem ser lidos, como deveriam constar obrigatoriamente de qualquer currículo de ensino.

Toda a minha vida foi uma circum-navegação. Se nos anos 70 designei para pátria a Austrália nunca deixei de conjugar a outra de Fernando Pessoa, a língua portuguesa.

Hoje tenho como mátria Bragança, mas aos açorianos o devo pois foram eles que me ensinaram o amor às raízes. Ao vê-los tão amantes das suas terras tive de descobrir as minhas origens em Bragança onde vivi menos tempo do que em qualquer outro lugar. Sinto como todos transportam esse sentimento de pertença aqui e no estrangeiro.

Quando aqui cheguei desconhecia quase tudo sobre as ilhas, mas descobri no Dicionário do Moraes os termos "chamados" açorianos.

A língua recuada até às origens e adulterada pelo emigrês que trouxe corruptelas aportuguesadas e anglicismos.

Tratei de desvendar o arquipélago como alegoria recuando à sua infância, sem perder de vista que as ilhas reais já não podem ser só perpetuadas nas suas memórias. Nesta geografia idílica não busquei a essência do ser açoriano.

Existirá, decerto, em miríade de variações, cada uma vincadamente segregada da outra.

Também não cuidei de saber se o homem se adaptou às ilhas ou se estas condicionam a presença humana, para assim evidenciar a sua açorianidade.

Limitei-me a observar e a analisar o que me rodeia e depois passei ao papel essas crónicas do mundo que me envolve. Aliás, estou convencido de que uma das razões para haver aqui tantos escritores se deve exatamente ao facto de vivermos nestas ilhas.

Cito do livro:

A ilha para Natália Correia é Mãe-Ilha, para Cristóvão de Aguiar, Marilha, para Daniel de Sá, Ilha-Mãe, para Vasco Pereira da Costa, Ilha Menina, para mim nem mãe, nem madrastra, nem Marília nem menina, mas Ilha-Filha, que nunca enteada.

Para amar sem tocar, ver dilatar nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis.

Toda a vida fui ilhéu. Perdi sotaques, mas não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo a reboque, colar multifacetado de vivências de mundos e culturas distantes.

Primeiro em Portugal, ilhota perdida da Europa durante o Estado Novo, depois em um capítulo naufragado da História Trágico-marítima nas ilhas de Timor e de Bali, seguido da ínsula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco), da imensa ilha-continente Austrália, e na ilhoa esquecida de Bragança no nordeste transmontano, antes de arribar a esta Atlântida Açores.

Tudo começou quando traduzi autores açorianos como Daniel de Sá e Victor Rui Dóres entre outros. Acabei cativo e apaixonado.

Tive de escrever para me libertar da poção mágica do arquipélago e daí nasceu "ChronicAçores: uma circum-navegação".

Por isso escrevi

Que Dias de Melo era um operário, agricultor, pescador, escultor que trabalhava, ceifava, pescava e esculpia a palavra como um baleeiro, pescador, marinheiro, mestre de lancha da Ilha do Pico. Escreveu como se da janela da sua "Cabana do Pai Tomás" no Alto da Rocha na Calheta de Nesquim, vigiasse os botes e as lanchas da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras

Que Cristóvão de Aguiar psicanalisou as gentes e a terra que o viram nascer, mas adotou o Pico como nova ilha mátria em 1996.

Para ele a escrita nunca será catarse, título do seu mais recente livro, pois é fruto de amores incompreendidos entre si e a sua ilha.... Como diz (Relação de Bordo II pp. 199-200) Primeiro foi a ilha, nunca mais a encontramos como a havíamos deixado...trouxemos somente a imagem dela ou então foi outra Ilha que conosco carregámos...

Que Vasco Pereira da Costa é um apaixonado que representa a universalidade da açorianidade nos seus contos e poemas, sem jamais descurar o telurismo na sua escrita, sendo sarcástico e crítico do falso cosmopolitismo insular quer na crítica à mentalidade medíocre quer no provincianismo balofo que critica na multiplicidade da sua obra que vai desde o conto e a novela, até à memória e à "crónica" breve, passando pela Poesia.

Num mundo marcadamente materialista como este, decidi que a minha herança para os filhos seria esta riqueza dos conhecimentos que colecionei ao longo da minha circum-navegação e que agora condensei em livro. É disso que este livro fala.

E continuo a citar alguns excertos:

Tivesse eu fôlego e iria ao mítico Pico da Atlântida submersa, cujo magnetismo me fascina ao ponto de desejar, vezes sem conta, mudar de armas e bagagens para este Triângulo Sagrado onde prometo fazer imolações e outros sacrifícios nas aras do destino.

Não sendo das Bermudas este triângulo isósceles, que nunca escaleno obscuro, seria ótimo pousio final para as minhas cinzas quando chegar a estação de fazer como as cobras e trocar de pele. Despir a bela capa colorida terrena, de seis decénios, e vestir o cinzento das cinzas que seriam lançadas nesta lendária Atlântida de continentes submersos cujos Picos vocês habitam.

Aqui, na Gruta das Torres senti-me um salteador da Arca perdida à sombra do Pico que, ora se esconde, ora se revela num jogo constante do gato e do rato, que entusiasmo e arrebatava.

Sinto o sortilégio. O mágico cume tem um íman que atrai a visão e nos desconcentra, sempre insistindo para o contemplarmos nas suas mil e uma facetas alteradas a cada segundo.

Quero salientar que é uma honra estar aqui nesta Vila que foi a primeira da ilha, feita de gente que ao longo dos séculos sempre soube arcar com todas as dificuldades e domar a lava com ferros e marroes até amontoarem a pedra em enormes "marroços", autênticos monumentos num rendilhado de paredes, tarefa hercúlea como tantas outras que as gentes do Pico empreenderam ao longo de cinco séculos de colonização da agreste ilha, sem esquecer a luta titânica que nos seus pequenos botes travaram durante um século contra a baleia e ora descobrem novas formas de vida.

Da última vez que aqui estive, em pleno centro de São Miguel Arcanjo, ao andar rumo à casa do escritor Cristóvão de Aguiar deparei com uma camioneta de passageiros, estacionada, aguardando o início de nova semana de trabalho.

Ali me ocorreu a ideia peregrina de como seria culturalmente interessante a aventura de "pedir emprestada" a carripana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando.

A viagem não teria destino.

Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros. Não se cobriam bilhetes.

Pararia em todos os locais, para que contassem histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos.

Assim me despedi da ilha prometendo voltar com mais tempo. Terminei dizendo que esta é a magia da vossa ilha que se insinua como uma amante insaciada, mulher fatal capaz de marcar os destinos de todos os homens que têm a sorte de a encontrar. Bem hajam pela vossa paciência para me ouvirem pois vou terminar lendo o único texto em que uso termos típicos das nossas nove ilhas.

## CRÓNICA 104 - PASSAGEIROS COM POUCO TRÂNSITO - 12 AGOSTO 2011

Parado no aeroporto da Horta, não sou o Passageiro em trânsito do Cristóvão de Aguiar, nem transporto o Fogo Oculto do Vasco Pereira da Costa, antes deixo que os ponteiros do relógio caiam lentamente, minuto após minuto, por entre o linguajar dos que, comigo, esperam um avião. Como sempre me acontece, quando excursiono nestas ilhas atlânticas, nunca tenho vontade de partir: impérvio, permaneço sentado, quase imóvel, no pátio de observação do aeroporto da Horta. Estou de frente para o Pico que me pisca o olho, sorrateiro, por entre as nuvens, escondendo-se, amiúde, dos meus olhos perscrutadores.

Ao contrário de Cristóvão de Aguiar não carrego comigo a ilha e a que transporto não é outra. Não trago a reboque este arquipélago, mas deixar a ilha é sempre uma partida sem regresso marcado, como quem faz um luto indesejado ao correr dos dias. Não levo comigo a dor nem a lágrima furtiva, apenas acalento sempre o desejo do regresso numa noite de luar como o de ontem. Quando houver estrelas no céu quero que sejam as minhas, colar de pérolas para afagar pescoços. Há por aqui passageiros dos quatro cantos do mundo com especial enfoque para os de pé descalço ou mochileiros. Nem a todos descortino as línguas que falam, embora as mais comuns sejam o italiano, francês, alemão e castelhano.

Nos intervalos ouvem-se sons que não descodifico. Todas as pessoas inventam formas diferentes de esperar, mas hoje, a maioria está silenciosa, como o país em luto prolongado por uma crise como não há memória. Já são poucos os que falam. Uns leem, outros brincam com os novos gadgets de tecnologia avançada, tablets, telemóveis de última geração, I-pads, I-pods. Dizia-me há dias o Victor Rui Dóres em Londres "devo ser o único aqui sem PC nem outro instrumento". Não há português a viajar sem computador ou similar.

Eu também viajava assim no início dos anos 90, mas agora que é comum, prefiro viajar sem eles e aproveitar para me desligar do mundo, sentir-me em férias de notícias, desgraças, calamidades e correio eletrónico. Há um casal de meia-idade sentado a uma mesa, não muito distante da minha, ele escreve à moda antiga em grafia rápida com um cigarro na mão, ela lê um livro em papel. Parecem calmos e não temem a passagem do tempo, nem tampouco o apressam para



apanharem o avião. Ele olha o Pico de frente, como um toureiro frente ao animal e espera que ele invista. Ela mantém-se na sombra sob o guarda-sol de costas para a montanha, embrenhada na leitura.

À minha volta, uma família emigrada prepara o regresso aos EUA com a avó a tiracolo, meio atarantada com o bulício e com as netas que não param de teclar. Mais à direita, um casal alemão aparenta ter acabado de sair das quentes águas do mar e ter-se esquecido de tomar banho na última quinzena. Um pequeno grupo de italianos, de ambos os sexos, fala incessantemente na sua toada musical tão típica. Não sei distinguir pelos sotaques de que região provêm.

Um casal francês, ao lado permanece, silencioso. Nem uma palavra trocou na última hora. Provavelmente já disseram tudo o que tinham para dizer ao longo dos anos e faltam as palavras para colmatar os silêncios. Nunca um silêncio alheio me tinha doído tanto.

Que mistérios se encerrariam naquele emudecimento? Há espanhóis espalhafatosos, sempre a falarem alto como é seu apanágio, talvez pensem que estão num "comedor" ou num "mesón" a degustar "tapas". Um açoriano pai ouve a filha com atenção, talvez não tivesse tido tempo durante o ano para a escutar e nem se dá conta do zangão que voa agressivamente tentando pousar numa garrafa de cerveja abandonada na mesa que partilham.

Entretanto, com a chegada do voo TAP de Lisboa, muitos se levantaram para o verem aterrar, debruçados nas amuradas de cimento vermelho e azulejos azuis. Muitos não voltaram às mesas da esplanada, deviam ter encontro marcado no voo de regresso.

Outros, prosseguiram as suas atividades como se nada se tivesse passado, como se aquele avião não lhes dissesse respeito, ou como se já tivessem visto demasiados aviões, e só aguardavam outra ligação interilhas. Lentamente, os carros de aluguer enchiam o parque de estacionamento que estivera vazio toda a tarde.

Os táxis, carrinhas de transporte e autocarros iam chegando e esvaziando o seu bojo de passageiros com encontro marcado com o destino. A senhora que lia um livro em papel, de vez em quando, erguia os olhos para o marido com um sorriso enigmático que só eles deveriam conseguir traduzir enquanto ele fitava o Pico em busca de uma oportunidade fotográfica que a montanha continuava a recusar. Ambos vestiam roupa do Peter's da cabeça aos pés e carregavam mais vestuário em duas sacas da mesma marca. Piores que eu. Seria preferência obsessiva ou falta de alternativas?

Esta e outras perguntas jamais seriam feitas, pois passado algum tempo, levantaram-se, deitaram o lixo no contentor e prosseguiram para a sala de embarque.

### CRÓNICA 105, LITERATICES, 19 AGOSTO 2011

Nos Moinhos (de Porto Formoso) a manhã decorreu calmamente como já não acontecia há muito tempo, sem gente nem sobressaltos, com a praia vazia esperando o nadador-salvador que só viria pelas 11 horas. A esplanada vazia permitia aos pássaros tomarem conta das mesas e do chão onde se deparavam com opíparos restos de comida sobrantes das refeições da véspera. Onnipresente era o silêncio das ondas na areia, sem as marés vivas que nesta época costumam assolar as costas do norte de Portugal. Havia cagarros, patos e outros pássaros entoando finas melopeias que serviam de música ambiente à leitura que este ano anda tão atrasada. Ainda ontem surgira uma interessante troca epistolar com Osvaldo Cabral, ex-diretor da RTP-A relativamente a literaturas e, em especial, a de matriz açoriana que continua esquecida de apoios numa terra em que tudo o mais é subsidiado.

*A Cultura dos engomados por Osvaldo Cabral in Correio dos Açores / Diário Insular pp. 13, dia 17 de agosto 2011. Roubei este título ao Victor Rui Soares, um dos cronistas mais lúcidos da nossa contemporaneidade, associando-me a ele e a todos os desiludidos com uma certa política cultural comprada avulso lá fora, ignorando a imensa riqueza criativa na nossa região...*

Re: Cultura dos engomados [pp. 13 por Osvaldo Cabral dia 17 agosto de 2011]

A propósito do artigo em epígrafe cumpre-me esclarecer o colega Osvaldo Cabral sobre o muito que se tem feito nos últimos seis anos para divulgação de autores açorianos e que ele omite, certamente por desconhecimento. Os Colóquios da Lusofonia na sua versão açoriana desde 2006 constituíram-se em associação cultural e científica sem fins lucrativos em 1 de janeiro de 2011 e dos seus projetos nestes seis anos contam-se os seguintes:

Divulgação do Cancioneiro Açoriano desde 2006 pela pianista Ana Paula Andrade com atuações em Bragança, Ribeira Grande, Lagoa, Brasil e Macau acompanhada aqui pela jovem soprano Raquel Machado.

Ana Paula recompôs algumas peças para tocar com a orquestra de cordas da UDESC em Santa Catarina, com alunos do conservatório de Bragança, com alunos chineses do IPM, tendo-se desdobrado em atuações paralelas nessas digressões para dar a conhecer autores açorianos. Publicação online dos Cadernos de Estudos Açorianos onde se transcrevem excertos de obras e autores relevantes <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html> Trimestralmente, foram publicados até esta data 11 Cadernos e vários suplementos

Caderno 1 Cristóvão De Aguiar - Suplemento 1 Cristóvão De Aguiar - Vídeo Homenagem Cristóvão De Aguiar

Caderno 2 Daniel De Sá - Suplemento 2 Daniel De Sá - Vídeo Homenagem Daniel De Sá

Caderno 3 Dias De Melo C/ Glossário Suplemento 3 Dias De Melo - Vídeo Homenagem Dias De Melo

Caderno 4 Vasco Pereira Da Costa - Suplemento 4 Vasco Pereira Da Costa - Vídeo Homenagem Vasco Pereira Da Costa

Caderno 5 Álamo Oliveira

Suplemento 5 Boeing 747 Traduzido 13 Línguas

Caderno 6 Caetano Valadão Serpa - Suplemento 6 Machado Pires "Raul Brandão E Vitorino Nemésio"

Caderno 7 Fernando Aires - Suplemento 7 Fernando Aires

Caderno 8 Mário Machado Fraião

Caderno 9 Emanuel Félix

Caderno 10 Eduardo Bettencourt Pinto - Suplemento 8 Eduardo Bettencourt Pinto

Caderno 11 Urbano Bettencourt

Criação na universidade do Minho de um curso breve de Açorianidades e insularidades (decorreu de 25 setembro 2010 a 18 fevereiro 2011) e novo curso previsto para final de 2011 ou início de 2012 provavelmente em plataforma e-learning. O curso originalmente gizado pela sua coordenadora em cooperação com Cristóvão de Aguiar e Daniel de Sá com apoio de Urbano Bettencourt, foi ministrado pela colega professora doutora Rosário Girão dos Santos teve a presença de autores como Malaca CASTELEIRO, CRISTÓVÃO DE AGUIAR, VASCO PEREIRA DA COSTA, DANIEL DE SÁ, ANABELA MIMOSO, E CHRYS CHRYSTELLO dentre inúmeros outros autores ali estudados. As avaliações do curso estão disponíveis em linha na mesma página.

Projeto de tradução de autores açorianos, iniciado em 2009, prevê a tradução para sete línguas de autores açorianos (búlgaro, russo, polaco, romeno, esloveno, francês e italiano). Uma obra "o passageiro em trânsito" de CRISTÓVÃO DE AGUIAR ficou completa há pouco mais de um mês e irá ser publicada em breve. Os tradutores, como toda a gente ligada aos Colóquios da Lusofonia, trabalham graciosamente em prol da divulgação dos autores dos Açores. Dentro do âmbito deste projeto foi possível traduzir um poema de VASCO PEREIRA DA COSTA (ver suplemento 5 dos Cadernos açorianos) que foi declamado publicamente em 15 línguas (incluindo árabe, chinês, inglês, francês, romeno, italiano, neerlandês, flamengo, castelhano, catalão, russo, búlgaro, romeno, polaco, alemão, no 14º Colóquio da Lusofonia em outubro de 2010 em Bragança.

Os autores açorianos estão a ser ministrados e estudados em universidades da Roménia e da Polónia graças aos Colóquios e a Rosário Girão, fazendo parte de material de mestrados e doutoramentos na universidade do Minho.

Fizemos propostas toponímicas para honrar escritores ainda vivos

Temos um projeto para lembrar e dignificar a presença açoriana em Macau ao longo de mais de cem anos. A obra e os autores açorianos foram ao Brasil no 13º Colóquio (2010), a Bragança (14º Colóquio outubro 2010), a Macau (15º Colóquio em abril 2011) sendo objeto de inúmeras comunicações que posteriormente serão editadas.

Antes disso foram objeto dos seguintes Colóquios: 5º Ribeira Grande - maio 2006, 6º Bragança - outubro 2006, 7º Ribeira Grande - maio 2007, 8º Bragança - outubro 2007, 9º Lagoa - abril 2008, 10º Bragança - outubro 2008, 11º Lagoa - abril 2009, 12º Bragança - outubro 2009...tendo estado presentes autores como Onésimo De Almeida, Caetano Valadão Serpa, José Dias De Melo, Daniel De Sá, Cristóvão De Aguiar, Sidónio Bettencourt, Vasco Pereira Da Costa, Eduardo Bettencourt Pinto entre vários outros que foram estudados e com comunicações a seu respeito. Destes Colóquios saiu um projeto para uma Antologia de autores açorianos contemporâneos que deveria ter entrado no currículo regional do ensino (1º 2º e 3º ciclo) mas que com a mudança da Direção regional de educação deixou de ser apoiado para a sua publicação. No entanto, com um pequeno apoio da Direção regional das comunidades vai ser possível lançar já no 16º Colóquio em Santa Maria (30 setembro a 5 de outubro) o primeiro volume de uma edição bilingue (um pouco mais curta) destinada especialmente aos mercados liceais do Canadá / EUA, mas que se pretende chegue a todo o mundo. As colegas Helena Chrystello e Rosário Girão irão

### ChrónicaAçores: uma circum-navegação, volume 3

de qualquer modo avançar com a publicação da Antologia (dois volumes) monolíngue em futuro muito próximo. Poderia continuar a listar aqui o que os Colóquios da Lusofonia têm feito em prol da divulgação de autores locais levando-os a "mares nunca dantes navegados" mas creio que esta amostra é mais do que suficiente...Desafio O Correio Dos Açores e o Osvaldo Cabral a acompanharem-nos de 30 setembro a 5 de outubro a Santa Maria ao 16º Colóquio onde iremos prestar homenagem a DANIEL DE SÁ (o micalense mais mariense de todos os escritores) e onde teremos a presença de Daniel Gonçalves, poeta mariense premiado com o prémio Manuel Alegre, além da presença de VASCO PEREIRA DA COSTA e EDUARDO BETTENCOURT PINTO entre outros.

Com os melhores cumprimentos, J. CHRYS CHRYSTELLO 18/8/2011

\*\*\*

Caro Chrys Chrystello,

Muito obrigado pela sua mensagem, que terei em boa conta. Se reparar bem, a minha crítica tem a ver com a falta de divulgação dos autores açorianos por parte das autoridades regionais, nomeadamente a Direção da Cultura, e não tem nada a ver com as iniciativas - muito louváveis - de instituições privadas.

Tenho acompanhado pela imprensa o V. entusiasmo na promoção dos nossos escritores e a homenagem ao Daniel é um justo e excelente reconhecimento pela grandeza do homem e escritor. A minha questão é outra: por que razão a Direção Regional da Cultura não toma essas iniciativas? Por que razão gasta milhares de euros na importação de gente e iniciativas de duvidosa qualidade? Porque é que as autoridades da nossa região não promovem no exterior os nossos autores? Há uma preguiça imensa nos gabinetes culturais do Governo em relação à nossa literatura e dar dinheiro a privados para promoverem os amigalhões de fora não é boa política. É aqui que está o cerne da minha questão. Espero que agora tenha compreendido onde quis chegar. Bom trabalho e abraço

Osvaldo 18/8/2011

\*\*\*

Caro Osvaldo, eu sei... imagine que a DRC nos deu mil euros a dividir por 3 anos (= 333,33 euros/ano) para fazermos os Colóquios em Santa Maria. Os nossos oradores vêm a expensas próprias e o custo de cada Colóquio fica-nos por seis mil euros incluindo dar dormida, alimentar e trazer o Prof. Bechara, Prof. Malaca e um autor açoriano da diáspora. Umas migalhas apenas. Como diz o Daniel fizemos mais em 6 anos pela cultura e literatura açoriana do que as direções regionais em 35 anos. Respondi-lhe apenas porque creio que apesar dos parcos meios da RTP (e do apoio que sempre tem dado aos Colóquios) mesmo assim deveria dar mais cobertura às nossas atividades. Assim propunha um ESTADO DA REGIÃO (ou outro qualquer programa) especial dedicado ao próximo Colóquio aproveitando a estadia em Santa Maria de tanta gente que sem receber chorudos apoios e mordomias continua a perseverar para divulgar, traduzir, etc. autores açorianos...nem um de nós busca fama ou glória, trabalhamos todos graciosamente por uma causa em que acreditamos, mas creio que é chegada a altura de termos um maior reconhecimento público pelo que fazemos. O Colóquio de Santa Maria – curiosamente – é patrocinado na sua totalidade (seis mil euros) e apoiado pela Câmara do abrigo do Turismo Cultural.... Excetuando o Urbano, a Graça Castanho e a Gabriela Teves Castro, a Uni Açores mantém-se mais afastada de nós do que o diabo da cruz e por isso fomos fazer uma parceria com a Uni do Minho para o Curso de Estudos Açorianos...

A Bertrand e a Solmar recusaram patrocinar os lançamentos do meu último livro ChrónicaAçores: uma circum-navegação (volume dois) que foi lançado nos 500 anos da Maia na Câmara da Ribeira Grande, no Museu dos Baleeiros do Pico e na Biblioteca da Horta...onde me desloquei por conta própria... A Direção Regional da Educação que tinha encomendado 400 livros tornando possível a edição da Antologia de Autores Contemporâneos a incluir no currículo regional quando mudaram as pessoas que a dirigiam disseram que era muito interessante mas não podiam adquirir 400 livros ao preço de custo (6 euros cada...) ao contrário do que havia sido acordado com a anterior Direção...mas vamos colocar a bilingue em todas as escolas e liceus e até universidade em que pudermos no Canadá e nos EUA...enfim...desabafos... Há dois ou 3 anos atrás a Universidade trouxe cá mais de 30 pessoas de todo o mundo com todas as mordomias (ao contrário dos Colóquios em que ficamos todos numa residencial barata e comemos nos restaurantes mais baratos...) e na sessão de abertura estavam 43 pessoas dos Colóquios e meia dúzia dessas pagas a peso de ouro...desse Colóquio nasceram os Cadernos açorianos, o curso e outros projetos e do outro nada.... É o preço que pagamos por sermos totalmente independentes de tudo e de todos. Obrigado por me responder e espero que se lembre deste desabafo quando for oportuno...

Um abraço Chrys 18/8/2011

\*\*\*

Caro CHRYS,

É como eu imaginava. A Direção Regional da Cultura não existe. Trata-se apenas de um apêndice política vazia de ideias e pronta para socorrer apenas os amigalhões e os salões de croquetes. Parabéns, pois, pela resistência. Quanto à RTP-A, estou fora de qualquer posição de responsabilidade, como sabe, pelo que lhe sugiro que apresente a proposta ao Diretor e, se for aprovada, estarei disponível para fazer O estado da região em Sta. Maria. Felicidades e abraço

Osvaldo 18/8/2011

O resto aguarda decisão, mas seria uma excelente decisão se a RTP apoiasse a ideia.

Aguardemos pois. Isto de literaturas açorianas tem muito que se lhe diga e não pretendo entrar aqui em discursividades nem dissecar os ódios e amores transientes que unem e separam os diversos autores, pois isso daria material para vários volumes, mas é a altura de recordar aqui uns artigos e outras trocas de impressões nestes últimos doze meses, com o mercurial Cristóvão de Aguiar:

From: Cristóvão Aguiar

Sent: Tuesday, August 10, 2010 10:46 AM

To: Chrys Chrystello

Subject: Re: atualizado o caderno nº 4

Continuamos com a mesma pecha, a chamada açorianite aguda, que eu julgava que os Colóquios tinham banido para sempre: o melhor da literatura, o mais belo que já li em toda a minha vida, e outros disparates do género. Ridículo! Enfim, só falta acrescentar que devia ter ganhado o Nobel, pelo menos este, que se houvesse mais elevado, seria este. O Vasco, tal como o conheço, deve gozar de fininho com semelhantes atoardas... Afinal, continua tudo na mesma, tal qual a música da Relva: o mesmo e mais forte. Elogia-me a mim, para que te elogie a ti. Oh compadre, aqui na freguesia há só duas pessoas inteligentes. Um sou eu, agora diga a compadre quem será a outra... Já o Álamo e o João Afonso escreveram em 1981 no jornal União, de Angra, que O meu Mundo não é deste Reino, de João de Melo, era superior ao Mau tempo no Canal e o Velho Testamento. Francamente... Assim, não passamos de paroquianos convencidos de que somos os melhores do mundo. Chamei um dia a este complexo de superioridade "A Insular Bazófia". Haja juizinho... Onde se lê: melhor que o Velho Testamento, deve ler-se: melhor que o Apocalipse de São João. Vide: Relação de Bordo I, pp. 297 (10 de junho de 1983) a 301

\*\*\*

No dia 10 de agosto de 2010 01:47, <daniel.de.sa> escreveu:

Chrys

Bem poderias ter escolhido ao acaso, que o Vasco deixa pouco ou nada para restolhar. É tudo trigo limpo e bem ceifado. Gostei, no entanto, de um modo especial que não tenhas esquecido "O Gibicas" (um dos meus contos preferidos em toda a literatura portuguesa) nem "O Matateu", o poema com que "converti" alguém que dizia não gostar de poesia. Mas falta ali a "Queen Nancy", um dos poemas mais emocionantes que se podem ler em Português. Ainda para mais tens este passado a letra de computador, que o copiei eu para pôr no World Azorean, e a Helena pôs (não sei se se valeu do meu trabalhinho ou se ela mesma o fez também) na sua Antologia.

Abraços. Daniel

\*\*\*

Citando Chrys:

Acabei de atualizar o caderno nº 4 de VASCO PEREIRA DA COSTA. BOA LEITURA

From: Cristóvão Aguiar

Sent: Thursday, September 02, 2010 8:20 PM

To: Chrys Chrystello

Subject: agradecimento

Caro Chrys,

Muito obrigado pelo que me enviaste. Nada a dizer. Está perfeito. Há apenas em dois ou três textos hífenes no meio das palavras. Não causam incompreensão do texto, mas se os puderes remover, ótimo.

Um grande e grato abraço do Cristóvão

\*\*\*

From: Cristóvão Aguiar

Sent: Wednesday, September 08, 2010 11:03 AM

To: Chrys Chrystello

Subject: OBRIGADO!

Caro Chrys:

Mas eu já não faço anos... Ainda para cúmulo setenta ou zero sete, que é mais agradável e me dá a possibilidade de entrar para a escola em outubro para fazer uma revisão geral da vida que me foi dado. Muito grato, gratíssimo, pela tua lembrança. O septuagenário chama-se Luís, o Cristóvão não cuida desses pormenores do tempo que passa, só daquele que amolece os miolos quando a humidade aperta o garrote.

Um grande abraça extensivo a todos vós do Cristóvão



\*\*\*

From: Cristóvão  
Sent: Friday, September 24, 2010 2:34 PM  
To: Chrys  
Subject: AÇORIANICES  
Meu Caro:

De facto, é tal a pobreza, que vou pôr pólvora no lume, se estiveres de acordo, com dois artigos publicados no Expresso das Nove, o último dos quais hoje, que me foram pedidos pelo Diretor Jorge Brum. Ambos, como poderás verificar são de temática "açoriana".

Abraço

Cristóvão

\*\*\*

Desafios dos Açores para o século XXI, Cristóvão de Aguiar

"A atitude radical do ilhéu é chegar à porta de casa e interrogar o mar". Vitorino Nemésio, in Corsário das Ilhas. "Como nada sei sobre o assunto proposto, vou fazer uma composição sobre a primavera". Aluno liceal numa prova escrita de Língua Portuguesa. Muito gosto eu de desafios! Quem me tira um tira-me o mar e tudo! Não sei se o Arquipélago gosta deles. É natural que sim. Pelo menos, as cantigas ao desafio têm sido timbre de qualidade da cultura popular das Ilhas todas. A Terceira e São Miguel levam-lhes as lampas. O velho Virgínio da Bretanha; o Pereira, da antiga Lomba de Santa Bárbara, da Ribeira Grande; a Turlu e o José da Lata, da Terceira, foram dos melhores cultores do despique entoado no terreiro das cantigas ou nas cantigas de terreiro. Devo ter deixado dezenas e dezenas na sombra... A omissão é filha legítima da minha ignorância. Para ela, peço uma indulgência plenária...

Sai o primeiro cantador, o Virgínio, e entoa:

"Entre merda foste nascido /

E na merda foste gerado /

Muita merda tens comido /

E dela toda tens gostado..."

E o Pereira, da Lomba de Santa Bárbara:

"Ainda me chamas galo, /

Desses que andam pela rua /

Já me viste a cavalo /

Nalguma galinha tua?"

Da Turlu, que, in illo tempore, ouvi despicar, boquiaberto, tamanho o aguçamento de língua e o seu poder criativo, estas duas cantigas:

"A felicidade vagueia, /

Fumo que passa veloz, /

Está sempre na nossa ideia /

E tão distante de nós..." e

"A minha língua é comprida, /

O que diz não te convém.../

E a tua está torcida /

Por isso não fala bem..."

A seguir, entra José da Lata e canta:

"Deitei uma velha em choco, /

Dentro de um cesto de palha, /

Lá na Canada das Vinhas. //

Descascou-me vinte ratas, /

Cinquenta e duas patas /

E trinta e cinco doninhas. //

Tinha pombas e coelhos, /

Melos pretos e tentilhões, /

Uma porca com cabritos /

E uma cabra com leitões."

Quando há tempos recebi este desafio, por via eletrónica, para ser resolvido por escrito, em três mil caracteres, sem espaços – logo me ocorreu Frei João Sem Cuidados... O seu Rei era invejoso e não podia ver nenhum dos seus Súbditos sem arrelias e apoquentações. Chamou um dia Frei João ao Palácio e fez-lhe três perguntas embaraçosas para serem respondidas num dado prazo. O frade saiu do Palácio real acabrunhado e cabisbaixo. Se respondesse errado, o Rei mandava-o matar... Por acaso, o moleiro do reino encontrou Frei João muito triste. Vivo e fino como azougue, logo se prontificou, depois de saber as perguntas, a apresentar-se ao Rei vestido com o hábito de Frei João. Respondeu às três perguntas como era dado, de tal sorte que Sua Majestade ficou toda contente e mandou o moleiro na paz do Senhor! Com que se entretinham os Reis de algum tempo!

Ora, este humilde escriba acorocado não tem moleiro para quem apelar! Nem moleiros existem já – os últimos que conheci iam da freguesia para a Ribeira Grande moer a moenda nos moinhos de água da ribeira, já não sei se a do Paraíso se a do Inferno... Três vezes por semana, com cães velhos e doentes amarrados ao eixo da carroça para serem lançados à Tarpeia ribeiragrandense...

Caso os houvesse ainda, qual deles seria capaz de responder direito a um século pejadinho de desafios? É muito desafio numa só molhada de brócolos! Mas há um enorme desafio já proposto às Ilhas do Grupo Central, lançado não há grande tempo pelo eterno candidato à liderança do PSD, Castanheira Barros. Andou em digressão turístico-eleitoral por aquelas Ilhas sem culpa da criatividade do social-democrata relapso. Prometeu mandar construir túneis entre o Pico e São Jorge e entre a Madalena e a Horta. O ovo do Colombo, que resolveria a insularidade de uma assentada. Em estando a obra feita e inaugurada, sempre que um ilhéu radical chegar à porta de casa para interrogar o mar, ficará menente e sem pé dentro de si: em vez de indagar o monstro de água, para ir à pesca ou contemplar a Ilha em frente para lhe sondar os ventos e as nuvens, meter-se-á logo a caminho da emigração, a cavalo no automóvel ou na camioneta da carreira... Um Metro de Superfície, como o que está sendo construído em Coimbra, ficaria muito mais em conta, podendo estender-se às Flores-Corvo, à Graciosa-São Jorge-Terceira, que também são filhos e filhas do mesmo magma... Quanto a São Miguel-Santa Maria.... Aqui, sim, um túnel tipo Canal da Mancha, mas em formato maior, que os micalenses são assoprados e amantes fidelíssimos da monumentalidade...

Já excedi o número de caracteres. Que o Eduardo Brum se não afromente, me perdoe a incontinência, e aceite os parabéns deste ilhéu desilhado, que muita lenha apanhou nas páginas do ora aniversariante

Expresso das Nove... Pois alevá! Coimbra, 30 de janeiro de 2010 (EXPRESSO DAS NOVE, fevereiro de 2010)

\*\*\*

A desunião faz a força, CRISTÓVÃO DE AGUIAR, Escritor

A descontinuidade geográfica das nove Ilhas dos Açores, que só formam um Arquipélago nos compêndios liceais (agora secundários ou secundarizados) de Geografia Física (a Humana não conta nem poderia contar, visto serem muito sortidas as gentes que as povoaram, deixando fortes marcas de origem, ainda bem visíveis, sobretudo no vocabulário) – talvez seja uma das razões de uma congregação mais fictícia do que real. Cada Ilha, quer queiramos quer não, constitui um mundo à parte, daí a quase impotência de se erigir um reino, com estandarte, bandeira, hino condicente e outras quinquilharias realengas, e sobretudo encontrar um monarca que incarnasse os valores e aspirações do povo das nove ilhas atlânticas. Um rei não seria muito difícil de conseguir (elegê-lo, não: há tanto sangue real escorrendo nas veias de micalenses e terceirenses – um desperdício para tantos hospitais carentes – que, espontaneamente, surgiriam meia dúzia, ou mais, de candidatos à sucessão do último Rei de Bragança...). Depressa, porém, erguer-se-ia um grande alevante no peito robusto e aleitado da nobreza local, e não duvido de que as Ilhas acabariam por alombar com uma monarquia dual, com obediências diferentes, como na maçonaria, que as tem, e várias, o que acarretaria grande dispêndio para o erário público... Não gosto da palavra unidade, conotada com uniformidade e com quartel, o que, para o caso, não conviria muito, embora não raro um ilhéu viva confinado a um desses cativeiros, que uma Ilha, como todos nós sabemos, é ao mesmo tempo uma prisão e uma livre extensão de horizontes que estimula a viagem e a aventura. Ou a emigração por causas outras, que agora não vêm a talho de podão. Preferia uma república a uma monarquia. Além de se estar celebrando o centenário da República Portuguesa, as das Ilhas seriam uma grande achega para os festejos populares... E, como o Presidente da República, no dia da sua eleição costuma proclamar, do alto da sacada de um Hotel: "Serei o Presidente de todos os Portugueses, quer vós tivésseis ou não medo na racha da urna o boletim de voto a meu favor ou desfavor...", ter-se-ia, então, nas Ilhas, um homem só e sólido ao leme das nove barcaças... Mas, a República, nas Ilhas, daria azo a graves problemas. Teria de haver várias repúblicas independentes, tirante a do Corvo, que ficaria agregada à das Flores, a de Santa Maria à de São Miguel, a da Graciosa e o Ilhéu das Cabras à Ilha Terceira: caso contrário, os distúrbios sociais seriam inevitáveis... Mesmo assim, muita cautela com os Corvinos, Marienses e Cabréus... Por outro lado, e há sempre um pozinho positivo em todas as controvérsias, deixava-se o sangue azul a coalhar, para alguma necessidade imprevista, num boião, onde in illo tempore se conservavam os chouriços e os torresmos em banha de porco legítima... Creio firme e finalmente que só a SATA continuará sendo a grande esperança da pátria açoriana, como escreveu o poeta Pedro da Silveira, que Deus tenha, uma vez que, no seu monopólio quase milenar, consegue construir uma resistente ponte de união entre ilhas... A única e ténue ideia de Arquipélago pode ser averiguada in loco, e em parte, no Grupo Central, daí ter o ex-candidato a líder do PSD prometido, se fosse eleito, a construção de pontes para a outra margem... O Ovo de Colombo, que ninguém se dispôs a estrelar...

EXPRESSO DAS NOVE, 24 de setembro de 2010

\*\*\*

From: Chrys  
Sent: Saturday, December 11, 2010 11:54 AM  
To: Cristóvão Aguiar  
Subject: a CrónicaAçores 2.

Chrónicaçores: uma circum-navegação, volume 3

Espero que o recobro esteja a correr bem, sei que falaste com a Rosário e ela ficou toda entusiasmada. Quando tiveres tempo, insónias ou quando te apetecer envio-te esta longa crónica na qual incorporei alguns dos teus conselhos - embora eu continue a escrever para loiras burras, ou seja, os atuais professores do secundário... - Não tens de prefaciá-la, nem de fazer exegese, mas apenas de comentar após leitura, como gentilmente fazes sempre...é o volume dois para sair em Macau abril 2011 noutra editora que a VerAçor do Ranha como te devo ter dito é a maior xxxxxxxx da história...

---  
From: Cristóvão  
Sent: Saturday, December 11, 2010 3:18 PM  
To: Chrys  
Subject: Re: a Chrónicaçores 2  
Caro Chrys:

Infelizmente, estou pior. Ando de cadeira de rodas. Estou agora em Cantanhede numa clínica de recuperação, talvez tenha de me submeter a outra cirurgia para retirar o hematoma que me está a comprimir os nervos motores. Tratou-se de um horroroso erro médico, ainda para mais numa clínica privada! Amanhã, vou a Coimbra de ambulância, depois tenho o advogado que virá tomar notas. Não consigo ler nem sequer ver televisão. De modo que tem santa paciência, porque, por enquanto, não posso. Um abraço do Cristóvão.

\*\*\*  
From: Chrys  
Sent: Saturday, December 11, 2010 3:27 PM  
To: Cristóvão Aguiar  
Subject: Re: a Chrónicaçores 2

Não sei que diga a menos que queiras ouvir as palavras que sinto que são apenas de que devemos aceitar os maus momentos que outros momentos melhores virão, mas isso soa-me a cultura judaico-cristã, só te digo que nas minhas adversidades em gozo sempre segui o ditame da minha avó paterna de que nascera no dia do anjo da guarda e estava bem protegido. Também tu terás alguma força que cuida de ti, seja ela qual poder superior inominado, que te trará melhores dias. As melhoras, ainda bem que não te telefonei se não ficava a gaguejar sem saber que dizer...eu sou assim, sinto-me impotente com a dor dos amigos  
aquele abraço nosso e força

\*\*\*  
From: Cristóvão Aguiar  
Sent: Wednesday, November 10, 2010 3:59 PM  
To: Chrys  
Subject: Re: Fernando Aires Diarista  
Caro Chrys:  
Pode utilizar os meus textos.  
Só no fim deves por: in Nova Relação de Bordo, Publicações D. Quixote, Lisboa.  
Desejo as melhoras da Lena.  
Abraço do Cristóvão

\*\*\*  
From: Cristóvão  
Sent: Wednesday, February 02, 2011 7:51 PM  
Subject: CARTA A FERNANDO AIRES  
Eis uma carta que enviei ao Fernando Aires, aquando da publicação do livro de correspondência entre Eduíno de Jesus e Armando Côrtes-Rodrigues, e que mereceu da parte do Vamberto o galardão de livro do ano, da Livraria Solmar:

\*\*\*  
São Miguel Arcanjo, Ilha do Pico, 23 de março de 2003  
Meu Caro Fernando Aires:

Como se pode verificar pelo cabeçalho, encontro-me no meu paraíso privado. Ainda não morri, mas.... Aqui cheguei há mais de dez dias, parto a 31 do corrente, e pouco ou nada tenho saído. Não por causa do tempo (até tem feito dias primaveris), mas especialmente por ser tão aconchegada a minha casa, tão aquecida de livros e de paisagem, que pecado seria deixá-la assim tão sozinha e ao abandono de si mesma.

Tenho andado a ler e a escrever, sobretudo a ler, pela segunda vez (li o prefácio para aí três), a Correspondência entre Armando Côrtes-Rodrigues e Eduíno de Jesus, organizada e prefaciada por ti e que fizeste o favor de me enviar para Coimbra ainda não há grande tempo. Agradeço-te do coração a oferta bem como o autógrafo em que envolvereste também a Margarida, o que bastante a sensibilizou, e que me pediu para te agradecer a lembrança. Já havia tido oportunidade de ler o livro antes de mo enviáres. O José Manuel Mota de Sousa emprestara-mo e um pouco mais tarde recebia eu um exemplar que pedira à Conceição Garcia para que me mandasse da Ilha. Logo na primeira leitura verifiquei que todo o livro estava inçado de gralhas e de uma chusma de erros ortográficos (quase não há página em que não surjam). que não só o desfeiam como abona muito pouco acerca dos dois correspondentes, ambos professores exigentes de Língua Portuguesa e bons cultores da escrita, e de ti também, que és formado em Letras e igualmente escritor. Logo transmiti a minha impressão ao nosso amigo comum que me confirmou o desastre depois de ler o livro.

Como o exemplar me não pertencia, coibi-me de apontar, nas margens, a lápis ou a esferográfica, as incorreções. Mas, e logo que recebi o teu exemplar, pensei em trazê-lo comigo para a Ilha do Pico. Mal cá cheguei, tratei de pôr mãos a uma segunda leitura, desta feita de lápis na mão, que não seria delicado nem curial da minha parte escrever-te a dizer apenas que recebera o livro, o ia ler com muito interesse, te agradecia a lembrança e a dedicatória; enfim, essas coisas que muitos usam escreverem para não parecerem mal-educados, nem literária nem socialmente incorretos.... Sabes bem que não tenho, e espero nunca vir a ter, feitiço para tais duplicidades e dissimulações. Ora, em literatura, a hipocrisia e o porreirismo têm sempre um preço muito elevado, embora, momentaneamente, possam servir de escudo a quem se não queira incomodar ou ficar mal visto ou ainda recear ser impiedosamente segregado do grémio dos eleitos não sei bem de quê, nem porquê.... Concluí a leitura ontem à tarde. Melhor, quedei-me na página 313, que um leitor engatilhado de atenção não é feito de ferro. E o resultado está à vista: nove páginas A4 de gralhas e erros ortográficos (não só os registei no exemplar como os passei para um papel à parte, indicando a página), que tas poderei fornecer, se assim o achares conveniente, caso venha a fazer-se uma segunda edição, mais limpa e asseada, da Correspondência entre estes dois sobressaídos poetas açorianos.

Não posso acreditar, por exemplo, que Armando Côrtes-Rodrigues tenha escrito sugeitou, sivilizado, ageitada, remechendo, etc... (págs. 84, 85, 97, 198, respetivamente); nem que Eduíno de Jesus tenha grafado presado, concerteza, adusir, etc. (págs. 262, 287, 295, respetivamente). Se assim tivesse acontecido, tanto em um como no outro, decerto aporias [SIC] à frente de cada incorreção, o que, na verdade, aconteceu apenas oito vezes e numa delas, na pág. 282, nem sequer com razão, porque existe a palavra espécimen ou espécime. Caso contrário, os [SIC] seriam na ordem das centenas, incluindo a acentuação, sobretudo nos verbos, e a pontuação caótica.... Só não poderia vir o [SIC] no texto que tu próprio escreveste. Mas aqui vão alguns exemplos: albúns, Ensaísta, chamou de (a que se chamou de (!) Círculo...), Síntaxe, cordealidade, por (verbo pôr), raíz, encadiar, etc. (págs. 15,16,18, 24, 26, 51, 56, respetivamente). E é pena! Será que nenhum dos teus amigos deu por tal? Nem o Onésimo a quem mostraste a primeira versão do prefácio, onde também se encontram muitos deslizes ortográficos? Ou tudo isso foi devido, como escreveste nos Agradecimentos, "à competência (sublinhado meu) profissional do Emanuel Cordeiro, funcionário da EGA, que passou a computador a volumosa Correspondência que agora, pela primeira vez, se torna pública?" Como as palavras se podem prostituir, se escritas sem alma! Sobre o prefácio teria muito a dizer. Ao contrário do que escreveu Tomás Borba Vieira, o prólogo está, em minha modesta opinião, muito aquém da garra do escritor dos primeiros quatro diários. Além da sua longuidão escusada, penso que te perdeste em antecipar o que as cartas dizem, beliscando assim muito do seu interesse e alguma da sua surpresa. Mas, não me vou alongar sobre este assunto... Não quero quebrar o encanto em que te encantaram os do costume. O melhor que fazes será seguir-lhes os conselhos, que tais amigos só estão bem bajulando, o que faz tão bem ao ego e tão mal ao trabalho artístico em geral e à escrita em particular.... Vou concluir, pedindo-te que não interpretes mal as minhas palavras, nem as consideres esquinadas ou pouco amigas. Gostava que as interpretasses como sinal de amizade e de estima. Lembra-te de que ser-me-ia muito mais fácil dizer que escreveste uma obra-prima, ou, para citar o artigo de fundo do Suplemento Açoriano de Artes e Letras: "... Armando Côrtes-Rodrigues e Eduíno de Jesus / Correspondência é seguramente o livro mais importante destes últimos anos para a cultura açoriana."

Seria necessária tanta incontinência?  
Um abraço do Cristóvão

\*\*\*  
From: Cristóvão  
Sent: Friday, April 01, 2011 1:58 AM  
To: Chrys  
Subject: Boa Madrugada  
Caro Chrys:

Não sei nem me interessa saber o que irão dizer os pensadores e escritores da douta literatura açoriana ao lerem o teu segundo volume da Chrónicaçores A falares tão insistentemente de mim e da minha escrita, hão de cogitar (desconfio que não usam fazê-lo) que és um vendido e andas a tirar das profundas um dos malditos tasmanos que estava já com a sua limpeza étnica concluída. Põe-te em guarda, companheiro, que te podem encomendar uma excomunhão ao Senhor Santo Cristo, que, segundo a tradição micalense (o Sá deve sabê-lo) é terrivelmente vingativo... Não te agradeço as apreciações que fazes da minha obra; do meu carácter, temperamento e feitiço, sim, com as quais concordo, porque gostaria de ser ainda mais que assim. Quanto às apreciações que tecas sobre a minha obra (presunção e água benta...), embora me sinta lisonjeado, que não sou feito de pau, nem ando de pau feito, não sou nem serei talvez capaz de ficar de mente (des)obnubilada ao lê-las em letra de forma. Não quero contrair tentações, prefiro o lugar que há anos me reservaram, e ao qual me habituei tão bem, a ficar sendo citado por bocas que não sei que águas beberam ou que instrumentos tocaram... E não te agradeço, não por má educação, que conscientemente não pratico. Mas pela razão óbvia de que o agradecimento se não enquadra em nenhum género literário, só no subgénero da etiqueta, que já se não usa, a não ser na literatura obituária. De qualquer forma, envio-te um abraço. Cristóvão de Aguiar

\*\*\*



From: CHRYS C  
Sent: Friday, April 08, 2011 10:21 AM  
To: Cristóvão  
Subject: catarse

Como prometi acabei agora de ler o livro com tristeza múltipla, por ele ter chegado a este fim que não o é, por entender melhor aquilo que antevira na minha interpretação de ti como pessoa, por sentir o livro mais que uma catarse como um exorcismo...tive a felicidade de ter a tal conversa com o meu pai uns anos antes de ele morrer e já fiz há muito o mesmo com a minha mãe ora com 88... Tento desesperadamente não repetir muitos dos erros do meu pai com o meu mais novo que tu conheces...mas somos a herança genética dos nossos e de nosso só sobra aquilo que nos distingue deles e que construímos com muito sangue, suor e lágrimas como diria o Churchill. Como deixei lavrado no meu CrónicaAçores 2 sobre ti:

Como estive do lado de lá dessa fronteira invisível que é o Grande Mar Oceano, sendo emigrado e transmigrado sem nunca deixar de ser residente, vê as ilhas pelos seus olhos, dos seus pais, irmão e família emigrada nos EUA. Também consegue olhar retrospectivamente para o Pico da Pedra onde nasceu, em São Miguel, e ver a pequenez das gentes e das ilhas, contentadas com uma qualquer emigração económica de fuga à fome e à canga feudal que persiste. Voltam, regressam sempre, na aparência vitoriosos, mas sem trazerem na bagagem nada de valor para além de dinheiro e outros bens materiais.

...

Cristóvão é um permanente passageiro em trânsito, título do seu mais benquisto livro, sempre na rota do inconformismo. Ele é a voz que se não cala e tem o direito a tal. Chama os bois pelo nome sem se deter nas finuras das convenções do parece bem ou mal. É crítico impiedoso dos destinos que alguns queriam que fosse eterno, o da subserviência e submissão aos senhores das ilhas, descendentes diretos dos opressores da gleba. Grandes narrativas que se assemelham a uma técnica de travelling em filmagem, com grandes planos, zooms, e paragens detalhadas nos rostos e nas mentes dos atores principais das suas crónicas e outros escritos. A câmara detém-se e escarpeliza a alma daqueles que ele filma com as suas palavras aceradas como vento mata-vacas que sopra do Nordeste. Psicanalisando as gentes e a terra que o viram nascer adotou nova ilha mátria em 1996.

...

Pressagio cordões umbilicais curiosos que nos unem. Se agora encontro neste amigo novo um escritor (ou terei encontrado um escritor que é um amigo novo?) que se crê maldito porque outros o fizeram assim, e porque é de si mesmo um ser acossado por tudo e por todos, mas sobretudo por si mesmo. Para ele, a escrita nunca será catarse pois ela é fruto de amores incompreendidos entre si e a sua ilha...

...

Quando aprecio a obra dum autor não sei como fazê-lo, nem hermenêutica nem exegese me tocam pois são ramos do conhecimento para além da minha compreensão que estudos em Humanidades não tive nem meus pais me deixaram, e sou como sou e a meu pai o devo tal como Cristóvão o é devido ao seu pai. Continentes diferentes, mas uma só realidade, ambos criamos os sulcos que hoje trilhamos percorrendo as savanas e as estepes do sofrimento pessoal, das amarguras e romances que nos interrompiam a escrita e nos dispersavam da missão sagrada. Ambos plantamos árvores, publicamos poesia e tivemos filhos em buscas incessantes pelo Santo Graal e desconfio que ambos sabemos hoje que não existe, a não ser na busca incessante com que criamos uma raison d'être nas nossas mentes conturbadas.

...

A escrita lávica de Cristóvão fica retida a boiar no nosso imaginário. Foi ela que nos instigou a escrever esta lamentação com o frémito ciumento de todos os que não conseguem escrever da forma única e inimitável como só ele sabe e sente sobre os Açores. Essa a sua forma de amar e de recompensar a terra que o viu nascer...para que também ela desate as grilhetas que a encarceram no passado e ele se desobrigue finalmente dessa tarefa hercúlea de carregar a sua ilha como um fardo ou amor não-correspondido, que nisto de ilharias há muitas paixões não correspondidas.

Ora bem tudo isto foi escrito anos antes deste teu livro e sinto ter-te retratado bem...a nossa amizade é bem recente, mas mais profunda do que se poderia adivinhar...quá eu te entenda melhor do que cada um de nós sabe.... Por favor dá isto a conhecer ao teu irmão por quem acabei nutrindo uma enorme admiração...

Aquele abraço do tamanho deste Grande Mar Oceano. Chrys quase a partir para Macau

\*\*\*

From: Cristóvão  
Sent: Friday, April 08, 2011 10:33 AM  
To: Chrys  
Subject: Catarse, Exorcismo

Gostei muito da tua crítica e concordo contigo no que respeita ao exorcismo. O livro está sendo um êxito, pelo menos é o que me tem transmitido o editor, o Adelino de Castro, ex-sócio do inefável Madruga. Vou neste momento a caminho de Lisboa: amanhã parto para o Pico. Vou primeiro aos implantes, depois aos lançamentos, 30 no Faial, 6 de maio em Angra, 13 e 14 no Pico, 20 na Ribeira Grande, onde espero ver-te. Também gostava de ver o Sá, para termos uma conversa, olhos nos olhos... Um abraço do Cristóvão

\*\*\*

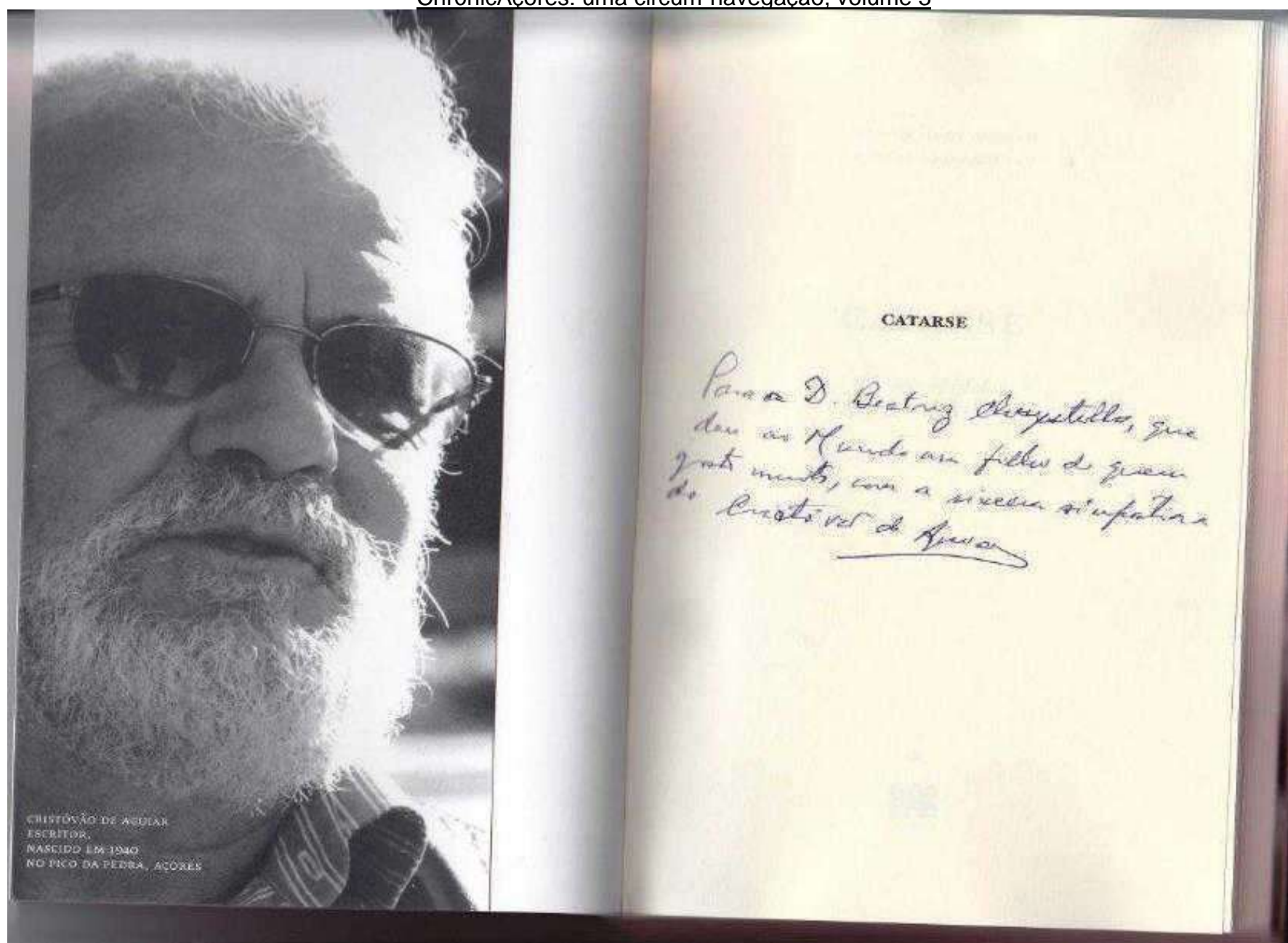
From: CHRYS  
Sent: Saturday, May 21, 2011 6:47 PM  
To: Cristóvão  
Subject: Cristóvão de Aguiar é dragão

GOSTEI MUITO DE ESTAR CONTIGO ONTEM. FOI UMA ALEGRIA VER-TE ALI NO COVIL DO LOBO EM PLENO CONCELHO DA RIBEIRA GRANDE com tanta gente a assistir, mesmo descontando a tristeza que foi para ti não veres o Vamberto na assistência. Outros afazeres mais prementes naquela data e hora o deve ter prendido. As tuas palavras foram emocionantes por falares de um tema que raramente se ouve naquilo que considero o maior desaforo a toda a minha geração e tua...de quem nos exigiram em média 3 anos de vida em troca de nada a não ser a destruição física, mental e até a morte. Obrigado por te lembrares sempre de alertar as mentes esquecidas. Do livro nada digo, já to disse em ocasião anterior à ida para Macau quando o acabei de ler. Um excelente modelo de realidades, que INFELIZMENTE ainda vão sendo realidade em zonas rurais da Lomba da Maia.... Uma revisita aos tempos que te moldaram, com um pai cheio de amor e não só... Também o meu, cheio de amor e sem saber como, me obrigava a ser mais do que eu podia e sem violência física, mas verbal me condicionou a vida até aos 45 embora tenha morrido quando eu tinha 42. Cada um de nós a seu modo lidou com a situação, superando-a ou não, mas obviamente marcados pelos anos de formação. Ainda hoje com o João tento desesperadamente (mas nem sempre com sucesso) evitar repetir muitos desses erros, mas sei que algum os repito. Deixo-lhe como herança alguns escritos e uma nacionalidade australiana para ele desbaratar como quiser. Tu deixas muito mais e eu, que me sinto fraternalmente ligado a ti, jamais esquecerei as quatro excelsas noites de aprendizagem na tua casa em São Miguel Arcanjo de São Roque do Pico. Deste-me mais do que muitas pessoas em toda a minha vida e espero ter a oportunidade de um dia aprender ainda mais e absorver por osmose um pouco da tua enciclopédica sabedoria. Sinto-me irrequieto e lamento não ter menos dez anos para fazer as malas e mudar outra vez. Anexo a esta - em tom jocoso - a tua ascendência de signo Dragão em chinês e um novo capítulo da CrónicaAçores 3 que espero acabar em 2012... Não sou um escritor como tu, mas um mero escrevinhador, mas sei bem que há momentos na vida de cada um que guardaremos sempre e sei que o de ontem podes bem conservá-lo pelos seus múltiplos significados, ali tão perto do Pico da Pedra que não quebraste nem te quebrou antes te deu força para subires a outros Picos.

Aquele abraço, Chrys

\*\*\*

Depois a 19 de maio Cristóvão de Aguiar autografou um livro para a minha mãe em que ficou escrito



## CRÓNICA 106 A UMA MÃE DEPRIMIDA - 28 AGOSTO 2011

Normalmente são os mais velhos quem dá conselhos aos mais novos, e os incentivam a lutarem contra as adversidades, mas aqui vai haver uma pequena inversão de valores pois à minha mãe deu-lhe agora com esta linda idade de 88 ½ anos para andar desanimada e deprimida. Nem se entende bem por que razão, pois o país está de vento em popa rumo à sua destruição final e a aprestar-se para se tornar num rodapé da História. Mas afinal que há de novo entre este país hoje e aquele que deixei em 1972-1973? Uma pequena diferença chamada democracia que diz respeitar o voto popular, mesmo que não sirva para nada. Se os antigos senhores do Estado Novo tivessem descoberto esta aspirina...tinha-se poupado a Revolução dos Cravos e seus heróis. Hoje há liberdade de expressão de imprensa, mas com ela - como dizia Eça - não se pagam díizimos nem a hipoteca da casa. Uma mãe nunca se deve cansar pois tem todos os dias da sua vida para dedicar aos filhos e netos e tem uma enorme responsabilidade em esperar que eles atinjam as metas que se propuseram.

Nesse particular, tu foste bafejada com o tardio amadurecimento do teu filho varão que, sem cabeça para os negócios, enveredou por uma via literária que te deveria encher de orgulho para dizeres MISSÃO CUMPRIDA. Claro que todos nós sabemos que esse caminho foi tortuoso, passado em longínquos locais (ainda é) e com mais escolhos do que aqueles que a tripulação do Vasco da Gama encontrou na primeira viagem do caminho marítimo para as Índias. Mas chegou a bom porto e se não mercadejou com os locais teve o mérito de ver reconhecido parte do seu esforço em prol da língua de todos nós. Mais razão para depressões teriam os teus filhos e netos cujo futuro continua - cada vez mais - sombrio e sem se vislumbrar melhoria possível num decénio ou dois a não ser emigrar. Deves passar em revista o quão afortunada tens sido apesar de tudo, pela vida conjugal sem divórcios que são hoje moeda comum, pelos filhos que tiveste que não sendo perfeitos são bem melhores dos que se veem por aí hoje em dia, o mesmo se podendo dizer dos cinco netos que tantas alegrias te deram e companhia fizeram num mundo em que a maior parte dos netos nem sabe quem são os avós.

Claro que tens razão para andares deprimida, os ossos já não são o que eram, a memória de quando em vez prega umas partidas, o frio sente-se mais, os amigos vão escasseando e cada vez há menos gente da tua geração com quem conversar. Mas, se olhares em volta naqueles e naquelas que foram mais bafejados pela roda do dinheiro verás que são bem menos felizes do que tu, quer em saúde quer em momentos felizes. Quem disse que o dinheiro traz felicidade deveria ser masoquista. Pode ajudar a retirar alguns dos contratemplos diários e dar uma ilusória sensação de felicidade como aquela que tive durante anos, mas nada se compara a uma vida em que se descobre ter sido vivida para um ou vários fins que se conseguiram almejar e cumprir. A maioria da população mundial nem sabe para que vive ou por que vive. As convulsões que te rodeiam, a falta de valores e princípios por que sempre te regeste e que passaste aos teus estão seriamente comprometidas neste mundo sem valores ou com valores diametralmente opostos aos teus, e apesar da enorme maleabilidade e aceitação de novos paradigmas entendes que tudo isto mudou demasiado depressa e para pior.

Mas este discurso que muitas vezes partilho contigo não deixa de ser curiosamente idêntico ao que a tua mãe e outros usaram em épocas diferentes. Assim foi sempre ao longo dos tempos. Nunca o ser humano deixou de ser escravo da sua época e dos seus condicionalismos. Claro que quando te queixas quanto à meteorologia tens toda a razão, isto anda tudo às avessas do que era, em tempos idos, quando ainda havia quatro estações do ano e quando estavam associadas à agricultura, que como todos sabemos desapareceram do sistema. Nem agricultura nem estações, e teremos de inventar novos padrões para nos regermos ou fazer como aprendi aqui nos Açores: em vez de definir amanhã vou à praia, decidimos apenas quando o tempo deixa ir à praia. Imagina tu que até o tempo nos tirou essa oportunidade de escolha.

Crescemos - e educaste-nos - a acreditar no matrimónio como coisa inviolável até à morte, e hoje nem sequer se equaciona essa oportunidade quando as pessoas se juntam ou procriam, eu sou das últimas abencerragens a ainda acreditar nessa instituição talvez por te me ter servido tão mal das primeiras vezes que a tentei.



No nosso tempo, que era o mesmo para ti e para mim, os filhos tinham um pai e uma mãe, hoje todas as combinações são possíveis e nem sempre as biológicas...nenhum dos teus netos ainda casou no sentido tradicional do termo e mesmo que o faça não terá o significado que teve para mim ou para ti.

Dantes estudar para se tirar um curso abria as portas do emprego, hoje nada significa e muito menos a promessa de emprego.

Poderíamos, neste momento, afirmar que isto eram razões mais do que suficientes para te deprimir, mas se pensarmos melhor deveria ser motivo de gáudio por ainda teres vivido num tempo em que as coisas eram brancas ou pretas enquanto hoje nunca têm aquelas cores, antes se metamorfoseiam de tons infundáveis de cinzento deprimente.

Se passares em revista as conquistas que atingiste desde o nascimento até hoje verás que nenhuma foi fácil e todas eram carregadas de esforço e sacrifício, abdicação e dedicação. No teu tempo as mulheres sabiam cozinhar e os teus filhos ainda recordam os teus pratos e os teus dons culinários. Hoje têm de pagar bem caro e nenhuma comida se lhes compara. O teu rolo de lombo de vitela fazia-me andar milhares de quilómetros e ainda tem um sabor único.

No nosso tempo as famílias mantinham contacto e os primos davam-se durante toda a vida, hoje as crianças nascem e crescem sem sequer saberem que têm primos. Ainda hoje lamento que eu e os primos primeiros, segundos e terceiros nos tenhamos apartado e nem sequer conhecemos os descendentes uns dos outros. Foi assim que antevi a minha família e quando a tive, o mundo em volta já tinha mudado. Tive de me socorrer das recordações, de revisitações e de revivalismos para dar à estampa em livro a narrativa desses tempos, cuja maior parte podemos considerar saudosos pelos bons momentos vividos. Não consegui passar aos filhos nem um décimo do que tu e o pai me passaram, mas convenhamos que é difícil, nesta era, um pai ou mãe competirem com a TV, PlayStation, GameBoy e computadores entre tantas outras coisas que existem hoje e os transformam em viventes de mundos virtuais. Sempre tivemos as nossas diferenças, e quem as não tem? mas soubemos maduramente passar por cima delas e viver harmoniosamente melhor do que alguma vez sonhamos, sem nos atropelarmos nem às nossas crenças, cada um seguindo caminhos e trilhos que se não se cruzam também se não afastam. Chama-se a isto um equilíbrio saudável, cumpreste a tua missão como mãe e passei anos a tentar redimir-me daquilo de que era acusado.

Cumpri a minha quota-parte contigo e com o pai - em tempos e moldes diferentes - estabeleci uma paz duradoura e um entendimento. Haverá quem prefira chamar-lhe um pacto de não-agressão, mas creio que se trata antes do respeito mútuo que hoje existe. Não sei se estas linhas servirão para desanuviar a depressão que alegas ter e a falta de vontade de tudo, mas deveriam pelo menos fazer sorrir-te ao almoço e sentires orgulho nos filhos e netos que tens.

E lembro aqui nesta crónica possível, 56 anos depois de recordar esse dia em 1955 em que nasceu a tua filha (e minha irmã) ...

*A mãe que já "perdera duas gravidezes", finalmente deu à luz, uns cinco anos e meio depois de eu nascer, uma linda menina com 4 quilos e 56 cm. Se bem que eu a esperasse com a ansiedade própria dos jovens da minha idade, também tinha um medo ancestral de que ela viesse a ocupar um certo espaço até então exclusivamente meu. As prerrogativas de filho único perderam final e, infelizmente, a sua razão de ser no dia do nascimento da irmã. De qualquer forma consta, ainda hoje, que ficara satisfeito por ver aquele bebé gorducho e cheio de cabelos loiros, uma hora depois de ter nascido. É bom não esquecer que naquele já longínquo ano de 1955 a maior parte dos partos ocorria em casa, pois as pessoas não se deslocavam aos hospitais ou clínicas. Havia um médico, acompanhado de uma enfermeira-parteira, que se deslocava à residência das pessoas e aí fazia o parto da criança. No caso vertente, fora o mesmo médico que ajudara no meu nascimento. Se surgissem problemas chamava-se uma ambulância e ia-se para o hospital mais perto. Na altura deste nascimento ainda só existia o vetusto Hospital de Santo António no Porto, onde viria a nascer em 1996 o filho mais novo de EU quando já raras eram as crianças a nascerem em suas casas.*

## CRÓNICA 107 FESTAS DE N. SR.ª DO ROSÁRIO DA LOMBA DA MAIA. AGOSTO 26-31 2011

A maioria das festividades dos Açores coincide (e não fortuitamente) com datas e acontecimentos religiosos, em particular com dias relativos a determinados santos, o que se explica por uma tradicional forte devoção do povo açoriano em geral.

Destas festividades, uma boa parte é sensivelmente comum entre diferentes ilhas do arquipélago, como por exemplo as Festas do Espírito Santo que se celebram um pouco por todas as ilhas, com algumas variações e diferentes datas. Outras, são já específicas de determinadas localidades, o que lhes atribui um carácter único, fazendo deslocar, em alguns casos, pessoas de várias partes dos Açores e do mundo a acorrer a elas.

Cada freguesia tem um santo protetor ou padroeiro, santo este a quem é dedicado um dia particular do calendário em que se celebram as Festas da respetiva freguesia (é comum ainda haverem várias freguesias que partilhem o mesmo santo padroeiro). Nas zonas piscatórias, é muito frequente ser este papel entregue a São Pedro, protetor dos pescadores.

Nossa Senhora do Rosário é normalmente festejada em outubro e as maiores festas a ela dedicadas são as da Lagoa (S. Miguel) e Lajes do Pico, mas convém não esquecer a pequena freguesia da costa norte de São Miguel, a Lomba da Maia que celebra sempre no último domingo de agosto esta santa, tão venerada que até esteve para dar o nome à freguesia...

*"... O rei, por certo, não teria hesitado em desautorizar o bispo D. António. Havia-o feito naquele mesmo ano de 1699. A Lomba da Maia, então sob a jurisdição paroquial da Maia, não chegara a ser paróquia porque o rei quisera acautelar a integridade dos rendimentos dos párocos da Maia." (in Mário Moura: a criação de uma paróquia")*

Passa esta população – maioritariamente rural - um ano inteiro na ansiada espera desta semana, fazem-se preparativos, vestidos, sonham-se casamentos e noivados, preparam-se refeições, convidam-se parentes emigrados, há uma sofreguidão imensa na voragem dos calendários. As casas são pintadas, retocadas, melhoradas para estarem prontas nessa última semana de agosto. Colhem-se verdes e flores para enfeitar as ruas em modelos, mais ou menos elaborados a fim de que a procissão de domingo ali passe. Cabeleireiras e modistas não têm mãos a medir para tentarem que todos os habitantes estejam no seu melhor, quanto a apresentação, na procissão e noutros eventos celebratórios. Toda a vida da freguesia se centra em volta desta semana de celebrações, procissões e libações. O mundo podia acabar, mas continuar-se-ia a falar das Festas de agosto, em que a população residente é incrementada com o retorno de centenas de filhos expatriados pela norte América, uns com vozes anglicizadas e outros afrancesados.

Reveem-se parentes, e aqui na Lomba da Maia, parece que todos são primos entre si há várias gerações. Há uma elevadíssima consanguinidade. Todos põem a conversa em dia, bebem uns copos a celebrar o encontro, a fim de dar tempo a que todos narrem as suas proezas, riquezas, e outros mitos. Trata-se de uma semana completa de festejos, culminando com a rica procissão de domingo e na qual se incluem dignatários religiosos e autoridades civis, além das ditas forças vivas da terra. Um verdadeiro desfile para impressionar, todos com seus fatos domingueiros ou melhores ainda se as posses assim o permitiram. A procissão ricamente elaborada inclui a trasladação - na véspera - da imagem para a Igreja

velha ao fundo da rua, seguida da visita da imagem de Nossa Senhora do Rosário pelas ruas de parte da freguesia, partindo da Igreja, subindo ao Outeiro, descendo a Rua do Rosário, sem chegar à Lomba de baixo, e subindo em apoteose pela Rua da Igreja até se deter, de novo na Igreja datada de 1877. Este percurso feito sobre o asfalto, nesta data ricamente atapetado de verdes e quadrados floridos demora sempre umas três horas ou mais, com os vários andores a pararem várias vezes durante o percurso. Em 2011 havia três bandas filarmónicas de dezenas de executantes, cada uma delas, antecedida por centenas de populares, precedendo as entidades oficiais que este ano incluíam o presidente da Câmara da Ribeira Grande e o presidente da Associação Agrícola de São Miguel, o presidente da Junta de freguesia local e centenas de populares.

*As Festas que normalmente se iniciam na quinta-feira pela noite, após se terem colocado os postes com flâmulas de duas cores, conforme as ruas, e instalação sonora, este ano começaram atrasadas.*

*As decorações e iluminação da Igreja na qual sobressai uma enorme reprodução da santa padroeira estavam atrasadas e sábado ainda se trabalhava para as finalizar.*

*Assim, este ano na quinta e sexta apenas se ouviam os acordes das discotecas improvisadas e o cheiro a fritos de algumas barracas no Largo da Igreja.*

*Finalmente, no sábado à noite as pessoas puderam começar a sair à rua para se mostrarem e serem vistas, dando finalidade aos longos preparativos de todo um ano.*

*Mas o santo patrono da meteorologia resolveu brindar os festivos habitantes com uma enorme chuvada torrencial e uma fortíssima trovoadra, demonstração climática bem rara nesta ilha.*

*Fez-se silêncio nas ruas e todos recolheram a penates pela meia-noite.*

Na manhã de domingo estrelevam já foguetes bem cedo a saudar mais um dia e já andavam as ruas a serem limpas, que esta população ainda não aprendeu a ser verde nem civicamente educada, e continua a deitar tudo para o chão...se esse problema já se põe durante o ano imaginem só o estado do pavimento nestas Festas. A chuva amainou a meio do dia e veio uma tarde soalheira, quente e húmida como é vulgar nestas paragens. Uma novidade a saudar neste ano da graça de 2011, os altifalantes que costumam debitar música pimba das oito da manhã até altas horas, este ano não fizeram a sua aparição, talvez fruto da crise que não deu para pagar música encanada. Assim os postes limitavam-se a ter as suas lâmpadas acesas (todas brancas este ano em vez das habituais coloridas) e as suas flâmulas de duas cores a esvoaçarem sem nos impingirem um tipo de música que nada tem a ver com estas Festas nem com as tradições. Os ouvidos agradecem e, em particular o autor, que é muito exigente na música que ouve e não gosta de sofrer a música dos outros. Já bastam os acordes sísmicos da música tecno que ecoam na Rua do Rosário até às três da madrugada e aqui se propagam, sempre a martelar os sons do baixo. A música do “Ká t’espero” a trinta metros de distância do outro lado nesta Rua da Igreja não chega a incomodar, apenas as alterações dos seus patronos mais bebidos pelas cinco da manhã quando a tenda fecha...

Duma empírica observação, mais vocacionada a ser analisada por psicólogos e sociólogos, convirá referir que se verificava que os jovens do sexo masculino continuavam de uma forma geral a vestir normalmente como num qualquer dia, shorts ou jeans e T-shirt, enquanto elas da mesma idade estavam todas aperaltadas, decotadas, saias muito curtas, unhas pintadas e cabelos elaborados em penteados de festa, muitas delas já em cetim lustroso preferencialmente em preto ou em sedas vermelhas. O mesmo se podia ver nas senhoras mais jovens e até à meia-idade, em que se empoleiravam com muita dificuldade em saltos altos, tipo stiletto, a que obviamente não estão acostumadas...bamboleando-se para cá e para lá sem caírem...muitas delas queriam, e tentavam muito, que as tomassem por modelos saídas de capa de revista de modas não fosse o forte sotaque micalense ....Os homens que estavam, na sua maioria, mais bem vestidos usavam fato e gravata e privilegiavam o cinza brilhante com gravatas que não correspondiam ao casaco...obviamente forçados a usarem uma vestimenta para a qual não estavam talhados, mas a que eram obrigados. O tal fato domingueiro de que a literatura tradicional tanto fala quando se refere às aldeias e à maneira de vestir das pessoas para irem à missa... Mais parecia um desfile de trajes para casamento (até poderiam ser esses os trajes que elas usavam normalmente nos casamentos e como era a festa anual da Lomba da Maia isso era equivalente a um casamento...) e era vê-las a passar impantes de orgulho no seu “special look” anual com os homens atrelados a curta distância ou ao lado, cabeças bem erguidas atravessando as ruas da aldeia. (já sei, já sei, os açorianos ficam todos furiosos quando digo aldeias pois pensam que aldeia é um termo inferior em estatuto ao de freguesia..., mas esta minha freguesia, queiram ou não, é uma aldeia e eu gosto dela, assim, aldeia...).

No cortejo processional, ouvia-se para além do falar micalense local, algumas corruptelas de francês e inglês com micalense nem sempre fáceis de decifrar. Depois dos andores todos, e do pálio com vários concelebrantes que eu não soube identificar além do pároco cessante da freguesia, vinham as pessoas por uma ordem hierárquica de castas sociais, das mais ricamente vestidas às mais humildemente vestidas, talvez seguindo tradição ancestral.

A nossa empregada doméstica (dantes chamada mulher a dias) estava irreconhecível de cabelo solto, tacões altos e vestido cintilante. Chegada a imagem à Igreja depois do seu périplo pela freguesia, foi a debandada geral. Nessa noite, após o jantar as ruas tornaram-se alamedas pedestres até já depois da meia-noite com tolerância de ponto para as crianças. Um apontamento triste foi ver muitos jovens de tenras idades a fumarem...e na manhã seguinte uma carrinha carregava vinte e quatro barris de cerveja vazios que – pelos vistos – na véspera corra bem pelas gargantas abaixo, no “Ká t’espero” que para estas coisas não há crise que chegue para matar a sede... E lia-se nessa data em editorial de SN no Atlântico Expresso:

*Aqui pelos Açores, o Governo Regional, através das suas empresas satélite, Câmaras e Juntas de Freguesia esqueceram-se da crise e estouraram milhões de euros em festas para consolo do povo, iludido e contente, regado, bebido e drogado e que agora vai acordar para um ano difícil de trabalho.*

*Os milhões gastos em festas não são alavancas económicas, mas sim ocasião de enriquecimento de alguns que a troco de umas noites de engano fazem esquecer a realidade e conduzem as pessoas a uma anestesiante visão da sociedade que só interessa a quem delas tira dividendos.*

*Agosto está a terminar e este é mais um verão para esquecer. Muita festa, muita dívida, muita promoção malfeita e muita gente enganada. Milhões de euros deitados à rua e agora vão começar os queixumes. As Juntas de Freguesia vão dizer-se esmiçadas, sem dinheiro; as Câmaras vão continuar a endividar-se ou a recorrer aos Fundos de emergência porque estão falidas; os fornecedores vão continuar a esperar: o Governo vai assobiar para o lado, porque a despesa da festa vai estar na conta de empresas criadas para a “cultura e turismo” e tudo vai ficar assim mesmo. Entretanto, os políticos vão começar outro tempo de festa. Para o ano há eleições e, portanto, há que mostrar serviço. Há que prometer, há que entreter e há que cativar votos. Não vai ser fácil o ano que agora começa, depois das férias. Há muito interesse, há muito a defender e há muitos novos-ricos que de nada se querem privar. Com um povo cansado, com empresas em dificuldades, não será difícil morder o isco que se prepara para ser lançado. Mas uma coisa é certa: vamos pagar muito caro os foguetes que hoje se atiram e o acordar vai doer a muita gente. Não estamos no bom caminho!*

Entretanto a amiga Graça Castanho, diretora regional das comunidades, alertava para o facto de a “... grande maioria dos emigrantes regressados ter mais de 60 anos e poucos estudos” ... O estudo da direcção regional das comunidades revela que a grande maioria de emigrantes regressados tem sessenta ou mais anos, são reformados e os que ainda trabalham são os que regressaram das Bermudas e têm uma baixa literacia. O estudo permitiu também identificar os que regressam para se fixar definitivamente na sua terra ou para períodos cíclicos anuais, mas também os que voltam com condições financeiras confortáveis ou com necessidades.... Mas na aparência tudo corre bem e não estamos no reino da



Dinamarca. O único restaurante da freguesia, "O Cordeirinho" que se tem vindo a debater com um excesso de clientes por causa dos trabalhadores das SCUT ainda não sente crise nenhuma e sem marcação nunca se consegue mesa ... como dizia o amigo Sá Couto, "crise? Não há carne nem peixe, ninguém os pode comprar e, coitados com a crise vão todos ao restaurante jantar!" E nesta inconsciência se passam as Festas da Lomba da Maia, mostrando aos outros uma fachada de riqueza e de aparato que se não coaduna com a realidade, mas é assim este povo. Não falei dos entretenimentos e das tendinhas por não os considerar relevantes nem específicos das celebrações que se vão prolongar, até quarta-feira. Depois, começarão as aulas e os problemas do país hão de finalmente arribar a estas costas, onde os roubos se sucedem a uma frequência jamais imaginada, numa terra em que as pessoas até há pouco deixavam as portas abertas e a chave no trinco. Há quem lhe chame a rota inexorável do progresso...

*Como a velha melodia dizia "No pasa nada" e relembrando os tempos da Mocidade Portuguesa de triste memória "...cá vamos cantando e rindo..." E hoje ninguém limpou as ruas peçadas de destroços vegetais dos lindos tapetes que ontem orlavam os locais por onde a procissão passava, acrescidos de lixo acumulado pelos muitos que aqui comeram e beberam deixando atrás de si um imenso rasto de detritos e de poluição...a educação ambiental ainda não chegou a estas paragens nem consta que seja uma matéria muito estudada nas aulas. Hoje, ao acordarem as pessoas devem começar já a fazer planos para a festa do próximo ano e as jovens que tiveram a sorte de começar namoros ou acertar noivados, como é costume nestas ocasiões, continuarão a sonhar com a felicidade ao virar da esquina e como é sabido não há crise que chegue aos sonhos pois estes são mais livres do que aqueles que os sonham. A Igreja, as tendinhas, as discotecas e outros locais de vendas devem começar a fazer contas à vida no deve e haver de todas estas festas.*

## CRÓNICA 108 – ODE A SÃO MIGUEL E DENTISTAS, 15 SETEMBRO 2011

### 108.1. ODE A SÃO MIGUEL NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO

Levantei-me cedo, como é usual, fui levar a senhora professora minha mulher, à escola, para as infindáveis reuniões de começo de ano escolar, e o filho foi ver o horário do Liceu para onde vai frequentar o 10º ano. O dia ainda estava radioso como, aliás, foi apanágio neste verão de 2011 na Ilha do Arcaño.

Como já escrevi, muitas vezes, existe um pequeno recanto nesta costa norte, da ilha do Arcaño, onde encontro sempre uma versão muito minha do Éden, a praia quase deserta com dez pessoas apenas, na sua maioria, turistas, e uma esplanada toda para mim, para bebericar a minha "italiana" (café supercurto, também designado como "Ristretto" na Austrália e EUA) e a garrafa de água sem gás, sempre muito gelada. São sempre estes os companheiros fiéis das minhas leituras, gasto tanto de água gelada como de oxigénio, para me lubrificar bem.

Ora quanto a leituras a escolha deste ano recaiu e foi dedicada a José Martins Garcia, prolífico autor infelizmente liberto de penar no mundo dos vivos. Apesar de ser notável a sua obra, hoje serve apenas para deleite dos curiosos e estudiosos, grupo no qual ainda me incluo.

*Ouçó as ondas aqui onde o mar é rei e senhor de todas as horas.  
fui ao lado outro da ilha  
lá onde nunca ninguém vai  
e vi que era verdade  
só há mar, nada mais  
por todos os lados menos por um*

A terra é um mero escolho lançada como um grão de poeira no deserto, no meio deste Grande Mar Oceano para colorir o mar em tons de verde que é a cor desta ilha. A terra é finita e bem mais nova que o mar, saídas das entranhas do fogo, em eflúvios de magma, a mágica lava que encanta e seduz quem a vê à distância segura de um qualquer abrigo. O mar, condescendente, acedeu a envolver a ilha no seu manto de espuma, fez dela o seu brinquedo, entretendo-se a burilar as suas abruptas escarpas, nalgumas baías acedendo mesmo a depositar uns grãos de areias fina e enegrecidas sem jamais deixar de as lavar, pondo e tirando a seu bel-prazer, mas sempre lavando, lavando, lavando, sem nunca as deixar brancas. Para preservar o seu brinquedo evitou dotar a ilha de angras ou portos naturais, fáceis acessos a forasteiros, assim evitando que a viessem perturbar com seus botes.

A ilha quer-se sozinha, sem invasores, e assim ao longo dos tempos sempre se repeliram as investidas desde os fenícios, aos mouros, corsários ingleses e outros repetidamente remetidos à proveniência sem mais danos do que raziarem as terras, tomarem cativos os habitantes para venderem como escravos e usando as suas mulheres para outros fins soezes como era hábito naqueles tempos.

Os que foram ficando, tementes a deus, tornaram a cultivar a terra, arando os solos que a fúria dos fogos e tremores das entranhas da terra ia vomitando, tentando aplacar essa fúria e castigo divino com preces, procissões e romarias. Nesta ilha, de costas voltadas ao mar, como a maioria das suas igrejas, todos passam o ano a olhar para o próprio umbigo, seja ele de vacas leiteiras raçadas de alpinistas que poluem montes, lagoas e ribeiras, sejam campos de milho, batatas, beterraba, inhame ou outros frutos da terra que as generosas chuvas insistem em regar de forma copiosa até conseguirem mais do que uma colheita ao ano. Enquanto no Faial e Pico e outras ilhas do Triângulo, as pessoas vivem do mar e para o mar, nesta Ilha de São Miguel Arcaño, sempre tão de costas para o mar, elas ignoram-no, esquecendo já que era o único passaporte de saída para a alforria do feudalismo que imperava nas ilhas e as agrilhoava.

Nesta pequena baía dos Moinhos de Porto Formoso sem baleias à vista, nem golfinhos ou tubarões, as ondas vão cumprindo o seu ritual lunar, e eu aqui, parado, a vê-las, a ouvi-las deixando-me encantar com o seu ritmo, a sua cadencia incerta que as leva para longe, lá, onde só o pensamento conta e a vontade dos homens não domina. Hoje, não me sinto naufrago nem perdido, apenas marinhante de águas profundas embalados pelos ténues ventos que me levam à deriva. Ah! Como gostava de perpetuar momentos destes e torná-los permanentes, libertar-me da escravatura que nos impõem como preço de vivermos. Aqui, neste paraíso que o inverno torna bem agreste, as palavras fluem como ondas e vêm desaguar sempre numa qualquer folha de papel. A mente liberta-se das peias do quotidiano e voga ao sabor do mar, como se viver fosse útil ou até necessário. Por vezes, é preciso sair de dentro das ameias do meu "castelo" e vir sentir-me liberto nesta prisão sem grades que as ilhas todas tendem a ser. Podemos, afinal, ser livres dentro de uma prisão e não precisamos de voar como os pássaros, nem nadar como os peixes, basta uma dose de mar e sol, e deixar a mente vaguear, vogando no salgado das ondas ... Esta ilha é linda, mas digo-vos do outro lado dela só há mar....

*Ouçó as ondas aqui onde o mar é rei e senhor de todas as horas.  
fui ao lado outro da ilha  
lá onde nunca ninguém vai  
e vi que era verdade  
só há mar, nada mais  
por todos os lados menos por um*

Nessa tarde não resisti e voltei aos Moinhos, já com meia centena de banhistas. A minha leitura, iniciada esta manhã no mesmo local, foi interrompida pelo tonitruante som do vozear de um senhor atarracado, de cabelo curto, alourado, acompanhado de uma jovem com tranças, de 4 ou 5 anos, permitindo as habituais conjeturas sobre se seria pai solteiro, viúvo, divorciado ou meramente um pai que foi com a filha à praia enquanto a mulher foi ao cabeleireiro ou às compras.

O senhor que se sentara na mesa ao lado da minha, debatia-se freneticamente com dois telemóveis e não se coibia de receitar Nimed e Amoxil a um pobre senhor Joaquim, do Porto, a quem fizera uma intervenção cirúrgica dentária há vários meses e que obviamente manifestava uma atual infeção no maxilar donde lhe extraíra os dentes. Sem dúvida que a memória desses dentes voltara para o assombrar e atormentar esta tarde de férias, em pleno gozo das suas - crê-se que merecidas - férias numa soalheira tarde na esplanada dos Moinhos.

Há dentes assim, mesmo depois de retirados do maxilar, ficam saudades e querem voltar para assombrar o dono do maxilar.

Poderia ser este o caso. Ouvia-se falar de troca de receitas de medicamentos, retirados de circulação, e recomendações de antibióticos sem recorrer à penicilina e sem descurar a cortisona a que o doente poderia ser alérgico, mas não era, dado que já lhe receitara antes.

O - possivelmente ilustre veraneante - médico dentista e cirurgião, em férias, ali na esplanada dos Moinhos de Porto Formoso, impotente, com dois telemóveis nas orelhas a falar, ora com o doente, ora com o protésico, ora com a sua secretária para que esta marcasse uma consulta de urgência ao senhor Joaquim com o seu colega que ficara de serviço, deixava a pequena lambuzar-se de gelado, sem notar que o mesmo se derretia e ia escorrendo para o fato de banho. E eu em busca de sossego e do marulhar dei comigo a pensar na saga dentária do Cristóvão de Aguiar que quisera poupar e fora ao Pico tirar os dentes. Também apanhou uma infeção no maxilar, teve de fazer um enxerto de osso do ilíaco, mas apanhou uma infeção, com enorme hematoma, que o pôs numa cadeira de rodas durante meses, a mastigar papas de bebé, sem dentes, sem poder caminhar e a gastar muito mais em médicos, clínicas. Depois ainda teve de contratar um advogado para intentar uma ação judicial contra o afamado cirurgião dentista, formado em Paris e a quem atribuí a sequência de males de que padecera durante esses longos meses. Acalentei secretamente a esperança de ser este o mesmo dentista, o que tornaria esta crónica mais interessante pela coincidência (que como todos sabem, elas não existem, mas têm causas matematicamente prováveis), mas tive de me contentar com a atrás narrada cena sem coragem de perguntar se tratara o Cristóvão.

O Português Contrabandista de J. Martins Garcia a piscar-me o olho e eu sem o poder desfrutar numa leitura de remanso como esta manhã. Terei de regressar em mais idílico momento, pois há pessoas que usam o telefone móvel como um megafone para que todos se inteirem das suas conversas em direto e ao vivo, como se a alguém pudessem interessar. É pena não haver um padrão universal para telemóveis que eu poderia ter emprestado os meus auriculares... Esta ilha é linda, mas digo-vos do outro lado dela só há mar....

## CRÓNICA 109 DOS BRANDOS COSTUMES, 14 OUTUBRO 2011-10-14

Há anos escrevi algo sobre isto no ChrónicaAçores vol. 1...

... o mundo está na mão dos neoliberais há mais de duas décadas, apoderaram-se de todos os governos legitimamente eleitos e sobre eles exercem as mais fantasiosas chantagens, o que levou a este desvario em que as nações andam todas a pagar não só os erros de governação (e são mais que muitos em PT) mas sobretudo as perdas dos bancos e seus maus investimentos aliados a políticas de ganância como não há memória na história recente dos povos...

A falta de líderes com visão na Europa, o "squeeze" norte-americano na defesa dos seus interesses (\$\$\$\$) e a especulação desenfreada dos mercados causou isto.

Há alternativas (a Islândia não cedeu e ainda não acabou como país, apesar de não ter pago as dívidas...antes pelo contrário vai de vento em popa) e a receita aplicada à Grécia, Irlanda e Portugal vai causar recessão, estagnação da economia por anos a fio, desemprego maciço, fome, pobreza sem aumentar um só ponto que seja de crescimento económico...pois o país cada vez produz menos, cada vez se gasta menos e a economia continuará a contrair-se...

Estes cortes brutais aplicam-se ao povo, e às juntas de freguesia que nas Câmaras já é mais difícil tocar e daí para cima impossível.... Imaginem só os ministros deslocarem-se (como na minha Austrália) de metro ou autocarro para o emprego...para não falar do senhor Cavaco Silva que veio aos Açores com médico, enfermeira, etc., (esqueceu-se do barbeiro e manicura). Há diretores, ministros, secretários de estado, assessores a mais e soldados a menos. Cortam retroativamente tudo e mais alguma coisa menos os privilégios dos que estiveram no poder após o 25 de abril.... Francamente não foi para isto que houve um 25 de abril...estão todos lá para se servirem e não para servir o país (cá e noutros países é tudo o mesmo), a Europa está falida de ideias e soluções e não admira: um Barroso que fugiu, um Constâncio que nada viu no Banco de Portugal... Já andamos nesta fona desde 2000 ou 2001 e a situação não cessa de piorar após 2008, e o mais que adiante se verá quando em janeiro nos vierem dizer que afinal isto não chegou e é preciso mais...depois em março virão outra vez com novo orçamento retificativo e por daí em diante que é disto que a casa gasta há muito tempo...nunca chegará enquanto se não acabarem com as mordomias e desigualdades sociais!

Infelizmente dos meus filhos apenas uma é australiana e outro também (pelo que pode ir para lá quando crescer) mas os restantes não são e esses, nem presente nem futuro têm, tal como eu e os mais velhos que eu... Depois há o BRICS, os eixos mundiais da China, Índia, Rússia, etc. que aguardam a queda do Império Romano (perdão, do mundo ocidental como o conhecemos) ...haja saúde...

Mal acabei de escrever estas notas recebi o seguinte correio eletrónico que passo a citar:

Acabou o recreio e o receio! Este e-mail vai circular hoje e será lido por centenas de milhares de pessoas. A guerra contra a chulice está a começar. Não subestime o povo que começa a ter conhecimento do que nos têm andado a fazer, do porquê de chegar ao ponto de ter de cortar na comida dos filhos! Estamos de olhos bem abertos e dispostos a fazer - quase tudo, para mudar o rumo deste abuso. Todos os "governantes" [a saber, os que se governam...] de Portugal falam em cortes de despesas - mas não dizem quais - e aumentos de impostos a pagar. Nenhum governante fala em:

1. Reduzir as mordomias (gabinetes, secretárias, adjuntos, assessores, suportes burocráticos respetivos, carros, motoristas, etc.) dos três ex-presidentes da República.
2. Redução do número de deputados da Assembleia da República para 80, profissionalizando-os como nos países a sério. Reforma das mordomias na Assembleia da República, como almoços opíparos, com digestivos e outras libações, tudo à custa do pagode.
3. Acabar com centenas de Institutos Públicos e Fundações Públicas que não servem para nada e, têm funcionários e administradores com 2º e 3º emprego.
4. Acabar com as empresas Municipais, com Administradores a auferir milhares de euros ao mês e que não servem para nada, antes, acumulam funções nos municípios, para aumentarem o bolo salarial respetivo.
5. Por exemplo as empresas de estacionamento não são verificadas, porquê? E os aparelhos não são verificados porquê? É como um táxi, se uns têm de cumprir porque não cumprem os outros? e se não são verificados como podem ser auditados?
6. Redução drástica das Câmaras Municipais e Assembleias Municipais, numa reconversão mais feroz que a da Reforma do Mouzinho da Silveira, em 1821.
7. Redução drástica das Juntas de Freguesia. Acabar com o pagamento de 200 euros por presença de cada pessoa nas reuniões das Câmaras e 75 euros nas Juntas de Freguesia.
8. Acabar com o Financiamento aos partidos, que devem viver da quotização dos seus associados e da imaginação que aos outros exigem, para conseguirem verbas para as suas atividades.
9. Acabar com a distribuição de carros a Presidentes, Assessores, etc., das Câmaras, Juntas, etc., que se deslocam em digressões particulares pelo País.
10. Acabar com os motoristas particulares 20 h/dia, com o agravamento das horas extraordinárias...para servir suas excelências, filhos e famílias e até, os filhos das amantes...
11. Acabar com a renovação sistemática de frotas de carros do Estado e entes públicos menores, mas maiores nos dispêndios públicos.
12. Colocar chapas de identificação em todos os carros do Estado. Não permitir de modo algum que carros oficiais façam serviço particular tal como levar e trazer familiares e filhos, às escolas, ir ao mercado a compras, etc.
13. Acabar com o vaivém semanal dos deputados dos Açores e Madeira e respetivas estadias em Lisboa em hotéis de cinco estrelas pagos pelos contribuintes que vivem em tugúrios inabitáveis.
14. Controlar o pessoal da Função Pública (todos os funcionários pagos por nós) que nunca está no local de trabalho. Então em Lisboa é o regabofe total. HÁ QUADROS (diretores gerais e outros) que, em vez de estarem no serviço público, passam o tempo nos seus escritórios de advogados a cuidar dos seus interesses, que não nos dá coisa pública.
15. Acabar com as administrações numerosíssimas de hospitais públicos que servem para garantir tachos aos apaniguados do poder - há hospitais de província com mais administradores que pessoal administrativo. Só o de PENAFIEL tem sete administradores principescamente pagos...pertencentes às oligarquias locais do Partido no poder.



16. Acabar com os milhares de pareceres jurídicos, caríssimos, pagos sempre aos mesmos escritórios que têm canais de comunicação fáceis com o Governo, no âmbito de um tráfico de influências que há que criminalizar, autuar, julgar e condenar.
17. Acabar com as várias reformas por pessoa, de entre o pessoal do Estado e entidades privadas, que passaram fugazmente pelo Estado.
18. Pedir o pagamento dos milhões dos empréstimos dos contribuintes ao BPN e BPP.
19. Perseguir os milhões desviados por Rendeiros, Loureiros e Quejandos, onde quer que estejam e por aí fora.
20. Acabar com os salários milionários da RTP e os milhões que a mesma recebe todos os anos.
21. Acabar com os lugares de amigos e de partidos na RTP que custam milhões ao erário público.
22. Acabar com os ordenados de milionários da TAP, com milhares de funcionários e empresas fantasmas que cobram milhares e que pertencem a quadros do Partido Único (PS + PSD).
23. Assim e desta forma, Sr. Ministro das Finanças, recuperaremos depressa a nossa posição e sobretudo, a credibilidade tão abalada pela corrupção que grassa e pelo desvario dos dinheiros do Estado.
24. Acabar com o regabofe da pantomina das PPP (Parcerias Público Privado), que mais não são do que formas habilidosas de uns poucos patifes se locupletarem com fortunas à custa dos papalvos dos contribuintes, fugindo ao controle seja de que organismo independente for e fazendo a "obra" pelo preço que "entendem".
25. Criminalizar, imediatamente, o enriquecimento ilícito, perseguindo, confiscando e punindo os biltres que fizeram fortunas e adquiriram patrimónios de forma indevida e à custa do País, manipulando e aumentando preços de empreitadas públicas, desviando dinheiros segundo esquemas pretensamente "legais", sem controlo, e vivendo à tripa forra à custa dos dinheiros que deveriam servir para o progresso do país e para a assistência aos que efetivamente dela precisam.
26. Controlar rigorosamente toda a atividade bancária para que, daqui a mais uns anitos, não tenhamos que estar, novamente, a pagar "outra crise".
27. Não deixar um único malfeitor de colarinho branco impune, fazendo com que paguem efetivamente pelos seus crimes, adaptando o nosso sistema de justiça a padrões civilizados, onde as escutas VALEM e os crimes não prescrevem com leis à pressa, feitas à medida.
28. Impedir os que foram ministros de virem a ser gestores de empresas que tenham beneficiado de fundos públicos ou de adjudicações decididas pelos ditos.
29. Fazer um levantamento geral e minucioso de todos os que ocuparam cargos políticos, central e local, de forma a saber qual o seu património antes e depois.
30. Pôr os Bancos a pagar impostos.
- Ao "povo", pede-se o reencaminhamento deste e-mail.»
- POR TODOS NÓS E PELOS NOSSOS FILHOS.

Dito isto nada mais a acrescentar.

**CRÓNICA 110. SANTA MARIA ILHA-MÃE - AICL REPUDIA EXCLUSÃO DA AGLP OUTº 2011**  
**110.1. INTRO**

A chegada à Ilha-Mãe para o 16º Colóquio da Lusofonia estava pejada de incertezas, indecisões, dúvidas meteorológicas e outras, mas com uma esperança enorme de que se conseguisse mais um sucesso, e por tal motivo o discurso de abertura dos Colóquios assim o manifestava:

Agradecimentos são devidos ao nosso anfitrião, o Município de Vila do Porto representado pelo Presidente Carlos Rodrigues e pelo seu Vice-Presidente Roberto Furtado, incansável nos meses de negociações e de preparação deste evento incluído no roteiro de turismo cultural da ilha, agradecemos ao Dr Jorge Paulus Bruno, Diretor Regional da Cultura pelo seu apoio aos Colóquios e por aqui se deslocar em representação do presidente do Governo regional, à Professora Dra. Graça Castanho, Diretora Regional Das Comunidades, pelo apoio nestes últimos quatro anos, e agradeço ainda aos 3 representantes das Academias de Língua Portuguesa, Professor Doutor Malaca Casteleiro (Academia de Ciências de Lisboa), Professor Doutor Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e Mestre Concha Rousia (Academia Galega de Língua Portuguesa) Patronos destes eventos.

Quero ainda deixar aqui uma palavra especial de muito apreço pelos esforços desenvolvidos pelos nossos delegado na ilha, Dr. João Santos Diretor do Museu, Daniel Gonçalves da Escola Secundária e Ana Loura que estabeleceram localmente os contactos indispensáveis a um evento desta envergadura, ao senhor Aldeberto Chaves presidente da Junta de Freguesia de Santo Espírito por nos honrar com o convite para umas "Sopas de Império" e foliões num encontro entre os Colóquios e o que há de mais genuíno no povo mariense...e um especial BEM-HAJA ao artista plástico José Nuno da Câmara Pereira nosso guia artístico durante a semana.

A todos os colegas e aos sócios da AICL que nos honram com a sua presença, o nosso muito obrigado. Minhas senhoras e meus senhores.

Como é hábito em todos os Colóquios farei uma rápida abordagem histórica para aqueles que aqui chegam pela primeira vez.

A mais antiga referência ao arquipélago é feita no Atlas de Médici de 1351<sup>85</sup>.

A sua descoberta pode ter ocorrido com uma expedição luso-genovesa em viagem de retorno às Canárias. Santa Maria fora designada Ilha dos Lobos-marinhos no Mapa de Pizzigani de 1367 e Gonçalo Velho pode ter sido o descobridor, mas Damião de Peres assinala que Diogo de Silves terá aportado aqui no regresso da Madeira, em 1427.

Daniel de Sá aventa também a hipótese de o nome ser o de Diego Gullén e não de Silves....

Houve sempre em relação a este ponto e a outros, como a data da descoberta dos Açores, um nevoeiro histórico que assombra tais eventos: muitas são as dúvidas e poucas as certezas.

Gaspar Frutuoso, no século XVI, indica que Gonçalo Velho Cabral, a mando do Infante D. Henrique, chegou a Santa Maria em 1432 e a S. Miguel em 1444. A carta do catalão Gabriel de Valsequa de 1439 apresenta dados mais precisos e na legenda lê-se que teriam sido descobertos por um Diego.

De acordo com uma teoria, relativamente recente, de Damião Peres, este seria Diogo de Silves, marinheiro do Infante D. Henrique, no ano de 1427, mas há quem dispute esta versão.

No mais antigo documento régio referente aos Açores, de 2 de julho de 1439, é dada permissão ao Infante D. Henrique para mandar povoar e lançar ovelhas nas sete ilhas dos Açores pressupondo que, apesar de as viagens entre o continente e as ilhas terem ocorrido desde 1427 com Gonçalo Velho, o povoamento só se terá iniciado em 1439 na Praia dos Lobos, ao longo da Ribeira do Capitão, segundo Gaspar Frutuoso, mas foi João Soares de Albergaria, sobrinho do primeiro Capitão donatário e seu herdeiro, quem trouxe famílias do continente.

Os portulanos genoveses conhecidos até essa data, não fornecem qualquer indicação sobre ilhas no Mar Oceano. A partir dela, entretanto, registam-se:

1325 - Portulano de Angellinus de Dalort, assinala uma ilha, a oeste da Irlanda, denominada como "Bracile";

1339 - Portulano de Angelino Dulcert assinala não apenas a Ilha "Bracile", como outras, nas alturas dos acuais arquipélagos das Canárias (descoberto anteriormente a agosto de 1336 pelos portugueses e nomeando a Canária, Lançarote, Forteventura e outras) e da Madeira, e ainda a "Capraria", que alguns autores associam ao conjunto das atuais ilhas de Santa Maria e S. Miguel.

Esses indícios por si só, entretanto, não constituem elementos seguros para se afirmar se testemunham a visita (deliberada ou incidental) de navegantes a serviço de Portugal, ou se se trata tão-somente de ilhas fantásticas (vejam-se as lendas da Atlântida, das Sete Cidades, da Ilha de S. Brandão, das ilhas Afortunadas, da Ilha do Brasil, da Antília, das Ilhas Azuis, da Terra dos Bacalhaus).

1340-1345: Outros autores pretendem que o conhecimento das ilhas dos Açores teve lugar quando do regresso das expedições às Canárias realizadas cerca de 1340-1345, sob o reinado de D. Afonso IV (1325-1357).~

O primeiro foral açoriano foi concedido a Vila do Porto em 1470, a mais antiga Vila que mantém hoje a sua estrutura original e com vestígios da época como a casa do Capitão-Donatário ou mais baixo outra com janelas do séc. XV.

A prosperidade assentou, no pastel e urzela até ao séc. XVII, exportados para as tinturarias da Flandres bem como no trigo que abastecia as praças-fortes portuguesas do norte de África.

Em 1493, aqui aportou Cristóvão Colombo, no regresso da sua primeira viagem à América. Sendo confundido com um mero pirata, dizem as crónicas que preso se quedou às ordens do Governador, até se esclarecer a sua presença.

A internet da época não permitia a informação em tempo real sobre quem era e o que fazia o Colombo ou Cristóvam Cólón.

Os verdadeiros piratas vieram nos sécs. XVI e XVII.

Tratava-se de corsários ingleses, franceses, holandeses, turcos, marroquinos e argelinos, que faziam as suas razias, incendiavam, violavam, pilhavam, levando mulheres e homens como escravos e reféns. Moedas de troca vulgares nesses dias.

Digna de menção é a presença, mais tarde, de um contingente de tropas liberais [vindos da Achadinha e da batalha da Ladeira da Velha (S. Miguel)] rumo ao desembarque do Mindelo, na Arnosa de Pampelido, atual Praia da Memória, Matosinhos, em 8 de julho de 1832, durante as Guerras Liberais ou Guerra Civil Portuguesa (1828-34).

Nesses 7500 homens transportados em 60 navios, estavam Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Joaquim António Aguiar.

O séc. XX trouxe a Santa Maria, em 1944, o progresso de uma forma súbita e inesperada, com a construção do aeroporto por tropas norte-americanas.

O aeroporto não teve importância estratégica para a guerra ou durante ela, tanto mais que não existia ainda.

85 (in História da Expansão Portuguesa, vol. 5, p. 336).

Ele serviu apenas para reabastecimento das tropas de regresso dos campos de batalha na Europa, mas seria escala obrigatória nas travessias atlânticas até finais de 1960 e das suas três pistas, uma é a mais extensa do arquipélago, com 3.048 metros.

Foi destino do voo inaugural da SATA <sup>86</sup> e da aeronave “Açor” que cairia ao mar a 5 agosto 1947, após descolar de S. Miguel, morrendo seis pessoas.

A TAP passou a escalar a partir de 1962, seguindo-se voos para Nova Iorque (1969) e Montreal (1971), bem como a presença habitual do supersónico Concorde, ligando a Europa e a América. Embora a introdução de novos aviões com maior autonomia reduzisse o tráfego, é um dos aeroportos mais bem equipados dos Açores.

O FIR (controlo de tráfego aéreo da Região de Informação Aérea Oceânica) também se situa aqui e serviu para seguir o lançamento do “Automated Transfer Vehicle (ATV)” europeu para a Estação Espacial Internacional (ISS) para ajudar o reabastecimento dos astronautas em órbita.

Hoje a fértil ilha de 97,42 km<sup>2</sup> (17 km por 9,5 largura) tem apenas 5547 almas, menos mil do que há dez anos. É a única com terra de origem sedimentar e fósseis marinhos.

As singulares e elegantes chaminés brancas que pontilham a ilha podem evocar as congéneres algarvias mas não terão a ver com Portugal como exprime o autor aqui homenageado, Daniel de Sá: “Pensa-se que foram brasileiros de torna-viagem que se inspiraram nas chaminés dos transatlânticos que os traziam à ilha.

Por isso lhes chamam chaminés de vapor. Em Santana, no meu tempo, haveria só três ou quatro. O que quer dizer que todas as outras casas seriam provavelmente do século XIX.”

Na gastronomia local saliento as sopas de Império confecionadas em grandes panelas de ferro e acompanhadas por pão para além do caldo de nabos, o bolo na panela, a caçoila, o molho de fígado, a sopa e caldeirada de peixe.

Nos mariscos há o cavaco, lagosta, lapa e cracas.

Na doçaria há biscoitos encanelados, biscoitos de orelha, biscoitos brancos, biscoitos de aguardente e as típicas cavacas.

Dos socalcos de S. Lourenço vem o vinho de cheiro, o abafado, o abafadinho, o licor e a aguardente, todos produzidos de forma artesanal.

Apesar da sua reputação de repouso e sossego existem na ilha praias de areia branca e águas cristalinas para surf, windsurf, vela, mergulho, pesca desportiva.

O traçado original da Vila chegou quase intacto até ao séc. XX sendo exemplar único de Vila medieval (1450) fora da Europa sem a habitual muralha.

O antigo aglomerado urbano, datando do início do povoamento insular coexiste com algo que me impressionou pela sua imponência histórica, a zona da velha base norte-americana na zona aeroportuária.

O bairro do Aeroporto deveria ser preservado como autêntico Museu vivo da história recente europeia.

Trata-se de um exemplar da construção militar norte-americana da 2ª Guerra.

O seu valor, além do turístico totalmente inexplorado, poderia ser aproveitado como cenário de filmes de época, dado que muitas das instalações e a Igreja conservam as características originais de há mais de 60 anos.

A qualquer momento vindos do porto pela Estrada da Birmânia, ao chegar junto ao “açucareiro” esperamos que salte ao caminho um “GI” Joe, fardado a rigor, para nos parar e pedir os documentos de circulação na base...existe aqui potencial de recriação histórica e turística que urge não desperdiçar apesar dos tempos de crise.

Este bairro moderno assumiu, na época, um carácter arquitetónico inovador, em sintonia com o urbanismo americano: ruas largas e curvilíneas; edifícios simples, prefabricados com estrutura metálica trazida dos Estados Unidos e vastos espaços arborizados.

A base americana revolucionou o quotidiano mariense com equipamentos como o abandonado “Atlântida Cine” inaugurado em 1946; o clube “Asas do Atlântico” em 1950; e ainda a Igreja, ginásio e residências, isoladas em blocos coletivos.

As áreas mais residenciais, a nascente, estão agrupadas em largos quarteirões abertos, muito arborizados e com as edificações afastadas entre si. As imagens das casas prefabricadas contrastam com a flora de antenas parabólicas de TV.

Em Santa Maria há tanta riqueza que podia e devia ser acarinhada e preservada, mas não foi devidamente tratada, esperemos que algo possa ser feito pois ela faz parte da história viva da ilha e do arquipélago.

Chegamos à Ilha-Mãe depois do luxo oriental de Macau onde estivemos em abril passado no 15º Colóquio mas estamos convictos de que também Santa Maria irá marcar indelevelmente os que aqui estão connosco pela sua beleza, sortilégio, hospitalidade e simplicidade.

O Município de Vila do Porto teve a inovadora ideia de colocar este Colóquio no Roteiro Cultural do Turismo da ilha.

As nossas sessões refletem já essa mudança de paradigma, havendo mais tempo para visitar e aprender os locais que fazem a História da ilha, e para tal contamos com Daniel Gonçalves, Daniel de Sá, João Santos e Joana Pombo para nos guiarem nesse roteiro.

Visitei pela primeira vez o Museu de Santa Maria em Santo Espírito, em 2006, e em longa conversa com o Diretor, Dr. João Manuel Trindade Reis dos Santos, fui convidado a trazer os Colóquios para a ilha.

Cinco anos mais tarde aqui estamos a concretizar esse sonho antigo com o alto patrocínio do município e apoio da Direção regional da cultura.

Ao longo desta vida, aprendi novas linguagens e culturas enriquecendo a bagagem que comigo transporto às costas, caixeiro-viajante de sonhos que insisto em tornar realidade. Assim se explica que este 16º Colóquio da Lusofonia tenha chegado não numa caravela quinhentista, mas nas asas do sonho a que chamamos Lusofonia.

Os únicos corsários que encontramos por esses mares foram aqueles que ainda não reconheceram o valor dos Colóquios, da necessidade da defesa intransigente da língua e da cultura de todos nós.

Mas a nossa artilharia de mais de 200 milhões de lusofalantes, a Gramática de Evanildo Bechara, os Dicionários de Malaca Casteleiro e a obras da novel Academia Galega da Língua Portuguesa foram suficientes para evitarmos a abordagem.

Os monstros adamastores, para os quais nos haviam alertado, soçobraram com as primazias do novo Acordo Ortográfico de 1990 e foram juntar-se em triste carpideira aos Velhos do Restelo.

Que da ocidental praia Lusitana, por mares nunca de antes navegados, passamos ainda além da Taprobana, em perigos e guerras esforçados, mais do que prometia a força humana, e entre gente remota edificamos o Novo Reino da Lusofonia, que tanto sublimámos.

A nossa Lusofonia será sempre um diálogo na secular língua. Inclui os países de língua oficial, as Regiões em que é utilizada como língua materna ou de património e inclui todos os que a trabalham como sua. Esta Lusofonia pluricontinental teve as suas raízes no séc. XVI, quando era “língua franca” e meio universal de comunicação entre os povos.

O poeta devaneia, deus concilia e o homem cumpre, esta a definição da génese do 16º Colóquio da Lusofonia.

Bem-haja o Município de Vila do Porto por reconhecer a capacidade de realização dos Colóquios que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando.

Isto de Lusofonias e Lusotopias tem muito que se lhe diga. Falta muitas vezes a visão, o amor e a dedicação que só alguns conseguem ter pela língua e cultura.

Frequentemente, os Governos e os governantes estão de candeias às avessas para a defesa desses valores tal como a Ilha de S. Miguel está de costas voltadas para o mar.

Mas aqui, a Ilha-Mãe abre-se ao mar. As inquietas ondas apartando, os ventos brandamente respiravam, das naus as velas côncavas inchando; da branca escuma os mares se mostravam e a bandeira da nossa Lusofonia se enfunando.

Em 2001, os Colóquios dispuseram-se a criar uma Cidadania da Língua idealizada por José Augusto Seabra, nosso primeiro patrono, e arribaram aos Açores em 2006 para debater a sua escrita, lendas e tradições. Como escritores convidados tivemos Dias de Melo 2008<sup>87</sup>, Cristóvão de Aguiar 2009, Vasco Pereira da Costa 2010, Eduardo Bettencourt Pinto 2011 e agora Daniel de Sá.

Em 2010, sulcamos o Grande Mar Oceano para ir a Florianópolis no Brasil e em 2011, rumámos a Macau onde se fala mais Português do que quando lá vivi há trinta anos. Ao contrário de Vasco da Gama, as nossas naus não buscam as Índias, antes se deslumbram espalhando as palavras dos mestres Malaca e Bechara que nós acompanham desde 2007.

Na nossa porfia por repor os escritores portugueses, de matriz açoriana, no panteão que merecem, as colegas Helena Chrystello e Rosário Girão elaboraram a primeira Antologia de Escritores Açorianos Contemporâneos cuja edição bilingue será de seguida aqui apresentada.

Orientaremos as edições futuras dos Colóquios, para que tais autores sejam traduzidos em Francês, Italiano, Polaco, Romeno, Russo, Búlgaro, Esloveno e posteriormente editados naquelas línguas com apoio do Instituto Camões.

Já são estudados em universidades brasileiras, romenas e polacas, e chegaram a novos destinatários no curso de Açorianidades e Insularidades da Universidade do Minho, da colega Rosário Girão, que queremos ministrar futuramente em plataforma e-learning.

Há menos de dois anos lançámos em linha os Cadernos de Estudos Açorianos, cuja 12ª edição hoje publicada é dedicada a Eduíno de Jesus.

Os Cadernos servem para dar a conhecer excertos de obras dos escritores destas ilhas onde há mais vacas que gente.

O clima, a vegetação, os vulcões e terramotos criaram um número desmedido de escritores.

Nos últimos anos, assinámos parcerias com Universidades, Politécnicos e Academias para, com a sua validação científica, completar projetos e em janeiro último passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos.

Os nossos oradores permutam ideias, metodologias, vivências, dentro e fora das sessões, repartem passeios e refeições e despedem-se, no último dia, como se de amigos se tratasse. Somos capazes de atingir o que a burocracia não pode ou não quer irmanados no ideal de “sociedade civil” capaz e atuante. É o que nos torna distintos doutros congressos.

Teremos além das palestras mais científicas, sessões de música, teatro e poesia.

Os temas escolhidos retratam os Colóquios, como construtores de pontes entre Lusofonias, do Brasil ao Canadá, Australásia, Açores, África, Europa e China.

Todos aqui presentes nos próximos dias ajudarão a prestar a justa homenagem a Daniel Augusto Raposo de SÁ, o nosso escritor convidado e o escritor micalense mais mariense.

Parafraseando mais uma vez o grande vate Luís Vaz de Camões termino dizendo

Tão brandamente os ventos os levavam,

Como quem o céu tinha por amigo:

86 [Sociedade Açoriana de Transportes Aéreos]

87 Falecido pouco depois em setembro desse ano



Sereno o ar, e os tempos se mostravam  
Sem nuvens, sem receio de perigo."  
E como todos sabemos: os poetas têm sempre razão!  
É esse amor e o espírito de poeta que me trouxe a mim, e aos nossos convidados até esta Ilha-Mãe.  
Bem-haja o Município de Vila do Porto por ter apoiado este sonho.

110.2. RESUMO

As ameaças de chuva eram enormes, em todos os boletins meteorológicos em várias línguas, bem como a incerteza sobre a presença do autor homenageado a cujo título se fora buscar o mote deste Colóquio.

Connosco, num avião quase vazio, viajava o autor Caetano Valadão Serpa dos EUA que vinha assistir ao lançamento da Antologia bilingue de autores açorianos contemporâneos que a Helena Chrystello e a Rosário Girão organizaram em versão mais curta do que a monolingue, na qual trabalharam nos últimos dois anos.

Viajava também o Diretor da cultura que pessoalmente só conheceríamos no dia seguinte.

No aeroporto, à chegada, estava a Ana Loura que seria uma das fotógrafas de serviço aos Colóquios sempre pronta a disparar e que conheceríamos pessoalmente depois de anos de contactos virtuais. Como diria o António Pacheco da RTP, no final dos Colóquios estes viriam deixar marcas na ilha que dificilmente se esqueceriam e também isso aconteceria com a Ana Loura e os nossos congressistas.

Ao jantar éramos cerca de uma trintena de pessoas cujos laços de amizade se solidificam de ano para ano como se uma família unida se tratasse agora que a família nuclear se encontra desagregada e em vias de extinção.

Reencontro agradável com outros autores homenageados como Vasco Pereira da Costa e Eduardo Bettencourt Pinto, o regresso da amiga Zélia Borges e Cícero depois de longa ausência por motivos de saúde, algumas caras novas.

Após o jantar visitaram-se as instalações da nova biblioteca municipal onde iriam decorrer os trabalhos.

Seria fastidioso narrar o que se passou nos dias seguintes por entre emoções fortes (o Daniel de Sá chegaria na noite de dia 1 e regressaria dia 3), e momentos de beleza indescritível acompanhados pelo José Nuno da Câmara Pereira, artista plástico local (irmão da poeta Madalena Férin) que nos acompanharia ao longo da semana e deixaria recordações marcantes em todos os presentes.

Na primeira manhã de trabalhos tivemos 3 turmas da Escola Secundária local acompanhadas de vários professores, com jovens atentos, silenciosos e inquisidores no final da sessão com os mestres do Acordo Ortográfico e com os escritores presentes.

Depois do almoço as sessões formais com o presidente do município, diretor da cultura e a apresentação da Antologia nascida no seio destes Colóquios, com a presença da diretora regional das comunidades que a viabilizou. Resta esperar que seja adotada além-mar...

Houve tempo para um curto documentário sobre a ilha, e depois a chuva miudinha veio impedir a sessão de poesia com vista para o mar ao ar livre.

Acabar-se-ia o dia com um passeio pelo porto, narrando aspetos geológicos da ilha com a Joana Pombo e comigo a dar uma breve explicação do porto de mar, da Estrada da Birmânia, do bairro do aeroporto e outras coisas fundamentais para explicar esta Vila que se por um lado parece ter parado há séculos, por outro consegue ter também a sua peculiar magia intimista que atrai as pessoas e as enleia com paisagens surpreendentes. Nessa noite começariam as celebrações de aniversários que se haviam de repetir quase todas as noites no átrio do Hotel Santa Maria.

Depois, nos dias seguintes além das sessões teóricas seguiram-se passeios de descoberta das facetas distintas da ilha, desde a visita aos Picos e aos Anjos, até à descoberta maravilhosa do Barreiro da Faneca que tanta gente emocionou e marcou os presentes habituados a marcas telúricas em São Miguel e descobrindo aqui a idade destas duas metades da ilha uma com 5 milhões de anos e a outra entre 8 a 10 milhões...

Houve tempo suficiente para percorrermos outros recantos como o Poço da pedreira em que a natureza reconquista lentamente o local donde se retirava pedra ara a construção das casas da ilha, antes de as pessoas ficarem enlevadas pela beleza da baía na cratera vulcânica de São Lourenço, o imponente farol da Maia e a Maia de encantos mil até ao lugar de Aveiro na foz da Ribeira Grande onde os vinhedos ainda permitiram que se provassem algumas uvas que sobram da recente colheita.

Santo Espírito acabou por ser a sede dos Colóquios em dois almoços consecutivos permitindo um contacto bem direto com as populações locais, trabalhadoras, humildes, sinceras e hospitaleiras, mas bem orgulhosas do seu património imaterial como nos foi dado a ver nas Sopas de Império e nos foliões.

Há muito que os nossos conferencistas haviam esquecido os luxos orientais de Macau e se mostravam rendidos a esta ilha que primeiro se mostra agreste, árida e plana e depois se desdobra em mil e um cantos de encantos mil.

Há emoções que não se descrevem e isso pode ver-se nos rostos, na alegria, nos sorrisos dos participantes neste Colóquio ao longo de uma semana que acabou depressa demais, pois se há momentos e épocas que se devem guardar esta era uma delas.

Normalmente não sou parco com palavras mas já disse tudo o que sentia sobre Santa Maria, Ilha-Mãe nos poemas que sobre ela escrevi e quis dar a conhecer a todos antes de conhecerem a ilha e a sua história pelo que se me torna difícil falar aqui do calor humano e da emoção da Joana Pombo Tavares tão orgulhosa da herança do seu avô Dalberto, da alegria que o João Santos sentiu por ter tão ilustres visitantes no seu calmo Museu etnográfico de Santa Maria onde pudemos apreciar uma exposição de gravuras de Siza Vieira, o mais celebrado arquiteto português.

Como explicar a emoção dos jovens que nos ouviram logo na sessão inaugural e dos outros que foram tocar para nós música contemporânea, arranjos de canções de intervenção dos anos 70 e música local transitando do cancionero para o rock?

Como não dizer que havia pessoas com lágrimas nos olhos extasiadas com a magia do piano da Ana Paula Andrade, a elevada voz soprano da diminutiva Raquel Machado e com a maestria do jovem Henrique Constância de apenas 14 anos dominando o violoncelo como só os mestres sabem?

E como ele brilhou nos improvisos no Hotel, na sessão de aniversário do dia 2...acompanhando poesia e fazendo solos para dançar...

A homenagem a Daniel de Sá nesse dia teve momentos de encontros antigos em percursos de mais de sessenta anos, trazendo mais gente aos Colóquios e ligando os mais às gentes da terra que este povo há muito merecia um Colóquio da Lusofonia (e mais se seguirão se a tanto ajudar o engenho e arte).

Daniel comoveu-se e comoveu outras pessoas como foi o caso da coautora da Antologia ao ofertar-lhe um livro raro de tamanho monstruoso reproduzindo textos seculares.

Foi também o caso do seu antigo professor e sua família.

E houve momentos de sã loucura contagiante pela artista Margarida Madruga e pela florentina Gabriela Silva que sonhava, todos os dias em voz alta, que iria levar os Colóquios a uma das mais pequenas e esquecidas ilhas do arquipélago.

Depois também a elétrica Dina Ferreira sonhava em publicar estes autores no Brasil e a estreante Zilda Zapparoli (com um l apenas! desta vez acertei) que há anos fora convidada pela Zélia e Cícero para vir aos Colóquios lamentava não ter vindo aos anteriores...o Luciano Pereira prestes a ser bi-pai (ele que faz parte de um dos dois casais da Lusofonia, e já com um filho carinhosamente chamado "Santiago Lusofonia" andava extático por entre poesias várias enquanto se interrogava sobre a coincidência do seu novo filho se vir a chamar Gonçalo...uma repetição de percursos dos Colóquios e das suas ilhas).

Todos achavam o Vasco (Pereira da Costa) mais suave do que em aparições anteriores em que amedrontava as pessoas que não conheciam os seus histrionismos próprios de artista da palavra e o Eduardo encantava todos os que dele se abeiravam com a sua suavidade africana, açoriana e canadiana, a paz em versão zen da poesia entrecortada pelas milhentas fotografias que nunca deixava de captar uma imagem mesmo que mais ninguém a visse.

E as "mininhas" da Guarda que são quatro, mas se deslocam normalmente em grupos variáveis de 3 desta vez trouxeram um menino de nome Formoso que rapidamente se integrou no ambiente dos Colóquios.

Malaca e Béchara acompanhados das suas mulheres foram deliciosos na sua gentileza, amizade, humor e acessibilidade apadrinhando a entrada de novo patrono dos Colóquios, a Concha em representação da Academia Galega.

Depois houve o infindável trabalho de bastidores, entrevistas, gestão de egos e distribuição equitativa de atenção a todos os participantes com o jovem técnico informático (João Chrystello) a fazer alguns dos seus conhecidos milagres tecnológicos encantando os presentes e comportando-se com gostaríamos ao longo do ano...

Dentre os jovens a simpatia da Catarina Madruga e a Fátima, sua médica mãe foram duas novas aquisições de muito valor que marcaram pela sua aparente invisibilidade, mas estavam sempre presentes em todos os momentos deixado amizades espalhadas pelo mundo ali representado.

Neste Colóquio houve os momentos sérios, os comoventes, os científicos, os alegres, os despreocupados e muito convívio como não acontecera antes, pois teve-se o cuidado de deixar tempo entre sessões e refeições para as pessoas conversarem e fazerem projetos futuros.

A Ana Loura trabalhava quase 48 horas em cada 24 para poder acompanhar-nos o mais que podia e nunca se cansou de nos fotografar, acompanhada do João Santos e da Joana Pombo que à noite não resistia ao nosso convívio.

O Daniel Gonçalves que adoeceu e não fez a sessão de poesia acabaria por trazer os jovens ao nosso convívio e acompanhou-nos nalguns passeios e sessões graças ao apoio que a Escola Secundária acabaria por dar ao Colóquio e que permitiu a meia dúzia de professoras assistirem aos Colóquios em mais momentos do que se esperava.

Os trabalhos da Iliyana Chalakova, Elisa Branquinho, Anabela Sardo e Zaida Pinto emocionaram o nosso poeta Vasco numa curta homenagem à sua obra.

A Anabela Mimoso homenageou Rodrigo Leal de Carvalho e Eduardo Bettencourt, dois nomes de duas diásporas.

A Dina fez uma homenagem bem sentida ao nosso mestre Bechara, o Francisco Madruga alertou para a necessidade de repensar o futuro dos Colóquios face aos cortes nos apoios de deslocações dos nossos conferencistas portugueses e o Luciano levou-nos ao imaginário fabulário das Sete Cidades em São Miguel.

Raul Gaião o homem que percorre os açorianos pelo mundo homenageou Dom Arquimínio da Costa, um picaroto, Rolf Kemmler falou de um autodidata da Ribeira Grande que traduziu Beauzée, Rui Formoso expressou o domínio da escrita sobre o oral, a Zélia Borges conseguiu apresentar um interessante trabalho terminológico começando por falar no fim dos carros de bois.

Luís Gaivão contou a interessante história do avô de Mouzinho de Albuquerque e a sua ação nos Açores. Fernanda Santos falou da educação no tempo dos Jesuítas, a Concha contou e encantou a saga da língua portuguesa na Galiza enquanto o Vasco fez a génese de dois poemas seus alusivos a Santa Maria.

Mas se isto aconteceu nas sessões, fora delas aconteceu poesia e prosa jorrando em pequenos blocos de notas, novos projetos nasceram, outros solidificaram e ficou no ar a promessa de regressar para mais dois Colóquios sendo o próximo já em 2013 pois em 2012 iremos à Lagoa e à Galiza...por mim, eu teria já ficado na ilha a preparar o próximo Colóquio e como aqueles que nos acompanharam (na última manhã após o fim dos trabalhos) em busca de fósseis na zona dos Cabrestantes creio ser justo dizer que a hospitalidade da ilha nos cativou ao ponto de querermos todos ficar e partilhar esta paz e humildade.

Nem o louco tresloucado, acusado de violência doméstica, que começou a disparar contra os polícias ao embarcarmos e depois se suicidou, conseguiriam abalar esta nossa boa impressão da ilha.

Sim foi uma cena caricata mais própria de filmes, mas os tiros andaram perto das nossas cabeças no bar do aeroporto).

Mas exigimos ter connosco a calma Zen do Eduardo para nos guiar e a Zaida a fazer tai chi.

110.3. AICL REPUDIA EXCLUSÃO DA AGLP NA CPLP

Convém acrescentar aqui a conclusão mais polémica deste Colóquio

#4. Foi emitido um comunicado sobre a vergonhosa exclusão da AGLP após a CPLP ter aprovado em comunicado a sua inclusão com o estatuto de observadora. (anexo).

BREVE HISTORIAL

Extrato das Conclusões - XIII Colóquio Anual da Lusofonia "Açorianópolis" em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil 26 março a 11 de abril 2010

Os Colóquios da Lusofonia lançaram o repto à Academia Brasileira de Letras, à Academia das Ciências de Lisboa e a todas as entidades que apoiem a imediata inclusão da AGLP - ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA - com o estatuto de observador na CPLP, e comprometeram-se a envidar todos os esforços para a consecução de tal desiderato. Concha Rousia comprometeu-se a enviar à CPLP os objetivos da Academia Galega para fundamentar o seu pedido de adesão com o apoio da sociedade civil aqui representada pelos Colóquios da Lusofonia, salientando que Goa e Galiza fazem falta à CPLP e que seria profícuo vir a criar um canal de televisão lusófono abrangendo todos os países, mas que seria necessária muita vontade política para tal se concretizar.

Este ponto foi reiterado nas conclusões do XIV Colóquio Anual da Lusofonia de Bragança em outubro 2010. Pareciam bem encaminhadas as negociações resultantes do repto que os Colóquios da Lusofonia lançaram à Academia Brasileira de Letras e a todas as outras entidades para apoiarem a imediata inclusão da ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA com o estatuto de observador na CPLP até dia 22 de julho quando a CPLP anunciou a admissão da AGLP sob proposta do país anfitrião (Angola).

A mesma admissão surpreendentemente foi retirada da página oficial da CPLP umas horas depois sem qualquer explicação, pelo que as celebrações de júbilo na Galiza e no resto do mundo duraram apenas oito horas.

Veio, posteriormente a saber-se que fora Portugal que sempre apoiara esta proposta da AGLP integrar a CPLP com o estatuto de observador fora vetada no último momento por Portugal.

A AICL em concertação com o MIL Movimento Internacional Lusófono de que faz parte tomou algumas medidas sendo a mais visível a da Petição ao Ministro dos Estrangeiros de Portugal Dr Paulo Portas:

\*\*\*

PETIÇÃO - CARTA ABERTA A PAULO PORTAS, MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS DE PORTUGAL (TEVE 1170 ASSINATURAS)

PREÂMBULO

Temos apreciado a importância que tem dado às relações com os restantes países lusófonos, numa aparente reorientação estratégica de Portugal que o MIL sempre defendeu, dado o seu Horizonte ser, precisamente, o reforço dos laços entre os países e regiões do espaço da lusofonia – no plano cultural, mas também social, económico e político. Esta carta prende-se, tão-só, com a posição de Portugal relativamente à Galiza, a nosso ver uma dessas regiões integrantes do espaço lusófono – daí a nossa reiterada defesa da sua especificidade linguística e cultural.

Com efeito, no Conselho de Ministros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, na sua XVI reunião, realizada em Luanda no passado dia 22 de julho, soubemos que Portugal foi o único país a não apoiar a concessão da categoria de Observador Consultivo à Fundação Academia Galega da Língua Portuguesa, entidade que, como sabe, tem já um histórico muito apreciável, tendo sido por isso reconhecida para nossa Academia das Ciências, sendo ainda membro do Conselho das Academias de Língua Portuguesa.

Petição:

Ainda mais recentemente, também soubemos que o novo Governo Português tem expressado as suas dúvidas sobre a presença de observadores da Galiza no Instituto Internacional de Língua Portuguesa, assim como pela inclusão do seu Léxico no Vocabulário Ortográfico Comum que está a ser preparado por essa instituição, quando é sabido que uma Delegação de Observadores da Galiza participou nesse processo desde o princípio. Face a isto, perguntamos apenas até que ponto houve uma inflexão da posição do Estado Português relativamente à Galiza, já que, desde que foi apresentada a candidatura da Fundação Academia Galega da Língua Portuguesa, Portugal sempre deu o seu apoio expresso a essa candidatura nos diversos órgãos da CPLP. Muito cordialmente, MIL: Movimento Internacional Lusófono [www.movimentolusofono.org](http://www.movimentolusofono.org)

\*\*\*

AICL (COLÓQUIOS DA LUSOFONIA) REPUDIA EXCLUSÃO DA AGLP

Na Ilha de Santa Maria, em Vila do Porto entre 30 de setembro e 5 de outubro, o XVI Colóquio da Lusofonia aprovou uma declaração de repúdio pela atitude de PORTUGAL olvidando séculos de história comum da língua, ao excluir a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades de fala lusófona.

A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo acordo ortográfico e o seu léxico está já integrado em vários dicionários e corretores ortográficos.

A sua exclusão à última hora do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

A AICL entende que não faz sentido aceitar como observadores países sem afinidades diretas ou indiretas à Lusofonia, a Portugal e sua língua e deixar de fora a região onde nasceu a língua portuguesa há mais de dez séculos.

É um crime de lesa língua de todos nós. A Língua que se fala na Galiza é uma variante do Português como a do Brasil, Angola, Moçambique e tantas outras, com a peculiaridade de ter sido o berço da mesma língua comum, e jamais houve exclusão por parte da CPLP das regiões lusofalantes do mundo.

Trata-se de uma medida obviamente ditada por preconceitos políticos e contra a qual a AICL se manifesta veementemente não só apoiando a subscrição da Petição como encorajando todos os seus associados e participantes nas suas iniciativas a protestarem publicamente contra esta injustiça feita à língua portuguesa e à AGLP. Iremos manifestar o nosso desacordo de todas as formas possíveis e ao nosso alcance até ver reposta a equidade da proposta de admissão da Galiza através da AGLP no seio da CPLP.

Ass. Chrys Chrystello, Presidente da Direção da AICL

VILA DO PORTO, 5 DE outubro 2011

Veja aqui na RTP: <http://videos.sapo.pt/wCWCmULlyg8fuAQJ6ilz>

Obrigado marienses por nos deixarem ficar uma semana inesquecível na vossa ilha que queremos adotar como nossa. No fim deste Colóquio sinto que valeu a pena o esforço e trabalho e recarreguei baterias para novas aventuras lusófonas. Deixo, a terminar, poemas sobre Santa Maria em tributo a esta Ilha-Mãe tão injustamente esquecida no arquipélago bem como outros dedicados ao Daniel, Vasco e Eduardo...

1004. VOLITANDO 4 MAIO 2011

vieram os deuses  
plantaram ilhas  
onde dantes havia água  
uma era Ilha-Mãe,  
havia a mãe-ilha,  
outra marilha,  
a ilha menina  
a ilha-filha  
nove irmãs  
filhas de poseidon e de afrodite  
nascidas da espuma do mar

nos montes verdes  
rugiam dragões  
cuspiam fogo  
tremiam os chãos  
secavam ribeiras  
vomitavam magma  
choviam trovões



de thor filho de odin  
esquecido das gentes e animais

pobres escravos e colonos  
amanhadores de rochas e fomes  
desbravadores de minguas  
crentes e temerosos  
orando promessas seculares  
criam no destino e sabiam-se culpados

ainda hoje penam  
com liberdades que não pagam dízimos  
votam com os pés da emigração  
a libertação de todas as cangas  
mas voltam sempre  
romeiros em promessas várias  
açorianos até ao tutano

sem alforrias nem autonomias  
perenes escravos destas ilhas  
escrevem a história que poucos leem

1007 TANTO MAR (AO VASCO) [PICO, 9 AGOSTO 2011]

tanto mar  
e não cabem nele  
os teus fogos ocultos

tanto mar  
e nele flutua  
a tua prosa

entre nuvens escrevo  
pairando sobre as ilhas  
te deram vida  
sustento  
inspiração

tanto mar  
tanta montanha  
vulcões por trepar  
marroços por construir  
baleias por capturar

no teu pequeno bote  
prenúncio de liberdades  
cravos e rosas  
espinhos  
espigas

da prainha do pico  
à heroica angra  
ao choupal das letras  
pescador de palavras  
lavrador de poemas

tanto mar  
e não cabem nele  
teus livros por acabar.

1008 MAIA [AO DANIEL DE SÁ] (PICO 9 AGOSTO 2011)

das penedias da tua maia  
avistas o mar  
teme-lo  
afugenta-lo  
com tuas palavras  
narras histórias antigas de encantar  
contas lendas de tempos que não vivi  
habito lendas que ainda não leste  
escrevo o que vivo é sinto  
da janela do meu castelo  
voltado ao grande oceano  
à ilha mágica da autonomia  
em nevoeiro de s. joão  
s. miguel vive em terra  
costas voltadas ao mar  
por vezes tenho de o largar

da minha lomba  
o mar não temo  
nem repelo  
nem suas águas em descabelo  
nem suas terras de tremores  
convulsões  
medos, pavores, temores

audacioso ou petulante  
abro-me ao seu encanto  
enleiam-me adamastores e sereias  
e me embalam

deixo-me seduzir  
sem atropelo  
vogo nas ondas  
as correntes me levam  
velas enfunadas  
ao sabor da maré

nem sei quantos

dias, meses ou anos  
andei marejando  
sem destino  
sem vocação

arribo noutra ilha  
mística  
mágica  
abrigo-me na sombra  
de seus cumes  
vulcões endormidos

no magnético pico  
crio este sortilégio  
sem bruxas  
nem feiticeiras  
curandeiras  
mezinheiras  
macumbeiras  
noutros tempos era astrologia  
contavas tu daniel  
seus segredos sem papel  
hoje é apenas  
e já  
poesia.  
saravá poeta amigo

1009 (MARIA NOBODY, À MARIA MÃE, PICO, 9 AGOSTO 2011)

maria nobody  
de todos ninguém  
  
de alguém  
de um só  
maria nobody  
com body de jovem  
  
maria só minha  
assim te sonho  
assim te habito  
  
maria nobody  
de todos ninguém  
  
maria nobody  
mãe  
amante  
mulher  
minha maria  
  
maria nobody  
de todos ninguém  
nem sabes a riqueza  
que a gente tem  
  
maria nobody  
de todos ninguém  
  
maria só minha  
dos filhos também  
maria nobody  
mais ninguém tem.

1015. A NAU SEM ESCORBUTO 24 AGOSTO 2011

arribou nesta praia  
a nau sem escorbuto  
sem mastro nem pendão  
sem carga nem marinhagem  
  
não trazia especiarias das índias  
nem arroz do sião  
nem compradores de meca a malaca  
nem lusitanos feitores  
  
nesta açoriana plaga  
longe do mar eritreu  
sem canal do suéz  
há mouros e maometanos  
de malabar e das arábias  
  
ocupam lugares de proa  
a barlavento das gentes  
não vieram de calecute nem cipango  
não cuidam da pimenta  
da noz, do cravo e canela  
não foram a banda, ceilão ou malucas  
terras de gentios já têm que sobrem  
  
e como dizia camões  
de longe a ilha viram, fresca e bela,  
que vénus pelas ondas lha levava  
(bem como o vento leva branca vela)  
para onde a forte armada se enxergava.  
  
chamam-lhe sua e de mais ninguém



como samorim a regem  
saudosos de marajás e palácios  
ofertam bugigangas aos nativos  
promessas vãs e eleitorais

e eu aqui sentado nesta ameia  
em castelo sem pendão  
da seiteira envio migalhas de letras  
a todos que não têm literário pão  
crónicas avulsas de vidas vividas  
pecados sem perdão

e o povo sem saber da fome  
do frio que aí vem  
das vacas que se foram  
do leite que não mungiram  
dos campos que não araram  
das colheitas que não comeram  
feliz vota nos que prometem  
a solução

lá fora há guerras sem pátrias  
mutilados e estropiados  
cá só temos sem-abrigo  
pakfanistas<sup>88</sup> e malfeitores  
assaltantes, meliantes  
económicos dissabores  
da troica que tudo leva  
e cobra dívidas que herdamos  
de tantos ditos senhores

não há santos que nos valham  
nem procissões e andores  
preces e velas acesas  
romeiros de todas as dores

somos um povo infeliz e abúlico  
sem sonhos nem destemores  
vergados ao duro peso  
de vis especuladores

da história magnânima nem sombras restam  
nem bardos nem cantores  
nem escribas dedicados  
o povo sofrendo medos  
erros grosseiros  
enganos ledos

sem naus nem caravelas  
sem especiarias nem língua franca  
sem religião nem outra paixão  
cantando fados a tétis  
sem espadas nem aduelas

o povo sofria compungido  
chorando lágrimas de crocodilo  
santa democracia e liberdade  
escravo de novo acorrentado  
à míngua de dízimos e outros enfados  
sem contar os créditos malparados  
comia demagogia e pagava iliteracia  
via futebol, telenovelas e lia jornais desportivos  
com as letras aprendidas nas novas oportunidades  
vendia os anéis e comia os dedos  
emigrava quando podia  
queixava-se da sorte caipora  
temia do Governo as novidades

a geração rasca passara a parva  
timidamente se manifestara quanto à crise  
a austeridade enriquecia bancos  
à custa do suor do povo já suado  
não descera às ruas este povo  
de brandos costumes se dizia  
nem eram plebe nem gleba  
antes novos-ricos da miséria

uma vez ancorada a nau do fmi  
em terra de infieis e gentios  
não daria berloques aos nativos  
apenas o chicote e a chibata  
as grilhetas de trabalho escravo

e um poeta solitário  
no alto do seu castelo  
gritava a bom gritar  
mas não o ouviam as massas  
sem perderem tempo para se educar  
e acreditavam nos seus donos  
com promessas a acenar

e o jardim à beira-mar plantado  
há muito estiolado morria devagar  
sem gente para o cuidar  
e dos vindouros muitos virão  
dizer que o poeta pressagiava  
o fim da bela nação

88 Pakfanistas, termo macaense designando os fumadores de pak fan, white powder, pó branco OU HEROÍNA.

1016. A ILHA-MÃE 29 AGOSTO 2011

a Ilha-Mãe ficou sentada à janela  
virgem e solteira  
esperando o príncipe encantado  
na nau do nunca mais

se penteou e vestiu  
abriu a ventana  
pôs a mão em pala  
e olhou o mar imenso  
213160 dias para ser exato

na praia do Capitão na baía dos anjos  
nenhum barco aportou  
até um célebre quinze de agosto,  
aniversário de Gonçalo Velho na Praia dos Lobos,  
em que os batéis vieram do mar  
trazendo mouros infiéis

os argelinos as mulheres arrebataram  
eram moeda de troca as cativas  
em mercado de escravos ou resgate

chorou lágrimas amargas  
e orou à senhora dos anjos  
acordou com centenas de marienses  
a salvo na furna de sant'ana  
escondidos dos saqueadores

viu um cortejo de piratas a cavalo e a pé,  
rufando tambores e tocando cornetas  
em debandada para o mar

voltou para a sua janela  
sonhou com príncipes enfeitiçados  
jovens cativados do seu olhar

ainda hoje se pode ver a sua sombra esguia  
em noites de maresia  
acenando um lenço branco  
a quem queira desembarcar

só sai à rua em dia de procissão  
vestida com véus e organzas  
finas cambraias sem outras iguais  
senhora dos anjos  
redentora da Ilha-Mãe

1017. A ILHA DE TODOS OS MEDOS (RIBEIRA QUENTE, POVOAÇÃO, 31 AGOSTO 2011)

uma ilha pode ser de todos  
independentemente de onde se habita

viver na ilha é quase um naufrágio  
respirar sob as águas turvas  
viajar através do corpo submerso  
vir à tona turbulenta

para partir da ilha sem sair dela  
levá-la para mundos outros  
recriar a origem em qualquer destino  
crenças, festas e procissões

uma ilha pode ser de todos  
mas só alguns a possuem  
menos a apresentam como passaporte

vergonha natural de regionalismos  
canga feudal de séculos  
atraso, incultura, insucesso

vencer na escrita fora da ilha  
sotaques polidos, discursos alheados  
Bl estrangeirado  
arrogância, ostracismo, sem açorianismo

uma ilha pode ser de todos  
merecem-na quem a habita  
os livros a quem os lê

deneguem anátemas de ilhanizados e açorianizados  
albardem-se oportunistas da literatura  
abrigados em rótulos autonomistas  
enjeitem escritores renegados  
tertúlias de Lisboa a Coimbra

promovam-se os que se não promovem  
os que sentem o que escrevem  
os que redigem esta alma única  
este sabor a mar e tremores de terra  
pedreiros do magma e lava

raiz original e comovida<sup>89</sup>  
com lágrimas de gente infeliz<sup>90</sup>

89 Cristóvão De Aguiar  
90 João De Melo



em relação de bordo<sup>91</sup>  
de histórias ao entardecer<sup>92</sup>  
na ilha de nunca mais<sup>93</sup>

louvem-se e publiquem-se noviedições  
de o lavrador de ilhas<sup>94</sup>  
marinheiro com residência<sup>95</sup>  
nas escadas do Império<sup>96</sup>

leia-se que fui ao mar buscar laranjas<sup>97</sup>  
ou fui ao pico e piquei-me<sup>98</sup>  
à boquinha da noite<sup>99</sup>

estude-se a cor cíclame e os desertos<sup>100</sup>  
na distância deste tempo<sup>101</sup>  
plantador de palavras vendedor de lérias<sup>102</sup>  
os silos do silêncio<sup>103</sup>  
em a ilha grande fechada<sup>104</sup>  
quando Deus Teve Medo De Ser Homem<sup>105</sup>  
e era o príncipe dos regressos<sup>106</sup>  
em a sombra de uma rosa<sup>107</sup>  
quando havia almas cativas<sup>108</sup>  
no contrabando original<sup>109</sup>  
estava o mar rubro<sup>110</sup>

era desta açorianidade  
desta literatura açoriana  
que vos queria falar  
medram poetas nestas ilhas  
contistas, ensaístas, romancistas  
narradores, dramaturgos e sonhadores

deixai-me hastear a bandeira deste povo  
e gritar o que lhe vai na alma

uma ilha pode ser de todos  
independentemente de onde se habita  
deixai que a chame minha

ninguém a quer  
ninguém a sonha  
como os que nela se querem  
nela nascidos,  
nela vividos,  
nela transplantados  
criando raízes que nenhum machado cortará  
dando frutos e flores que só o poeta cantará  
levando-a nos sonhos que só vate sonhará

uma ilha pode ser de todos  
mas quero-a só para mim  
pretendente único à sua razão  
namorado, amante e noivo  
mulher ardente para cortejar

mãe de todas as filhas  
mar de todas as ilhas  
amor de terra e mar  
ilha de todos os medos

uma ilha pode ser de todos  
sem temores do medo  
na ilha de todos os medos

1019. ÉS COMO A ILHA (MOINHOS 3.9.011)

és como a ilha  
take us all for granted  
para que tomemos conta de ti  
como se a natureza não o soubesse  
não o fizesse  
até melhor do que nós

és como a ilha  
nem um afago, um carinho  
quando ergueste a mão numa carícia?  
antes desabas como o denso nevoeiro  
choves palavras do tamanho de saraiva  
como quem regurgita ribeiras  
que as margens já não contêm

91 Cristóvão De Aguiar  
92 Fernando Aires  
93 Fernando Aires  
94 J H Santos Barros  
95 Urbano Bettencourt  
96 Vasco Pereira Da Costa  
97 Pedro Da Silveira  
98 Álamo Oliveira  
99 Dias De Melo  
100 Maria De Fátima Borges  
101 Marcolino Candeias  
102 Vasco Pereira Da Costa  
103 Eduíno De Jesus  
104 Daniel De Sá  
105 Daniel De Sá  
106 Eduardo Bettencourt Pinto  
107 Eduardo Bettencourt Pinto  
108 Roberto De Mesquita  
109 J. Martins Garcia  
110 Dias De Melo

frequentemente inundas as praias  
agressivamente com altas marés  
como se falar fosse já um tsunami

és como a ilha, solidão  
sempiterna, apática  
lideras a repressão desumana  
de teus dias sem intrigas  
e esta imitação de vida  
amorfa, resignada  
geografia anónima  
soçobran-te  
preenches os vazios frios  
sem um afago, carinho

és como a ilha, solidão  
e eu habitante ou transgressor  
amante rejeitado  
despojado de tudo  
neste cárcere sem grades  
sem forças para nadar  
naufragado em terra  
só o mar me cerca  
mero pixel na paisagem

1020-1. A CRIAÇÃO DO MUNDO 12-9-2011

deus sentou-se no rochedo do ilhéu de são lourenço  
contemplou o presépio que acabara de construir  
criou um porto e algumas grutas  
parou em santa bárbara e pintou-a de azul  
seguir viagem pela baía do cura  
ponta do cedro e do castelete  
na maia criou cascatas e deixou um archote aceso  
para que soubessem que o paraíso era aqui  
aplainou terras férteis em santo espírito  
alisou as areias na praia que ficou mui fermosa  
subiu à malbusca e almagreira  
plantou um jardim de éden nas fontinhas  
e parou no pico alto a observar  
as aves que voavam sobre o tagarete  
virou-se para a direita e idealizou baías  
do raposo, da cré, dos anjos e dos cabrestantes  
deixando outro archote na ponta dos frades  
em duas passadas foi ao ilhéu da Vila  
em frente às ribeiras quedou-se à espera  
adormeceu profundamente  
ainda hoje se espera o seu regresso

1020-2 PITT MEADOWS KWANZA AÇORES, AO EDUARDO BETTENCOURT PINTO 22 SETEMBRO 2011

nasceste na savana com pés de basalto e lava  
viveste na terra dos grandes desertos da áfrica meridional  
mas o teu rio é kwanza que acaba aos pés de luanda  
terra de surf na bela baía  
teu nome é de magma ancestral  
nasceste do fogo e da água  
com raízes na Ilha-Mãe que buscas entender  
teu nome não é pradaria em pitt meadows  
mas belos trigais na british columbia  
zona alagadiça de deltas e lagos  
maple ridge e o rio pitt são teus parceiros  
mas não esqueces o calor de áfrica  
nem a humidade arquipelágica  
divides a vida entre amores e pátrias distantes  
fazes da escrita uma fotografia  
já que não retratas a poesia  
mas algo nos une que não as palavras  
o mar imenso que nos separa

1022. A PAZ ZEN DO EDUARDO (BETTENCOURT PINTO) 16 OUTUBRO 2011

não esqueço as tuas palavras  
o tom suave das tuas falas  
lavrador de verbos  
com medo de ferir as terras  
arando sentenças  
como se fossem seres vivos

estás de bem contigo e com o mundo  
pacifista de vocábulo fácil  
nem na imagética és agressivo  
entras a medo  
como quem pede desculpa  
e saís fotografando  
sorrateiro para não incomodar o ar  
que respiras sem sofreguidão

tens o sofrimento e a dor  
em sulcos profundos na alma  
reclusos da poesia  
que ainda não escreveste  
prisioneiros invisíveis  
carregas a dor de muitos mundos  
oculta em véus diáfanos



falas mansamente para não ofender  
lentas palavras na construção do mundo  
não acalentas raivas ocultas  
dialogas com as tuas fotos  
condescendes com os humanos  
partilhas a felicidade  
de estar e de ser  
únicas certezas que transportas  
mas também sorris  
como a criança que não foste  
como o adolescente que não pudeste ser  
como o jovem adulto que te obrigaram a viver  
converte mágoas em alegrias  
partos difíceis e resignados  
alquimias de amarguras

das aves sabes o voo tangencial  
das plantas o ciclo vital  
das ondas que são o teu leite  
avistas as estrelas que te alimentam

a poesia é questão de minorias  
só os privilegiados leem  
menos ainda a entendem  
dizem que escrevê-la é fácil  
mas difícil é o que fazes  
vives a poesia no teu dia-a-dia  
a ti, irmão da palavra  
obrigado por acreditares  
em ti, como em Gedeão  
o sonho comanda a vida  
(ah! como eu gostava  
de ser poeta  
viver outras vidas

Utopia).

### CRÓNICA 111 SORTE GALEGA 11.11.11

Hoje acordei sobressaltado, sonhei que me tinham imposto um novo Acordo Ortográfico decalcado do castelhano para que a língua portuguesa se vendesse mais no estrangeiro onde – como todos sabem – se fala imensamente mais espanhol que português. A ideia partira de Lisboa, com a conivência de Madrid, e *asi teríamos que hablar todos un portunhol* pois que – como toda a gente e mais alguém, também sabe – a língua portuguesa deriva do castelhano e só a partir de dom Dinis se alterou até à reunificação da Ibéria em 1580...

A partir daí uns esquerdistas portugueses profundamente anti-ibéricos mantiveram uma escrita distinta tentando dessa forma separar artificialmente os dois povos irmãos que - como todos sabem - são um só povo descendente dos celtiberos que dominaram toda a península até à invasão romana. A nova medida para entrar em vigor já a partir de 1 de janeiro 2012 visa implementar uma maior integração das economias dos dois países face a uma crise global que vem afetando toda a Europa. As mais-valias desta medida podem medir-se em poupanças imensas desde o marketing à educação com valiosas poupanças nos défices de cada país.

Como os portugueses sempre falaram espanhol não terão problema nenhum em adaptar-se às novas regras e beneficiarão de um mercado interno muito mais vasto para a sua produção de vinhos e outros produtos tão apreciados em toda a Ibéria.

Continuarão a beneficiar da presença das cadeias espanholas como a Zara e El Corte Inglés e dos vegetais, frutas e legumes espanhóis como já vem acontecendo há uns anos e poderão ter uma presença mais alargada da frota da Pescanova nas suas águas. Serão preservados aspetos específicos portugueses e da sua cultura sendo criados ministérios especialmente votados para esse âmbito, dada a enorme experiência do Governo de Madrid ao longo de séculos em preservar aspetos culturais das tribos que originalmente deram lugar à grande nação espanhola.

Afinal, ao acordar constatei que a região autónoma espanhola da Galicia contestava imenso estas novas disposições legais e insistia em falar português, chamando Galego ao seu dialeto espanhol...mal sabem eles a sorte que tiveram em estarem integrados no reino de Espanha há 500 anos em vez de estarem aparentemente independentes, nesta nação moribunda que é Portugal... Nunca entenderam que o reino bourbónico é que sabe o que é melhor para eles dada a sua posição privilegiada no mundo e a sua liderança do mundo hispânico que em breve os conduziria a novos e mais altos voos quando tomassem conta dos EUA onde já se fala mais hispânico do que inglês...

Ingratos galegos estes que nem sabem a sorte que tiveram....

### CRÓNICA 112. A ASNEIRA 30 NOVEMBRO 2011

Caro Daniel [de Sá]

A HELENA não convenceu o Urbano Bettencourt a ir ao lançamento da ANTOLOGIA BILINGUE DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS, mas conseguiu convencer a Lina (Idalina Ruivo Aires, viúva do escritor Fernando Aires) ...e vai lá uma jornalista do Açoriano Oriental que te quer conhecer pois vais ser o primeiro autor açoriano que vai ler - por indicação minha e da Rosário Girão...e chamam-se eles jornalistas...

Parece uma professora colega da Helena que lhe disse que não comprava a Antologia porque nunca na vida tinha lido um livro e não ia começar agora...

Querem formar gente com profs assim?...como sabes a minha mãe é prof primária como tu e tinha criadas (na altura não eram auxiliares técnica de higiene doméstica) a quem ajudou a fazer a 4ª classe.

Algumas delas tinham mais conhecimentos e cultura que alguns destes alegados professores de agora...já desabafei...

t'abraço não do tamanho do mar, mas do tamanho da fossa abissal do Canal do Triângulo...

chega?

Chrys

e o Daniel respondia assim

Porquê a surpresa?

A jornalista não leu ainda um autor açoriano porque deve ter tirado o curso na nossa universidade, cujo é de jornalismo e cultura geral.

Onde metes aí escritores açorianos? Quanto à sô pessora, não ler faz parte do quadro mental da maioria.

No máximo, terá lido a "Maria", que é uma revista altamente recomendável, muito usada por pessoras e advogadas.

Uma vez, abri por acaso uma revista dessas no café que agora é o Sagitário.

Dei logo com a secção de cartas e uma preciosidade.

Numa carta, um rapaz queixava-se de que tinha só um testículo e pedia, claro, um conselho.

Em outra carta, outro rapaz (ou o mesmo com outro nome ou a mesma jornalista com nome alheio) dizia que tinha três testículos e também pedia conselho.

(Já sei que estás a pensar "um dava um dos testículos a mais ao outro", mas ninguém deu esse sábio conselho.)

Bem fez a Indonésia, há anos, ao impor que os professores deveriam ler um livro por semana.

Lei razoável, se a lista não incluir "Guerra e Paz" ou "O Conde de Monte Cristo".

T'abraço do mesmo tamanho.

Daniel

Estou mesmo a ver a cena:

- Cara (revista) Maria posso engravidar se tiver sexo oral?
- O meu namorado é gay posso contrair SIDA?

Faz lembrar as anedotas que correm nos jornais sobre um abjeto programa da TVI chamado a "Casa dos Segredos" que mete sexo ao vivo e tudo o mais e no qual uma concorrente disse que a capital de África era Angola ou outra bojadice quejanda. Mas há açorianos que não desmerecem:

Na escola da Maia um aluno da minha mulher disse que a capital de Inglaterra era a Europa... Ainda há pouco tempo a revista Sábado fazia entrevistas a universitários que demonstraram uma ignorância atroz.

Disparates a rodos:

Manoel de Oliveira é um maestro,  
o autor de 'Os Maias' morreu há pouco tempo,  
Bush é o presidente dos Estados Unidos – país cuja capital é a Califórnia –,  
Quem faz filmes é cinematógrafo,  
O símbolo químico da água é PH zero  
Leonardo Di Caprio pintou a Mona Lisa –  
O teto da Capela Sistina foi obra de Miguel Arcanjo.  
Ah, e a chanceler alemã é uma tal de Mércola.

Não se trata só de desconhecimento, pois no final a malta explicou, com orgulho, que de religião, artes, política, informática e cultura geral nada sabe, nem quer saber. Depois dá no que dá, temos um Governo que vai cortar dois dos mais simbólicos feriados civis, o 1º de dezembro (tantas vezes aqui escrevi sobre o tema) que marca o fim do jugo castelhano sobre Portugal pela primeira e única vez na história em que perdeu a independência e o do 5 de outubro que representa a vitória da república sobre a monarquia. Será – decerto – por ignorância ou por serem maus alunos a história?

Por isso, para os ajudar compus umas linhas de homenagem a Natália:

529. HOMENAGEM A NATÁLIA CORREIA 29 novembro 2011  
hoje

decididamente  
vou escrever um poema  
dedicado aos feriados  
que nos roubaram  
decreto  
que todos os dias  
feriados sejam abolidos  
os dias da semana  
também  
e para não esquecermos  
tais dias e feriados  
se comemorem todas as datas  
ao domingo  
e seja domingo todos os dias

(e se nos convertermos ao catolicismo  
não poderemos trabalhar ao domingo)

\*\*\*

em homenagem a Natália Correia,  
Poema destinado a haver domingo

...

Deixem ao dia a cama de um domingo  
Para deitar um lírio que lhe sobre.  
E a tarde cor-de-rosa de um flamingo  
Seja o teto da casa que me cobre

Baste o que o tempo traz na sua anilha  
Como uma rosa traz abril no seio.  
E que o mar dê o fruto duma ilha  
Onde o Amor por fim tenha recreio.

...

In Poesia Completa,  
Publicações Dom Quixote 1999

## CRÓNICA 113 APRESENTAÇÃO DO CD DA LIRA DA MAIA - 30 DEZEMBRO 2011

As bandas filarmónicas em Portugal contam com uma longa história que data do séc. XIX. A maior parte dos historiadores atribui a sua criação à influência dos militares franceses e britânicos durante a Guerra Peninsular de 1807-14 e sua incorporação como bandas do exército, que inicialmente eram apenas constituídas por elementos instrumentais de metal e percussão (trombetas e tambores) destinados a acompanhar os exércitos nas pargas e marchas de campanha. Mais tarde, novos instrumentos foram adicionados para conseguir outros efeitos sonoros. Com o decreto de 1809 que obrigava todos os regimentos de infantaria da época a terem banda de música, Portugal começou a manufaturar os instrumentos necessários em 1830 e – vinte anos depois – estavam massificadas as bandas. Enquanto a música brilhava nos salões das cortes e nos teatros reais, vivia-se a época de Beethoven (1770-1827) quando se criaram as primeiras bandas militares. Os movimentos políticos e sociais do séc. XIX contribuíram para a sua disseminação sendo, porém, nos meios rurais que elas mais cresceram, estreitamente ligadas à Igreja e às festas religiosas anuais. Inicialmente o seu papel era o de acompanhar procissões e tocar um concerto comunitário que se designou como arraial. Ainda hoje se mantêm estas características na maior parte das cerca de cem bandas existentes nos Açores. Somos um povo de música e é fundamental que se preserve essa característica. A sua influência não ficou por aqui, pois foi levada nas malas de todos os que tiveram de deixar o arquipélago. Por exemplo, no Canadá surgiram com as primeiras levas de emigrantes açorianos em 1953. A música ocupa



lugar de destaque em todas as civilizações e no património cultural, social e cívico das comunidades da nossa região, as Filarmónicas avultam como um valor fundamental no seu acervo. Estas instituições refletem maneiras muito diferentes de as compreender, sendo verdadeiros Conservatórios do Povo onde o testemunho é passado de geração em geração. São locais de convívio frequentados por pessoas de todas as idades e diferentes condições económicas, políticas e sociais, sendo um local por excelência para orientar e ocupar os jovens, e – nalguns casos – o único ponto de encontro de comunidades. São igualmente elementos indispensáveis das nossas vilas e freguesias, animando procissões e arraiais, sendo autênticas bandeiras, embaixadoras das comunidades que as albergam. Como disse o presidente do Governo regional, Carlos César, no discurso proferido em 10 de agosto de 2004 em Angra do Heroísmo, por ocasião da inauguração do Palacete dos Silveira e Paulo, constituem um riquíssimo património de arreigada tradição.

Património e tradição que não podemos perder.

leio-vos seguidamente em curta

**HISTORIAL DA LIRA DO ESPÍRITO SANTO DA MAIA**

Esta Associação foi fundada em 24 de Agosto de 1937, pelos sócios da empresa de transportes públicos "Caetano, Raposo & Pereiras", senhores Virgínio Caetano Oliveira, Eugénio Pereira Furtado, João Eusébio Leite, Eugénio Pereira de Moraes, Joaquim Pereira de Moraes e pelo empresário Sebastião Bento do Couto, todos já falecidos. Teve como protectores principais os Srs. Albano da Ponte, Nicolau Raposo d'Amaral, o Dr. Guilherme Poças Falcão e o industrial madeirense Diogo Martinho de Freitas. A sua primeira apresentação pública aconteceu em 3 de Abril de 1938.

Desde sempre que a Lira do Espírito Santo tem tido escolas de música, com uma média de frequência de 12 alunos anualmente, rondando o aproveitamento os 50%. No seu currículo, como é natural, predominam os concertos realizados na ilha de São Miguel e o acompanhamento de procissões por altura das festas anuais das paróquias ou dos Impérios do Espírito Santo, num total de cerca de 30 a 35 actuações. Haverá ainda a considerar outras participações, nomeadamente celebrações da Semana Santa

Como momentos mais importantes, destacam-se concertos realizados na Ilha de Santa Maria, em Montemor-o-Velho – este ao abrigo de um intercâmbio entre as respectivas filarmónicas –, nas Grandes Festas do Espírito Santo em Fall River, nas Sanjoaninas na Ilha Terceira e nas Festas do Senhor Santo Cristo na Ilha Graciosa. Este ano no mês de Junho deslocou-se ao Canadá para as Festas de São Pedro, em Gatineau, onde permaneceu durante 15 dias.

Vários elementos desta Banda distinguiram-se como músicos da Banda da Zona Militar dos Açores, da Banda Juvenil dos Açores e de Bandas nas comunidades emigrantes nos Estados Unidos da América e Canadá, alcançando alguns assinalável êxito como maestros ou compositores.

Têm sido regentes da Lira do Espírito Santo da Maia grandes figuras da música açoriana, como Benjamin Rodrigues e Mário Coelho (este natural de Angra do Heroísmo). Um dos seus executantes, Manuel da Costa Araújo frequentou um curso de Regentes de Bandas Filarmónicas na então FNAT em Lisboa, tendo-lhe sido atribuído o 2º. lugar e mais tarde José Fernando Carreiro, que por vezes assumia a regência, frequentou também o Curso de Regência do INATEL, tendo obtido elevada classificação. Em 2006 o ora Regente Paulo Jorge de Medeiros Pereira, natural desta freguesia da Maia, frequentou um curso para Regentes de Bandas organizado pela Federação de Bandas dos Açores na Ilha de São Jorge, onde as suas qualidades de regência foram distinguidas pela organização do evento.

Como exemplo típico da actividade desta banda pode considerar-se a do ano de 2010:

- Escola de Música
- Festa da Flor - Ribeira Grande
- Procissão dos Enfermos - Maia e Furnas
- Procissão do Senhor Morto - Maia
- Procissão das Endoenças - Maia
- Domingas e Coroações - Maia, São Brás
- Proc. e Arraial do Stmo. Sacramento - Maia

James Serra  
daque maia

- Procissão e arraial de Santana - Furnas
- Procissão da Conceição - Ribeira Grande
- Procissão e arraial - Fenas da Ajuda
- Procissão e arraial - São Brás
- Procissão e arraial - Lomba da Maia
- Procissão e arraial - Porto Formoso
- Procissão - Ponta Garça
- Procissão e arraial - Lombinha da Maia
- Procissão e arraial de Nª Sª do Rosário - Maia

A Lira do Espírito Santo da Maia foi declarada Instituição de Utilidade Pública por despacho da Presidência do Governo 2000/46, publicado no Jornal Oficial II Série - Número 17 de 26 de Abril de 2000.

A sua nova sede foi inaugurada a 18 de Julho de 2009, sendo construída uma obra de raiz, com arquitectura moderna, e teve a participação nomeadamente de:

an apoio do

- Governo Regional dos Açores, através da Secretaria da Habitação e Equipamentos
- Direcção Regional da Cultura
- Câmara Municipal da Ribeira Grande
- Junta de Freguesia da Maia
- A participação de Particulares

E é a Lira do Espírito Santo da Maia que hoje aqui vai lançar o seu CD e tocar 12 composições de Nafar. Os mais votos de boa sorte a esta Filarmónica.

**AGRADECIMENTOS PELA CONSTRUÇÃO DA SEDE E NA AQUISIÇÃO DE INSTRUMENTOS**

- Governo Regional dos Açores
- Câmara Municipal da Ribeira Grande
- Junta de Freguesia da Maia
- Pedro Pacheco (Beleza)
- Manuel Moniz (Mani da Natália)
- Edy Ribeiro (Granitos Edy)
- António Clementino (António da Cova)
- João de Medeiros Serpa
- Engº Hermano Mota (Chá Gorreana)
- José Raposo Pereira
- Dinarte Serpa
- Edite Serpa
- Jorgina Borges (Carlos Melo Castanho Herd's)

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA,  
LER UMA BOA POESIA,  
VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL,  
DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS.  
GOETHE

Badana 1

Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad, cavaleiros da Távola Redonda e uma busca do Santo Graal. Aqui não há nem Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moinhos de vento, contra os quais espadanar.

Há apenas um aprendiz de escriba, cavaleiro da poesia e utopia, temeroso e aventureiro, sequioso na sua aprendizagem constante de outras línguas, hábitos e culturas.

De Trás-os-Montes, sua matéria desconhecida, partiu à conquista do “lulic” em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevivendo a um “Anno Horribilis” no Verão Quente (1975, Portugal), atravessando as Portas do Cerco (na China de Macau), percorrendo os Estados da Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com breves passagens pelas Índias, pelo Oriente do Meio e seus emirados, metade da Europa, da Ásia e parte do Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil, Portugal e outros países

Por fim, iria aterrar como um milhafre, Buteo buteo rothschildi, na ilha de S. Miguel (Açores) donde partiu em conquista fugaz de Santa Maria, Faial, Pico, Graciosa, S. Jorge, Terceira, Flores e Corvo.

Se na pátria Austrália descobriu uma tribo aborígene a falar crioulo português há mais de 450 anos, na provecta Bragança descortinou a sua matéria e nos Açores descobriu o que o mundo desconhecia, uma literatura distinta.

Esta viagem leva o leitor num périplo pelo mundo enquanto o autor vai cronicando, como Marco Polo, ou Fernão Mendes Pinto a sua vida, as terras, as gentes e os costumes e tradições. Da análise política, social e pessoal parte à descoberta de culturas. Recupera as origens, retorna ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, até se radicar nesta “Atlântida” onde irá desvendar, divulgar e dilatar desveladamente uma fértil açorianidade literária, fundíbulo de autonomias e independências por cumprir.

Badana direita



[chrys@lusofonias.net](mailto:chrys@lusofonias.net) -

J. Chrys Chrystello (n. 1949-) cidadão australiano que não só acredita em multiculturalismo, como é disso um exemplo. Nasceu numa família mesclada de Galego-Português, Brasileiro (carioca), Alemão, do lado paterno, Português e marrano transmontano do materno.

Publicou em 1972 o seu primeiro livro “Crónicas do Quotidiano Inútil, vol. 1” (poesia).

O exército colonial português levou-o a viver em Timor (setº 1973- jun 1975) onde foi Editor-chefe do jornal local (A Voz de Timor, Díli) antes de ir à Austrália em 1975 decidir adotá-la como pátria.

Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor. Durante mais de duas décadas escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

De 1967 até hoje dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa).

De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas na Companhia de Eletricidade de Macau. Em Macau foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a ERM/ Rádio 7/ Rádio Macau / TDM e RTP Macau e jornalista para a TVB - Hong Kong.

Viveu em Perth, radicou-se em Sydney (e migrou para Melbourne). Durante os anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural do país.

Foi Jornalista no Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no Ministério Federal da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários.

Divulgou desde 1985 a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos).

Durante mais de vinte anos (1984-2004) foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Foi Tradutor e Intérprete (Ministério Estadual da Imigração, Ministério de Saúde de Nova Gales do Sul).

Foi Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters).

Lecionou Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes em Sidney na UTS (Universidade de Tecnologia de Sidney).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS (1999-2005).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido (2000-2012)

Foi Revisor (Translation Studies Department) da Universidade de Helsínquia (2005-2012).

Foi Consultor do Programa REMA da Universidade dos Açores. (2008 a 2012)

Em 1999, publicou a sua tese “Timor Leste: o dossiê secreto 1973-1975” (ensaio político), esgotado ao fim de três dias.

Em 2000 publicou a 1ª edição da monografia “Crónicas Austrais 1976-1996”.

Em 2005 publicou o “Cancioneiro Transmontano 2005”

Nesse ano publicou (e-book DVD) outro volume da trilogia “Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter”.

Entre 2006 e 2010, traduziu, entre outras, obras de autores açorianos para Inglês: Daniel de Sá (Sta. Maria ilha-mãe; O Pastor das Casas Mortas; S. Miguel: A Ilha esculpida; e Ilha Terceira, Terra de Bravos), de Manuel Serpa (As Vinhas do Pico), Victor Rui Doreis (Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel).

Em 2011 traduziu a Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos para inglês

Em 2012 traduziu de Caetano Valadão Serpa “Uma pessoa só é pouca gente, o sexo e o divino.”

Desde 2005 traduziu vários excertos de obras de dezenas de escritores açorianos integrados em projetos dos Colóquios da Lusofonia (Antologias).

Em 2009 publicou o volume 1 da trilogia “ChrónicaAçores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, (esgotado)” cronicando as suas viagens pelo mundo.

Em 2011 publicou o volume 2 da trilogia “ChrónicaAçores: uma Circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores” (ed. Calendário das Letras).

Em outubro de 2012 lançou a sua obra completa de poesia “Crónica do Quotidiano Inútil (vol. 1 a 5)”, a assinalar os 40 anos de vida literária.

Em 2015 lançou a 4ª edição de “Crónicas Austrais 1978-1998”.

Também em 2015 editou a obra completa dos 3 volumes da “Trilogia da História de Timor”

Em 2015 fez a revisão e compilação da obra de Dom Carlos Ximenes Belo, “Padre Carlos da Rocha Pereira. Missionário açoriano em Timor”, vol. 1 da série Missionários Açorianos em Timor, ed. AICL e Moinho Terrace Café

Em 2017 lançou o seu opus magister “Bibliografia Geral da Açorianidade” em 2 vols (1600 pp. com 19500 entradas) e teve vários trabalhos (ensaio e poesia) publicados em antologias.

Em 2017, reviu, adaptou e traduziu para inglês o livro “O Mundo Perdido de Timor-Leste” de José Ramos-Horta e Patricia Vickers-Rich

Lançou em 2018 “Fotoemas”, foto e-book, com fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores, de Chrys Chrystello edição e-livro <http://www.blurb.com/books/8752953-fotoemas>

Em 2018, fez a revisão e compilação de “Missionários açorianos em Timor” vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas

Em 2018 finalizou o volume 3 de “ChrónicaAçores uma circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores” cronicando as suas viagens pelo mundo

Completo a Crónica do Quotidiano Inútil vol. 6 (Obras completas de poesia)

Considera marcantes a Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras (29.3.2010) com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, e ser admitido (5.10.2012) como Académico Correspondente da Academia Galega da Língua Portuguesa).

É Editor dos Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL, publicação online,

2019 Nomeado Vice-presidente de PPdM - Oceania - Vice-Presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo

2019 Nomeado membro do Pen International (Açores)

Preside, desde 2010, à Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que organiza desde 2001-2002, Colóquios da Lusofonia (30 edições, 2 ao ano).

<https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html> [www.lusofonias.com](http://www.lusofonias.com)



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,  
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES  
VOL. 3 ANO 2011 (CRÓNICAS 91 A 113 - 2011)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO  
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES  
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER  
ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE

O TEMPO É UM ÓTIMO PROFESSOR. PENA É QUE MATE OS SEUS ALUNOS. (HECTOR BERLIOZ)